

REVISTA DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO

VOL. XXXV

1937 - 1938

DIRETOR RESPONSÁVEL

LICENCIADO PELO D. I. P.

MÁRIO MELO



Os heroicos feitos dos antigos
Tende vivos e impressos na memória
Ali vereis esforços nos perigos,
Ali ordem na paz digna de glória.

PROSOPOPEIA — BENTO TEIXEIRA

BRASIL - PERNAMBUCO

1941

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



DIRETORIA DO INSTITUTO EM 1938

Presidente	Dr. Joaquim Amazonas
Vice-présidente	Dr. Luis Estêvão de Oliveira
Secretário-perpétuo	Dr. Mário Carneiro do Rêgo Melo
2.º Secretário	Dr. Olimpio Costa Júnior
Tesoureiro	Oton L. Bezerra de Melo
Bibliotecário	Cônego A. Xavier Pedrosa

Comissões permanentes

Da Revista e dos Estatutos: Dr. Mário Melo, Dr. Olimpio Costa Júnior, Dr. Samuel Campêlo.

De História e Geografia: Dr. Fernando Barroca, Mário Coelho Pinto, prof. Jerônimo Gueiros.

De Arqueologia e Etnografia: Desembargador João Aureliano Corrêa de Araújo, dr. Estêvão Pinto, dr. Antônio Tavares de Barros Lima.

De Fundos e Orçamentos: Cônego Jerônimo d'Assunção, dr. Metódio Maranhão, desembargador A. da Silva Rêgo.

De Sindicância: dr. Enéas de Lucena, dr. Carlos Pereira da Costa, dr. João Peretti.

INDICE POR ASSUNTOS

	Pags.
Frei Miguel Archanjo da Anunciação por Afonso d'E Taunay ..	9
Crónica do Mosteiro de S. Bento de Olinda	15
O monumento aos Restauradores de Pernambuco, por N. F. . .	153
Relatório sobre a Ilha de Santo Aleixo por Emile Dombre . .	159
Reminiscências da Revolução Federalista, por Mário Mélo . .	163
Orasan Academica pelo padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro	172
Um machado de ancora dos tapuias pernambucanos, por Má- rio Mélo	190
Quarto centenário da fundação de Olinda, por Luis Estêvão de Oliveira	193
O primeiro vigário de Pernambuco, por Mário Mélo	212
Atas das sessões	216
Relatórios do Secretário perpétuo	276

INDICE POR AUTORES

	Pags.
Afonso d'E. Taunay — Padre Miguel Archanjo da Anunciação	9
Emile Dombre — Relatório sobre a Ilha de Santo Aleixo	159
Frei Miguel Archanjo da Anunciação — Crônica do Mosteiro de S. Bento de Olinda	15
Luis Estevão de Oliveira — Quarto Centenário da Fundação de Olinda	193
Mário Melo — Reminiscências da Revolução Federalista	163
— Um machado de ancora dos tapuias pernambucanos	190
— O primeiro vigário de Pernambuco	212
—Relatórios do Secretário Perpétuo	276
N. F. — O monumento aos Restauradores de Pernambuco	153
Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro — Orasan Acadê- mica	172



O REV. P. ^{MO} E ^{AL} EX-PROV. FR. MIGVEL ARCANTJ
DA ANVNCIAÇÃO FALECEO NO ANNO 180

Retrato existente no Mosteiro de S. Berto de Olinda

Feito na Bahia por Antonio Lopes da Cunha em 1815. Restaurado por
Gadault em 1872 e em 1935 pelo irmão Paulo O.S.B.



REVISTA

DO

Instituto Arqueológico Histórico e
Geográfico Pernambucano

VOL. XXXV — Janeiro de 1937 a Dezembro de 1938

Crônica do Mosteiro de São Bento de Olinda

Faz parte deste volume da Revista a Crônica do Mosteiro de São Bento de Olinda, gentilmente cedida por cópia pelo revmo. abade D. Bonifacio Jansen.

Abrange o espaço de tempo que vai dos fins do século XVI, primeiro da colonização, até 1763, e é excelente subsídio para a História da Capitania de Pernambuco.

Foi escrita por Frei Miguel Arcanjo da Anunciação Teixeira de Azevedo, irmão do conhecido cronista Frei Gaspar da Madre de Deus, a respeito de quem o eminente historiógrafo Afonso E. Taunay publicou um estudo que vai servir-nos de introdução.

Havia desejos, por parte de intelectuais do sul fosse ela divulgada ali. Como, entretanto, mais interessa a Pernambuco do que a outro qualquer Estado, diligen-



ciaram amigos do Instituto no sentido de obter a cópia, para a publicação que ora fazemos.

Como não existe ainda a publicação sistematizada das sesmarias pernambucanas, o que está sendo diligenciado pela Biblioteca Publica e como a Ordem Benedictina de Pernambuco tem possuído grande numero de propriedades rurais — umas por meio de legados, outras por aquisição direta — das quais há referencias pormenorizadas no trabalho, com indicações precisas, também por êsse aspecto poderá ser apreciada sua importância.

Estamos certos de que a Revista do Instituto Arqueológico oferece aos estudiosos contribuição excelente, com a divulgação dessa crônica até agora inédita.

UM PRELADO ESCRIPTOR

Frei Miguel Archanjo da Annuniação Teixeira de Azevedo

Bem pouco o que se sabe acerca de Fr. Miguel Archanjo da Annuniação sobretudo se lhe compararmos o renome ao do illustre irmão Frei Gaspar da Madre de Deus, conhecido e admirado graças ás Memorias para a historia da capitania de S. Vicente, livro de indispensavel consulta aos que pretendem estudar a historia do Brasil meridional, devido á grande autoridade com que soube o autor revesti-lo, tal o respeito consagrado á verdade das fontes documentarias.

A proximidade do segundo centenario do nascimento de Fr. Gaspar, que o Instituto Historico e Geographico de S. Paulo fez celebrar, do modo mais solenne e patriotico, e a honrosa incumbencia que nos foi commetida por esta Associação de estudar a biographia do notavel chronista beneditino levaram-nos naturalmente a indagações acerca dos seus irmãos, indagações estas que, em relação a Fr. Miguel da Annuniação, facilmente avultaram, graças á extrema gentileza do Exmo. e Rev. Dom Abbade de Olinda, D. Pedro Roeser, e do digno Archivista da Abbadia Dom Tito Dobbert.

E' que, nascido em S. Vicente, na secular fazenda patrimonial dos Lemes, Siqueiras Mendonças e Teixeiras de Azevedo, Sant'Anna do Aracahu, hoje em ruínas, passou Fr. Miguel a segunda metade da sua vida no Norte do Brasil, sobretudo em Pernambuco.

Que a seu respeito informa Pedro Taques quasi nada é: o autor da Nobiliarchia Paulistana, seu primo, intimo amigo e companheiro de trabalhos e estudos historicos de seu irmão, mal lhe consagrou quatro ou cinco linhas, no seu titulo dos Lemes.

"Miguel Teixeira de Azevedo, entrou monge beneditino e professou no mosteiro de S. Bento da cidade da Bahia, e ficou chamando-se Fr. Miguel Archanjo da Annuniação.

Foi presidente do mosteiro da villa de Santos e commissario de todos os mosteiros da capitania de S. Paulo". Leva-nos isto a supôr que o trecho aqui transcripto foi traçado numa época em que o biographado ainda não attingira os altos cargos que lhe coube occupar, em data anterior a 1769, portanto.

Quinto filho do coronel Domingos Teixeira de Azevedo e de D. Anna de Siqueira Mendonça, ambos pertencentes ás mais antigas e

opulentas famílias paulistas, tinha Fr. Miguel por ascendentes Amador Bueno, o Aclamado, Lutz Dias Leme, João Ramalho, entre outras grandes figuras das primeiras eras vicentinas.

Nem lhe faltava o salpêtre brasileiro pois 1/128 de seu sangue era tupy, descendendo, como descendia, de Piqueroby e de Tibiriçá. O avô paterno, e um dos bisavós maternos, haviam sido capitães mōres de S. Vicente. O primeiro, Gaspar Teixeira de Azevedo, fōra dos mais prestigiosos vassallos portuguezes no littoral paulista "capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, provedor dos reaes quintos do ouro das minas de Paranaguá e das de Iguape" a quem fizera El Rei D. Pedro II a "incomparavel honra" de mandar numerosas cartas do real punho.

Valera-lhe até a consciencia e a flexibilidade com que desempenhara as suas funcōes a deposição do cargo, por um motim popular, e a reposição por expressa ordem regia.

Perdeu Fr. Miguel o Pae nos annos da primeira infancia; D. Anna de Siqueira, mulher de grandes qualidades, educou-o com o mesmo esmero com que formara o filho mais velho, Gaspar, e o entregara ao noviciado benedictino. Grande espirito de piedade em toda a familia reinava.

Resolveu o joven Miguel abraçar a carreira ecclesiastica, a exemplo dos irmãos Gaspar e João Baptista (1). Muito ligado ao primeiro, preferia o claustro benedictino ao presbyterato secular, tanto mais quanto dous primos irmãos seus vestiam tambem cogula do Patriarcha dos Monges do Occidente e haviam entre os confrades, adquirido grande prestigio: os dous abbades de S. Paulo, Fr. Caetano de Santa Gertrudes Leite e Fr. José de Jesus Leite. Pelo lado materno accrescia ainda uma determinante: tinha o joven noviço, por tio-avô, o Dr. Fr. João Baptista da Cruz que, em 1720, fōra abbade provincial do Brasil para remate de longa e honrosa carreira.

Noviço, presbytero, monge de coro, viveu frei Miguel a principio nos mosteiros do Sul.

O irmão, dentro em pouco, se tornara justo motivo de orgulho para toda a Provincia Benedictina do Brasil. Lente de philosophia no mosteiro do Rio professava esta sciencia com a maior superioridade; orador afamado, tinha innumerables convites para pregar aqui e acolá. Em 1752 elegera-o o capitulo geral de Tibiães Abbade de S. Paulo e elle, filho extremoso, para não deixar só no Rio sua Mãe — que para ali se transportara afim de viver junto das duas filhas, religiosas da Ajuda — recusara tão grande honra. Em 1756, Primeiro Definidor da Ordem, vira-se em 1763, investido da dignidade abba cial no Rio de Janeiro. Nesta mesma época tomava Fr. Miguel o governo do Mosteiro de Santos como Prior Presidente, sendo-lhe commettido ainda o encargo de Visitador e Commissario dos demais mos-

(1) — João Baptista Teixeira de Azevedo estudou com os Jesuitas de S. Paulo tomando o grau de mestre em artes. Ordenou-se clérigo secular e foi longos annos vigario da villa de S. Francisco do Sul, onde falleceu a 3 de Junho de 1754.

teiros da capitania: S. Paulo, Parahyba, Sorocaba e Jundiáhy. Brillhante foi a sua administração em Santos e rigoroso o desempenho da comissão; das visitas canonicas por elle realisadas em S. Paulo, restam numerosos attestados nos livros do Mosteiro.

Em 1764, ordenava Pombal que todas as ordens do Brasil lhe enviassem o inventario exacto de seus patrimonios. O relatório dos bens do mosteiro de Santos, fe-lo Fr. Miguel accentuando quanto se achava esta casa empobrecida; aos monges precisava vestir a abbadia fluminense (2). No capitulo de 19 de agosto de 1765 viu-se Fr. Miguel reeleito presidente de Santos para o triennio de 1766-1769, emquanto o Irmão attingia a dignidade maxima da Provincia, escolhido Abbade Provincial, por seus pares, para o mesmo triennio. As eleições do capitulo seguinte, a 20 de agosto de 1769, elevaram Fr. Miguel a abbadia de Olinda. Eleito abbadia da Bahia, renunciou Fr. Gaspar ao cargo, cansado de governar e saudoso da sua terra natal. Recolheu-se a Santos de onde nunca mais quiz sair a viver junto da velha Mãe e occupando-se sobretudo com os estudos de historia, mau grado precisar resistir, frequentemente, aos chamamentos dos irmaos de habito, saudosos de sua autoridade. Tomando posse do cargo abacial a 27 de agosto de 1769, desde logo mostrou Fr. Miguel qualidades superiores de administrador, preparando-se para a grande obra de renovamento da antiga igreja do Mosteiro que, por falta de recursos, não poude atacar logo. Deslocara-o o capitulo geral de 1774, de Pernambuco para a Bahia, como assistente do Abbade Provincial. Findo o triennio, reelegeu-o abbadia de Olinda para o periodo de 1778-1780.

Immenso se affeição a ao cenobio olindense o prelado paulista e a sua segunda administração, a 1.º de junho de 1778 encetada, se assignalou por importantes obras.

Fez demolir a velha sacristia, e em seu lugar erigiu o actual Presbyterio. Com a nova capella mór construiu tambem a actual capella Abacial.

Relembra estes avultados trabalhos a inscripção gravada num dos muros da igreja "*Aspice, qualis fuit Salomonis nobile templum. Michael aedificans, conjice, qualis erat. 1779*".

A Definidor Segundo elevou-o o capitulo de 12 de abril de 1780, collocando-o no "conselho de estado" da Ordem no Brasil.

Abbadia de Olinda pela terceira vez, para o periodo de 1783-1786, completou as obras da igreja que enriqueceu sobre-maneira, quer adornando-a com preciosas e artisticas imagens quer aformoseando a sacristia. Activamente promoveu ao mesmo tempo, os melhoramentos da capella dos Prazeres.

O magnifico Altar Mór, com os seus bellos retabulos, tambem foram obra sua.

Grande prestigio revestia-lhe o nome. Optimo administrador no temporal, fora sempre, e a exemplo do Irmão, summamente zeloso das cousas espirituaes. Pledoso e austero era um exemplo vivo para os

(2) — Rev. do Inst. Brasileiro t. 65 I, pag. 161.

seus monges. Ao capitulo de 1786, vieram dos varios mosteiros do Brasil indicações exaltando os meritos do abbade de Olinda. Vale-ram-lhe taes demonstrações a eleição para Abbade Provincial do Brasil, no triennio de 1786-1789.

Findo o governo, onde, pela severidade das minuciosas visitas canonicas deixara novas mostras de quanto fora bem inspirada a escolha do seu nome, novas dignidades jamais quiz aceitar.

Percorrera então os mosteiros do Sul, o que lhe proporcionara o ensejo de abraçar o irmão em Santos.

Orgulhavam-se um do outro e tinham-no de que. Durante a longa existencia, haviam sabido honrar as tradições da familia e o habito da sua eleição. Si o abbade de Olinda não tivera em tão alto grau as instigações intellectuaes do Fr. Gaspar como monge equivalia ao irmão: a mais do que isto não aspirava.

Separaram-se os dous: Fr. Miguel conventual de Olinda, ahi passou os ultimos annos de vida. Membro do Conselho da Abbadia, ouvido com o maior acatamento pelos prelados e confrades, graças a sua tão conhecida prudencia a circumspecção, investido dos cargos monasticos de "Inventariante e Depositario" "foi sempre o primeiro consultado antes de se tomarem quaesquer decisões e seu parecer parece ter prevalecido quasi sempre", conta-nos o digno Archivistista de Olinda.

Assim por exemplo, em 1794, quanto ás advertencias no sentido de se dar prompta execução a uma provisáo regia relativa ao engenho de Tapacorá, á conveniencia de mandar ensinar officios e artes a escravos intelligentes, ás reclamações contra o mau estado de conservação da bibliotheca do Mosteiro, e contra a falta de assistencia a escravos da Ordem, presos na cadeia do Recife, etc. conforme se lê no livro das Actas do Conselho de Olinda.

Disciplinado como sempre fora, e austero observador das Constituições, ainda ali se inscrevem varias admoestações suas contra pequenos abusos e negligencias de coristas, relativos ao ceremonial e ao silencio, ou no sentido de se dar ás cerimoniaes todo o esplendor liturgico beneditino. Nas questões que interessavam á vida economica do mosteiro não menos vigilante foi a sua acção.

Em 1799, grave questão disciplinar surgiu entre o Bispo de Pernambuco e a abbadia olindense, a proposito da recusa dos monges administradores dos engenhos Goytá e Remedios de receberem o visitador diocesano, sob o pretexto de defender os privilegios monasticos. Summamente irritado, officiou o Ordinario ao Abbade que se não castigasse os recalcitrantes, com toda a severidade, "suppriria esta negligencia pela autoridade que lhe conferiam os alvarás de S. Magestade."

Nesta contingencia, antevedo perigoso conflicto, dado o espirito de resistencia que no seu Prelado e no Conselho percebia, resolveu Fr. Miguel a pendencia conseguindo que o Abbade escolhesse como arbitro — antes de se tomar definitiva resolução — algum magistrado amigo da Ordem, reconhecidamente sabio e douto.

Ouvida a voz da prudencia, emanada do ex-Provincial, foi o estudo da questão entregue ao integro Desembargador Antonio Luiz Pe-

reira da Cunha — o futuro marquez de Inhambupe, a quem tão brilhante papel se achava reservado nos primeiros annos da vida autonoma do Brasil.

Foi a acção do arbitro a mais salutar possível; obteve-se um acôrdo provisorio, até que de Lisbôa viesse a regulamentação definitiva do Alvará de março de 1779, motivador da celeuma e em virtude do qual agira o Diocesano. Mais uma vez o Prelado e a Communidade de Olinda se congratularam com a inspiração de se deixar guiar pelos conselhos do criterio e da experiencia do ex-Provincial.

A 28 de Janeiro de 1800 fallecia em Santos Frei Gaspar; ultimo de seis irmãos ainda viveu Frei Miguel Archanjo da Annuniação até 3 de Dezembro de 1804, sendo sepultado na sacristia da igreja de Olinda.

Sobre sua lapide funeraria, se inscreveu o seguinte:

S. DO Pe. Me. Por. EX PROVAL. FR. MIGUEL ARCHANJO
D'ANNUNIAÇÃO, FALLECEU EM 3 DE DEZEMBRO DE 1804.

Traduzindo o apreço e a veneração de toda a communidade decidira algum tempo antes o conselho que se fizesse o retrato a oco do illustre Prelado. Acha-se actualmente este quadro na antesa'a do coro superior e está muito bem conservado.

Acompanha-o a laconica inscripção seguinte "o Rmo. P. ex-Provincial Fr. Miguel."

Tendo como Fr. Gaspar muita facilidade para escrever, e pendor pelos estudos historicos, por modestia limitou-se Fr. Miguel Archanjo da Annuniação a deixar manuscriptos e anonymos os seus trabalhos. Sabe-se porém que é o autor da chronica do Mosteiro de Olinda (até 1763) e que, com extremo cuidado, reorganizou-lhe o archivo e mandou copiar todos os documentos referentes ao tombo da Abbadia; deveu esta a regularisação dos titulos comprobatorios da posse do importante engenho de Mussurepe, entre outros serviços valiosos, deste genero.

A chronica de Olinda é extensa, muito minudente, conscienciosa e documentada mas muito secca e desprovida de qualidades litterarias.

Mas apresenta-se valiosa pela summula de dados e elementos que encerra.

Geralmente referem-se á historia do Mosteiro Olindense mas intercurrentemente apparecem aqui e acolá referencias á historia geral de Pernambuco que talvez sejam valiosas.

Não nos achamos, pela ignorancia dos annaes pernambucanos, permenorisados, em condições de lhe avallar o merito.

BIBLIOGRAPHIA

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME: Nobiliarchia paulistana.

Actas dos capitulos geraes da Congregação de S. Bento de Portugal, realizados no Mosteiro de S. Martinho de Tibães.

Livro das actas dos Conselhos, da Mordomia, das Visitas, do Tonbo, Sacristia e fazendas, numerosos documentos esparcos dos archivos dos mosteiros beneditinos de Santos, Olinda, S. Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

Inventario e testamento de D. Anna de Siqueira Mendonça. Recenseamentos coloniaes de Santos, Chronica manuscripta do Mosteiro de Olinda.

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY. Biographia de Fr. Gaspar da Madre de Deus.

Frei Miguel Arcanjo, da Anunciação ^{Sam}
D. Ab. de S. B. do

Fac-simile da assinatura de Frei Miguel Arcanjo da Anunciação

CHRONICA DO MOSTEIRO DE S. BENTO
DE OLINDA ATÉ 1763

Pelo M. R. Pe. Abbe.
Fr. Miguel Archanjo da Anunciação

PREFACÇÃO

Em obzequio da verdade devemosnos-confessar gratos ao Pe. Pr. Gal. Fr. Bernardo da Encarnação, e naó menos ao N. Rmo. Pe. Me. Ex. Proval., Fr. Jozê: elles fóraó os únicos, e singulares q' nos-deixaraó algumas noticias de nossa fundação, e primeira entrada nesta Capitania de Parnambuco: elles os q' tiveraó . . . de escrever, e fazer-nos conhecer aquelles primros. Monges: elles finalnte. os q' satisfizeraó a obrigação, q' nos-impoem a Constituição no L. 2.^o Const. 3. Cap. § de arch. Monast. n. 79.

Hê bem certo, q' foraó succintos, e pouco exactos no exame, q' deviaó fazer nos papeis existentes no nosso Carthorio, nos quaes encontramos alguns, q' se opoem ao q' elles escreveraó; e outros, q' dizem mais, do q' elles contaraó. Taóbm como mais vizinhos ao tempo preterito, e principio da fundação podiaó exactamte. informar alguns velhos, q' podiaó dizer, o q' viraó, e ouviraó a seos Avós. Oh q' bella pessa achariaó os vindoiros! Oh q' grde. adjutorio encontra... aquelle, q' quize... escrever a historia do principio, e fundação deste Mostr.^o.

A historia naó admite fingimtos.; ella só se deve occupar nas realides.: os hyperboles demaziadamte. encarecidos, com q' algumas vezes se engradecem os factos verdadeiros, se condemnaó nos Historiadores, cuja narraçáo deve ser sincera, e simples, e naó affectada, nem arrogante, por naó parecer querer conciliar creditos mais com os alinhos da eloquencia, do q' com a verde dos successos. Ella deve contar o verdadr.^o como verdadr.^o, o falso, como falso, o duvidozo, como duvidozo; e como sem...ntes circumst...ias naó achamos praticadas em varias pa...dos .scritos dos sobredos. declarados. vi... .. necesside. de nol... e fazer hum commentario sobre o escreveraó. Acrescentarei todas as noticias, q' pude

descobrir de papeis deiros e authenticos, p.^a servir de guia e luz p.^a algum curiozo, ou amte. da Religião q' quizer tomar o louvavel trabalho de escrever a interessante hist... da fundação deste Mostr.^o T...bem nelle daremos noticia das pensoens, eleg.dos do Mostr.^o p.^a se ...tar algu... . . . com q' quizeráo oneralo mais do q' era rezaó e justiça.

“Fundação deste Mostr.^o descuberta, e es-
crita pelo Pe. P... Fr. Bernardo da En...na-
ção, sendo Prelado delle em o anno de .723.

“Nota... e nevamte. acrescentad... no anno
“de 1780.

“Destruida pelos Olandezes esta Cide. de Olinda a os 16
“do mez de Fevereiro de 1630, em q' nella entraraó; pelos
“mesmos Olandezes foi taóbm destruido este nosso Mostr.^o.
“de S. Bento, ficando huma qual outra Jeruzalem destruida,
“e soli...a como a-lamentava Jeremias em sua triste solidaó
“= Quomodo sedet sola Civitas. = Pois sendo a princeza das
“Provincias = Princeps Provinciarum = a-admiramos como o
“Profeta em huma miseravel escravidão, rendendo vassala-
“gens a os inimigos da fê = Facta est sub tributo Domina
“gentium =.

“Neste lamentavel cativeiro se vio Olinda, Princeza, e Se-
nhora das Cid.es naquelle tempo, e nesta triste solidaó se vio
“taóbm este Mostr.^o. rendendo vassalagem aos inimigos da
“fê, de todo acabado, e destruido, naó lhe-deixando pedra so-
“bre pedra; pois athê Mostr.^o. (q' ja então era de trin-
ta Monges) e dos seus .uros se valeraó p.^a fabricarem a for-
“taleza da Gorita, e suas fabricas do Re., e principalmte. p.^a
“fabricarem o Palacio ao Conde Nasau, em q' hoje assistem
“os Governadores desta Capitania; e a onde ainda hoje se vem
“algumas pedras, ou campas das sepulturas, q' havia na nossa
“Igreja.

A noticia do numero de trinta Monges naó sei, se foi partici-
pada pela tradição, ou se talvez constaria de huma peti-
ção (em q' adiante fallaremos) feita a D. Felipe de Moura por
supplica do Pe. Prezidte. Fr. Damiaó da Fonseca. Eu naó

tenho encontrado, nem visto a d.^a. petição, mas não duvido do declarado numero, porq' em aquelles tempos antigos andava varios Monges da Congregação dispersos neste Brazil: as...
 . — da a entender Fr. Thomaz de Aquino ... Livro de
 Elogios a fl. 107 in fine. O Palacio, em q' assim se falla,
 ..a chamado das Torre, na Cide. Mauricéa junto ao Convyto.
 dos Religiozos Capuchos do Re., ou p.^a melhor dizer, Sto.
 Anto. O d.^o Palacio foi demolido sendo o Governor. Jozé Ce-
 zar de Menezes, q' quiz levantar hum novo, e o-naó fez
 por não convir nisso o Ministério.

“Com esta ...ação, e destruição deste Mostr.^o se aca-
 “baraó as memorias . noticias d'elle ...im de sua fun-
 “dação, como dos fundadores d'elle; e ass... buscando ..guns
 “papeis, e tradiçoens antigas, achamos em o nosso Livro do
 “Tombo a fl... ..ma escritura de doação feita em Lix.^a a
 “6 de Abril de 1592 por George de ..buquerque Coelho 3.^o
 “Capitaó, e Governor. desta Capifania, em a ql. diz = Q...
 “pela mta. devoção q' tem a N. Smo.cha S. Bto. deze-
 “java mto. mandar Mon... seos fil... a fundar Mostr.^o da
 “sua Ordem; consignando-lhe p.^a isso, e doando qua-
 “torze legoas de terra no Rio do Extremo, junto .. cabo
 “de S. Agostinho,llas fazerem os longes suas vil-
 “las, e Mostr.^o de .. Religiozos p.^a sima: lhes-pro-
 “metia dar p.^a fundação de cada Mostr.^o quinhentos eru...
 “dos; e todos os annos cem cruzados de ordinaria a cada hum
 “delles.

“Aceitou a doação com as condiçoens referidas N. Rmo.
 “Pe. Gal. Fr. Go...lo de Moraes, q' depois foi Bispo da Cide,
 “do Porto; a onde mandou fazer a Capella-Mór de sua Sê a
 “sua custa, em a qual jaz sepultado no meio della em hum
 “formozo carneiro. Este d.^o Rmo. Gal. foi, o q' mandou os
 “primros. Monges e fundadores a esta Capitania plantar a
 “arvore Benedictina por persuazoens do d.^o. Senhor George
 “d'Albuquerque Coelho; trazendo por seo Prelado com titulo de
 “Prezidte. ao Pe. Fr. Damiaó da Fonseca; segundo a me-
 “lhor noticia q' se pode descobrir tirada de huma carta de
 “doação avulsa, e solta q' se acha em o nosso Chartorio de
 “D. Felipe de Moura, Governor., q' entáo era, cujo theor he
 “o segte. = D. Felipe de Moura &. attendendo a petam. do
 “Pe. Prezidte. de S. Bento Fr. Damiaó da Fonseca, em q'
 “me-pede os chaons q' vão da caza da Mouca p.^a N. Snra.
 “do Monte & lhe concedia tudo, como pedia: feita a 16 de
 “Setbro. de 1594 =.

“Desta escritura colhemos, e fundados nella dizemos; q’
 “o primro. Prelado foi o Pe. Prezidte, Fr. Damiaó, q’ veio
 “com os primros. Monges fundar nesta Capitania, e como se
 “naó sabe o lugar, em q’ assistiaó, nem onde tinhaó o seo
 “primro. Mostr.^o por tradiçaó de alguns Monges velhos, e
 “antigos se diz; q’ o primro. lugar, e Mostr.^o em q’ se reco-
 “lheraó, e assistiraó aquelles primeiros Monges, q’ vieraó de
 “Portugal, foi na Igreja de S. Joáo Bautista, q’ hoje adminis-
 “traó os soldados do terço desta Cide. de Olin... E assim
 “se pode affirmar pela pam. q’ Prezidte, Fr. Damiaó ao
 “Govor. D. Felipe de Moura, pedindo os chaons, q’ vaó da
 “caza da Mouca p.^a N. Snra. do Monte, q’ hê na quella ban-
 “da ... S. João; e se póde ver com mais especialide. na d.^a.
 “...rta de data do d.^o. D. Felipe de Moura.

Foi plantada nesta Capitania de Parnambuco a arvore
 Benedictina em annos antecipados á supozizaó do Pe. Pr.
 Gal. Fr. Bernardo da Encarnaçaó; elle . . . justante. glo-
 ria de 1.^o agricultor ao Pe. Fr. Bento do Rio-Doiro quando
 at..... P. . . r Damiaó da Fonseca o titulo de nosso
 primro. nesta ... Capitania. Eu naó li, naó d. . . obri,
 nem prezentente, temos a escritura, ou doaçaó de D. Felipe
 ... Moura em q’ elle se funda p.^a fazer começar em Olinda a
 Religiaó Benedictina por deligencia de Fr. Damiaó da Fonseca
 no anno de 1594. Ainda q’ eu lera a contemplada doaçaó nunca
 sugeitaria meo juizo ao do Pe. Chronista; pois encontro i...
 gaveis documtos. q’ mostraó o contrario. Na. . . ve pre...
 mir, q’ o Rmo. Gal. . . Gonsalo de Moraes (con.....ida . . . doa-
 ção do Donatario George d’Albuquerque Coelho em Abril do
 anno . . . 15...) mandasse por primeiro Prezidente ao d.^o. Fr.
 Damiaó da Fonseca; por q’ este nesse anno com pouco dif-
 ferença estava neste Brazil . . . cupado com as fundaçoes das
 cazas em q’ e.a Prelado na Capitania do Esp.^o Santo na Villa
 velha, e da Vitoria, p.^a. onde tinha ido no anno ... 1589; e
 no de 1591 ja começava a lançar fundantos. a— segdo. Mos-
 tr.^o., como clarante. consta dos papeis da Capitania do Esp.^o.
 Santo existentes no Chartorio do nosso Mostr.^o. do Rio de
 Janr.^o. Entremos a destruir o engano do nosso Chronista, e a
 mostr.r qm. foi o primr.^o Prelado deste Mostr.^o de Parnam-
 buco.

Antes de tudo devo lembrar q’ no 4.^o Cap.^o Geral, q’ se
 celebrou em Lix.^a. em o anno de 1581 sendo Gal. o Rmo.
 Pe. Fr. Placido de Villa-Lobos pediraó os moradores da
 Cide. da Bahia, lhes-mandassê Monges da nova reforma p.^a
 sua consolaçaó. Ja no segundo Cap.^o. Gal. de 1575, se tinha

determinado q' querendo El Rey q' na India, Brazil, e lugares Ultramarinos tivesse a nossa Religião Mostr^o. . . . o Rmo. Pe. Gal. mandar os Religiozos q' lhe-parecesse, á estas fundaçens. Chegando pois a supplica no seguinte Cap.^o attendeo a ella o Rmo. Fr. Placido de Villa-Lobos, e mandou Religiozos, q' dessem principio ao nosso Mostr^o. de S. Sebastião da Bahia, q' foi unido á Congregação no 5.^o Cap.^o. Gal. celebrado em Pombeiro em 1584, no qual taõbem foi creado por Abbe. delle o Pe. Fr. Anto. Ventura, por q' a alguns annos antes já servia de Prezidente do d^o. Mostr^o. da Bahia, onde haviaõ officinas e capacide. p^a. ser o d^o. Mostr^o. Abbadia, segundo consta do Bezerro 1^o da Congregam. de Portugal.

Bezerro fl. 174

Depois disto, ou passados dez annos com pouca differença, fez George d'Albuquerque Coelho doação de 14 legoas de terra p.^a se fundarem Mostros. nas terras desta sua Cap.^o. nia, onde já . . . varios Religiozos em communide., como logo veremos. . . me pe. . . q' o D. Abe. da Bahia assim q' se estabeleceo no seo Mostr^o logo despedio Religiozos p.^a es. . . pitania de Parnambuco, assim como . . . em mandou outros p.^a a Capitania do Esp.^o Santo a fundar Mostros. P.^a a d.^o. Capitania do Esp.^o. Santo certante, foi o Pe. Fr. Damiaõ da Fonseca em o anno de 15. . levando em sua companhia o Ir. Donado Fr. Bazilio, e p.^a. este Parnambuco poderia vir o Pe. Fr. Bento do Rio-Doiro, do qual temos certeza, q' era aqui Prelado dos Monges no anno de 1592. Isto suposto naõ podia ser o Pe. Fr. Damiaõ . . . Fonseca o . . . Prelado Benedictino em Setembro de 1594; por q' dois annos antes, ou . . . Julho do anno de 1592 por tal era aqui reconhecido o Pe. Fr. Bento do rio Doiro como evidentemente, consta de huma Escritura de compra de hum pedaço de terra junto a Capella de S. Joaõ Bautista: . . . vem exarada no nosso Tombo, e concebida na segte. fo. . . = "Saibaõ quantos "este publico instrumen. . . de pura venda deste dia p.^a. todo " . . . pre virem q' n. . . anno do na. . . ml.^o de nosso Snr. Jezus "Christo de 1592 ao primeiro dia do mez de J. . . do d.^o. anno "nesta Villa de Olinda, Capitania de Parnambuco, de q' hẽ "Capam. e Govor. M. o Illustre Snr'. George d'Albuquerque "Coelho por S. Mage. & nas pouzadas de mim pu. . . co Tabel- "liaõ ao diante nomeado junto a Igreja Matriz desta Villa em "m.^a presença, e das tes. . . munhas abaixo assignadas, appare- "ceraõ partes pr. . . es, a . . . Thomaz Bernardes, Procor. "bastante de Alvaro Fernandes do Extremo, seo Cunhado, e "de sua mulher Domingas Gonsalves como cons. . . de sua pro- "curam. bastante, q' em mas. notas tenho, e da outra parte "o Rd^o. Pe. Fr. Ben. . . Rio Doiro da Ordem de S. Bento,

Tombo fl. 77 v. 78

"Prelado dos P.P. da d^a. Ordem, q' ora estaó nesta d^a.
 "Villa, e logo pelo d^o Thomaz Bernardes foi dito por vir-
 "tude da procuram., q' tinha dos dos. seos constituintes, tem,
 "e possuem de traz das costas da Ermida de S. Joáo cita
 "no arrealde desta d^a. Villa, os quaes chaons saó, os q'
 "possuio Anto. Leitaó o velho, morador, q' foi nesta Villa, q'
 "partem com as confrontaçoens contheudas na carta de Sis-
 "maria, e estaó entre os dois caminhos, hum, q' vai p^a. a Villa
 "de Igarassú pelo pê do oileiro, e outro, q' vai por baixo thê
 "os mangues; como mais clarante, se pôde ve. das confron-
 "taçoens, q' por dirt^o., e verde. hajaó de partir, os quaes
 "chaos assim e da maneira, q' dito hê, dice o d^o. vendedor,
 "q' vendia, como de efeito logo vendeo por preço, e quantia
 "de vinte, e sinco mil rs. em dnr^o. de contado, dos quaes dice
 "o d^o. vendedor, q' estava pago, e satisfeit. dos dos. Rdos.
 "P. P., e a elles os-dava por quites, e livres deste dia p^a.
 "todo o sêmpre a os dos. compradores p^a. nunca por si, nem
 "por outrem lhes - serem pedidos em juizo, nem fôra delle de
 "fato, nem de dirt^o.; antes o d^o vendedor se obrigou a fa-
 "zer os dos. chaós bons, de paz, e de justo titulo p^a. delles,
 "... nelles fazerem os dos. compradores tudo aquill. q' lhes-
 "aprouver, como coiza q' já sua hê, querião q' sem mais au-
 "thoride. de justiça os .. compradore. tomassem posse real,
 "e ac. al dos dos. chaós por q' elles .. nome de seos
 "constituintes cediaó, e ... passavaó t... a posse, q' nelles ti-
 "nhão os dos. com...dores, e se obrigava em tudo a ter, e
 "manter esta escritura p^a, o q' dice obrigava ..os bens mo-
 "veis, e de raiz, havidos, e por haver, e os de seos consti-
 "tutes; e em fê, e testemunho de verde. assim outor.... man-
 "daraó fazer este instrum^o na nota, onde assignaraó, e q'
 "della ... ado. os freslados, q' cumprissem, e o d^o Rd^o
 "Pe. Fr. Bento, como Pr.... acceitou . . . ven. . . m
 "nome de seos subditos, q' eu Tabel... acceito em nome
 "..... possa a favor delles auzentes; sendo á tudo prezen-
 "tes por testemunhas Mel. Jeronimo ...rigues
 "Ribeiro, e Melchio. de Noia, estantes, e mo...dores nesta
 "Villa e eu de Mesquita de Olivr^a. o e. cre...

Desta escritura ...arante, se vê, q' o Pe. Fr. Bento do
 Rio — tinha o caracter de Prelado nesta Capitania de
 ...nambuco dois annos ante., q' o-fosse o Pe. Fr. Damiaó
 da Fonseca, como o-...poem o Pe. Fr. ...nardo da Encar-
 nação carta de Doação de D. Felipe de Moura. Ella taó-
 bem faz ver q' antes da Doação, q' nos-fez Gorge de Albuquer-
 que Coelho ja existiaó Monges nesta Capitania; pois a d^a.
 Doação se fez em 6 de Abril de 1592, e o Prelado Fr. Bento

do Rio-doiro comprou terra p.^a si, e seos subditos no 1.^o de Julho do mesmo anno e ningue, se ha de persuadir, q' em 54 dias, q' mediarão entre a Data, q' Gorge de Albuquerque fez em Lx.^a, e a compra de Fr. Bento do Rio-doiro feita em Olinda, podessem vir Religiozos do Reyno p.^a. o Brazil, e logo acharem sitio apto, e prompto p.^a. sua funda... e taóben sujeito, q' com tanta prontidão lhes-vendesse as terras.

Estas as devemos considerar bastantemte. largas, se olharmos p.^a. a extensão deste terreno, e taóben p.^a. o subido preço de 258000 rs. Ora no anno de 1592 e em todo o governo dos Felipes, e ainda de El Rey D. Joáo o IV ..timava-se mais no Brazil vinte e cinco mil rs. em dnr.^o, do q' hoje quatrocentos, ou quinhentos mil rs. Então não havia ainda minas no Brazil, então ainda ca se não cunhiava dinheiro; o pouco, q' ca aparecia, vinha do Reyno p.^a. pagamt.^o. do Bispo, Governadores, Ministros, e Ordinarias das Religioens, e p.^a. outros filhos da folha, q' costumava o Rey pagar: e ainda estes pagantos, se não faziaó todos com moeda corrente; mas só huma pte. em dnr.^o, e outra pte. em asucar, q' era o fruto da terra. Esta noticia será util, e conveniente a desvanecer o pensamt.^o. daquelles, q' sonhaó com thezoiros escondidos desde aquelle tempo.

Hê bem verde, q' ... possuimos de prezte. aquellas terras, q' foraó compradas pelo Prelado Fr. Be... do Rio-doiro, e nem podemos assignar o lu... certo segundo as confrontaçõesna escritura: o tempo q' muda, fez mudança nos caminhos, . tudo confundio: nós fundados na ..adição dos Monges velhos e antigos taóben ..pomos, q' a nossa primr.^a habitação nesta Cide. foi na quella terra, q' fica atraz, ou nas costas da ermida de S. Joáo cita no arrebalde desta dita Cide. Hê mt.^o. presumivel, q' aquelles Monges no seoo tivessem concessão do Ordinario p.^a. nella celebrarem os Officios Divinos, tivessem modo, e possibilide. p.^a. fundar Igreja propria.

C... mt.^a rezão diz o Pe. Fr. B..... da Encar..... de Albuquerque Coelho era o 3.^o Capitaó, e..... o 1.^o foi o Pay Du.... Coelho Pereira, e o 2.^o seo mais velho, e primogenito Duarte de ..buquerque Coelho; po: morte do qual pass., a Donataria p.^a o segundo genito, q' f.. Geo... d'Albuquerque Coelho.

Aquelle rio do Extremo junto ao cabo de S. Agostinho, em q' assima se falla não hê ho...do pelo nome, mas devemos advertir, q' hê, o q' agora se chama rio da Jangada.

Tem me sido inutil toda a deligencia q' ..ppliquei p.^a ...cobrir a carta de data de D. Felipe de Moura de q' faz

menção o Pe. Pr. Gal. Fr. Bernardo da Encarnaç.. pode ser (como andava em folha avulsa, e solta) se perdesse, principalmente, quando se apresentaraõ por Ordem Regia ao Ouvidor desta Comarca todospeis de nosso Cartorio. Continuemos com a historia dos nossos Chronistas.

"Mas como o discommo, q' naquelle lugar tinhaõ os 'Monges da quelle tp^o. p^a. viverem nelle era notavel, e naõ "accomodado á saude delles, po. . dizem os nossos velhos, q' "morriaõ ali mtos., e lhes — era perjudicial; sendo este o mo- "tivo, ou fosse outro, q' ignoramos consta q' vindo a esta "Cide., q' entaõ era Villa o Bispo do Brazil D. An. Barrei- "ros lhe-pediraõ os Monges os-quizesse melhorar do tal sitio, "e lhes — concedesse, e desse p.^a seo Mostr.^o, e domicilio a "ermida de N. Sra. do Monte. O q' visto pelo d.^o. Bispo lhes "— fez mercê de d.^a ermida por huma Provizãõ sua, q' se "acha no nosso L.^o do Tombo, pedindo juntante, ao Govor., "e Camera nos desse toda ajuda, e favor; e representando — "lhes o mt^o., q' convinha ao serviço de Ds., e o mt^o. fruto q' "na Bahia faziaõ os Monges Benedictinos nas almas dos "fieis Christaons.

"Julgo mt^o. conveniente trasladar de verbo ad verbum a Provizãõ q' vem no Tombo a fl. 121 v. q' hê da forma segte. = D. Anto. Barreiros por mercê de Ds. e daja Romana. Bispo do Brazil & Fazemos saber, q' vindo . . . a este Bispado procuramos logo virem Religiozos do Reyno p^a. nos— ajudarem a cavar em a vinha do Snr. . . . — vieraõ (de q' damos mtas. graças ao mesmo Ds.) . . nfiando, q' haveria mt^o.piritual, como houve thê agora, eencia no-lo-mostrou em a Bahia . . . q' . . anto q' demos a er. os Religiozos de S. Bento, onde fizeraõ seo Mostr.^o., logo o fer. foi sempre em aumento athê agora, e as Confrarias, q' mt^o. melhor servidas; e ao mesmo tempo dezejamos q' haja em esta Parnamb. pessoas assim ho. o mulheres, q' v. Ermida de N. Sra. do o-possaõ fazer com mais devoçaõ concedemos, e a dita Ermida a os Religiozos do Gloriozo Pe. S. Bento p^a. alli fazerem recolhinto. e Mostr.^o esperando q' pelo tempo mto. pro. . . . to espiri- tual; e ent. . . . dendo juntante., q' o Snr' Capam. e os Snrs. Officiaes da Camera o — haverãõ assim por bem, e aprovaraõ este nosso intento; e alem do seo consent. dara. . . . toda ajuda, e favor; da qual concessãõ fizemos esta e assignada por Nos em Olinda a 7 de 7br.^o de 96, e sellada com o sello de nossas armas = O Bispo "cumpra-se; hoje 9 de 7br.^o de 96: Manoel Mascarenhas Homem "cumprã se conforme o assen-

to, q' fizemos em Camera de Olinda . . . de 7br.^o de 96 ns." Simão Ribeiro, Escrivão da Camera o-eserevi", Luiz do Rego Barreto" . . . thazar Leitaó" Vicente Corrêa "Paulo Bezerra" Simão Alvares" cumpra-se Olinda 14 de Setembro. "Figueiredo"

Acto de posse dada a os R.R. P.P. de S. Bento da Igreja de N. Sr.^a do Monte. Anno do nascim.^o de N. Sñr. Jezuz Christo de 1596 ans. a os 14 dias do mez de Setembro do d^o. unno fui eu Tabelliaó abaixo nomeado com o meirinho da corr. . . ção Manoel Vaz Borrvalho, e com os R.R. P.P. de S. Bento o Abe Fr. Mansio, e o Pe. Fr. Matheus, e nos — aprezentou a Provizaó atraz escrita do Sñr. D. Anto. Barreiros Bispo deste Estado do Brazil, e com hum cumpra-se do Capam. Mór e Governor. Manoel Mascarenhas Homem, e outro cumpra-se do . . . vidor Gal. deste Estado do Brazil, e dos juizes, e Variadores desta Villa de Olinda, como por elles atraz consta, e por virtude dos quaes o meirinho atraz deçlarado com migo Tabelliaó fomos á Ermida de N. Sñr.^a do Monte com os R.R. P.P. atraz declarados, e os — metemos de posse real, e actual da d.^a Ermida, e Igreja, e terras a ella perelencentes, entradas, e sahidas novas, e velhas, como alhê hoje são por ellas possuidas, como por suas cartas, datás, e mereçs . . . nsta, e logo os d^{os}. P.P. em altas vozes huma, e duas, e tres vezes diceraó se havia alguma pessoa, ou pessoas, q' lhe tivessem embargos a tomar a d.^a posse, e p. . . na. hav. . . pessoa, ou pessoas, q' lh. tom. . . sem nem lhe fivessem embargos, o d^o. es houve por dada a d.^a. p. . . e na forma, e maneira costumada, real, com suas entradas, e sahidas; e os dos. P. P. abriaraó, e fecharaó as portas, e e cava-raó no quintal da d.^a Igreja tomando terra nas maens com todas as mais . . . lemnides. costumadas, de q' eu fiz este acto em prezença das testemunhas, q' presentes estavaó a saber; e Antonio Franc^o., e Gregorio Martins, e Manuel Nogueira, . . . Franc^o. Tabellião "Mel. Vaz "Mel. Nogueir, Fr. Sobr. Gonsalves "Ant.^o "Fr. Mansio da C. theus da qual treslado eu cente Gomes da Veiga Caval. Fidalgo o Sñr' Tabelliaó do e judicial, e nesta Villa de Oliada. e seos termos, por Duarte de Albuquerque Coelho Capam. e Goveror. della por S. Mage. & concertei, subscrevi, e assignei hoje 21 do . . . de Agosto de 1628 ans. "Vicente Gomes da Veiga" certado por mim Tabelliaó Vicente Gomes da Veiga.

A Capella ou de da Sñr.^a do Monte, de q' o Sñr' Bispo do Brazil D. Fr. Ant.^o Barreiros z doaçãó a os Mon-

ges de S. Bento, hê taò antiga, como a mesma povoação, e primeira posse desta Capitania. O primeiro Donatario della Duar., Pereira Coelho ... chegou, tomou posse desta sua Capitania de Parnambuco ... mez de .arç. . . e 1535, e logo no anno de 1537 entrou a formar o Fo. a. . p.^a, as governanças, e repartição das terras, em q' começou a fundar Villa com ... pelido de Marim q' foi o primeiro nome, q' se deo a esta terra no d.^o Foral Logo rezervou cem braças de terra em quadra nas terras do Monte p.^a, a Capella, ou Caza da d.^a, Snr.^a, do Monte, q' devemos suppôr fundada no mesmo anno de . . 535, ou no seguinte de 536.

... raò pa... dos quarenta, e seis annos com pouca differença, ou no a. n. de 15... quando o ... taò Joaó Martins fundava nova Capella, elle pe... Dona... D. Brea... z de Albuquerque, viuva do Donatario Duarte Pereira Co... o mais extensão de t... a p.^a cerca e augmento no eazo, q' na quella ple. se quizzess. fundar Mostr.^o. P... já fallava com espirito profetico; por q' entaò nem ainda pensavaò os Monges Benedictinos vir á esta Capit.^a Elles podem ter o desvanecimto. de administrarem nesta Capitania a primeira c.za, q' se dedicou á May de Ds. Da mesma sorte elles administraò na Bahia o Mostr.^o da Snr.^a da Graça, q' foi fundação de D. Catharina Caramuru, q' eu suponho ser o primeiro templo, e Caza, q' teve Maria Santissima neste Brazil.

"Al... .. a ... ercê, e data do d.^o. Bispo logo o ... Abbe. "da quelles ... ges (q. ja en. aò linha este titulo aquelle Pre- "lado) ou com elles p.^a, a Ermida de ... Snr.^a, do "Monte, fazendo nella bx.^o. da obediencia de seo "Abbe., q' era o Pe. Fr. Mansio da C... q' ac de... .. em "Portugal Geral .. nedic... naquelle oiteiro do Monte "em munide. e com mt.^a edificação, athê o anno "de 1597, no qual tempo sendo D. Abbe. Fr... .. sobreno ".... ignoraê conciderando a grde. falta d'agua, q' ex... .. men- "tav. e o mt.^o, q' lhes — custava a conducção do "necessario p.^a o Mostr.^o..... molas do povo, com ".... entavaó; se, em q' melhor de acco- "mo... .. a viver com a sua pobreza.

Certante, foi o Pe. Fr. Mansio da ... uz o 1.^o Abbe. q' tiveraò os Monges desta Capitania. Assim o — mostra a posse, q' se tomou da Capella do Monte, onde o Escriptaò o — appellida Abbe. Toda a d.... .. consiste em mostrar, em q' Junta foi elle crea... Abbe. desta Capitania. O Pe. Fr. Thomaz de Aquino nos seos Elo... .. a fl. 449 o fez Abbe da Bahia crea- do na Junta de 22 de Junho do anno de 15.5 Em huma copia

Titulo da ca-
pella de N.
Sn.^a do Monte

T.^o de N. Sn.^a
da Graça

nas Juntas deste Brazil, q' se extra... do L.^o. Bezzerro de nossa C. gregãam. vem elle nomeado Ab., deste Parnambuco na Junta, q' se fez em 26 .gosto de 15.6. No acto de posse, q' tomou das terras do Monte em .. de Setembro do de 1596 o Escrivão o—appellida Abbe. Naõ po...a chegar taõ de pressa a delle se fez p.^a Abbe. deste Mostr.^o qdo. de havia exercer a mesma dignide. na Bahia. Naõ sei concil... estas duvidas; mas basta sabermos, q' elle foi a 1.^o Abe., q' cá houve.

Ainda continuão as duvidas a respeito do Abbe. Fr., Remig. . . . dizem os fi. .los q' fora o Prelado, q' lhe — succedera. Eu mais nel... ..rei qua.... fallarmos no d.^o Fr. Remigio, q' foi o Prelado, q' lançou os primeiros fundam... a este Mostr.^o, em q' presentemente., existimos. Taõbem lembrar, ou advertir, q' o Pe. Fr. Thomaz nos seos Elog. a fi. 141 e fl. 1... diz = q' foi Fr. Mansio Proval. do Brazil, e q' ...zidira tres annos = as elle se contradiz, com o q' esereve a fl. 449, onde diz = q' Fr. Clemente das Chagas successor de Fr. Mansio fora o 1.^o Provincial ...ta Prova. Se c successor foi a 1.^o Proval., como o antecessor tinha sido Proval? Nestes enganos cahem quaze todos, q' escrevem coizas antigas.

"E como Ds. N. Snr'. sempre favorece a qm. o — busca, e "a qm. de todo o coração se lhe entrega ..^a o — servir, e Lou- "var, vendo, e prev... ..fruto, q' aquelles nossos prim... "Monges fariaõ nas almas dos fieis C...istaõs, e o grd. ..lo, "q' tinhaõ de sua servi.. dar-lhes meio, p.^a. q' des- "cobr..... sili. ..comodado p.^a.....; pelo q' fallando o "d.^o. D. Abbe. Fr. Rem.... a Gaspar Figueira, e sua Ma- "ri. Pinta, Senhores, q' eraõ dest. sitio, e olaria em q' ...e te- "mos este nosso Mostr.^o, p.^a q' lhe-vendessem, e podessem... "....azer Mostr.^o. por ter todas as conveniencias necessarias, p.^a. "se fazer caza de D..... se celebrarem os Officios Divi- "nos; logo os dois bem cazad... lhe — conc..... pedião "com a condição de lhe — darem os Monges p... tal "duzentos; e mil rs. em dnr. sepul.... p.^a. corpos "na I..... sem junto a gr.....o cruzeiro, .. huma Mis- "sa p.^a. sem..... seo Responso no fim. Aceitaraõ os "Monges a con..lação obr.....do - se à tudo, q' "prontamente se satisfez, e se cumpre como olegado das Missas, "e Responso. Foi feita a Escritura em 27 de 8br.^o de 1597, e "se acha lançada em o 1.^o. da Tombo deste Mostr.^o.

Tenho diante dos olhos huma copi. de todas as Juntas Ge- raes, q' se fizeraõ em Portugal p.^a. esta Pro..ncia desde sua

...igem at.ê o prezte., mandei-a extrahir dos Bezerros, q' se conservaõ n. Secret.ia de Tibaens, nella naõ encontro. Juntarada em 22 d. Junho do ann. de 1595 de q' faz mençaõ o Pe. Fr. Th.az de Aquino dos seos Elog a fl. 149, onde diz = fora Fr. Mansio da Cruz eleito Abbe. da Bahia na d.^a Junta =. Acho sim a Junta em Pombeiro em 26 de Agosto de 1596 sendo Geral o Rm.^o Fr. Balthazar de Braga, na qual sahiraõ eleitos p.^a Abbe. da Bahia, e Proval. Fr. Clemente das Chagas; p.^a Abbe. deste Mostr.^o. de Parnambuco o Pe. Fr. Mansio d. Cruz, e p.^a D. Abbe. do Rio de Janr.^o o Pe. Fr. Remigio. Aqui encontramos ... duvidas, e entremos a ver se as — podemos dissolver.

Proponho-me.er verdadr.^a aquella Junta de 22 de Junho de 15. se faz . . . ção nos Elog, a fl. 149, e q' est. . . escaparia ao copista; o q' naõ . . . de admirar, por q' con. . . a — me, q' os contemplados Bezerros estão mto. maltratados, mal ordenados, e difficult. e ler por sua antiguidade. Eu tenho por indubitavel, q' na d.^a Junta de 22 de Junho foi Fr. Mansio da Cruz eleito Abbe. da Bahia seguiu-se logo a Junta de 26 de Agosto, e como o d.^o Fr. Mansio não tinha ainda anno e meio de governo o-nomearaõ p.^a Abbe. de Parnambuco; p.^a onde hê presumivel teria vindo com o Snr. D. Fr. Ant.^o. Barreiros, q' tinha vindo vizitar esta Capitania; e neste tempo sendo ainda Abbe. da Bahia tomou posse da Capella de N. Snr.^a. do Monte; pois ainda naõ havia tempo p.^a. ca chegar a noticia de sua nova eleiçaõ por serem passados so da sua eleiçaõ.

Assim me parece ficou conciliadas as duvidas o Pe. Fr. Mansio da Cruz: . . . semos a ora p.^a. aquellas, q' dizem resp.^o. emigio. Este foi eleito Abbe. p.^a. o Mostr.^o. do Rio . . . Janr.^o. na mesma sobred. em q' se elegeo Fr. Mansio Parnambuco; mas naõ me consta e, governasse, e nem tomasse . . . posse sei, q' foi . . . vamente, eleito p.^a. Abbe. desta Caza na Junta q' . . . fez em os 23 . . . Julho do seguinte anno, sendo ai. . . . Geral o Rmo. F. . . . alth. Braga, na qual taõbem por ficar sem Prelado o Mostr.^o. do Rio de Janeiro. Abbe. da . . . Caz. o Pe. Fr. Damiaõ da Fonseca. N. . . . assentado segue

. Fr. Amansio d. Abbe. da Bahia no anno d. veio a este Parnambuco (como supom.) com o Snr.^o Bispo do Brazil D. Fr. Anto. Barreiros, quando veio vizitar esta Capitania; entaõ assistio á posse, q' se tomou da Capella do Monte, e o escriptaõ-o—appellidou Abbe., como de facto era da Bahia.

Na quella conjunctura estava el., removido p^a. Abbe. de Parnambuco pela Junta de 26 de Agosto de 1526, e como ca lhe — chegaria a noticia não tornou mais p^a. a Bahia, ca se deixaria ficar go. er. ando esta Casa lhê a posse de seo Successor Fr. Remigio.

Taótbem este depois de eleito Abbe. do Rio .. Janr^o. o — nom. p^a. este Mostr^o. na Junta feita em Travanca em Julho do seguinte anno ...ê .qui o q' d. . respt^o. á Fr. Mansio da Cruz: pa. os agora a seo successor.

Fr. Remigio foi elei. Abbe. .. io de Janeiro na Junta feita em Pombeiro em 26 de Agosto de 1.96; la não foi, nem tomou posse da Abbadia. Elle logo depois foi nomead. Abbe. desta Caza na Junta feita em Travanca em 22 de Jul. do anno de 1597, e por isso tomando posse desta Caza veio a e succ. Rmo. Fr. Amansio da Cruz.

Estando o d^o. Fr. Remigio com a .. gnide. de Prelado deste Parnambuco, e rezidindo na Capella do Monte comprou a Gaspar Figueira, e sua mer. a olaria, em q' fundou este Mostr^o., como assina se dice. A escritura desta c. hê do theor segte. = Saibaó qtos. este instrumto. de venda, obriga- "çaó, e quitça. virem, q' no anno do Nascim^o. de N. Snr. Je- "zus Christo de 1597 ans. a os 27 dias do mez de 8br^o. do "d^o. anno nesta Villa de Olinda ao .. radoiro della nas cazas, "e sitio, onde mora Gaspar Figueira estando elle ahí prete., "e bem assim Maria Pinta sua mer. logo por elles foi dito "perante mim Tabelliaó, e das testemunhas ao diante nomea- "das, q' era verde. q' entre os mais bens, e propriedes., q' "elles tem, e possuem, de q' estaó de posse, assim hê o sitio, "e ap. .. entos, onde elles moraó, o qual com sua olaria, forno, "e mais cazas de apoventos a. m e da ma.eira q' lhes — "pertencem, tud. red. ndante. diceraó, q' vendiaó como "de feito venderaó deste dia p^a. todo o s. pre ao .. P.P. do "convento d .. Bento ..^a elles, e p^a. os q' apoz elles vierem, "e succederem, e isto por preço e q. de 250000 rs. em "dnr^o. de c. do de q' logo receberaó ao fazer desta Escri- "tura 160000 rs. em .. edia corr. ste Reyno, q' eu Tabel- "lia. contar perante as testemunhas, q' presentes "resto, q' saó 90000 rs. pagaraó por elles vendedores á Sinaó "Corrêa deviaó da .. al .. antia de 250000 diceraó q' "esta. bem gues, e sa. as, as suas vontades sem " .. ingua, nê falta a. davão a os dos. R. P. P. "como deraó pleniss. q. ação de te .. a p. do sem- "pre ao d^o. Convento, e Religiozos d'elle e se obri. mais "elles R.R. P.P. de dizerem no d^o. seo Convento desde o

"dia, q' no d^o. sitio tiverem, Igreja p^a. dizerem Missa huma
 "Missa cada semana p^a. sempre com hum responso no cabo
 "della pela tençaó delles vendedores, a ql. obrigm. de Missa
 "entra taóhem em satisfaçaó da da. venda; por q' este foi o
 "concerto, q' entre elles partes se celebrou; a saber; a d^a.
 "qta. de dnr^o. e obrigam. de Missa com responso cada se-
 "mana; com hua sepultura em q' elles vend. ores se en-
 "terrassem: a Igreja q' se fizer no d^o. sitio das grades da Ca-
 "pella—Mór p^a. bx^o. onde elles vendedores quizessem, e nes-
 "ta fr^a. se houveraó ... concertados, e por elles ve. edores
 "foi dito, q' tiravaó de si, e de todos seos herdeiros, e succes-
 "sores toço o dirto., e acçaó, posse propriede., e senhorio,
 "poder, util dominio, q' tinhaó no d^o. sitio, cazas, olaria, e
 "tudo mais a ella pertencente, e tudo punhaó, cediaó, e tras-
 "passavaó nos dos. R. R. P.P. p^a. elles, e p^a. os q' depois
 "delles succederem, p^a. q' tudo hajaó, logrem e possuuaó, e fa-
 "çaó delle; e nelle o q' quizerem, e por bem tiverem, como coi-
 "za sua propria, q' já .. por bem desta escritura, e haó por
 "bem, q' por ella sem mais authoride. de justiça possaó tomar
 "posse do d^o. sitio, cazas, olaria, e forno; por qto. .. agora
 "lhe haó por dada, e nelles incorporada por clausula constitu-
 "ti, em não tomarem, se constitue possuila como seos co-
 "lonos, e inquilinos, e prometem, e se obrigaó de sempre em
 "todo o tempo lhe—fazerem bom o d^o. sitio, cazas, olaria, e
 "forno, seguro, ... paz, e de os livrarem e defenderem de to-
 "das as pessoas, q' nelle, e da posse delle alguma duvida, de-
 "manda, ou embargos queiraó pôr e.... tudo se daraó por au-
 "thores, e defensores a sua propria custa, athê tudo .er fin-
 "do, e acabado, e autorgaraó, q' não cumprindo assim tudo
 "pelo modo, q' .to hê, q' possaó por isso ser citados, e de-
 "mandados perante as justiças, em q' os—quizerem deman-
 "dar, p^a. o q' renunciaraó os juizes de seo foro, e tudo o mais,
 "q' por si allegar possaó, tudo querem, q' lhes — naó valha,
 "salvo se tudo comprirem plo. ...o, q' dito hê: e logo elles
 "vendedores entregarão a os compradores todos os titulos, q'
 "tem pertencentes ao d^o. sitio, e no tempo q'rem o d^o.
 "sitio, o deixaraó melhorado e naó peiorado, e em testemunho
 "... verde, assim o—outorgaraó, e manda.ó se fizesse este
 "instrumento. a nota assignaraó, q' o R. Pe. Abbe. Fr.
 "Remígio, e o Pe. Fr. Balthazar por estarem preztes. em si
 "o—acceitaraó, e ... belliaó o acceito em nome de qm. tocar
 "auzte. como pessoa public., e acceitante. Testemu-
 "nhas, q' foraó prez. Licenciado Diogo Ba... e Balthazar
 "Gonsalves, e Leonardo Pinto; q' assignou pla. d^a. M...a

"Pinta por...o saber escrever: e eu Luiz Carreiro Tabellião
 "do pu....., ju....., ...as nesta Vla. de ...inda, e seos ter-
 "mos por El Rey N. S. ... trasladei este instrumto. de meo l. ...
 "notas, onde o—tomei, e o—concertei como proprio, e vai na
 "verde, sem coiza, q' duvida faça, e me assignei de meo publi-
 "co signal &.

Naõ temos certeza do tempo, em q' se mudaraõ aquellos
 antigos Religiozos da Igreja de S. Joaõ p^a. a Capella do Monte;
 mas hê verosimil, q' foi depois de 14 de Setembro do anno
 de 1596, em q' se tomou posse da d^a. Capella do Monte; mas
 sabemos, q' elles nella rezidiaõ (antes de virmos p^a. esse lu-
 gar, em q' agora estamos) no anno de 1598, e he presumivel,
 q' pouco mais de hum anno moraraõ no Monte. O Pe. Fr.
 Remigio bellante, conheceo a insufficiencia do lugar, e sitio
 p^a. fu...ção de hum Mostr^o.: a falta da agua, a distancia grde.
 p^a. conducção dos viveres haviaõ incomodar int^o. huma Commu-
 nidade. Elle teve excellentes escolha do lugar, em q' fundou este
 Mostr^o.

Pode ser q' aquelles antigos Monges (como dis o Chronista)
 sô se sustentassem com esmolas do povo; mas eu naõ acre-
 dito a caride. da quelles antigos por q' certa..... to-
 dos os bens q' hoje possui o Mostr^o. adquiridos na quelle tempo
 a.tigo foraõ todos comprados por bom preço sem entre elles
 haver algum...ação gratuita: sirva de exemplo a venda, q'
 fez Gaspar Figueira e o subido preço da limitada terra, em
 q' agora temos este Mostr^o., e... q' já copiei a escritura.

"Em virtude da d^a. escritura tomou posse deste sitio o
 "D. Abbe. Fr. Remigio com o Pe. Fr. Balthazar; e fazendo
 "logo huma Igrejinha com seos recolhimentos p^a. morãrem os
 "Monges, começaraõ neste lugar a louvar a Ds. assim de dia.
 "como de noite, conforme os estatutos de sua profissaõ.

Persuado-me, q' a d^a. Igrejinha foi fundada no terreno, q'
 media entre a nova Sachristia, q' ôje temos, e a caza chamada
 olaria, onde temos a officina dos ferre... por q' abrindo-se,
 ou cavando se a terra no anno de 1784 p^a. fundar o alicer-
 c. da pare... da d^a. Sachristia, q' fica fronteira à declarada
 ferraria, descub... rias sepulturas, e algumas ainda com
 os ... dos cadaveres.

"Neste domicilio, e caza de Ds. viveraõ os Monges d. quel-
 "le tempo ... anta observaçia, e edificaçãõ dos homens, q'
 "em breve tempo se aumentaraõ, e ...eraõ taõ copiozas es-
 "molas dos moradores desta ...ra, q' fizeraõ Mostr^o., em q'
 "viveraõ trinta Monges abũdantes de todo o ne..... p^a. a
 "vida. Constã isto de hum papel, q' se acha esc...to no L^o. do

"sta. do Pe. Fr. Diogo Rangel, q' se conserva no archiv.
 "deste Mostr^o. em o qual . . . q' qdo. os Olandezes se se-
 "nhorearaó desta terra, q' foi no anno de 1630 já havia mto.
 "tempo antes, q' o d^o. Mostr^o. era de trinta Monges.

Prezentemente, se não acha no archivo do Mostr^o. o re-
 ferido papel, e nem nelle já existia no anno de 1769, em q'
 viu a prim^a. vez governar este Mostr^o. Não duvido, q' al-
 gum tempo antes dos Olandezes tomarem a terra assistissem
 aqui trinta Monges; mas faz-se incrível, q' taó grde. numero
 pudesse haver na Igreja de S. Joáo, Capella do Monte, e pri-
 meiro hospicio, q' fundamos neste sitio.

"En. ando, como diziamos, os Olandezes nesta terra a
 "16 de Fevereiro do d^o. anno de 1630, em q' . . . traó sua fu-
 "riosa i.a não deix. . . nos seos edificios pedra sobre pedra;
 "e della pare. q' fallou Christo Snr. nosso por S. Lucas,
 "qd^o. dice, "Venient, dies in te, et circundabunt te inimici valló,
 "et non relinquit in te lapidem super lapidem". Esta mes-
 "ma ruína padeceo taóhem este Mostr^o.; por q' os inimigos,
 "com. .rofessores de contraria religiaó tudo destruíraó, con-
 "sumiraó, e acabaraó"

Todos constantemente, affirmaó, q' no tempo da irrupção
 fora incendiada esta Cide. de Olinda; e acrescenta a tradi-
 ção, q' sô huma caza ficara illêza, e q' esta estava na vizinhan-
 ça da Capella de S. Joáo junto ao caminho . . . p^a. a capella de
 N. S. . . do Monte. Se os inimigos, ou os moradores puzeraó
 o fogo, hê controverso; e eu n.ó serei juiz nesta cauza. Gas-
 par Barlé, secretario do conde de N. . . q' assistiu á des-
 truição, na historia q' escreve de Parnam. . . ou da guerra
 da quelle tempo, affirma, q' foraó os Papistas, os q' lhe—pu-
 zeraó fogo.

"Com esta destruição, e assolação se dispersaraó os Mon-
 "ges, e huns foraó dar á nossa Fazenda de Mossurepe, e ou-
 "tros á de Itapacorá, e em huma, e outra pte. consta q' vi-
 "viaó em Communide. comprindo (qto. os lugares, e tempo
 "permitiaó) com as obrigaçoens Monasticas: não sem susto,
 "e medo dos assaltos dos inimigos por cauza da pouca distan-
 "cia, em q' estavaó delles; athê q' movido de . . . hum de-
 "voio dos Monges lhes — deo junto . . . illa . . . Ipojuca, hum
 "pequeno lugar, e terras p^a. poderem alli viver mais lon.e
 "do. .ssaltos dos inimigos, q' nas outras p. tinhaó padece-

"do: e juntamente. . . estarem mais habeis p^a. qualqr. retirada
 "p.r ficarem perto do mar, e a onde hum oratorio
 "com invocaçáo de S. Bento p^a. nelle dizerem Missa, e cele-
 "brarem com a decencia possivel os di. . . nos officios."

D. . . a Capella de S. Bento, em q' assim se falla não te-
 nho noticia mas sei, q' na d^a. Ipojuca nos—foi doada a
 Capella de N. Snr^a. do . . . pelo Calam L. . . z de Miranda Per^a.
 a qual depois de alguns annos, sendo P. te Mostr.^o
 o Pe. Fr. Bernardo de Jezus Maria, o cabido desta Sê a ou
 por força, tirou os Stos., e lhe—poz fogo. No nosso Cartho-
 rio temo. . . duas sent. . . ças contra o d^o. cabido, mas não sei,
 q' se nos—tornasse a tituir.

Taóben tenho noticia, q' nò anno de 1647 mandara o
 . . D. Abbe., Fr. Anselmo da Tr. . . e ao Religiozo Fr. Benço
 da Cruz p^a. a Bahi. huma p^a. o Abb. Mostr.^o. da
 quella C. . . e em q' . . . — rogav. deligencia por fretar
 hum barco, e mandalo a Nazareth, p^a. nelle se retirar com os
 negros, alguns asucares, e mais moveis, q' pudesse levar;
 pois se havia por logo á Campa.ha de Parnambuco, segundo o
 avizo q' tivera por recado dos M. . . de Campo = Suponho naó
 viria o barco; por q' nesse tempo, taóben estava a Bah. . .
 . . . cada com huma grossa esquadra o. armada Olande. .

"Aqui viveráo estes Monges sus. do-se dos frutos da
 "terra, q' lhes plantavaó alguns escravos, q' com sigo tinhaó
 "das Fazendas de Jagoaribe e Mossurepe, e de algumas esmollas.
 "q' lhes davaó os fieis Christaós, e ob. . . vando com melhor
 "commodide. . do q' em Mossu. e Itapacorá as obrigaçoens
 "Monachaes. O q' se confirma com pte. de huma Viz^a. feita
 "por Comissaó do Pe. Proval. no Oratorio, e Hospicio da
 "Ipojuca, que se conserva no Carthorio deste Mostr.^o.

P. . . zentente. não se acha no Carthorio deste Mostr.^o. o
 pedaço de Viz^a. em q' assim se falla: pôde ser q' o tempo
 o — consum. . se, ou o — botassem fora por julgarem papel
 inutil, como frequentemente. acontec. .

"E assim se conservarao naquelle Hospicio vive. . . re-
 "gularmté. com seo Abbe.; e deste Hospicio consta o—fora o
 "Pe. Me., Fr. Bernardo de Bra. . . na e.a de 1651, e depois
 "delle o Pe. Fr. Diogo Rangel, q' tomou posse no fim do anno
 "de 1652; e no seo tempo se restaurou a terra expulsando-se
 "de.la os Olandezes, e restituindo-se os Mônges a este sitio."

O N. M. R. Pe. Me. Fr. Bernardo de Braga foi eleito Proval. deste Brazil na Junta, q' se celebrou em 27 de Setembro de 1650; e p... isso duvido q' aind. ser... Abbe. na Ipojuca no anno de 1651; por q' naõ era o lugar mto. ap...ecível p^o. nelle se rezidir por gosto. Fora do Dicario, q' escreveo o Pe. Pr...al Fr. Bernardo da Encarnação, naõ aeho papel algum neste nosso Arch... de Olinda, q' falle, ou dê noticia da Abbadia do sobred^o. Pe. Me., Fr. Bernardo de Braga. Eu naõ julgo fal... sua narraçao, e principal... te; por q' nos—cita o pedaço de livro de Vizas., q' elie chegou a ler, e nãõ naõ t... os a fortuna de o—ver, nem descobrir. Em huma terça fra. 27 de Janeiro do anno de 1654 foraõ os Olandezes expulsos de quaze toda a Capitania de Parnambuco, e ficou ella Livre destè peza... inim... oprimio 24 annos, q' ... los se contaõ de 16 de Fevereiro de 1630, q' ... omaraõ athè o d^o. anno de 1654, q' foraõ expulsos.

Athè aqui chegava eu com a escrita do q' assim tem... dito quand... egou as maon. hum Livro velho de concelhos do Mostr^o. da Bahía, no qual li, q' o d^o. N. R. Fr. Bernardo de Braga tomara posse do seo Provincialato em 6... vereiro de 152; com esta certeza a... irmam... q' estava elle no Hospicio da Ipojuca occupando olugar de Abbe., qdo. chegou a sua eleiçao de Proval.

"Pela expulsao dos Olandezes tornaraõ os Monges q' an... davaõ disper... por varias partes desta Capitania com o seo "Abbe. Fr. Diogo Rangel, a buscar o seo antigo domicilio p^a. "ne... e se recolherem, e darem graças a Ds. pela sua Liber... "dade os quaes achando tudo por terra, e assolado, e a Igr... "cheia de mato, e imm... dicias, sem telhado, a Capella mor "toda no chaõ, e a Capella da Snra. da Conceiçao toda ca... "hida, e o mais Convento todo arrazado, e sem muros, se re... "zolveo o sobred^o. D. Abbe. a reedificar tudo cobrindo a Igre... "ja, dezentulhando tudo, e fazendo cellas p^a. se recolherem "os Monges e viverem u... dos em corpo de Communide...; con... "tinuando o seo antigo exercicio no serviç. de Ds. e obser... "vancia regular. A este sobred^o. D. Abbe. Fr. Diogo Ran... "gel de em os Monges deste Mostr^o. sua quietaçao, fundaçao, "ou nova reedificaçao, e o fu... amto. de sua existencia nesta "Cide. como em seo lugar se dirá. Esta hê a noticia, q' po... "demos descobrir de ... a fundaçao nesta Cide. de Olinda.

"A cauza de não termos Fundador, como se prometeo ser
 "George de Albuquerque Coelho, segundo a escritura, q' fez
 "de doação ao N. Rmo. Fr. Gonsalo de Moraes em Lx^a, a os
 "seis dias do mez de Abril de 1592, em que nos doava 14 le-
 "goas de terra junto ao rio do Extremo do cabo de S. Agos-
 "tinho p^a. as duas villas, e Mostros. com o ordenado e or-
 "dinaria foi por q' vindos q' os Monges, nesse mesmo
 "tempo falleceo o d^o. George de Albuquerque Coelho e como
 "faltou desta vida, faltou taóhem, o q' lhes—linha doado p^a.
 "sua vida e conservaçáo: rezaó, por q' se recolheráo em S.
 "Joa. . . . S. Joaó se passaraó p^a. N. Snr^a. do Monte, q' pedio
 "o D. Abbe. Fr. Mansio ao Bispo D. Ant^o. Barreiros; e do
 "Monte p^a. este silio, q' comprou o D. . . Fr. Remigio a Gas-
 "par Figueira, e a sua mer. Maria Pinta.

Ja . . . traz dicemos, e mostramos, q' qdo. o d^o. doador fez
 . . . escritura de doação, ja nesta Capitania existiaó Monges, e
 Fr. Bento do rio-Douro comprava terras junto a S. Joaó
 como Prelado delles. Como o Pe. Chronista aqui ten-
 der, q' os Monges p^a. cá vieraó depois da d^a. escritura de
 doação amos ser isto engano de qm. escreve com pre-
 cipitação. Ha mto. poucos sujei. sta Capitania, q' pos-
 saó hoje dar noticias . . . rio do **Extremo**, e . . . assim se falla.
 P^a. memoria dos vindouros declaramos, q' o rio do **Extremo**
 hê aquelles, q' hoje . . . chama Porto da Jangada.

"Como na quelle tempo estavaó os Monges mto. pobres
 " não tinhaó outros haveres mais, q' as esmolas do
 "povo, fizeraó huma petição a Franco. de Gouvêa, tutor de
 "Duarte de Albuquerque, Provedor das Capellas d'El Rey D.
 "Alfonso, e da Rainha D. Breatris sua mer., Capam., e Go-
 "vernor. desta Capitania, na ql. lhe pediaó por seo Procuror.
 "Gaspar de Me., q' visto o Snr. George de Albuquerque Coe-
 "lho os—ter mandado fundar Mostr^{os}. de sua Ordem a esta
 "Capitania com promessas de mui grdes. mercês, como cons-
 "tava da doação, q' lhe—apresentavaó; e por q' nenhuma cou-
 "za das prometidas se lhes—tinha com. . . do havendo ja 12 an-
 "nos, q' rezidiaó nella com mto. proveito das almas dos fieis,
 "q' se davaó mto. por satisfeitos, e estavaó mui pobres, e
 "não podiaó viver conforme sua profissaó: pedio-lhe por
 "mercê lhes—desse sinco legoas de terra na Peripueira, em
 "satisfacção das . . . , q' o d^o. Snr. George d'Albuquerque lhes—

"tinha prometido; e nada mais queriao das mercês, q' o d^o.
 "Snr. lhes—havia feito: em a qual petição poz o d^o. Franco.
 "de Moura; q' visto o q' allegavao, e o beneficio, q' recebiao
 "os moradores de terem em sua companhia esta Sta. Caza, e
 "Religiao, havia por bem conceder-lhes as cinco legoas de ter-
 "ra; mandando-lhes passar carta de data em LX^a. a os 18 de
 "Outubro de 1610.

Quando se passou a sobred^a. carta de data da terra da Pe-
 ripueira foi no anno de 1610; porem qdo. se fez a petição,
 ou intentarao fazela havia .er no anno de 1604, ou antes; por
 q' entao faziao os 12 annos, ou mais, q' ja cá rezidiao os Mon-
 ges de S. Bento. Esta advertencia faço p^a. tirar escrupulos
 sobre o tempo q' assigno de nossa entrada nesta Capitania.
 Alem de q' na declarada escritura, em q' assima se falla, e vem
 copiada no Tombo do Mostr^o. nao se lê 12 annos simplesmte.,
 como assima vemos; mas sim a mais de .. annos, q' faz variar
 o se.

Taobem foi engano pôr Franco. de Moura; por q' havia
 ser Franco. de Gouvêa, q' era o tutor .. Duarte de Albuquer-
 que. As terras da Peripueira, de q' assima se falla, ficao entre
 o Porto Calvo, e a villa das Alagôas, nem agora, nem nunca
 teve este Mostr^o. coiza alguma nellas. Com certeza sei, q' el-
 las estao na Corôa, e os Governadores tem aforado varias por-
 çoes dellas a varias pessoas, q' as—disfrutao.

"Do d^o. se colhe, q' nao teve este Mostr^o. Fundador; por
 "q' na.beo, do q' Duarte Albuquerque lhe—doou; e nem
 "as cinco legoas de terra .. Peripueira, q' lhes-doou Franco.
 "de Gouvêa, como tutor de Duarte Al. .querque; e assim ão
 "devemos á alma do velho a sua boa vontade, e devoç. . q' .e
 "vivera daria comprimto. á sua data: pelo q' o q' agora temos.
 "devemos a nossosdos, q' com o seo exemplo e in-
 "dustria adquiriraó.

"Esta hê a breve noticia, q' se pôde dar de nossa Funda-
 "ção nesta Cide. Agora trataremos de dar taobem as q' desco-
 "brimos dos Preiados, q' desde aquelle tempo tem havido thê
 "o prezte. Athê aqui o Pe. Pr. Gal. Fr. Bernardo da Encar-
 "nação em o seo L^o. do Depozito desde fl. 90 athê 94.

Prefacção ao catalogo dos Prelados deste Mosteyro

O Pe. Pr. Gal. Fr. Bernardo da Encarnaç. escreveu o Cathalogo dos Prelados deste Mostr^o. de S. Bento de Olinda, o qual, passados mtos. annos, foi acrescentado por N. Rmo. Pe. Me. Ex—Proval., Fr. Manoel de S. Jozê; não pertendo transcrevelo; por q' o—acho demaziadamente defeituozo, e composto sem exacção pela precipitaçáo, com q' o primro. o—entrou a escrever, e ambos sem fazer maduro exame nos antigos monumtos. de papeis antigos, q' entáo, e ainda agora existem no archivo deste Mostr^o. Aquelle q' escrevesse a historia deste Mostr^o. certamente commeteria mtos. erros, se se quizesse guiar pelo d^o. Cathalogo, e athê lhe faltariao mtas. noticias de varios Prelados, q' o governarao. Este motivo me poem na nece. . . de formar hum novo, em q' mostre todos, os q' o—regerao desde o anno de 1592 athê o prezte. de 1790; e nelle recontarei ple. do q' contarao os sobrdos. Fr. Bernardo, e N. Rmo. Fr. Man. . . de S. Jozê; e taóbm aumentarei tuáo, q' aconteeço no governo de cada hum, segundo o q' achei em papeis authenticos: nelle iráo compendiadas todas as memorias, q' poderao servir p^a. a historia futura deste Mostr^o.

Pode . . . r. q' pelo tempo a diante se descubra mais alguma memoria, q' facilmente, poderia escapar á m^a. cuidadoza indagaçáo; qm. a—descubrir, será bom, a—augmente no tempo respectivo p^a. poupar trabalho, e dar mais luzes ao Chronista desta casa, mas tendo sempre o cuid^o. de evitar contos fabulozos, e todas aquellas noticias, q' não forem exa. . . das com hum maduro criterio.

Catalogo correcto, e .ai. acrescentado, q. . . .
 compoz o . R. Pe. Pr. Gal., Fr. Bernardo da
 Encarnação dos Prelados deste Mostr.^o. de S.
 Bto. de Olinda, q' vem no Dietario a fl. 8
 e seguintes.

**1.^o Prelado q' teve este Mostr.^o.
 no anno de 1592, ou alguns annos antes**

O Pe. Fr. Bento do rio Douro foi o 1.^o Prelado, q' com certeza sabemos tiveraó os Monges Benedictinos nesta Cide. de Olinda, e Capitania de Parneco. Elle em o 1.^o de Julho do anne de 1592, como Prelado comprou p.^a si, e seos subditos hum pedaço de terra, q' ficava detraz das costas da ermida de S. Joáo cita no arrealde de Olinda, por preço de vinte, e cinco mil rs. em dur.^o de contado. Foi o vendedor Thomaz Bernardes, como procurador baste. de Alvaro Fernandes do Extremo, q' era o Snr' da terra. Tudo consta de huma escritura, q' se pode ver no L.^o do Tombo do Mostr.^o a fl. 77 v, e fl. 78, a qual taóhem vem copiada nas notas atraz.

Naó sei com certeza o titulo, q' gozava em sua Prelazia; persuado-me seria appellidado Prezidte.; por q' com este foi tratado seo successor, Fr. Damiaó da Fon. .ca; e por esta conta, . . sendo assim tiveraó os .nges de S. Bto. de Olinda dois Prezidentes an. . . . tivessem Abbe. Euo-naó encontr. nomeado Prelado p.^a este Brazil em a copia dos Capitulos, e Juntas Geraes, q' mandei extrahir dos Bezerras da Congregaçáo, e somte, . vejo nomea. . examinador de Noviços nas partes de Perneco. na Junta celebrada em Tib. . . a os 4 de Março do anno de 1592, sendo . . . o Rmo. Fr. Gonsalo de Moraes. Esta nomeação de examinador de Noviços me faz suppôr alguma distincção no Pe. Fr. Bento do rio Doiro entre os individuos da sua corporação; por q' taóhem p.^a o mmo. emprego na Bahia foraó nomeados os P. P. . Fr. Thomaz de Touro, q' era Abbe. actual do d.^o Mostr.^o, e Fr Anto. Ventura, q' acabava de ser.

Tenho por certo, q' o Pe. Fr. Bento do rio Douro foi hum dos primros. Monges, q' acompanharaó ao Pe. Fr. Anto. Ventura, qdo. veio fundar a Religiaó Benedictina neste Bra-

Tom. a
77 v. e 78

1.^o

zil do anno de 1581 por diante, e então seria mandado p.^a esta Capitania de Parneco. p.^a nella fundar Mostr.^o A este Religiozo hê a qm. devemõs nõs con.... por nosso 1.^o fundador em Parneco., e sem duvida p.^a cá veio antes da doaçaó, q' nos- fez George de Albuquerque Coelho, qual foi passa... em 6 de Abril de 1592, tempo em q' já cá estava o Pe. F. Bto. do rio Doiro.

Tom.

Se o d.^o Pe. Fr. Bento do rio Doiro he o mesmo, de qm. se falla nos Elogios dos R.Rmos. elle tinha sido 4.^o Prior triennial do nosso Mostr.^o de Bostello, antes q' fosse Prelado dos Monges de Old^a.

Elog. a fl. 42

2.^o Prelado, ou Prezidte. em 1594, e 95

Foi o Pe. Fr. Damiaó da Fonseca natural de Braga o 2.^o Prelado, q' governou o Mostr.^o de Olinda com o titulo de Prezidente. Deste diz com engano o Pe. Pr. Gal., Fr. Bernardo da Encarnaçaó no Dietario, q' compoz = q' fora o 1.^o q' governou os Monges, q' tinhaó vin.... esta Capitania = A carta, em q' se fund... d.^o Pe. naó dá sufficiente fundam.^o p.^a sua a...erçaó; mas nos-faz saber... Fr. Damiaó da Fonseca no anno de 1594 pedio os chaons, q' vaó de S. Joaó... o Monte... se lhe- concederaó. De presente naó possui o Mostr.^o estes chaons, nem taó bem os de sima, q' ficavaó nas costas da Capella de S. Joaó, q' seo antecessor, Fr. Bento do rio Doiro... havia comprado por vinte, e sinco mil rs. O motivo totalmte. ignoramos e nem no archivo deste Mostr.^o existe a carta de d.^o, q' diz o Pe. Fr. Bernardo fora passada por D. Felipe de Moura a rogos de Pe. Prezidte., Fr. Damiaó da Fonseca. Diz este Pe. a fl 5 do seo Dieta...o, = q' esta folha avulsa, e solta se conservava no nosso Chartorio e a... 8 do mesmo se refere = as escrituras do nosso L.^o do Tombo ve... = Nem em huma, ou outra pte... pude topar: saó frequentes sucessos, q' padecem os papeis velhos.

Diet. fl.

Diet. a fl. 5

Idem a fl. 8

A gloria, q' se roubou ao Pe. Fr. Bento do rio Doiro de Fundador do Mostr.^o de S. Bento de Olinda, ou de 1.^o Prelado, q' tiveraó os Monges Benedictinos nesta Capitania de Parneco. hê menor, q' a q' se tirou ao Pe. Fr. Damiaó da Fonseca, callando-se os Mostros. de sua fundaçaó p.^a o

fazerem Fundador de huma caza, e corpo, q' ja tinha Prelado antes de ser elle Presidente. Entro a mostrar as fundagoens de Fr. Damiaó da Fonseca p.^a o-fazer recommendavel á nossa memoria.

No Chartorio do Mostr.^o do Rio de Janr.^o entre os papeis das terras, q' temos na Capitania do Esp. Santo anda uma petição feita a D. Luiza Grimalda, Capitoa, e Governadora da dita Capitania, na qual diz o Ir. Donado Fr. Bazilio; = Que elle fora com o Pe. Fr. Damiaó da Fonseca em 1589 edificar Mostr.^o na d.^a villa, tendo ja caza, q' foi da d.^a D. Luiza Grimalda = ... taó bem outros, q' evidentemente, mostraó, q' em 25 de Julho de 1591 ja o Pe. Fr. Damiaó da Fonseca (como Prior do Mostr.^o de S. Bento da Villa velha) pretendeo fundar outro Mostr.^o na villa nova da Vitoria e p.^a elle lhe concedeo a Camara huma sorte de terras na d.^a Villa, junto as cazas de Gaspar Fernandes, contra a fonte do Concelho do caminho p.^a a pte. de terra, q' fossem bastantes, e necessarias p.^a ...ca do Mostr.^o e suas claustras; e acrescentaraó os Camaristas = Que tinhaó por f... do cõo ter vizinho á sua caza de Concelho a de hum taó grde. Patriarca. N., tenho certeza se fundasse este segd.^o Mostr.^o mas o primr.^o hê indubi...vel.

Funda... pois o Mostr.^o de S. Bento na Villa velha do Esp.^o Santo, onde o Pe. Fr. Damiaó tinha sido Prior; passou a governar como Presidente esta caza de Olinda, q' supponho entaó estava vezinha, ou na mesma Capella de S. Joaó Baulista, da ql. no anno de 1595 passou á Cide. da Parahyba, p.^a la fundar hum Mostr.^o Assim q' elle lá chegou fez ao Capam. Donatario a pet. aó seguinte = Fr. Damiaó da Fonseca Presidente do Mostr.^o da Villa de Olinda do Glorioso Pe. S. B..., q' elle por mandado de seo Rdo. Pe. Gal. movido do serviço de D. nosso Snr.' e de sua Mage. veio óra a esta Cide. Felipea da Parahyba a pedir hum citio p.^a edificagaó de hum Mostr.^o do d.^o bemaventurado seo Pe. S. Bento ... qual re...ltará grde. serviço do Snr' Deos, e ao povo Christaó; p. lo que pede a V. S.^a, q' em nome do S. Mage. lhe-dê o citio, q' está junto das terras de Joaó Neto no arrebalde, e termo desta Cide. & = Passou se a carta de d.^a, q' pedia em 21 de J...^o de 1595 por concessaó do Capam. Governor. Feliciano Coelho de Carvalho. O pedaço de terra, q' se lhe-concedeo, era de oitenta braças em quadra, e p.^a cerca ... Mostr.^o huma vargea em huma baixa com as aguas vertentes do este, Leste, e Sul athê chegar ao rio por nome Serui; e ficando-lhe de dentro uma fonte, q' serviria de marco p.^a a banda

Cart. do Rio
de Janr.^o ces-
n... n.^o 3.^o

L.^o do Tom...
da P... fl. 8.

de Leste, mas com tal obrigação, q' dentro em dois annos se começaria a fabricar o Mostr.^o, e não se fazendo neste tempo, se daria a terra a qm. a-proveitasse.

Em huma petição, q' em 20 de Dezembro de 1605 fizeram os Monges da Parahyba contra Gaspar de Almeida ao Provedor da Fazenda Real, e taóben na copia dos embargos da d.^a terra se diz; = Que dentro de dois annos se Levantara á Capella, e nella .. celebrara Missa = Devemos presumir, q' o Pe. Fr. Damiaó da Fonseca depois de começar a fundação do Mostr.^o da Parahyba se retiraria p.^a a sua Presidência de Olinda p.^a cuidar nas dependencias desta caza, em q' occupado não se podia adiantar mto. a fundação da Parahyba. Ella certante, no anno de 1599 estava, sem religiosos, e por .. so pedio o Governor, Feliciano Coelho de Carvalho, e á Camara da d.^a Cide. ao Pe. D. Abbe. desta caza mandassem religiosos p.^a edificar Mostr.^o na mesma Cide. por entáo se-achar a terra sem outros P. Pes., q' ensinassem a doutrina Christam a os moradores e Indios por se terem auzentado os Religiozos Capuchos .. llando o seo Convtio., e por cauza dos P.Pes. da Companhia serem despejados por ordem de S. Mage. Ao q' acudindo logo o D. Abbe. de Olinda (entáo era Fr. Remigio) mandou o Pe. Fr. Anastacio, q' pedio novo sitio e lugar p.^a fundar novo Mostr.^o como adiante veremos, quando fallarmos do d.^o Fr. Remigio.

Em nenhum Capitulo ou Juntas, q' se celebraraq p.^a este Brazil encontro á Fr. Da... da Fonseca nomeado p.^a o governo deste Mostr.^o; e somte, na Junta de Travanca de 23 de Julho de 1597 o-encontro eleito Abbe. do Rio de Janr.^o por ter Fr..... (primr.^o eleito) removido p.^a o governo desta caza de Olinda. Eu me-persuado, q' o-d.^o Fr. Dam... da Fonseca foi hum dos primros. Monges, q' vieraó p.^a este Brazil com o Pe. Fr. Anto. Ventura, ou logo depois delle, e por ordem deste ... d.^o Fr. Damiaó da Fonseca foi á Capitania do Esp.^o Santo no anno de 1589 p.^a fundar Mostr.^o na quella Capitania. Depois faltando neste Parcco. o Pe. Fr. Bento do rio Doiro por morte, ou auzca. o mandou governar esta caza como Prezidte. no anno de 1594 por achalo capaz p.^a novas fundaçoens.

Devemos suppór, q' nesta Presidencia, ou no tempo deste Presidente se fez a supplica da Capella do Monte ao Snr. Bispo D. Fr. Anto. Barreiros; por q' supposto seo successor, e primr.^o Abbe. deste Mostr.^o assistisse, e assignasse na posse, q' se tomou da d.^a Capella, ainda naó era Abbe., nem Prelado desta caza; mas sim da Bahia, como em seo lugar veremos.

Elog. a fl. 438 Estas são as notícias, q' pude descobrir de Fr. Damiaó da
 Idem a fl. 44 Fonseca e de suas operaçoens nesta Provincia do Brazil: della
 Tom. a fl. 75 se passou p.^a o Reyno, e lá o-fizeraó Abbe. de S. Joáo d'Ar-
 noya no anno de 16.7, e de Miranda em 1623. No Tombo a
 fl. 75 vem hum auto de posse, q' se tomou em 5 de Fever.^o
 de 1596 de duas cazas na rua de Joáo Affonso, q' Maria Ma-
 ciel, nos-deixou em seo testamto. Penso q' entaó era Pre-
 zidte. o Pe. Fr. Damiaó da Fonseca.

3.^o Pelado, e 1.^o Abbe. desta caza em 1596

O Rmo. Ex-Geral, Fr. Mansio da Cruz foi o 3.^o Prelado,
 e 1.^o D. Abbe. deste Mostr.^o de Parnco. Elle tendo sido eleito
 D. Abbe. de nosso Mostr.^o de S. Sebastiaó da Bahia na Junta
 de 22 de Junho de 1595, como diz Fr. Thomaz de Aquino nos
 seos elogios, Logo na Junta Geral de 26 de Agosto de 1596
 (sendo Gal. o Rmo. Fr. Balth.... de Braga) foi elle eleito e
 removido p.^a esta Abbadia de Olinda. Persuado-me, q' a-re-
 nunciou, e se della chegou a tomar posse, certamte. pouco
 tempo governou este Mostr.^o por q' temos documentos, q'
 nos-mostráo, q' seo Successor, Fr. ja go...nava esta
 caza e... Abbe. della em o mez de 8bro de 1.97.

Quando o Rmo. Fr. Mansio da Cruz ainda era Abbe.
 da Bahia veio a este Parnambuco, e prezumo q' em compa-
 nhia do Snr. D. Fr. Anto. Barreiros, q' como unico Bispo do
 Brazil, veio vizitar esta Capitania. Entaó conseguimos doa-
 çaó da Capella de N. Snr.^a do Monte, p.^a nella fundar Mostr.^o;
 e o Rmo. Fr. Mansio da Cruz assistio á posse, q' se tomou:
 e o escriptaó no auto della o-appellida Abbe., como de fato
 era da Bahia, e naó desta caza; por q' sô vinte dias ...
 passados, q' elle tinha sido removido p.^a o governo deste
 Mostr.^o; e em taó pouco tempo era impossivel chegar de Por-
 tugal á este Brazil a noticia de sua eleiçaó.

O Pe. Fr. Thomaz de Aquino no elogio, q' formou a este
 Rmo., affirma = Que elle fora Proval. do Brazil, e q' nesta
 occupaço com affabilide., prudencia, e zelo a-prezidira tres
 annos = Totalmte. se enganou, e a si mesmo se contradiz;
 qdo. a fl. 149 escreve = q' Fr. Clemente das Chagas succes-
 sor do Rmo. Fr. Mansio fora o 1.^o Abbe. da Bahia, q' ao

mesmo tempo taõbem servia de Proval. Juntamte. era impossivel servir elle tres annos o Provincialato; por q' em mto. menos tempo foi o d.^o Fr. Mansio Abbe. da Bahia, e Logo depois removido para Parnco. Elle tinha sido eleito Abbe. da Bahia em 22 de Junho de 1595 no segu.... anno em 22 de Agosto foi eleito seo successor, Fr. Clemente das Chagas, q' foi o 1.^o Abbe. Proval, q' teve esta Prova.

Depois de ter sido nomeado o Rmo. Fr. Mansio da Cruz Abbe. deste Mostr.^o, e naõ sei se taõbem de o-governar bem pouco tempo esta caza, se recolheo p.^a o Reyno: Lá o-fizeraõ D. Abbe. de Coimbra, Definidor, e finalmte. Gal. em cujo emprego falleceo, qdo. apenas enchia hum anno de governo; como se pôde ver no são elogio.

Em 5 de Fevereiro de 1596 o Pe. Fr. Matheus da Ascensãõ tomou posse de duas moradas de cazas na rua de Joaõ Affonso, q' ãos ...xou Maria Maciel em seo test...

Tomb. a fl. 75

4.^o Prelado; e 2.^o D. Abbe. nos annos de 1597-98-9

O D. Abbe. Fr. Remigio (q' ..hê hum, q' foi Abbe. de Palme em 1608) era filho de Brag., .. tinha o sobrenome dos Martyres foi o 2.^o Abbe. deste Mostr.^o, e lhe-servio de Prior o Pe. Fr. Leonardo Carmona. Elle tendo sido eleito Abbe. do Rio de Janr.^o na Junta de 26 de Agosto de 1596 o-remove-raõ p.^a Abbe. desta caza na Junta de 23 de Julho de 1597 sendo o Gal. o Rmo. Fr. Balthazar de Braga. Naõ sei qdo. tomou posse: sua primr.^a rezidencia foi em N. Snr.^a do Monte, e considerando o lugar pouco apto p.^a as cômodidades da vida Monastica, comprou osilio, em q' agora vivemos a Gaspar Figueira, e sua mer. no anno de 1597; e deo principio a formar cubiculos, e officinas p.^a moradia dos Monges Ignoramos o anno, em q' elles passaraõ p.^a este lugar; mas sabemos q' no de 1598 ainda elles moravaõ no Mostr.^o do Monte.

Elog. fl. 436

Tom. a fl. 162

Idem a fl....

Idem a fl. 126

Bezer. 1.^o

Comprou pois Fr. Remigio a terra, em q' agora està o Mostr.^o, q' entaõ era Quinta, ou Olaria de Gaspar Figueira, a sua mulher Maria Pinta por preço de 250\$000 em dnr.^o, e huma Missa p.^a sempre em cada semana com . dita no mesmo Mostr.^o, d.^a pela tençaõ delles vendedores, assim q'tives-

sem Igreja, e huma sepultura p.^a serem enterrados das grades da Capella-Mór p.^a bx.^o, como se pode ver na escritura de compra, q' vem no nosso Tombo a fl. 19. Tudo se compriu, e o Legado da Missa thê hoje se cumpre, e anda no L.^o da Sachristia na taboa de Prima.

No seo mesmo governo, e em 29 de Junho do segle, an. de 1598 fez doaçaõ Mel. Godinho ao Mostr.^o de huma sor. de terras, em q' hoje temos a Fazd.^a de Jagoaribe com obligam. de lhe-fazermos por huma vez dois officios de nove licçoens cada hum, e dois trintarios de Missas por sua alma, e de sua mulher, e assim mais setenta Missas rezadas por cada hum. Taõbem comprou outra sorte de terras em nossa Snr.^a do Monte, q' se chamava Outeiro a Diogo Fernandes por preço de 2.0\$000; passou escritura em 18 de Julho de 1598, e tomou posse da d.^a propiedade, em 19 de Julho do mmo. anno. Na d.^a escritura se obrigaraõ os Religiosos a dizer huma Missa . S. Joaõ em seo dia, e na Capella, q' se havia fazer no Mostr.^o do Monte, p.^a a ql. os P.Pes. haviaõ dar a pedra e cal. Naõ ha noticia, q' se fizesse a d.^a Capelia, nem ainda se satisfizesse o d.^o Legado; nõs certante, naõ possuimos ao prezte. o referido Outeiro, e sô conservamos os declarados titulos.

Em o anno de 1599 o Governor. da Parahyba Feliciano Coelho de Carvalho, e taõbem a Camara da d.^a Cide. escreveraõ ao D. Abbe. Fr. Remigio mandasse Religiozos p.^a edificar hum Mostr.^o na quella Cide. por se achar entaõ a terra sem outros P.Pes., q' ensinassem doutrina Christam a os moradores, e a os Indios por motivo de se terem retirado os Religiozos Capuchos, dezerlando o seo Convto.; e por cauza dos P.Pes. da Companhia serem despejados por ordem de S. Mage. O motivo, por q' se fez despejar os dos. P.Pes. se pôde ver na Chronica da Pe. Joboataõ, q' conta o facto, e traz a ordem Regia. Sem demora o d.^o D. Abbe. deste Mostr.^o Logo fez ir p.^a a Cide. da Parahyba ao Pe. Fr. Anastacio, e naõ sei, se com mais alguns companhos. q' logo em chegando se a fundar Mostr.^o em outra pte., p.^a o q' fez petiçaõ, e se lhe-concedeo nova terra p.^a sua fundaçaõ, como se pôde ver na escritura do Tombo de nosso Mostr.^o da Parahyba.

Proponho-me, q' o D. Abbe. Fr. Remigio depois de co-meçar a fundar o Hospicio p.^a os seos súditos neste lugar. e depois de o-ter mudado do Monte, e entregue a caza a seo successor se recolheo p.^a o Reyno, e depois de lá ter taõbem sido Abbe. de Palme em o anno de 1608 lá falleceria,

mb. a fl. 19
da sachr.

Tomb. a fl...26
Idem a fl... 26

**5.º Prelado, e 3.º Abbe.
nos annos: de 1601=602**

O Rmo. Ex-Proval: foi qm. succedeo, digo, Fr. Cipriano de S. Bento foi qm. succedeo ao Pe. D. Abbe. Fr. Remigio, Elle foi eleito em Pombeiro na Junta q' se fez em 12 de Janr.º Bez. 1.º de 1600, sendo Gal. o Rmo. Fr. Placido Ferr.º Sabemos q' no anno de 1601 governando elle este Mostr.º achava-se na Cide. da Parahyba, onde comprou oito braças de chaons no Varadoiro da d.ª Cide. á Manoel Lopes da Praia, e sua mulher, Maria dos Reys p.ª fazer humas cazas. Naó sabemos se as-fez, ou naó; mas certante, na queila Cide. naó possui este Mostr.º caza alg. . .

O grde. coração deste Prelado mto. se affligia com a estreiteza do domicilio, em q' moravaó os Monges, e por isso projectou principiari este Mostr.º, em q' agora vivemos. Para este effeito encontrou com a piede. do nobre Gonçalo novo de Lira, e sua mulher Joanna Sarradas; q' os-persuadio a levantar, . . dar principio a huma Capella-Môr ficando elles por padruinhos della. Lavrou-se a Escritura no 1.º de Janr.º de 1602; e suposto foi destrutada no 2.º triennio deste Prelado, como a seo tempo mostraremos, sempre se deo principio á declarada Capella-Môr antes de destrutada a d.ª primr.ª escritura.

Neste mmo. anno de 1602 haviaó duvidas entre Duarte de Albuquerque . . filho legitimo de Jeronimo d'Albuquerque, e este Mosteyro sobre huns chaons, q' ficavaó no Varadoiro desta Cide., q' queria cada hum, q' por dirto. lhes-pertencesse. A prudencia do Rmo. Fr. Cypriano de S. Bento tanto soube persuadir ao d.º Duarte d'Albuquerque, q' o moveo a dezistir delles; e se Lavrou o termo de dezistencia em 14 de Agosto de 1602. Outras mtas. coizas boas faria elle nesse seo primr.º governo; mas naó chegaraó a nossa noticia, nem encontramos documto. algu, q' o-diga. Tom. . . .

**6.º Prelado, e 4.º Abbe.
nos annos de 1604 - 606 - 607**

O Rmo. Ex-Proval. Fr. Paulo Pechoto foi eleito D. Abbe. deste Mostr.º na Junta, q' se celebrou em Pombeiro em 20 de Bez. . . .

Agosto de 1602, sendo Gal., o Rmo. Fr. Pedro de Basto. Naó sei qdo. tomou posse deste Mostr.^o; porem sei, q' no anno de 160. . . vernava elle a primr.^a vez, como Abbe. e. . a caza. No d.^o anno intentou André de Albuquerque, Governor., e Capam. da Parahyba senharear-se de varias legoas de terra, q' comprehendiaó as de Tapacorá, onde já na quelle tempo tinhamos curraes de gado: e taóbm nellas rezidiaó varios moradores, q' intentou despejar da quella vizinhança. Para o d.^o effeito os-mandoucar, e quando lá foi o Official fazer a deligencia, notificou taóbm ao nosso vaqueiro, q' estava com o Rmo. Fr. Paulo Pechoto, e taóbm prezte. o Ir. Fr. George, Donado; como se lê no nosso Tombo.

Tomb. a fl. 2.

Deste lugar clarante se infere, q' já possuia o Mostr.^o curral de gado no anno de 1604; mas naó sabemos qm. o-comegou, q' Prelado consegnio os campos, alcançasse cismaria, ou por escritura comprasse antes deste actual Prelado; eu me-persuado, q' o mmo. Fr. Paulo Pechoto os-fundou nas Legoas de terra q' tinha comprado ao d.^o André de Albuquerque, e depois de alguns annos desfez a compra por saber, q' elle vendêra, o q' naó era seo, como adiante se verá.

Em o 1.^o de Abril de 1606 comprou na mma. parage de Tapacorá a D. Izabel de Albuquerque meia legoa de por 400\$000, e outras declaraçoens, q' se podem ver na escritura da venda, q' vem no nosso Tombo. Neste triennio falleceo em 29 de Abril de 1606 Izabel Paes, cazada com Anto. Moreira, q' deixou ametade das suas cazas, q' tinha na rua do Janienses p.^a de seo rendimento. dizer-se huma missa semanaria perpetua por sua alma. Destas cazas naó temos noticias, ellas naó existem: os ehaós se haó-de conservar: mas naó sei a onde. Eu supponho, q' são huns, q' estão na subida da Ladeira da Sê, onde está hum marco de pedra no canto fronteiro as cazas do Rdo. Conego Penitenciario, Mel. Vieira indo p.^a a Capella do bom-fim: a maó dirta., q' esta hê a rua, q' na quelle tempo seava Janienses.

Tomb. . . .

Tomb. a fl. 55

Tinhaó contratado elles marido, e mulher fazer huma Capella neste Mostr.^o a S. Gertrudes, segundo consta por noticias antigas e por isso ordena em seo testamto., q' parte da despeza della haja de sabir da mção de seos bens. Se a d.^a Capella se fez, foi sem duvida demolida no tempo dos Olandezes, e taóbm as cazas da rua do Janienses, e de prezte. se naó cumpr: neste Mostr.^o o d.^o Legado, e nem há memoria, q' em algum tempo se comprisse. Neste mmo. triennio no mez de Março de 1607 fez Anto. Gomes, allaiate seo testamto., e nelle deixou. humas cazas de sobrado na rua

Cha. . . .

de S. Pedro com a obrigação taóhem de huma Missa semanaria tua por sua tenção. Não sei se o Mostr.^o a-recebeo; mas com certeza naó comprimos este Legado, e necessariamente. ella havia ser demolida na geral destruição do Olandez. Este testamto. taóhem está no Chartorio do Mostr.^o.

Chart. do Most.
tr.^o

Hê sem duvida, q' ainda era Abbe. deste Mostr.^o o Pe. Fr. Paulo Peixoto em 2 de Julho de 1607; por q' nesse mesmo dia, e anno passou huma procuração p.^a se destratar a escritura da compra de huma legoa de terra, q' tinha passado o Capam. Mór André de Albuquerque, q' vendera ao Mostr.^o a terra q' naó era sua. Acharaó-se lezados os Religiozos, reclamaraó, e fizeraó retratar a d.^a escritura em 26 do d.^o mez, e anno. Certante. a terra, q' vendeo o d.^o Capam. Mór comprehendia as terras de Tapacorá, ou S. Bento, onde já entaó na quelle tempo tinhamos corraes de gado, as quaes depois compramos a D. Izabel de Albuquerque como assima dissemos. O d.^o Capam. Mór André de Albuquerque pedio dellas cismaria, e a-conseguio no anno de 1604 com pouca differença: quando já D. Izabel de Albuquerque as-possuia, e Lograva por cismaria, e posse tomada no anno de 1577.

Tom. a fl. 227
Idem a fl. 240

O M. R. Pe. Pr. Fr. Bernardo da Encarnação na serie q' formou dos Prelados desta caza fez succeder Fr. Mel. das Chagas ao Rmo. Pe., Fr. Paulo Peixoto; se isto naó foi sonho, foi manifesto éngano: por q' como podia ser Fr. Mel. das Chagas D. Abbe. desta caza de Olinda em 1606, quando nesse d.^o anno comprou o d.^o Fr. Paulo Peixoto as terras de Tapacorá a D. Izabel de Albuquerque? E no seguinte de 1607 fez procuração, em q' se assignou, como Abbe. p.^a se destratar a escritura, q' fizera o Capam. Mór André de Albuquerque, como as. . . di. . . mos. Neste, e outros enganos cahe, qm. escreve com pressa, e . . . criterio.

Neste mmo. governo, ou no anno de 1607, fez o Mostr.^o da Parahyba doação a esta caza de mil braças de terra na Moribara, q' lhe-havia dado Mel. Vas Guantes; mas este Mostr.^o duvido q' possuia de prezte. as declaradas terras. Naó pude descobrir outras operaçoens deste Prelado, q' obrasse, ou fizesse neste primr.^o triennio, em q' governou este Mostr.^o

Tom. a fl. 271

7.^o Prelado, e 5.^o Abbe. nos annos de 1608—9—10

O Rmo. Ex —Proval. Fr. Cipriano de S. Bento entrou segunda vez a governar este Mostr.^o tendo por seo Prior o M. R. Pe. Fr. Pedro dos Santos. Elle foi eleito D. Abbe. desta caza na Junta. q' se celebrou em Pombcero em 1607, sendo Gal. o Rmo. Fr. Anselmo da Concem. Governando esta caza em 13 de Fever.^o de 1608 elle com o seo Convto. fez huma procuram., e constituiu seu Procurador bastante ao Rmo. Fr. Paulo Peixoto p.^a effeito de se lavrar por escritúra publica o contracto, q' por palavra se havia tratado com a . . .^a D. Izabel d'Albuquerque, q' nos queria fazer doaçoão de todos seus bens, como de fato fez em 14 do d.^o mez, e anno, como se pôde ver no nosso Tombo a fl. 32; onde taóhem se podem Ler as condiçoens, q' nos-impoz, e nos obrigamos a cumprir.

Em 17 de Março do mmo. anno de 1608 este incançavel Prelado destratou duas escrituras, q' tinha feito no seo prim.^o triennio com Gonsalo Novo de Lira, e sua mer. Joanna Sarradas sobre a factura da nossa prim.^a Capella-Môr. A primeira das das. escrituras foi feita no anno de 1602, e a segd.^a no dia, em q' della constar. O destrato dellas foi p.^a o fim de se admitirem condiçoens mais favoraveis as partes interessantes. Esta escritura de destrato nos-faz ver o tempo, em q' elle tinha sido Abbe. a prim.^a vez, q' eraó quatro, ou sinco annos depois q' Fr. Remigio comprou a olaria de Gaspar Figueira. Da . . . inferimos ser o Rmo. Fr. Cipriano o principal Fund. . . . do novo Mostr.^o, e do qual tempo devemos conciderar a antiguidade do edificio desta caza. Ella taóhem mostra, q' sua d...ção naó passou de vinte, e dois annos; por q' se na era de 1.08 naó estava a . . . da acabada perfeitamte. a d.^a Capella — Môr foi (como dizem) des. . . ida no anno de 1630 com a entrada do Olandez. Ella taóhem faz-nos saber o numero de qtas. Capellas—Mores se tem fundado neste sitio desde q' p.^a cá viemos thê o tempo prezte., como ao diante se dirá Ella finalmte. mostra a obrigam., q' se nos-impoz, e a q' nós nos —sujeitamos. Certamte. naó estamos obrigados a alguma dellas, e nem ainda satisfazemos as duas missas semanar. . . ; ou por q' sem nossa culpa foi demolida a d.^a Capella—Môr, ou por q' faltariaó as promessas declaradas na escritura. Eu entro a copiaça p.^a se conservar della mais fresca memmoria, visto naó andar tresladada no nosso Tombo.

Treslado fiel da d.^a escritura

“Saibaó qtos. este instrumento de destrato, e nova obrigam.
“virem, q’ no anno do nascimto. de N. Snr. Jezus Christo de
“1608 ans. a os 17 dias do mez de Mço. do d.^o anno nesta Villa
“de Olinda, Capitania de Parnambuco, no Mostr.^o do bema-
“venturado S. Bento estando ahi prezte. o Rdo. Pe. Fr. Luiz Mo-
“reira, Proval. desta Ordem, deste estado do Brazil; q’ o
“Rdo. Pe. Fr. Cipriano de S. Bento, Abbe. do d.^o Mostr.^o,
“e assim os mais P. Pes. abaixo assignados, os quaes foraó
“chamados por som de campa tangida, como hê seo verdadr.^o,
“antigo costume de huma pte., e de outra Gonsalo Novo de
“Lira, morador nesta Villa em seo nome; e comõ Procor. de
“sua mer. Joanna Sarradas, como fez certo por hum instrumto.
“de procuram. bastante, feita no termo da Villa dos S. Stos.
“Cosme, e Damiaó por Mel. da Rocha Tabelliaó publico na d.^a
“Villa a os 15 dias deste d.^o mez de Mço. do d.^o anno, . q.¹
“está feita da letra do d.^o Mel. da Rocha, e assignada de seo sig-
“nal publico, q’ eu Tabelliaó dou fê conhecer, e entre outros
“mtos. poderes contheudos, e declarados na d.^a procuraçãõ lhe
“dá a d.^a sua mulher poder p.^a q’ elle Gonsalo Novo de Lira
“possa destratar com os Reverdos. P. Pes. as escrituras, q’
“tem feito sobre a Capella-Môr do d.^o Mostr.^o, q’ elle Gonsalo
“Novo de Lira, e a d.^a sua mer. tem começado a fazer, p.^a
“q’ possa obrigar a fazer a d.^a Capella-Môr, e a fabrica della
“todos seos bens m. .eis, e de raiz, e assim a dar os ornantos.,
“e mais coizas, q’ são obrigados . dar á d.^a Capella, p.^a o q’
“a d.^a sua mer. lhe-da poder p.^a outorgar de tu. . escrituras,
“e de novo contratar outras, e fazer tudo o q’ bem lhe — vier
“sobre a d.^a Capella, e outros mtos. poderes . . . theudos, e de-
“clarados na d.^a procuram., á q’ em tudo me-reporto, pelo q’
“dicéraó elles. R. P. Pes. Proval. Abbe., e mais P. Pes., q’
“presente estavaó, e elle d.^o Gonçalo Novo de Lira em seo nome,
“e de sua mer. Joanna Sarradas; q’ elles tinhaó feito huma
“escritura de obrigam. feita por Marcos de Misquita Tabelliaó,
“q’ foi nesta d.^a Villa em o 1.^o dia do mez de Janr.^o do anno
“de 1602, ou no dia, e tempo; q’ na verde, se achar sobre o
“concerto, q’ fizeraó de elles R. R. P. P. lhes— a sua
“Capella-Môr do d.^o Mostr.^o de S. Bto., e as obrigaçoens, a
“q’ elle d.^o Gonçalo Novo de Lira tinha p.^a cumprir o contheu-
“do na d.^a escritura; e depois disso fizeraó outra escritura de
“compoziçãõ nas notas de Franco. Paes de Bulhaó, Tabelliaó,
“q’ foi nesta d.^a Villa, q’ escreveo o officio de mim Tabelliaó

"no dia, e tempo, q' na verde, se achar com as clauzulas, con-
 "diçoens, e obrigaçoens contheudas, declaradas nas das, escri-
 "turas; e por q' a primr.^a escritura naó estava em favor delles
 "R.R.P.P. se naó em mto. damno, e perjuizo do Mostr.^o; e
 "a segd.^a em perjuizo delle d.^o Gonçalo Novo, e de sua mer., e
 "herdeiros sobre a d.^a Capella Môr diceraó elles partes, q' de
 "suas proprias, e Livres vontades sem constringimto, de pes-
 "soa alguma destratavaó, como com effeito destructaraó as
 "das. duas escrituras de hoje p.^a todo ...pre p.^a q' nunca em
 "nenhum tempo tenhaó força, nem vigor em juizo, nem fora
 "delle, de fato, nem de dirto., e queraó, e eraó contentes cada
 "hum pela pte., q' lhe-toca a q' se cumprissem nenhuma clau-
 "zulas dellas em parte, ou em todo, como se nunca foraó feitas,
 "e ora de novo .. computeraó por via de transacção, e ami-
 "gavel compozicão na forma seguinte; a saber q' elles d.^{os} Gon-
 "salo Novo de Lira, e sua mer. se obrigaó, como de fato obrigou
 "elle Gonsalo Novo de Lira em seo nome, e de sua mer. aca-
 "bar a Capella Môr do d.^o Mostr.^o, q' ja tem quaze feita com
 "seo retabulo de pedra pintado, . doirado tudo mto. perfei-
 "tanté., e assim mais se obrigava dar hum ornamto. de damasco
 "de veludo carmizim, e outro ornamto. de damasco preto com
 "suas sanefas, e guarniçoens de damasco rouxo escuro, ambos
 "perfeitante. acabados com todas suas pessas, q' .. costumaó;
 "os quaes dois ornamentos. se obriga dar de hoje a dois annos
 "primeiros seguintes; e assim mais se obriga dar quinhentos
 "cruzados em dnr.^o, ou em asucar a como valer a dnr.^o dentro
 "de hum anno, e naó cumprindo elle Gonsalo Novo com huma
 "coiza. e outra se obriga a pagar de penna cem mil rs. p.^a o
 "d.^o Convt.^o em dnr.^o de contado, e assim mais tem dado a os
 "dos. P.P. p.^a fabrica da d.^a Capella, e missas, q' lhe-haó-de
 "dizer setenta. . duas cabeças de vacas, e hum molecaó do
 "Gentio de Guiné por nome Anto.; e assim mais se obriga dar
 "huma alampada de prata, q' seja capaz p.^a estar na d.^a Capel-
 "la-Môr; e assim quatro castiçaes grdes. de lataó; e humas
 "cortinas .. q' elle Gonsalo novo quizer com as rendas, q' fos-
 "sem ..cessarias p.^a ornar a d.^a Capella. E elles R.R. P.P. se
 ".....raó a darem a d.^a Capella Môr perpetuante. p.^a sempre
 "athê o fim .o mundo p.^a sepultura, e enterro delle d.^o Gonsalo
 "Novo de Lira, e da d.^a sua mer., e herdeiros descendentes, q'
 "apoz delles vierem por linha direita, e na d.^a Capella se naó
 "poderá enterrar outra alguma pessoa, se naó os sobredos. E
 "assim mais se obrigaraó elles sobredos. P.P. a lhes-dizer duas
 "missas rezadas cada semana, em qto. o mundo durar por suas
 "tençoens, e poderá elle Gonsalo Novo de Lira pôr no arco

“da Capella Mor o braço de suas armas, e dentro os carnei-
“ros, e letreiros, q’ lhe-comparecer, e elles P.P. conheceraó,
“e confessaraó estarem entregues das das, setenta, e duas ca-
“beças de vacas, e do moleque Anto., de q’ daó plenario, e geral
“quitaço ao d.^o Gonsalo Novo de Lira, e a seos bens, e her-
“deiros, pelo ql. foi dito em seo nome, e de sua mer., q’ se
“obriga a acabar a Capella mor p.^a se poder dizer nella missa
“dentro de hum anno; e a pintar o retabulo o mais de pressa
“q’ puder, e a dar os d.^{os} ornamentos., e mais coizas no tempo
“atraz declarado, p.^a o q’ obrigava da sua fazenda os bens assim
“moveis, como de raiz, e em especial a sua 3.^a, e da d.^a sua mer.
“p.^a as quaes nomêa as suas cazas de pedra e cal sobradadas,
“em q’ vive na rua de S.; e outro sim mais tres moradas
“de cazas na rua da Sarralheira desta d.^a Villa, e curraes de
“gado vacum com tanto q’ a especial hypotheca não derogue a
“geral obrigaço, e a pagar a os dos. P.P. todas as perdas, e
“da...., q’ receber.. em não cumprir com todas e qualqr. das
“obrigaçoes contheudas nesta escritura; e elles R.R. P.P. se
“obrigaó p.. todos os bens, q’ o d.^o Mostr.^o possue, e possuir
“pelo tempo adiante, e em diante succederem, o rezid..em no
“d.^o Mostr.^o a dizer as duas missas rezadas por semana, como
“fica declarado, sub penna de pagarem .. d.^o Gonsalo Novo de
“Lira, e a seos herdeiros todas as perdas e damnos, q’ receber
“em lhes-naó dizer as missas, nem comprirem ... todas as mais
“clauzulas, e condiçoens desta escritura, e se obrigaó huns, e
“outros a nunca em nenhum tempo irem contra esta escritura
“em pte., ou em todo, em juizo, nem fora delle, de fato, nem
“de direito, sub obrigaço de todos seos bens, q’ p.^a isso
“obrigaraó. E em testemunho de verde, assim o-outorgaraó e
“mandaraó ser feito este instrum.^o ... a nota, onde assigna-
“raó; q’ pediraó, e acceitaraó; e eu Tabelliaó .. acceito em
“nome .. qm. tocar auzle., como pessoa publica, estipulante,
“e acceitante sendo testemunhas presentes Manoel Alvares —
“Lourenço Gomes — e eu Luiz Marreiros Tabelliaó, q’ o—es-
“crevi— Fr. Luiz Moreira, Proval. de S. Bento— Fr. Cipriano
“de S. Bento Abbe. — Fr. Feliciano de Sant-Iago — Fr. Pe-
“dro das Chagas — Fr. Pedro dos Santos — Fr. Paulo Peixoto
“— Fr. Manoel dos Anjos — Fr. Placido da Cru... Manoel Al-
“vares — Lourço. Gomes — O qual treslado de escritura, de
“destracto, e obrigaço eu Luiz Marreiros Tabelliaó do publico,
“judicial, e notas nesta Villa de Olinda Capitania de Parnam-
“buco por Duarte de Albuquerque Coelho, Capam. e Governor.
“della por El Rey Nosso Snr. fiz tresladar de meo Livro de
“notas, a q’ me-reporto, e concertei com o Tabelliaó abx.^o assi-

“gnado, e escrevi, e assignei em razo: Olinda hoje dez dias do
 “mez de Dezbr.^o de 1613 ans. Luiz Marreiros. Concertado por
 “mim, Tabelliaó Luiz Marreiros. E com mígo Tabelliaó Paulo
 “de Sou...

Em 15 de Dezbr.^o do immo. anno de 1608, contratou o Rmo.
 Fr. Cipriano de S. Bento com Diogo Glz' Vieira por meia Le-
 goa de terra de larg. e duas de comprido de q' ja o d.^o tinha
 passado escritura publica p.^a nella fundamos M.... no dis-
 tricto da V.^a das alagoas, q' nos-dar... outra, q' tivesse huma
 Legoa de comprido, e meia de largo no rio Policatuba, e q' se
 começaria a demarcar pelo d.^o rio Policatuba, e ria p.^a
 o rio de agoa doce, q' vai sahir a praia; e mais hum qu.... de
 Legoa em quadra na praia do mar entre Manoel Anto. e huma
 alagôa .. q' vai ao longo da praia: e outras mil e duztas. bra-
 ças em quadra no rio de Mendaug na ilharga de Leonardo Pe-
 reira correndo ao N...., e assim mais p.^a sitio, e cerca da
 ea., q' pertendiaó fazer .. ilhatá ao iongo do rio. Este
 escrito de composiçáo foi assignado pelo d.^o Diogo Glz.' Vieira,
 e o D. Abbe. Fr. Cipriano de .. Bto. em 15 de D..br.^o de
 1608.

Em 18 de Agosto de 1609 comprou o d.^o Prelado por dois
 mil cruzados huma legoa de terra em Mossurepe, onde agora
 temos eng.^o, á Martha da Fonseca, Snr.^a da d.^a terra de Mos-
 surepe, e no immo. dia, e anno de lavrou a escritura assistindo
 Fr. Pedro dos Stos. com procuram. da Communide. Depois
 de comprada esta legoa de em q' fu.dámos o Eng.^o de
 S. Gonsalo de Mossur... supplicou . d.^o Rmo. á Franco. Coe-
 lho de Carvalho Capam. Môr da Capitania de Itamaracá huma
 data de legoa e meia de terra em quadra ao longo do rio
 Capibaribe, q' chamavaó pela Lingua da terra Engorá, q' fi-
 cava na testada de Gervas P.res . foi-lhe concedida em 6 de
 Abril de 1610.

Passados setenta e sete annos depois de ter concedida a
 d.^a data o Pe. D. Abbe. Fr. Jozê da Trinde. fez venda della
 a Joáo de Almda. por preço de oitenta mil rs. em dnr.^o O Ta-
 belliaó Luiz Ferr.^a d. Cunha lavrou a escritura em 16 de
 Abril de 1687. Na sobred.^a sorte de terras está agora fundado
 o Eng.^o do Eixo; e seos possuidores tem por titulo dellas a
 cismaria, q' nos-foi passada. As memorias antigas, não dizem
 o mais, q' fez, e obrôu este Rmo. Prelado nesta sua segd.^a Abba-
 dia; mas nos-fazem saber, q' logo, q' acabou seo gover.. la.gou
 a á seo Prior, q' ficou prezidindo athè chegar novo
, Este hê o primr.^o aresto, q' tem esta Prov.^a de hum
 Abbe., q' immediatante, acabando largou a caza sem chegar

Tom. a fl. 207

Tom. a fl. ...

Tomb. a fl. 170

Tit.^o do Eng.^o
do Eixo

sucessor. Em 26 de .br.º de 1669 se dice, digo, em 26 de M.º de 1669 deixou A..... de Siqueira em seo testam.º 350\$000 p.ª se empregarem em huma propriedade, q' rendesse p.ª huma Capella de Missas, q' se haviaó dizer todas as ...anas p.ª sempre. A Sachristia cumpre de prezte, este legado. Em 12 1610 vendemos a Jacques Peres duas sortes de terra em Senheraem, q' per.....áo a D. Izabel D'Albuquerque, de qm. eramos Procuradores bastantes.

.....49
L.º da Sachr.
a fl. 88.

Tomb. a fl. 277

8.º Prelado, e 6.º Abbe. no anno de 1609

O M. R. Pe., Fr. Urbano de S. Joaõ foi eleito Abbe. p.ª este Mostr.º na Junta, q' se celebrou em Baslo em 15 de Ju.º de 1609. Proponho-me naõ tomaria posse, por q' se naõ encontra neste Mostr.º memoria, ou documto. algum, q' dê noticia de ... governo; e antes sabemos, q' o M. R. Pe. Fr. Pedro dos Santos o—governou como Prezidente em 1611. E sobre tudo na Junta intermedia, q' se fez em Janr.º de .611 foi eleito p.ª Abbe. deste Mostr.º o Rmo. Fr. Paulo Peixoto, como Logo abaixo veremos. O d.º Fr. Urbano de S. Joaõ foi eleito Abbe. p.ª esta caza, sendo Gal. o Rmo., Fr. Thomaz do Socorro.

Bez. 2

9.º Prelado, e 3.º Prezidte. no anno de 1611

O M. R. Pe., Fr. Pedro dos Santos governou como no anno de 1611 Hê indubitavel, q' o Rmo. Fr. Cipriano Bento occupou o lugar de D. Abbe. desta caza athe .º de Abril de 16. . . , ou ainda mais com pouca differença, e q' antes de lhe—chegar ...essor largou o governo, pois hê certo, q' em 17 de Fever.º de 1611 governava o Mostr.º, como Prezidte. o Pe., Fr. Pedro dos Santos. Este Conyto. no d.º mez, e anno instituiu ao R. Pe. Fr. Bernardo .. Me. de Ds., Procurador do Mostr.º por procurador bastante p.ª fazer huma escriptura da venda de huma Capella (q' hoje hê a de nossa

Tom. a....
 Snr.^a do Pilar) á D. Izabel de Albuquerque p.^a nella se fundar sua sepultura, e trasladar os ossos de seo pay Hieronimo de Albuquerque, e de sua may &. Dêo por ella dois mil cruzados, q' seriaó empregados em bens, q' rendessem p.^a fabrica da d.^a Capella, e deveriamos dar-lhe em sua vida annualmte. sincoenta mil rs., e por sua morte deveria ficar a coiza comprada, ou em q' se empregassem os ..tocentos mil rs. p.^a o Mostr.^o Taóben seriamos obrigados a dizer huma missa perpetua de 15 em 15 dias por ... alma, de seo pai, e mai, e irnam D. Cosma, dando-lhe ...pre em sua vida os dos. sincoenta mil rs. p.^a sua sustentação, e por sua morte havia ficar tudo p.^a o Mostr.^o; isto hê, todo o rendimento, da quillo, em q' se empregassem os oitocentos mil rs. A escritura foi feita em 17 de Fever.^o de 1611. Aqui devo advertir, q' a ..boa da Sachristia se deve reforma, nesta pte.; por q' ella traz vinte, e sinco Missas deste Legado devendo ser vinte seis, por q' o anno tem sincoenta e duas semanas. Não acho mais noticias, nem memmorias deste Prezidte., e seo governo.

10.^o Prelado, e 7.^o Abbe. nos annos 1612—13—14

Bez. 2
 O Rmo. Ex — Proval., Fr. Paulo Peixoto foi eleito segda., vez D. Abbe. deste Mostr.^o na Junta intermedia, q' celebrou o Rmo. Geral, Fr. Anselmo da Concam. no Mosteyro de Sto. Tyrso em 11 de Janr.^o de 1611 pela ...pacide. do M. R. Pe. Fr. Urbano de S. Joáo estar mouco. Governando este Prelado em 26 de Abril do anno de 1612 fez Gorje Lopes, e sua mer. Izabel Cardoza doaçaó de humas cazas sobradadas no Re., q' os dos. doadores tinhaó comprado a Franco. Ribr.^o e sua mer., Maria André por preço de quatrocentos, eta mil rs. Elles doadores receberaó dos P.Pes. cento, e sincoenta mil rs. em dnr.^o, e os trezentos, q' restavaó do valor das cazas, ficavaó nellas mes... obrigando-se os dos. P. Pes. a lhes-dizer em cada semana huma missa perpetua por suas tençoens, e nesta forma se lavrou a escritura no mesmo dia, e anno.

As das. missas satisfaz o Mostr.^o semanariamte, como se pode ver na taboa da Sachristia. As cazas ficaó na rua q' agora se chama das criólas, onde agora temos por bx.^o dellas o ..ma-

zem das nossas exas. Sempre nos-devemos Lembrar, q' nellas estaó .. trezentos mil rs., q' se obrigaraó pelo sobrd.^o Legado.

Tom a fl. 100

No mmo. anno de 1612 servia de Procor. do Mostr.^o o Pe. Fr. Chrysostomo da Cruz: elle mandouadar o testamto do Pe. Joaó Glz Campos em 8 de Abril do .. anno. Este Testador depois de nos-deixar duas moradas de cazas na rua, q' vai de S. Pedro p.^a o Vara-doiro, pede, q' lhe-digamos perpetuante, huma Missa a N. Snr.^a hum Sabado sim, e outro naó como se pôde ver nolado do d.^o testamto., q' está no nosso Archivo.

Arch. do Mostr.^o

Antes da irrupção dos Olandezes falleceo o d.^o Pe., e como depois de sua morte, e no cativoiro desta Cide. toda ella se destruiu, e tomou esta povoação nova figura, naó podemos agora saber olugar, em q' estavaó citas as das. cazas, das quaes athê callaraó as conf..... q' podiaó dar alguma luz. Naó ha memmoria q' em algum se cumprisse o d.^o Legado da missa do Sabado. No .. primro. dos foros vem hum assento, q' diz: = temos huns chá... nos quatro cantos, q' nos — deixou ... cujo testamto. está no Carmo= Pôde ser, sejaó estes, os em q' assima fallámos; por q' certante, o Carmo foi o testamento. do d.^o Pe.

L.^o 1.^o dos... a fl. 140Arch. do Mostr.^o

Neste mmo. triennio servindo ain.. do Procor. do Mostr.^o o Pe. Fr. Chrysostomô da Cruz mandou tresladar em 6 de Abril de 1613 a verba do testamto.^o de Joaó Lopes, e sua mer. Izabel Carnr.^o, q' nos — deixava humas cazas na rua de Joaó Affonso (agora rua do coxo) q' hê a q' corre por bx.^o de S. Pedro Martir desta Fregz.^a Ficavaó as das. cazas obrigadas ao Legado pelo qual os P.P. haviaó dizer em cada hum anno perpetuamente quarenta, e oito missas pelas almas delles doadores, das quaes cinco haviaó de ser cantadas, e de **Requiem**, e huma se havia dizer no oitavario dos Stos. Naó ha memmoria alguma, de q' se desse comprimto. a este Legado. Na Sachristia deste Mostr.^o sô se dizem cinco missas perpe.... pelo d.^o Joaó Lopes, e sua mer.: naó sei, se será a conta do d.^o Legado, ou pelo chaó, em q' esteve fundada a caza, ja naó existe; eu naó sei qual elle seja; mas suponho na rua, q' desce p.^a ainha da pte. esquerda, onde de prezte, temos hum marco de pedra. Nesta nma rua tinha o Mostr.^o tomado posse em 1596 (como já atraz dissemos) de h.... cazas sobradadas, q' Maria Maciel nos—tinha deixado em seo testamto.^o, e ficavaó de frente das cazas de Thomaz Roiz. Pode ser sejaó os chaós, q' ficaó nos fundos das cazas em q' hoje mora o Conego Gondim, e de frente das cazas de B.... Roiz q' talvez será descendente do d.^o Thomaz Roiz; o motivo, q' tenho p.^a isto dizer

Tomb. a fl. 175

hê por q' hum assento antigo, q' cobre o titulo das das. cazas dis. q' ficavaõ nos quatro cantos.

O .. Rmo. Fr. Paulo Peixoto ainda governava como Abbe. desta caza em 2 de Janr.^o de 1614; por q' no mmo. dia, e anno se lavrou huma eseritura da compra de duas sortes de terra, q' vendeo ao Mostr.^o Simaõ Carvalho, e sua mer. Anna Leitoa por preço, e quantia de sessenta mil rs. em dnr.^o A primr.^a sorte de terra possuia o d.^o Simaõ Carvalho por doação feita pelo licenciado Nunes; era na Merueira começando na agoa do Eng.^o Velho p.^a a Merueira pequena. A segd.^a sorte elle a — possuia por eseritura de compra de Manel. Lobeira, e ficava mis-...ca com a terra assim d.^a desde o Eng.^o velho athê a Merueira Grde., como consta da eseritura de venda, e cismaria, q' foi dada a Joaõ de Sabanda.

De prezte. naõ possui o Mostr.^o estas duas sortes de terra, q' comprou com o seo dnr.^o Taõbem faz admirar, q' sendo Nõs herdros. de D. Izabel de Albuquerque perdessemos huma legoa de terra q' esta Snr.^a finha entre a Merueira pequena, e Merueira grde., cortando pelo caminho, q' ia da villa de Olinda p.^a a Magdalena, e p.^a Paratibi de bx.^o athê chegar á outro caminho, q' outro ... vai p.^a Paratibi de sima, athê entestar com as terras, q' foraõ de Diogo Garcia, q' depois passaraõ a Pedro do Couto. A cismaria foi passada a d.^a D. Izabel de Albuquerque no anno de 1627.

Na serie dos Abbes. desta caza, q' formou o Pe. Pr. Gal. Fr. Bernardo da Encarnam. calla-se esta segd.^a Abbadia do Rmo. Fr. Paulo Peixoto: isto naõ admira; por q' o d.^o Pe. ...ria escrever mto., mas naõ se queria cansar com indagaçoens enfadonhas. Acabada pois esta segd.^a Abbadia foi immediatante. eleito Proval. desta P....^a .. Brazil: foi creado na Junta de 28 de Dezbr.^o de ..16 como diz Fr. Thomaz de Aquino nos seos elogios. Sendo elle .. Abbe. desta caza foi o primr.^o, q' mediatante. foi promovido ao Provincialato assim q' acabou de governar este Mostr.^o Faço esta advertencia p.^a desterar o abuzo de certo v.lho desta Prov.^a, q'fente. publicava, q' nenhum Abbe. de Parnambuco em acabando passava immediatante. a ser Proval.

O Dietario da Bahía, com manifesto erro , — faz Abbe. da quelle Mostr.^o ao mm.^o tempo q' o d.^o Rmo. Fr. Paulo governava esta de Olinda. Segundo o d.^o Dietario elle falleceo na Bahya em 10 de 8br.^o de 1619.

Tomb a fl....

Tom. a fl. 130

Elog. aff. 440

11.º Prelado, e 8.º Abbe. nos annos de 1615

O Rmo. Ex—Proval., Fr. Cypriano de S. Bto. governou terceira vez Mostr.º de Parn.º no anno de 1615 segundo consta dos documtos., q' traz o nosso Tombo, como adiante veremos. Servio-lhe de Prior o R.P. Fr. Bernardo da Me. de Ds. O d.º Rmo. se achava em Portugal, no ano de 1612, quando o elege... Proval. desta Prov.ª na Junta, q' se celebrou em Sto. Tyrso em 26 de Junho do d.º anno. Elle Lá se demorou, e p.ª cá não embarcou, e por isso na Junta intermedia de 11 de Fever.º de 1613 se leo huma provizaó; em q' o—obrig... a vir p.ª o Brazil p.ª cumprir o officio de Proval., p.ª q' fora eleito. Na d.ª taóhem se leo huma carta, em q' se ex-cuzava por justos motivos, q' foraó acceitos, e em seo lugar foi eleito p.ª Proval. o Rmo. P. Fr. Ruperto de Jezus. Elle foi o primr.º depois do Rmo. Fr. Martinho Golias, q' pela primr.ª vez renunciou o Provincialato. Proponho-me, q' algum tempo depois da d.ª renuncia embarcou p.ª esta Prov.ª, e q' entaó cá estando o — fizeraó Abbe. deste Mostr.º em alguma Junta, q' escaparia ao Copista das Juntas Brazil, como facilmt. podia acontecer.

Em 5 de M... do declarado anno o d.º Rmo. com sua Comunide. nomeou a seo Prior Fr. Bernardo da Me. de Ds. por Procor. p.ª effeito de comprar a Braz Corrêa huma ilha na barra do rio Inhamam, q' agora se chama a ilha de Joannes. Com effeito se fez a compra por 12\$000, e se passou o escritura, e se tomou posse della em 5 de Maio de 1615. Neste mmo. triennio comprou o d.º Prelado trêsentas braças de terra nos limites de Maciape, e em Mossurepe ao longo do rio Capibaribe a Hieronimo de Souto-maior por huma Junta de bois mansos, e hú novillo, e se passou escritura em 6 de Dezbr.º de 1615, o q' a..... o Pe. Procor. dá Ordem, Fr. Pedro dos Santos.

Tem. a fl. 159

Na historia dos Abbes. deste Mostr.º, q' escreveu o Pe. Pr. Gal., Fr. Bernardo da Encarnam. se diz: = q' o preço da sobreda. ilha fora 120\$000 = foi engano; por q' a escritura q' vem no Tombo sô falla em doze, e pela sua pequenez não podia valer mais; por q' hê huma restinga de arêas de limitada extensão. Taóhem diz no mesmo Dietario = q' o Rmo. Fr. Cypriano de S. Bento depois de governar tres vezes este Mostr.º de Olinda, o—fizeraó Gal. da nossa Congregam. — Hê manifesta falside.; elle sô foi Proval. desta Prova., e foi eleito na Junta, q' se celebrou em 14 de Junho de 1619; foi o successor de

Tom. a fl. 171

Diet. a fl. 8

To. 1. a fl. 159

Diet. fl. 8 v.

Elog. fl. 449

Fr. Paulo Peixoto: foi o segdo., q' entrou no Provincialato assim q' acabou de Abbe. de Olinda. O Pe. Fr. Thomaz de Aquino o-naò mete no Cathalogo dos Rmos. Geraes; p.^a q' claramente, vejamos o como se engana o Pe. Fr. Bernardo da Encarnam., qdo. o — faz Gal. em Portugal.

No nosso Tombo estaò copiadas humas razoens mto. dou-
tas, e cheias de dirt.^o, q' se attribuem a N. Rmo. Ex-Gal., Fr.
Cypriano de Mendonça. Eu as-julgo serem do Rmo. Ex—
Proval., Fr. Cypriano de S. Bento, e entro a expôr o motivo,
q' tenho p.^a assim o-suppôr. Em tempos antigos tivemos Lar-
gas disputas com Balthazar. Glz' sobre hum pedaço de terra em
Mossurepê no Lugar chamado Partido dos Camelos de q' se
originaraò mtas. demandas; e isto depois q' o Rmo. Fr. Cy-
priano de S. Bento tinha comprado huma legoa de terra a Mar-
tha da Fonseca em 1. .9 tempo de sua primr.^a Abbadia. Naò
.. memmoria do tempo, q' ellas começaraò; mas o author das
das. . . .ens diz; = q' tiveraò origem logo depois do anno de
1609. Certante, durou a cauza principal athê o anno de 1629,
tempo, em q' o Ouvidor Joaó de Almeida deo a sen-
tença, e de q' appellamos p.^a a Relaçao da Bahia.

Antes da d.^a sentença, digo, antes de se dar a sentença
foraò formadas as das. rezoens p.^a serem offerecidas ao Mi-
nistro, como memorial p.^a o — informar, e fazer entender as
duvidas sem ter elle o trabalho de revolver, e ler tantos autos,
q' andavaò appensos. Isto só podia fazer qui. os — manuzia-
va, e os — tinha creado. Quem melhor, q' o Rm.^o Fr. Cypriano
de S. Bento, q' cá estava, e os — tinha começado? O Rmo.
Ex — Gal. Fr. Cypriano de Mendonça nunca veio á este Bra-
zil, e na quelle tempo poderia estar nos seos estudos da Uni-
verside., ou nas Cortes de Madrid, ou Roma, como se diz no
E. . . .o de sua vida.

Nas das. rezoens narraò-se varios factos, q' naò se podiaò
mandar a Portugal, e vir de lá formado o memmorial p.^a ser
apresentado ao Ministro, quando fossem os autos p.^a a conclu-
zaò: envolvem-se nelle varias materias, q' pouco antes se ti-
nhaò tratado sem conceder tempo de avizar p.^a o Reyno, e es-
perar pla. resposta. Outras mtas. circumstancias me — fazem
suppôr, q' o author dellas hê N. Rmo. Ex—Proval. Fr. Ci-
priano de S. Bl.^o, e q' o engano do nome fez suppôr ao Pe.
Fr. Bernardo da Encarnam. serem feitas plo. N. Rmo. Ex—
Gal, Fr. Cipriano de Mendonça.

O sobred.^o Rmo. Fr. Cipriano de S. Bl.^o havia acabar o
triennio do seo governo por todo anno de com pouca dif-
ferença; por q' em 14 de Junho deste anno foi elle creado Pro-

Elog. a fl. 78.
e seguintes

Tomb. a fl. . . .

Elog. II. 245

val. p.^a esta Prov.^a, como diz Fr. Thomaz de Aquino no seo L.^o Naó há memmoria alguma, q' elle voltasse p.^a Portugal; .aó frequentes os enganos do Pe. Fr. Bernardo da Encarnam. Eu julgo, q' elle falleceo cá na Prov.^a, e q' foi enterrado na Capella de S. Gonçalo de Mossurepe na quella sepultura q' diz... Fr. Bernardo tinha campa de pedra e jazia nella Fr. Cipriano de S. Bl.^o

Elog. II. 443

Eiet. fl. -04

12.^o Prelado, e 9.^o Abbe. nos annos de 1618 athê 21

O M. R. Pe. Fr. Anselmo de Jezus foi eleito D. Abbe. deste Mostr.^o na Junta, q' se fez em 13 de Março de 1618 sendo Gal. o Rm.^o Fr. Mauro de Sant-Iago. Naó consta, qd.^o tomou posse; mas sabemos, q' governou athê o anno de 162. com pouca differença; por q' em 10 de Abril do d.^o anno elle por seo Procor. bastante o Rd.^o Pe. Fr. Romualdo da Vizitagaó fez huma escritura com Antonia Vaz, e seo marido Mel. de Chaves, na ql. obrigarão ao Mostr.^o a dizer duas missas rezadas em cada semana p.^a sempre; huma pela mulher e outra pl.^o marido por humas cazas sobradadas, q' elles tinhaó na rua do Janiense, e fazia canto á rua, q' vinha a sahir á S. Pedro Naó temos memmoria de q' se comprisse neste Mostr.^o semelhante Legado. A taboa da Sachristia o naó declara: hê prezumivel, q' as das. cazas padeceraó da mesma sorte das q' foraó destruidas no tempo dodez mas os chaós dellas nós prezentemente, possuimos.

Bez. 2.^o

Tomb. a II. 66

Por mtos. annos foraó os dos. chaós aforados a varias pessoas, e conciderando Nós, q' naó deviamos receber todos estes foros, ordenou-se na Viz.^a do Rmo. Ex — Proval. Fr. Lourenço da Expec. .çaó Valada... = Que tudo qt.^o se tivesse recebido de das das. cazas (extrahida a quinta pte. conforme a Ordenaçaó do Reyno) se mandasse dizer em missas pelas almas dos Contratantes. Assim se vai cumprindo athê o prezte; e os declarados chaós ficaó onde faz canto a rua, q' vem p.^a a Igreja Matriz de S. Pedro .a p.^ate direita, e mt.^o proximos á Capella do Snr.^o do Bom fim.

L.^o das Viz.
a II. 74

... II. 24

Parece-me, q' neste triennio começaraó as duvidas com o Vig.^o da Fregz.^a de S. Lourç.^o, q' nos — queria impedir a administração dos Sacramentos á nossos escravos na nossa Ca-

pella de S. Gonçalo de Mossurepe; plo, qual motivo emanaraõ as Inibitorias, de q' abx.^o fallaremos. Naõ descobrimos outras operaçoens deste Prelado neste tempo do seo governo.

13.^o Prelado, e 10.^o Abbe. nos annos de 1621—22—23—24

Bez. 2.º
Tomb. a fl. 64

O Rmo. Pe. Ex-Proval., Fr. Angelo d'Azevedo, foi eleito primr.^a vez D. Abbe. deste Mosteyro na Junta, q' se fez no Porto, onde elle era Conval. em 16 de Junho de 1620 sendo Gal. o Rmo. Fr. Martinho da Apresentação. Ignoro, quando tomou pösse do governo deste Mostr.^o; mas sei, q' lhe-servio de Prior o Rd.^o Pe. Fr. Mauro do Rozario. Em 8 de Novbr.^o de 1623 lhe—o. Franco. Dias Delgado por escritura publica o foro de vinte . . . rs. em humas cazas p.^a o effeito de se—dizere[m] duas Capellas de missas semanarias, dizendo-se duas em cada semana, e podendo ser seria huma na sexta fr.^a, e outra no sabbado por sua alma, e de sua mer. Catharina Morêna, e isto em qt.^o o mundo durasse. Naõ tenho noticia de q' se cumprisse este Legado, e antes me persuado, q' á elle nunca se deo principio; por q' na d.^a escritura se declara, q' ellas haviaõ de começar depois do dia de S. Joaõ Bautista do anno de 1628: e como da hi a hum anno, e sete mezes tomou o O. . . .ez a terra, e se destruiroã as cazas, de q' elle mandava receber o foro p.^a pagamt.^o das Missas, prezumivelmte. tudo se malograria.

Tomb. a fl. 72

O d.^o Rmo. Prelado ainda governava este Mostr.^o em 21 de Abril de 1624. Neste dia, e anno aforou á Mel. Ferndes, armeiro, ou lhe passou aforamt.^o de 8 braças de terra na rua do Varadoiro p.^a nellas fazer cazas por preço de seis mil rs. tendo cada braça nove palmos, e confrontavaõ as oito braças da pte. da rua com cazas do mmo. Mel. Frz'. , e da outra com chaõs de Maria Figueira, e por detraz . . .ve braças athê chegar a os chaõs deste Mostr.^o, e foraõ os dos. chaõs havidos de Mel. Lopes, e sua Mulher Maria dos Reys. Supõnho, q' neste triennio morreo Martha da Fonscea, q' nos-linha vendido a legoa de terra em Mossurepe, por q' este Prelado foi o q' começou a cumprir os Legados da d.^a defuncta. Para este comprimt.^o deixou-nos ella em seo testamt.^o de terra com toãas suas bemfeitorias, q' ficavaõ pegadas a legoa de terra, q'

nos-havia vendido. A verba do Testamt.^o vem no Tombo do Mostr.^o Tomb. a fl. 75

No governo deste Prelado chegou huma Inibitória Apostolica a favor deste Mostr.^o contra o Vigr.^o Geral de Parne.^o sobre a administração dos Sacramtos. em nossas Vigararias, ou Fazdas. Foi passada em 25 de 7br.^o de 1622. Veio mais outra do Auditor da Rota taõbem a favor do Abbe., e Monges de Parne.^o contra Anto. Teixr.^a Administrador, e Anto. Simoens, vigr.^o Gal. pelo mmo. sobred.^o motivo: esta foi passada em 15 de Abril do mesmo anno de 1622. Ambos estes originaes se conservaõ na gaveta 1.^a do nosso Archivo. Naõ tenho outras noticias do 1.^o governo deste Prelado, e somte. . . . elle o—finalizou antes de 27 de Agosto de 1724, por q' neste dia encontro operaçoens de seo Successor, Fr. Placido das Chagas.

Arch. do Moste.
teir.^o Gav. 1.^a

14.^o Prelado, e 11.^o Abbe. nos annos de 1624—25—26—27

O M. R. Pe. Fr. Placido das Chagas eleito p.^a D. Abbe. deste Mostr.^o no Cap.^o, q' . . . acabou de celebrar em . . . no de 1623, sendo Gal. o Rmo., Fr. Anto. dos Reys, entrou a governar esta caza em algum dos dias, q' mediarão entre 12 de Abril athê 23 de Agosto de 1624. Elle tinha sido sanado do impedimt.^o, q' tinha por ser filho de Clerigo. Temos documtos., q' o—mostraõ governar nos annos de 1624=25, e athê 27, em q' já devia ser Prezidente, e naõ Abbe. Elle com seo Convt.^o em 23 de Agosto do d.^o anno de 1624 nomearaõ seo Procor. bastante ao Rd.^o Pe. Fr. Bento da Purificaçaõ p.^a tomar posse das cazas, q' D. Izabel de Carvalho deixára em seo testamt.^o p.^a de seo rendimt.^o dizer se huma missa semanaria á sexta fr.^a por sua alma, e de seo marido. Fica . . . as das. cazas na rua da Sarralheira (hoje Mathias Ferr.^a) onde morava Mel. Nunes de Lx.^a, q' rendiaõ quarenta mil rs. De necesside. haviaõ ellas entrar na destruiçaõ Ola . . . a, e por isso espi . . . a obrigaçaõ do Legado.

Bez. 2.^o

Tom. a fl. 105

No 1.^o da Sachristia vem hum Legado de 8 Missas em cada hum anno pela alma de D. Izabel de Carvalho, q' será diverso Legado do q' assima se declara: eu athê agora naõ tenho encontrado a sua origem: persuado-me será alguma compensaçãõ

dos foros, q' o Mostr.^o receba dos chaós, em q' estiveraó as das. cazas. Se isto assim for, ha-de ser necessario reformar as tençoens; por q' o marido o Licenciado Martin Vaz de Moura tinha igual direito na proprie., e o Legado se assentou p.^a marido e mulher.

Naó me-possó dispensar de advirtir o notavel erro, q' en. . . . rei no treslado da posse das sobredas. . . . zas, q' vem no Tombo . . . Mostr.^o Eu o— exponho.

O Pe. D. Abbe., Fr. Placido das Chagas em 3 de Agosto de 1624 fez petição p.^a se-lhe dar posse das cazas de D. Izabel de Carvalho q' pertenciaó ao Mostr.^o, segundo constava do escrito do Coronel Ambrozio Machado de Carvalho, genro da defuncta D. Izabel de Carvalho, q' taó bem ajuntava. Mandou se dar a posse, e a—tomou em 23 de Agto. do mesmo anno de 1624. Ora qm. naó vê, q' este escrito do d.^o Coronel de necessidade. havia ser anterior á declarada posse? Pois naó hê assim; o escrito tem a data de 13 de Agosto de 62. Naó pôde ser do anno de mil, e seis centos pela razaó apontada: taó bem naó pôde ser do anno de mil, e quinhentos; por q' se já entaó D. Izabel era nascida, e ainda vivia, naó existia entaó Religião de S. Bt.^o neste Brazil, p.^a o ql. viemos de mil e quinhentos, e oitenta, e hum por diante. Assentemos pois, q' houve engano nos escriptaens, ou naó entenderaó a conta.

O d.^o Prelado em 22 de Maio de 1625 comprou a Diogo Verzoza huns chaós com dois palmos de Largo, e dez de fundo por preço de quinze mil rs; elles estavaó na rua de Joaó Affonso (hoje rua do Aljube) e entestavaó de huma pte. com cazas do d.^o Diogo Verzoza, e da com as q' o Mostr.^o tinha na nma. rua. Em 30 de 8br.^o do segte. anno de . . . 26, mandou por seo Procor. o Pe. Fr. Mauro Ferr.^a Lançar nas notas do Tabbelliaó Simaó Varella a escriptura de oitenta braças de terra, q' em o anno de 1615 o Rmo. Fr. Cipriano de S. Bento tinha comprado a Maria de Mendonça, e sua irman Magdalena Furtada nos Limites de Maciape, e quinhentas, e sincoenta braças alem do Meritibi, destrieto de Itamaracá.

Por supplica, q' o d.^o Prelado fez a os herdeiros de Gorge de Albuquerque, se abat. a renda da pensaó do Eng.^o de Mossurepe reduzindo a dezaseis arrobas de asucar bre.^o postas na balança do Re. pelos tantos por cento, q' devia o d.^o Eng.^o pagar: isto foi em Abril de 1627. Taó bem neste anno acabou de dar contas do testam.^o de Marilha da Fonseca, q' tinha começado seo antecessor, Fr. Ang. . . . de Azevedo. As memmorias antigas nos — mostraó, q' durou este governo athê 15 de Maio de 1627. Neste mesmo dia, achou-se o d.^o Prelado ao

Tomb. . . . 150

Arch. do
Mostr.^o

Tomb. a II. 182

Tomb. a II. . .
Chart. do
Mostr.^o

arruamt.^o das cazas, q' temos junto a S. Pedro Martyr buscando a rua da Serralheira, q' hê a q' vai do Carmo p.^a os quatro cantos, q' agora chamao de Mathias Ferr.^a Naó descobrimos outras memmorias deste Prelado, e sô sabemos fora Abbe. da Bahia em 1633.

Tomb. a fl. 7

15.^o Prelado, e 12.^o Abbe. nos annos de 1628—29—30

O Rmo. Ex— Proval., Fr. Angelo de Azevedo foi segunda vez eleito D. Abbe. deste Mostr.^o na Junta q' se celebrou em 6 de Julho de 1628. Naó sabemos qd.^o tomou posse; mas certamente. havia ser 15 de Maio de 1627 p.^a diante. Neste triennio seis mezes antes do Olandez tomar a terra o Ouvidor Joáo Soares de Almeida proferio sentença contra o Mostr.^o na quella cauza, q' a mtos. annos traziamos com Balthazar Glz.^o sobre certas terras do Eng.^o de Mossurepe. Apellamos da d.^a sentença p.^a a Reliaço da Bahia, e estando se tresladando os autos foi tomada a Cide., destr. . . . as cazas, os Chartorios queimados, a gente fugida, o governo, e a justiça retirado p.^a o arraial de Parnamerim, q' dista mais de duas Legoas desta Cide. No meio desta confuzaó, e triste catastrophe de Olinda houve accordo entre os nossos de salvar, e pôr em seguro varios papeis, e titulos do Mostr.^o

Bez. 2.^o

Em 15 de Maio de 163. foi o Procor. do Mostr.^o Fr. Balthazar dos Reys ao arraial de Parnam. rim protestar ao m. . . . iro; = q' da caza do eserevente tinhaó dezaparecido os autos, e q' naó sabiaó, se estavaó perdidos, e q' por isso naó devia passar o tempo da appellaço, nem a pte. poderia alegar alguma prescripço.

Tom. fl. -67

Naó temos mais noticias deste Governo; porem sô sabemos, q' governando o d.^o Rmo. Prelado falleceo na Bahia o actual Proval., Fr. Diogo da Silva; e na Junta intermedia, q' se fez no Mostr.^o do P. . . . o em Dezb.^o de 1629 o — elegeraó p.^a Proval. desta Prov.^a, e como o Olandez tomou esta terra em Fever.^o de 1630 evidentemente, e. . . . Rmo. Fr. Angelo de Azevedo D. Abbe. deste Mostr.^o, qd.^o cahio nas maós do inimigo. Persuado-me, q' Logo se retirou p.^a a Bahia, e q' seo Sucessor com a mayor pte. dos Monges fugiraó p.^a os Engos. Este foi o 3.^o Abbe. de Parnambuco, q' passou a governar a Prov.^a

Bez. 2.^o

**16.^o Prelado, e 13 Abbe. nos
annos de 1629=30=31**

O M. R. Pe. Fr. Manuel da Resurreição foi eleito D. Abbe. deste Mostr.^o na Junta intermedia, q' se fez na Cide. do Porto no mez de Dezbr.^o de 1629 por motivo de vir feito Proval. e Prelado desta caza por fallecer na Bahia o actual, como assima dissemos. Nos papeis deste Mostr.^o não achamos memmoria alguma deste Prelado. Supomos, q' tomou posse; por q' foi reeleito no segte. triennio, como abx.^o veremos. Hè mt.^o presumivel, q' elle, e os Monges de sua communide. com alguma coiza, q' puderao levar do Mostr.^o se passarao p.^a nosso enge-nho da Mata chamado Mossurepe, (q' era o unico, q' entao tinhamos), e dista dez legoas desta Cide.: aqui diz o Pe. Pr. Gal., Fr. Bernardo da Encarnam. no prologo do seo Dietario viverao sempre em corpo de Communide. Nada mais podemos dizer deste Prelado.

**17.^o Prelado, e 14 Abbe.
nos annos de 1632=33**

O Sobred.^o M. R. Pe. Fr. Manuel da Resurreição foi reeleito D. Abbe. deste Mostr.^o destruido em 17 de Maio de 1632. Persuado-me, q' Largou a caza, e nomeou Prezidte., q' abx.^o veremos, e taobem renunciou o governo do Mostr.^o, como Logo veremos.

**18.^o Prelado, e 4.^o Prezidte.
no anno de 1634**

O M. R. Pe. Fr. Anselmo da Trinde. governou como Prezidte. . .te Mostr.^o em 1634; temos documt.^o, q' assim o— mostra. Elle no d.^o anno tinha sua rezide.^a na Capella de S. Gonçalo do nosso Eng.^o de Mossure. Elle Lá estando foi pes—

soalmente, embargar huma demarcação, q' se fazia em 20 de 7br.^o do d.^o anno nas terras do Itanhenga, como se pode ver no Tomb. n.^o 206. Não temos alguma outra memmoria do tempo desta Prezide.^a

19.^o Prelado, e 15.^o Abbe. no anno de 1634

O M. R. Pe. Fr. Ignacio da Costa foi eleito Abbe. deste Mostr.^o por ...uncia, q' delle tinha feito o M. R. Pe. Fr. Manuel da Resurram. na Junta celebrada em 5 de 9br.^o de 1634. Não temos documt.^o, q' dê noticias deste Prelado, q' elle, e alguns de seos antecessores, e successores se podem todos conciderar Abbes. titulares. Bezer. 2.^o

20 Prelado, e 16.^o Abbe. nos annos de 1635=36=37

O M. R. Pe., Fr. Ignacio de S. Bl.^o (e não sei se hê o mmo., q' em cima tem o sobrenome de Costa) foi eleito D. Abbe. deste Mostr.^o em o Cap.^o Gal. de 1635. Elle estava neste Brazil; mas não temos documt.^o algum, q' nelle falle. Bez. 2.^o

21.^o Prelado, e 17.^o Abbe. nos annos de 1638=39=40

O M. R. Pe., Fr. Placido da Veiga foi eleito D. Abbe. p.^a este Mostr.^o na Junta, q' se celebrou em 17 de Maio de 1638. Taóhem neste não fallaó os papeis deste Mostr.^o Bez. 2.^o

**22.º Prelado, e 18.º Abbe.
nos annos de 1641=42=43**

O M. R. Pe. Fr. Anselmo da Trinde. eleito p.^a D. Abbe. desta Caza na Junta celebrada em 24 de Maio de 1641, entrou a governar este Mostr.^o; mas ignero o qdo., e me-persuado, q' elle desde o tempo de sua Prezidca., q' foi no anno de 1634 athê o prezte. sempre governou a caza com o seo constante zelo ainda comprehendendo todo o tempo dos tres Abbes. atraz declarados. O testam.^o de D. Izabel de Albuquerque no. declara, q' elle lhe— fizera varias assistencias sendo Prelado no anno de 1643 pela obrigam., q' tinha o Mostr.^o p.^a o—fazer conforme a escritura, em q' atraz fallamos. As das. assistencias foraó feitas na Bahia p.^a onde a d.^a Snr.^a foi obrigada a tranzitar. Faz admirar a grandeza do coraçáo deste Prelado; pois entre tantos trabalhos, e indispensaveis necessides. de hum tempo taó calamitozo nunca perdeo de vista beneficiar esta nossa bemfeitora. Naó encontro outras memmorias deste seo primr.^o triennio, e já entro a tratar do segd.^o, ou de sua reeleiçáo.

**23.º Prelado, e 19.º Abbe.
nos annos de 1644=45=46=47**

O M. R. Pe., Fr. Anselmo da Trinde. foi reeleito Abbe. deste Mostr.^o na Junta Gal. celebrada em Tibaens em 29 de Julho de 1644. Os documtos. do Mostr.^o mostraó a este grde. Prelado governar desde o anno de 1644 athê 47 com pouca differença acompanhando sempre a os Monges ja em Mossurepe, ja em Tapacorá, e talvez taóbem em Una, como Prezidte. e como Abbe. Pode ser, q' deste zelo informados os P.Pes. da Congregam., e taóbem q' os Monges deste Mostr.^o destruido formavaó corpo de Communide. ou em Mossurepe, ou em Tapacorá, e finalmte. em Una, p.^a onde os— retirava o furor Olandez se rézolvessem a nomealo Abbe., e reelegelo por ser companr.^o fiel, e inseparavel desses fugitivos Religiozos.

Em o L.^o de Concelhos do Mostr.^o da Bahia vem hum Concelho feito em 2 de Margo de 1647, q' contem o sgte. = E Logo propoz o N. Pe. D. Abbe. a os P.Pes do Conc.^o; Que o Abbe.

Bez. 2.º

Charth.

Testam. de D.
Izab. de Alb.

Bez. 2.º

L.º de Conc.
da Bah.

de Parne.º o M. R. Pe., Fr. Anselmo da Trinde. em huma carta sua lhe-pedia fizesse deligencia por fretar hum barco, e mandalo a Nazareth p.^a nelle se retirar com os negros, alguns asucares, e mais moveis, q' pudesse trazer, e q' p.^a este negocio mandava o Pe. Fr. Bento da Cruz, q' se achava na quelle Mostr.º da Bahia; pois se havia pôr o fogo a campanha de Parnambuco segd.º o avizo, q' o d.º D. Abbe. tivera por recado dos Mestres de Campo = Aqui temos huma memoria do tempo do Governo deste Prelado. Estes cuidados não enfraquecião o animo, q' elle tinha p.^a o augmento do patrimonio desta Caza, e taóhem p.^a fundar nas terras de Tapacorá hum Hospicio sufficiente p.^a accomodaçãõ dos Monges. Em nossos tempos ainda se vem vestigios do d.º Hospicio.

Em a Fazd.^a de Jagoaribe, q' dista tres legoas desta Cide. comprou por cem mil rs. hum partido de canas a Paulo de Almd.^a Snr. q' era do Eng.º de Jagoaribe; e se passou a escritura em 26 de 9br.º de 1647. Na d.^a eseritura se declara, q' as terras acabaõ onde começaõ as do Eng.º do Inhamam. O Rmo. Pe. Me. Fr. Bernardo de Braga, (q' hê qm. lhe-succedeo no lugar de Abbe. foi .. ajustou esta compra, e fez passar eseritura em virtude da procuram. Prelado, q' entaõ rezidia em Mossure., como elle mmo. declara na sua procuram. Em 29 do mez de 8br.º do mmo. anno mandou Lançar nas notas as Verbas do testam.º de Ignez de Olivr.^a, q' nos—deixára certos Legados e o seo sitio em Jagoaribe, contiguo ás terras do Mostr.º Saõ as memmorias, q' achei deste governo.

Tom. a fl. 152

Tom. a fl. 162

24.º Prelado, e 20 Abbe. nos annos de 1648=49=50=51

O Rmo. Pe. Me. Ex — Proval. Fr. Bernardo de Braga foi eleito D. Abbe. deste Mostr.º na Junta, q' se fez em Rundaye em 26 de Setembro de 1647 sendo Geral o Rmo. Fr. Miguel de S. Boaventura. O q' obrou, e passou este Prelado nos annos de seo governo occultou o tempo: elle de necessity. havia rezidir naõ já no Eng.º de Mossure., q' estava occupado do Olandez; mas sim em Tapacorá, ou na Ipojuca por serem partes mais distantes e mais commodas p.^a fugir p.^a a Bahia, quando fossem acometidos do inimigo. Os sobresaltos,

Bez. 3.^a

e sustos haviaó de acometer com frequencia seo espirito: a vida havia de ser triste, e bem abundante de miserias. Estava elle no d.^o Hospicio da Ipojuca, qd.^o lhe—chegou a Patente .. Proval. desta Prov.^a Assim o afirma o Pe. Fr. Bernardo da Encarnam., segundo o q' constava do pedaço de hum L.^o de Vizitas, q' diz, q' o — vira no nosso Archivo, onde já não existe.

Assim q' tomou posse na Bahia do Provincialato mudou Logo os Collegiaes daquelle Mostr.^o grde. p.^a as cazas da Itapuan em qto. se não acabava o Collegio da Graça. Visitando elle o Hospicio da V.^a de Santos, (q' se tinha fundado no triennio antecedente) trabalhou p.^a vencer a demanda, q' os Religiosos Franciscanos tinhaó posto com o intento de impedir nosso estabelecim.^o na quella V.^a, e praça. Este foi o 4.^o Monge, q' acabando de Abbe. deste Mostr.^o passou logo á Proval. P.^a evitar equivoçaçoens devo Lembrar, e advirtir, q' na Prov.^a houveraó dois deste mesmo nome: hum era Me., e outro sô Pregador: o Pr. foi só Abbe. da Bahia, e governou aquelle Mostr.^o em 1642, qd.^o era Proval. o Rmo. Fr. Damazo da Silva, q' taó bem foi Gal. O Me. foi Abbe. de Parne.^o, e immediatamente, eleito Proval. desta Prova., e depois taó bem eleito D. Abbe. da Bahia, q' não chegou a governar; por q' morreo, e lá foi sepultado.

25.^o Prelado, e 21.^o Abbe. nos annos de 1652=53=54=55=56=57

O Rmo. Pe. Ex—Proval. Fr. Diogo Rangel foi eleito D. Abbe. desta caza na Junta de Tibaens celebrada em 27 de 7br.^o de 1651 sendo Gal. o Rmo. Fr. Franco. dos Reys. Este memmoravel, e nunca assaz Louvado Fr. Diogo Rangel natural da Cide. do Rio de Janr.^o foi qm. succedeo á N. Rmo. Ex—Proval., Fr. Bernardo de Braga. Eu prezumo, q' elle tomou sua posse no Oratorio de S. Bl.^o da Ipojuca, por q' seo antecessor lá teve a noticia do Provincialato, segundo o q' escreve. Pe. Pr. Gal., Fr. Bernardo. Havia de ser no anno de 165.; por q' taó bem seo antecessor tomou posse do Provincialato no Mostr.^o da Bahia em 6 de Janr.^o de 1652, e p.^a La não podia partir se não em dias do anno de 1651.

L.^b 1.^o dos
Conc. da Bah.

Chart. de St.^o

Bez....

Det. a II. 9

A provideca. guardou este Prelado p.^a restaurador deste Mostr.^o; elle o — reedificou, reformou, e restabeleceo no mmo. Lugar antigo, e sitio, em q' agora existe. Naó tivemos o gosto de Ler seo estado; por q' nossos antepassados naó sabião estimar as coizas boas: o Pe. Pr. Gal., Fr. Bernardo da Encarnam. o— Leo, e vio, q' nelle dizia-se = q' tinha governado esta caza cinco annos menos hum mez =, e assim havia ser por q' da Junta de 1651 á Junta de 1656 mediárao cinco annos. Elle teve o gosto de ver restaurada esta Capitania em 27 de Janr.^o de 16.. q' era o tercer.^o com pouca diferença, de seo governo. Talvez concórresse p.^a esta Liberdade., e certamente. naó fez pouco em dar hum Capellaó p.^a o exercito, q' foi o Rmo. Fr. Joáo da Resurreiçaó, vulgo **Poeira**; por q' frequentemente. animava os soldados dizendo; = filhos. e amos. tende a Ds. nos coraçoens, e o mais tudo vá n'uma poeira = O Pe. Pr. Gal. Fr. Bernardo da Encarnam. faz a este **Poeira Proval**. creado nos Capitulos feitos Nesta Prov.^a no tempo da separaçáo: Eu suponho q' elle naó foi cá feito, mas sim q' veio nomeado no primr.^o breve da separaçáo, e certamte. qd.^o elle se assigna, hê com o appellido de **Proval. Apostolico**. Como se vê em varios Los. do nosso archivo.

Elog. a fl. 4-

1654

Diet.a fl.

Em 6 de 9br.^o, digo, de Março de 1654 fez este Prelado huma justificaçaó, em q' mostrou q' as cazas q' hoje temos na rua das Criólas, em q' Gorge Lopes, e sua mer. Izabel Cardoza conservou trezentos mil rs. p.^a huma missa semanaria por suas almas eraó nossas e dellas tomou posse no mmo. anno. Destas cazas já fallámos, quando tratámos do segd.^o triennio do Rmo. Fr. Paulo Peixoto. Já atraz dissemos, q' Franco. Dias Delgado tinha estabelecido o Legado de duas Capellas de missas semanarias, das. pr. sua alma, e de sua primr.^a mulher Catharina Morçna, p.^a as quaes . . plicou o foro de vinte mil rs. q' suponho naó teve effeito por se—destruïrem as cazas com a tomada, . . .trada do inimigo Olandez. Agora o mmo. Capam. Franco. Dias Delgado neste triennio, e no anno de 1656 deo setecentos mil rs. . . gado, e dnr.^o p.^a outro Legado de duas missas semanarias p.^a se dizer huma p.^a sua alma, e outra pl.^a alma de sua segd.^a mer. Paula Moreira, e isto perpetuamte., ou em qt.^o houvesse Mostr.^o e Igreja ne... Olinda. De tudo se fez escritura q' vem no Tombo do Mostr.^o

Arch. do Most.
tr.^o
Gav. 1.^o... N.^o 5

Das duas escrituras assim apontadas venho a saber q' e d.^o Capam. Franco. Dias Delgado fora duas vezes cazado; e q' Catharina Mor... primr.^a mer. tinha interesse na primr.^a escritura, e Paula Moreira segd.^a mer. só interessava na segd.^a

Isto posto examinemos agora se ambos os Legados se cumprem.

No L.^o da Sachristia se declara, q' temos obrigam. de dizer em cada huma semana huma missa pl.^a alma do Capam. Franco. Dias Delgado, e outra pla. alma de sua mer. sem declarar o nome. Persuado-me q' devemos estar pl.^a obrigam. da segd.^a escritura; por q' esta **primó** hê de duas Capellas, e aquella de todas as semanas: 2.^o por q' a primr.^a escritura, e obrigam. foi pouco antes do Olandez tomar a terra, e destruir as cazas, em q' estava estabelecido o foro p.^a as duas Capellas de missas; e destruido este espira taóhem a obrigam. Hê prezumivel, q' o Capam. Franco. Dias Delgado, q' sobreviveo á restauraçó vendo extinctas as suas primras. Capellas de Missa instituisse segundas, e obrigou o Mostr.^o com os setecentos mil rs., q' deo em dnr.^o, e gado: e como na segd.^a escritura só se Lembrou da segd.^a mer., Paula Moreira parece, q' esta, e não Catharina Morêna hê qm. deve participar da missa semanaria, q' satisfaz a Sachristia deste Mostr.^o Isto hê, o q' a mim .e parece, outros poderaó pensar melhor.

Em o principio deste seo triennio procurou, e conceguiu felismte. cobrar da Fazd.^a Real a ordinar.^a q' El Rey costumava pagar as Communides, Religiozas, e este Mostr.^o já não receb. desde q' o Olandez aqui entrou. Em 6 de 9br.^o de 1656 fez doaço da Capella dos Prazeres dos Gararapes o Me. de Campo Genal. Franco. Barreto, e taóhem de todos .os pertences, como se pôde ver na escritura, q' vem no Tomb. Obrigámo nos a fazer a festa de N. Snr.^a dos Prazeres no seo dia com Vesperas, e Missa cantada, e Pregaçáo; e a Missa seria dita pelo Prelado podendo ser, ou outro Religiozo mais antigo, e grave. Item diriamos huma missa . . . tidiana rezada; a saber, nos Domingos, e dias Santos, infallivelmte, se haviaó dizer na d.^a Capella dos Gararapes, e as mais ou na Capella,

... (Faltam as folhas da Chronica que tratam dos Prelados que governaram o Mosteiro desde 1658 até 1684 — Vêr o apendice)

Não dizem mais os dos, autos rontos, e velhos: aqui finalizaraó asdoens, q' mandou tresladar em publica forma o Pe. D. Abbe. Fr. Antonio Ozorio; e aqui taóhem acaba-raó todas as noticias deste Prelado. Eu tenho por certo q' elle falleceo no ultimo anno de seo triennio, e julgo seria no principio de Fever.^o do anno de 1686; por q' seo Prior o

Tomb. a fl. 88

Tomb. a fl.

Pe. Fr. Pedro da Cruz entrou a fazer os gastos do Mostr.^o, como Prior Prezidte. em 12 do d.^o mez de Fever.^o segundo consta do l.^o do gasto q' hê o unico desse tempo, q' ainda se conserva. Sem duvida elle ainda vivia em 19 de Agt.^o de 1685, como se pôde ver no l.^o velho do Noviciado. O Prezidte. eleito depois de sua morte traz no seo l.^o do gasto o segte. assento, = por onze mil rs., q' se pagou a Vicente Carvalho do Re. por resto do paaõ de linho do tempo de N. Pe. D. Abbe., q' Ds. tem, Fr. Anto. Ozorio: 11\$000 = Este assento foi feito em 31 de Julho de 1686, e dá toda a certeza de ser fallecido o d.^o Prelado. Naõ hã memoria, q' mostre, ou diga, onde foi sepultado; pode ser, q' as bulhas da Prov.^a athê isto occultassem.

L.^o do Gas.
do Prior Prez.
Fr. Ped o da
Cruz.

L.^s do Novic.
L.^o do Gasto

Neste mmo. triennio, ou no anno de 1685 falleceo em Portugal no seo 3.^o Generalato o Rmo. Pe. Me. Fr. Jeronimo de SanTiago, q' tanto pugnou plo. dirt.^o de conservar esta Prov.^a sempre sujeita á Congregam. Já dicemos, q' o Rmo. Pe. Me. Fr. Ruperto de Jezuz chegãra a esta Cap.^a de Parn.^o neste mmo. triennio: agora acrescento, q' totalmte. ignoro o tempo, q' cá rezidio, ou se demorou, nem se assistio no Mostr.^o, ou fora d'elle. Prezumo assistiria em algum dos convtos. extranhos ou na Capella do Monte, e q' sem mta. demora se retiraria p.^a a Bahia p.^a o fim de fazer Cap.^o e nomear por seo Successor o Rmo. Fr. Marcos do Desterro. Elle naõ podia ainda deixar cá as coizas mt.^o bem arrunadas; mas haviaõ ficar mais inclinadas á sua parcialide.

40 Prelado, e 32 Abbe. em o anno de 1685

O M. R. Pe. Pr., Fr. Manel. do Nascimt.^o foi D. Abbe. deste Mostr.^o eleito na Junta, q' se fez nesta Prov.^a. Chegando Cide., ou ao Porto do Re. já no meio do triennio do D. Abbe. Fr. Anto. Ozorio, este de necessidade. Ihe-havia impedir a Suponho cá viveo mt.^o pouco tempo, pois chegando da B.^o em Julho de 1685 falleceo em Janr.^o de 1686.

41.^o Prelado, e 9.^o Preze. em o anno de 1686.

O M. R. Pe. Fr. Pedro da Cruz, Prezidte. deste Mostr.^o governou mt.^o pouco tempo esta caza, da ql. era Prior, . por morte do D. Abbe. continuou a governar, e fazer os gastos della de 12 de Fever.^o em diante athê a posse do novo Prezidte., q' se elegeo, em qm. adiante fallaremos. No tempo do governo deste Prelado, ou Prezidte. se mandou pôr em publica forma os serviços do Rmo. Fr. João da Resurreição Poeira, q' ainda se conservaó no Cartorio deste Mostr.^o Neste mesmo governo' comprou o Pe. Prezidte. huma sorte de terras em S. Bernardo com a extensaó de meia legoa pouco mais, ou menos por preço de dois mil cruzados em dois pagamtos. Ellas foraó compradas á Manoel Glz. Lobo, e sua mer. Theodozia de Faria Villar; declararaó na escritura, q' a sobred.^a sorte de terras trazia demanda com os officiaes da Irmande. do Mosteyrinho, ou Capella de S. Franco., e com a declaraçaó, q' no cazo q' esta a—vencessem, dos dois mil cruzados se havia abater por avaliacaó toda a terra, q' se lhes—julgasse. Naó consta q' os dos. Irmaóns tivessem sentença a seo favor, antes devemos presumir, q' sahio contra elles pelas velhacadas, q' depois fizeraó os Irmaóns futuros da d.^a Irmande.: entro agora a noticiar.

Depois de passarem mtos. ans. q' se nos—havia vendido a d.^a terra, e chegando Mel. Glz. Lobo a huma ide. decrepita comunaraó—se certos Irmaóns da declarada Irmande. de S. Franco., moradores no Páo do alho, e induziraó ao pobre velho a fazer huma escritura de doaçaó de quarenta braças de terra em quadra ficando a Capella no meio. Com todo o segredo se lavrou a escritura . . . Villa de Igarasú, q' naó hê districto do Páo do alho, e depois da morte do d.^o Manel. Glz. Lobo requereraó ao Ordín.^o, q' em virtude da quella escritura lhe—fizesse patrimonio canonico p.^a a d.^a Capella, e conseguiraó seo intento sem o Mostr.^o saber, ou o Pe. Administrador de S. Bernardo taó bem ignorar. Deixaraó passar mais ans., e já em nosso tempo requereraó ao Ministro secular lhe mandasse dar posse quart.^a braças de terra: de fato se lhes—deo sem sermos citados. Aqui sahimos, opuzemos á posse, e começámos a revindicar a terra. Teve o Mostr.^o sentença a seo favor, tomou posse judicial de tudo, e foi destruído o celebre patrimonio. A sentença foi proferida plo. Dor. Juiz de Fora, e das Capellas, João da Silveira no anno

Cart. do Mtr.^o

Tomb. a fl. 194

de 1781 sendo a primr.^a vez Abbe. deste Mostr.^o o M. R. Pe. Me. Fr. Manel. de S. Jozê Simoens. A d.^a sorte de terra começa no rio Tabaruna, q' corre pegado ao Eng.^o de S. Bernardo, e vai subindo o rio Capibaribe p.^a a pte. esquerda athê a povoação ão Pão do alho; prezentemente toda esta meia legoa pouco mais, ou menos, e mais o pedaço, q' desce p.^a bx.^o athê o rio Carrapixel, q' foi comprado a D. Vicencia de Sz.^a Rollim está tombada, e demarcada por Provizaó Regia. Naó descobrimos outras memorias desta Prezideca., e taó somte. no L.^o do Noviciado encontramos dois Novicos recebidos, dos quaes hum certante, foi despedido.

L.^o do Novic.

42.^o Prelado, e 10 Preze. no anno de 1686

O M. R. Pe. Me. Fr. Christovaó da Luz governou este Mostr.^o, como Prezidte. os mezes q' restaraó athê a posse do Abe. feito pela Prov.^a, em q' abx.^o havemos de fallar. Elle entrou a governar segundo o L.^o do g.^oto em Maio do anno de 1686. Nesta Prezide.^a falleceo da vida prezte. em 7 de Junho (?) do declarado anno o Conego Pedro Vaz Bello, Consor. de... Mostr.^o, q' mt.^o trabalhou pla. p.rcialide. da Congregam. Os nossos Religiozos lhe—fize... affectuozas demonstraçoens depois de seo fallecinto., e por ...o Luponho, q' o d.^o Prezidte. foi nomeado e escolhido pelos sequazes da parcialide. da Congregam.

L.^o do Gast.
desta Prezid.ca

Em 31 de Agt.^o de... ..nte anno pagou á Mel. Glz. Lobo 3988500 do valor da terra, onde está a Capella de S. q' tinhamos comprado a pagamto. em 19 de Abril quando prezidia o Pe. Prior, Fr. Pedro da Cruz, como assima dicemos. Nesse anno de 1686 se oprimia a Cap.^a de Paric.^o com a peste geral, q' lhe— deraó o nome de mal da bixa. Durou pois esta Prezideca. thê 11 .. Outubro, q' foi o dia, em q' o D. Abbe. feito, ou eleito no Cap.^o da Prov.^a tomou posse.

Tomb. a fl. 19-

43.º Prelado, e 33.º Abe.
em os annos de 1686, e 87

O M. R. P. P. Fr. Anto. . . Jezus foi eleito D. Abbe. deste Mostr.º no ultimo Cap.º Gal., q' se celebrou na B.ª quando taõbem foi eleito o Rmo. Pe. Fr. Leaó de S. B.º ultimo, e 4.º Proval. feito na d.ª B.ª, naõ entrando nesta conta o Rmo. Fr. Joaó da Resurreiçaó, q' foi ante. Proval. dos quatro declarados por Breve Pontificio. Elle foi o primr.º Prelado feito na B.ª, q' governou este Mostr.º com o caracter de Abbe. Antes de sua posse ainda encontrou alguma oppoziçaó. Elle chegou da B.ª em 26 de Agt.º de 1686, e se retirou Logo p.ª a Capella de N. Snr.ª do Monte onde esteve suprindo os gastos de seos companros. thê 11 de Outub., em q' veio tomar posse. Para este actõ naõ vieraó direitante. p.ª o Mostr.º, mas sim p.ª as cazas da Camara, onde o d.º l.º da Mordomia declara os gastos q' entaó se fizeraó na forma segt. = Em 11 de 8br.º gasto q' se fez com a gente nas cazas & = Em 12, primr.º dia do cerco gastou com os soldados sinco mil, e treztos. = Por mais dnr.º com 4 Sargentos, e alguma comedoria dois mil, e oito centos = Em Dom.º 1. de 8b.º gastou-se com . . soldos., e h. . pedes em comedoria 88420 = Do mmo. L.º da Mordomia consta q' já neste dia se deo esmola na portaria do Mostr.º Nomeou p.ª seo Prior ao Pe. Fr. Gonsal. da Concam.

Em Dezbr.º de 1686 chegou p.ª vizitar este Mostr.º o Rmo. Fr. Leaó de S. Bl.º, e elle hê qm. assignou os termos dos Noviços, q' entaó se admitiraó: foraó sinco os admitidos, e destes só tres perseveraraó. Em 13 de Fev.º de 1687. Pe. D. Abbe. Fr. Anto. de Jezuz comprou ao Lecenceado Diogo do Valle, testamentr.º de Joaó Voltri. cazas de tres sobradõs, q' o d.º Voltrim tinha no Re. por preço de mil Missas. Estas cazas saó as q' fazem canto da pte. do mar á rua dos tanueiros; ellas ficaó pegadas á aquellas moradas, q' estaó obrigadas á Missa quotidianna dos Gararapes, q' fazem frente p.ª a rua dos tanueiros, e taõbem p.ª outra rua, q' dantes se chamou rua do Sueulé.

Hum assento, q' vem no declarado L.º da Mordomia me— faz suppõr, q' este Prelado finalizou os dias de sua vida antes de 3 de Abril de 1687, e por esta conta unicamte. governou seis mezes com pouca rença. Elle era f.º de C.navezes;

L.º da Mord.
do anno de
1686.

Idem fl. 29

L.º do Novic.

Tomb. a fl.

L.º da Mord.
de 1686.

tinha sido Prezidte. deste Mostr.^o em 1674, como fica ja mostrado. Servio de companh.^o ao Rmo. Fr. Joaó da Resurreiçáo Pereira. Em todas es... occupaçoens... strou sempre seo raro talento, e prestimo. O Pe. Chronista, Fr. B... ardo da Enca... na vida, q' escreveo deste Prelado, q' vem no Dietario... mil... coherencias, ... falsides, q' nós agora reformamos.

Diet. Vid. de
Fr. Ant. de Jez.

44.^o Prelado, e 1.^o Prezide. no anno de 1687

O M. R. Pe. Fr. Gonsalo da Concama., q' era Prior do M. R. Pe. D. Abbe. Fr. Anto. de Jezuz ficou p.^r. morte deste prezidindo este Mostr.^o, e como Prior Prezidte, o—governou athê o mez de Maio, q' foi q.^{do} tomou posse o Prelado, q' se segue.

45. Prelado, e 34. Abbe. nos annos de 1687 || 88 ||

O M. R. Pe. Fr. Jozê da Trin.. governou este Mostr.^o como D. Abbe. delle feito pela Prov.^a. Depois do fallecim^{to}. do Pe. D. Abbe. F. Anto. de Jezuz de q.^m assima fallamos, supo... q' nesta Prov.^a sendo Proval. o Rmo. Fr. Leaó de S. B.^{to} se fez alguma eleiçáo intermedia, em q' se elegeo o Prelado, em q' entramos a fallar; e a rezão, q' tenho p.^a assim o—suppor, hê por ver q' o Pe. Fr. Jozê da Trinde., q' assistia nesta caza com o carater de Comisr.^o do Norte, logo em Maio de 1687 entrou a governar como D. Abbe. este Mostr.^o Este Prelado foi o primr.^o, q' tomou sua posse sem comp.^a, e assistencia de sold.^{os}; porem como foi o ultimo dos feitos nesta Prov.^a do Brazil, com elles fez sua despedida do Mostr.^o, q.^{do} vieraó dar posse a seo Successor, como ad... veremos.

N. tempo do governo deste Prelado, ou em 17 de Setembro de 1687, fêz huma escritura de compoziçáo a cerca de certas d... erenças, q' haviaó entre Nós, e o Proved.. da Fazd. ... al, Joaó do ... Barros, e seos irmaons, todos Snr.^{es} do Engo Tomb. a... d. Maciape, ... successores de Gonsalo Mendes Leitaó. Este foi o primr.^o fundador do d.^o Eng.^o de Maciape, o q.^l confina com

o nosso, q' se chama Mossurepe. Parece, q' a d.^a composição não foi agradável ao Pe. Fr. Bernardo da Encarnam; por q' falando nella, q.^{dº} escreve deste Abbe. diz: = q' com ella perdemos meia legoa de terra do nosso Eng.^o de Mossurepe =

Ora não ha mais livre dizer! Sô a ignorancia pôde desculpar ao d.^o Pe. a liberd.^e, com q' insulta á hum Prelado, talvez por parente do d.^o Provedor fizesse hum serviço ao Mostr.^o, q' outro algum não poderia alcançar. Neste parentesco occulta o d.^o Pe. o veneno da perda da Religião. Esta nota tem transcendido athè este nosso prez.^{te} tempo em alguns espiritos ligeiros, q' sô crêm, o q' ou.em, sem quererem ter o trabalho de examinar a origem das coizas. Estou bem certo, q' se o Pe. Fr. Bernardo lêra com attençaó a cismaria da legoa de terra de Mossurepe havia nella v. q' Maciape, ou Gonsalo Mendes Leitaó hê o q' no. havia dar a confrontaçáo p.^a o principio da legoa de terra de Mossurepe. Entaó não havia proferir huma composição taó . . . a, nem parecer taó ingrato ao zelo deste Prelado, e . . . serviço, q' fez a. Mostr.^o com a d.^a escritura de composição. Se . . . ira taó bem, q' a d.^a cismaria nos — manda começar a legoa de terra na foz do rio Mossurepe, onde faz barra no Capibaribe, e da hí começa a sobir a legoa, e q' o marco da composição dista do d.^o sitio p.^a bx.^o mais de hum quarto de legoa, não diria, = q' com ella perdemos meia legoa de terra do nosso Eng.^o de Mossurepe =

Este Prelado em fim com a escritura de composição, e demarcação fez hum grde. serviço á esta caza: sem ella athè agora ignorariamos, onde começavaó as terras de Mossurepe; sem ella seriaó infinitas as duvidas, e demandas, q' nos — quizesse pôr a caza de Maciape; sem ella finalmte. não poderia eu conseguir felizmte. por esta p.^{te} a tombaçáo, e demarcação, q' fiz das terras do d.^o Eng.^o de Mossurepe no 3.^o triennio de m.^{as} Abbadiás em fim por ella nenhum mal; mas m.^{to} . . . veio ao Eng.^o de Mossurepe, e ao Mostr.^o

Em todo o tempo . . . passei pelos olhos a sobred.^a passagem enchi-me sempre de furor, e raiva p.^{la} injustiça, e sem rezaó, com q' se vilipendiou . . . a operaçáo taó util. Não sou suspeito; por q' claram.^{te} todos sabem, q' não sou parente da caza de Maciape, nem com ella tenho amizade alguma.

Servio de Prior á este Prelado o Pe. Fr. Gonsalo da Concama, q' taó bem o — tinha sido no tempo do D. Abbe. seo antecessor. Neste governo vendeo-se p.^{lo} preço de 80\$000 legoa e meia de terra, q' nos — tinha concedido o cismeiro Franco. Coelho de Carvalho: o comprador foi Joáo de Almeida de Arruda; a escritura se fez em 16 de Dezbrº de 16.7.

A sobred.^a data de terra tinha sido conseguida no te... da Abbadia de N. Rmo. Fr. Cypriano de S. Bento no an... de 1610, como ja fica apontado. Aqui torno a re...tir, q' Li a d.^a escritura entre os papeis do Snr. do Eng.^o do Eixo, e ao comprador (como titulo) traspassamos a d.^a cismaria. Em virtude desta hê q' taóbm o Pe. Fr. Anselmo da Trinde. sendo Prezidte. no anno de 1634 fez embargar a demarcaçáo, q' se fazia nas terras do Itanhenga. Repito estas declaraçoens p.^a aclarar algumas duvidas, q' podem cauzar varias passagens, q' vem nas escrituras, e papeis do nosso Tomb... Em 28 de Janr.^o de 1688 fez humã escritura de composiçáo com Anto. Borges Lobo sobre as terras do Eng.^o Velho p.^a dois Louvados decidirem as duvidas, q' sobre ell... tinha... e p. essa decizaó dev... estar as p.^{tes} contratantes com obrigaçáo, ou pena de quatro centos mil rs. qualq.^r das p.^{tes} q' naó estivesse p.^{lo} Laudo, ou puzesse qualq.^r duvida. Tudo fez malograr a cavillaçáo, e velhacaria do d.^o Anto. Borges Lobo, a q.^m depois obrigamos pelos d.^{os} 400\$000, e tivemos sentença contra nôs, como consta de huns autos, q' vem no nosso Archivo.

Arch. Gav. 3-
Mas. D. N. 3

Este mmo. Prelado pagou ao Capam. Miguel Corrêa duzentos, e trinta e tres mil, quatro centos e vinte reis, q' nos—tinha vendido as terras de S. Bernardo, onde está situada a Capellinha de S. Franco. O d.^o pagam.^{to} era á conta do seg.^{do}, q' deviamos fazer pela escritura de compra da d.^a terra. Suponho, q' renovou, poz de dois sobrados, e na forma, q' hoje se vê as cazas, q' foraó do Voltrim, q' ja dice, ficaó no canto da rua dos Tanueiros; por q' pagou ao carapina a conta do q' com elle tinha ajustado nove centos, e oitenta e seis mil, oito centos e oitenta. Elle ainda governava, quando o Ouvor. Gal. desta Cde. proferio sentença contra o Mostr.^o na cauza do dnr.^o, q' o Abbe. Varella tinha tomado: della se apellou; mas naó seguiraó a ap. laçáo, e depois veremos, o q' veio o Mostr.^o a pagar. Sabemos pelo L.^o da Mordomia, q' elle governou este Mostr.^o athê 20 de Agto. de 1688, por q' seo successor aqui entrou em 21 do d.^o mez. . anno, e acompanhado de soldados. O Pe. Fr. Bernardo ., Encarn.a. .z. = q' elle depois de deixar este Lugar se retirara p.^a a Bahia onde fallecera nomeado Abbe. do Mostr.^o do Rio de Janr.^o = Parece, q' a d.^a B.^a deve conservar saudoza Lembr.^a deste Monge; por q' a seo zelo, e activide. deve o principio, e fundaçáo do Eng.^o da Praia. Em todo o tempo do sobredo. governo entraraó dois Noviços, e nenhum delles perseverou.

L. da Mord. de
1.88 fl....

D.^o a fl. 61 e 72

Autos da dem.
do Varella

46 Prelado, e 35 Abbe.
nos annos de 1688 || 89 || 90 || 91 || 92

O M. R. Pe. Pr. Fr. Theodoro da Purific. aó foi eleito D. Abbe. deste Mostr.º pelo Rmo. Fr. Vicente dos na Junta, q' fez em Tibaens em 24 de 9br.º de 1687. Elle começou a governar esta caza em 21 de Ag.º de 1688 conforme o seo L.º do gasto, q' da se conserva neste Mostr.º O d.º Livro nos — faz ver, q' no tempo deste Prelado se fez o 3.º pagam.º das terras de S. Bernardo, onde está edificada a Capellinha de S. Franco.; pois pagou ao Capam. Manel. Corrêa Gomes cento, e dez mil rs. por conta de Manoel Glz' Lobo, q' foi o vendedor da terra. Dos dois mil cruzados, . . . foi o valor, por q' se vendeo a d.ª terra sô se ficou restando quarenta, e oito mil, e oitenta, q' . . . escapado á ma. indagação. Pagou taõbem á Manel. Ribro., Procor. dos Bravos em Lx.ª do dnro., q' tinha tomado o Pe. Fr. Rodrigo, D. Abbe. d'Albania no tempo da separação do Prova. a quantia de 597\$530. Fez mais hum pagamto. á Joaõ Barboza Per.ª, Procor. de Franco. Gomes, moror. em Braga, q' tinha emprestado ao celebre Varella, q.º cá veio ser Abbe. 258\$000, e finalmente, a pessa de artilheria, p.ª q.ª embolsou o Almuçerife 10\$000. O d.º L.º do Gasto nos — mostra, q' este Prelado antes de sua posse tira no Convto. do Desterro, q' hê dos Religiozos Mariannos descalços, e q' viera acompanhado com soldados; por q' a primr.ª folha começa com o seg.º te assento = Por bacalhao, doce, e mais gasto p.ª os sold.ºs, q' nos — viera. de posse do Mostr.º 4\$360 = E logo n'outro mais abx.º de 22 de Agosto: = por carrego do fato do Desterro p.ª o Mostr.º = 8.0 = Deste assento devemos suppor, q' este Prelado veio de fora desta Cap.ª, mas de onde ignoramos. Elle elegeo p.ª seo Prior ao Pe. Fr. Anto. de N.

O Pe. Fr. Bernardo da Encarnam., q' chegou a ler o estado deste D. Abbe. escreve o segte. = Foi o primr.º Prelado eleito p.ª Congregam. depois de cõcluidas as bulhas: no tempo de seo governo fez o assude de Mossurepe, obra m.º util, e de custo: mandou pintar nas paredes todos os retabulos dos altares da Igr.ª Fez a . . cristi. de pedra e cal toda forrada de madeira: fez de talha o . . tabulo do altar da Sachristia, em q' está a veneravel imagem do Snr.: fez os caixoens, q' ha na Sachristia de pao amarello coberto de jacarandá lavrado: fez mais p.ª a Sachristia seis paineis grandes com passos da vida de N. Snr.ª; e outras coizas mais, q' se pod. .

Bezer

L. da Mord. do
anno . . 1688

Idem a fl. 1

D.

ver no seo Estado, e são de menos porte. Tinha sido antes Prezidte. do Mostr.^o da Parahyba; .foi Companr.^o e depois Abbe. da B.^a, Vizitador .. Prova. e Definidor = Athê aqui o Pe. Chronista, Fr. Bernard.

O a.ude de Mosstrepe ainda hoje mostra bem a grandeza do coração deste Prelado: elle sabia adiantar os interesses da Religião, elle—sobravaó .. luz., q' faltaó á alguns cegos, q' avaliaó superfluide. trabalhar o Eng.^o com agua. Em hum bom espaço assima da boca, ou porta do d.^o assude ainda hoje se conservaó vestigios de outra tapagem, q' dizem servio de .ssude ao Olandez, no temp. q' dominou este Eng.^o Se isto hê certo a elles se deve o trabalho da dilatada levada, por donde vem a agua p.^a o d.^o Eng.^o A trabalho, e despeza se poupavaó estes homens anti... só p.^o.. beneficio d'agua. A obra do assude grd.^e incontestavelmte. foi feita por este Prelado, e diz o Pe. Fr. Bernardo da Encarnam., q' hum nosso Religiozo leigo pedreiro fora, o q' fizera os paredoens de pedra.

A Sachristia, q' tinha feito o d.^o Pe. D. Abbe. Fr. Theodoro da Purificaçáo se deitou abx.^o no anno de 1778 p.^a nella dar-se fundo á nova Capella-Môr, q' agora temos; e entáo se tiraraó os tres caixoens p.^a irem servir nas Capellas das nossas Fazdas; por q' p.^a a nova Sachristia fizeraó-se outros de melhor gosto. Athê o d.^o tempo duraraó as pinturas dos sobredos. paineis, q' ja estav.. m.^{to} priscos, e sem o primor do primr.^o artifice; por .. o segundo pintor, q' os-quiz renovar, oucar, totalmte. os-perdeo.

Neste mesmo triennio, ou em Janr.^o de 1690 deo principio a demandar á Anto. Borges Lobo p.^a revindicar .. terras do Eng.^o d. Goytá com huma demanda .ais bem começada, q' as precedtes., felizmte. se-concluiu no anno de 1700. Taóbm neste mmo. triennio ..io de Portugal reeleito em Proval. o Rmo. Fr. Bento da Purificaçáo, e deste Mostr.^o foi tomar posse ao da B.^a. O d.^o D. Abbe. governou este Mostr.^o tres annos, e cinco mezes; por q' tomou posse d'elle em 21 de Agosto de 1688, e acabou no mez de Março de 1692, em o qual tempo entrou se. Successor. Em todo seo governo re..ber..se 5 Noviços; mas hum filho de Evora foi d. .pedido.

47 Prelado, e 36 Abbe.
nos annos de 1692 || 93 || 94

O M. R. Pe. Me. Ex— Proval., Fr. Jeronimo de S. B.^{to} foi eleito p.^a D. Abbe. deste Mostr.^o na Junta q' em Tibaens fez o Rmo. Fr. Bento de Sto. Thomaz em 5 de Dezbr.^o de 1690. Conserva-se neste Mostr.^o o L.^o da Modormia deste Prelado, nelle se vê, q' seo gasto teve principio em 23 de Março de 1692. Em Agosto deste anno mandou elle registrar nos Livros da Alfandega os titulos de nosso Eng.^o de Mossurepe p.^a o fim de Logramos todas as Liberdes., q' S. Mage. concede a os Snres. dos Eng.^{os} Em o Cartorio anda hum papel feito em 8br.^o deste d.^o anno, onde se declara, = q' nossa Bemfeitora Snra. D. Izabel de Albuquerque fizera excluzaó (entre os bens q' nos doára) de huma sorte de terra em Beberibe, q' mandára se vendesse á sua sobrinha D. Catharina, e q' assim se fizera, e a — vendemos por 150\$000, dos quaes estavamos embolsados =. Esta declaraçáo foi feita p.^{lo} Pe. Fr. Bernardo de Jezus.

Neste triennio se acabou de fazer pagamto. da divida do Pe. Fr. Luiz de S. Joáo Varella; pois por d.as vezes entregou á Joáo Barboza, Proc. . . . Franco. Gomes, moror. em Braga q.ta de dnr.^o, q' fez a somma de .79\$690; e como o antecessor deste Rmo. Prelado já tinha pago 258\$000 veio este Mostr.^o a ter o desembolso de 737\$090 por 400\$000, q' pedira emprestados em Braga o celebre Pe. Varella, antes de vir governar esta caza. Nesta . conta naó entraó 15\$000, q' mais pagou o Mostr.^o no seg.^{te} . . . ennio por custas da demanda, q' aqui correo. No L.^o do Noviciado vem hum termo de hum Noviço, q' entrou, e professou no tempo de seo governo, q' durou athê 2. de Agosto de 1694, q' fazem dois annos e cinco mezes com pouca differença.

O Pe. Fr. Bernardo da Encarnam. diz, = q' no tempo da Abbadia deste Rmo. Prelado (q' era filho do Porto) se fizeraó aã cadei. . . velhas do Coro antigo: estas estaó hoje no Cap. nov.: q' mandára vir de Portugal hum orgáo; ja naó existe, por q' depois deste se fizeraó dois: q' se fizera na Sachristia hum repositorio de ja. . . randá, este ainda se conserva, e se mudou, e asentou na Via Sacra da p.^{te} da Epistola. Taó bem cercou com muro de pedra e cal (q' emportára sinco mil cruzados) toda a nossa cerca: fez as . . . q' hoje servem de sanzallas, ou enfermaria das mulheres; por algumas vezes tem sido renovadas, ou quase novamte. reedificadas; compraraó-se p.^a as Fazdas. oito escravos; nesse tempo se compravaó escolhidos por 53\$0. . . Fez

finalmente, as cazas de moradia da Nossa Capella dos Prazeres, onde lhe-chegou a noticia de vir eleito Pr. al. como se colhe do letreiro de huma pedra, q' mandou pôr sobre a entrada da porta da d.^a caza = Servio-lhe de Prior Fr. Gonsalo da Concam. Elle foi o 5.^o Abbe. de Olinda q' immediatamente. passou p.^a Proval. assim q' acabou sua Abbadia. Neste exercicio falleceo no Mostr.^o da Parahyba, onde jáz sepultado, digo, no Mostr.^o da Bahia.

L. do Nov.

**48.^o Prelado, e 37.^o Abbe
nos annos de 1694 || 95 || 96 || 97**



O M. R. Pe. Pr. Fr. Franco. das Cha... Amarante foi eleito D. Abbe. p.^a este Mostr.^o na Junta ce..... em Tibaens em 13 de Janr.^o de 1694 sendo Gal. o Rmo. Fr. Bento da Ascençaó. Elle em 5 de Agosto do d.^o anno, tomou posse deste Mostr.^o, segundo se colhe do L.^o da Mordomia, q' por fortuna ainda se conser. T...nou a nomear p.^a seo Prior ao Pe. Fr. Gonsalo da Concam. Como naó temos o seo Estado, repetiremos, o q' delle escreve o Pe. Pr. Gal., Fr. Bernardo da Encarnaçaó acrescentando á estas no...ias, as q' temos descuberto deste Prelado.

Bez.

L. da Mord. do
an. de....

No tempo de seo governo mandou fazer hu ornam.^{to} rico de veludo lavrado encarnado, e damasco br.^{co} de Italia nos meios, orlado com franjas de retroz, e oiro; e constava de tr... fr..... tr... azulas, duas dalmatic..., duas c.pas d'Asperges, dois p.nos de estante pequenos, e hum grd.^e: hum pano de pulpito, e o mais preparo necessario, q' tudo custou 600\$000. Muita p.^{te} deste ornam.^{to} q' tem sido renovado, ainda se conserva, e serve neste anno .. 1788. Fez o dormitorio do mar athê o vigam^{to}; e acrescenta o seo Rmo. Adicionador, q' deixára os pedreiros, e carpinteiros satisfeitos, por q' tivera hum copiozo ...ndim.^{to} de as...res. Eu assim o—creio; por q' vi hum termo no seo Livro do Gasto, onde se declara, q' o rendim.^{to} de todo o trienn. chegou a 7:529\$3.3 q' saó quarenta, e tres mil cru...dos, e vinte e nove ...l trezentos, e ...nte, ... reis.

Idem por fim

Taóbm diz o d.^o Pe. Fr. Bernardo da Encarnaçaó, = q' no tempo do governo deste Prelado comprara elle em Mossurepe meia legoa de terra por quatro mil cruzados á Izabel Di., Videi-

ra = Isto hê totalm.^{te} falso; mas hê verd.^e, q' em 11 de Ag.^{to} de 1695 comprou ad.^a mulher o seo partido, o qual occupa. ou quaze toda a data de terra de Anto. Martins alfaiate, cuja e. . . de trezentas braças, q' Martha da Fonseca tinha vendido ao marido de Izabel Dias, chamado Balthazar Glz', alguns annos antes de nos—vender a legoa de Mossurepe. Este partido ficava pegado ao ribr.^o da Foufa, e junto ao partido dos Camellos, . . . foraó terras de Gabriel D.nil, e saó as q' hoje possue Anto. Martins, e o Capam. Frânco. do Rego, sobre as quaes teve antigam.^{te} o Mostr.^o impertinentes litigios, como se pôde ver no Tombo, e nas rezoens do Rmo. Fr. Cypriano, q' vem no mmo. Tombo.

Alem do d.^o partido vendeo mais Izabel Dias Videira ao Mostr.^o em tempo do d.^o Prelado huma sismaria de quatro ou cinco mil de terra, q' ficava entre o Buracanga, e Mere-tibe, e se tinha concedido á seo defunto marido Balthazar Glz': huma coiza, e outra vendeo p.^{lo} preço de dois mil cruzados a pagam.^{tos} annuaes de 150\$000 p.^{lo} tempo da safra; e sô no p.^{ro} anno se lhê—haviaó dar dois negros na safra q' . . . avi. . . tirar no anno de 1696. Com effeito o Pe. D. Abbe. Fr. Franco. das Chagas os — deo: e diz seo livro do Gasto, q' custaraó 11.\$000; e alem deste dnr.^o lhe — fez, ou adiantou outros pagam.^{tos}, e em tal forma, q' q.^{do} acabou seo governo já lhe—ti. . . satisfeito 22.\$836, como se pôde ver no mesmo l.^o do Gasto.

O Eng.^o de Mussurepe comprehende as d.^{as} duas datas; e taóhem a legoa em quadra q' comprou á Martha da a, q' alem desta d.^a legoa, q' nos — vendeo, deixou— nos mais trezentas braças, onde tinha seo sitio p.^a com o valor dellas nos — satisfazer os gastos de seo funeral, q' nos — encarregou em seo testam.^{to}: item oitocentas braças, q' comprámos a Maria de Mendonça, e a sua irmam Magdalena Furta. . .; e alem . . todas as sobred.^{as} mais treze. braças q' comprámos a Jeronimo de Souto—maior, co. . se pôde ver no Tombo em seos lugares respec. Todá a declarada terra, ou toda char livre de titulos mais antigos foi metida de baixo de marcos na tombação, e demarcação das d.^{as} terras, q' com m.^{to} trabalho, e despeza se fez no anno de 1785, como adiante veremos.

Neste triennio entraraó quatro Noviços, q' todos profes-sáraó. No mez de 9br.^o de 1697 certos vizinhos das terras de nosso Eng.^o de S. Bernardo rompéraó o cercado do Eng.^o de S. Bernardo em duas p.^{tes} com intento de fazer huma nova estrada: p.^a o fim de impedir esta violencia recorreo este Prelado ao seo Juiz Conserv.^{or} (era o Me. Escola, Mel. da Costa

Tomb. a fl. 184

Tomb. a fl. 187

Tomb. a fl. 1-4

L.^o do Gas. na
descargada
safra . . . 96.Test. de Mart.
da Fons.

Tomb.

L. do Nov.

Ribr.º) p.^a os — dezaggravar desta d.^a violencia. De fato entrou elle a proceder contra todos os culpados, e veio a impedir a abertura da nova estrada; isto .. pôde ver em huns papeis velhos, q' conservamos no Chartorio. Por estes semelhantes abuzos impedio El Rey D. Jozê o I da graça dos Juizes Conserv.^{es} no anno de 1768 pouco mais, ou menos. Concluindo elle o governo deste Mostr.º o—fizeraó Viz.^{or} I.º . taóbm foi Abbe. da Bahia, e seg.^{da} vez Viz.^{or}. No seo I.º do Gasto se achaó algumas adicçoens, q' mostraó q' no seo tempo sustentava o Mostr.º á D. Vicencia de Rolim, q' foi aquella, q' nos — vendeo p.^{te} das terras do nosso Eng.º de S. Bernardo.

L.º da Mord.
dest.

49º Prelado, e 38º Abbe.
nos annos de 1697 || 98 || 99 || 700 ||

O Rmo. Pe. Ex — Proval., Fr. Gaspar das Neves foi eleito D. Abbe. p.^a e. e Mostr.º na Junta q' se fez em Tibaens em .. . Fev. de 169. . Elle era f.º de Braga; nomeou p.^a seo Prior o Pe. Fr. Joaó da Candelaria, e em 28 de Agosto de 1698 mandou fazer p.^a o Novi. .do hum livro no. . . . se tinha acabado o velho. Deste l.º const. q' em todo o tempo de sua Abbadia entraraó nove Noviços, e todos chegáraó a professar. Nelle taóbm vemos, q' seo governo se extendeo athê dezoito de Março de 1700 Do tempo des. e Prelado naó se conserva neste Mostr.º outro livro algum, e por isso som.^{te} referiremos as memorias, q' descobrimos em alguns papeis do Cartorio, e repetiremos, o q' delle escreveo o Pe. Fr. Bernardo da Encarnaça. q' hê o seguinte =

Rez.

L.º do Nov.

Este Prelado continuou com a obra do dormitorio, q' seo antecessor tinha começado, . o—deixou completo e forradas as sellas do dormitorio alto, e baixo. Na Igr.^a fez a Capella de .. .tano, onde collocou este Sto., de q.^m era m.^{to} devoto. Fez o corredor, q' a. .mpanha a Igr.^a, q' tem cent. e oitenta palmos de comprido = P. .ado—me, q' este corredor hê o q' fica da p.^{te} do Evangelho, e começa da portaria segundo os palmos de comprim.^{to} . . . or q' o da p.^{te} da Epistola naó hê ta. comprido P.^a as fazendas comprou 25 escravos; e . . .bem por quinhentos mil rs. os coqueiros, e terra da praia fora de muro . .a p.^{te} do mar, e fez todos os d.^{os} . .queiros, q' tomavaó a vist. . . mar =

Eu duvido mto. desta noticia; por q' me parece duro dar tanto dnr.º sô por este fim; e taóbm por q' a terra, ou a praia ... eira á Camara, e por ser de pouca; ou nenhuma utilid.º ao ... vez a—largassemos; mas não sei q.º. No Cartorio temos ... sismarias destas d.as terras, q' passaraó a Camara, e Governar... ao primr.º possuidor q' se chamav. Manoel da S.ª Pinto, o q.º ... nellas sua pesqueira. Suponho, q' o Corel. Pedro ... venderia a terra dos d.os coqueiros; por q' no L.º do Gasto ... anno de 1704 se acha o pagam.º de 578420, q' se fe. ... Ant. ... Cunha Madeira p.º d.º Corel. á conta dos coqueiros. ... a não tenho topado, ou encontrado com a escritura de venda da d.ª terra, q' de necessid.º se nos — havia passar. Neste lugar (vul. ... chamado **Coqueiros**) aforavamos dantes alguns pedaços e delles cobravamos os foros, como se pôde ver no L.º velho dos d.os foros no titulo **Coqueiros**.

Em tempo do antecessor deste Prelado q.º governava o M. R. Pe. Fr. Franco, das Chagas no anno ... 695 ofereceo a. Mostr.º o Conego Joáo Ma.ºmo de ... r.ª humas cazas terras, q' ... legadas á Igr.ª do Amparo por preço de ... por ... ola de linco ... llas de Missas, q' se hav... sua tenção; acce.tou-se o negocio; mas como o Rmo. D. Abbe. Fr. Gaspar das Neves deo as certidoens das d.as Missas, e se lhe—passou o escrito de venda; faço aqui memoria das d.as cazas, como obra pertencente á este triennio. Depois de Abbe. desta caza immediatam.te o—fizeraó Prov.ªl desta Prov.ª, e foi o 6.º Abbe. de Parn.º, q' acabado o seo Lugar passou Logo a Prov.ªl.

Depois o—fizeraó Viz.ºr Gal. e tendo servido este Lugar falleceo na Bahia, e foi sepultado fóra da porta da Sachristia.

Neste triennio trazia o Mostr.º demanda com D. Vicencia de Sza. ... uma pte. das terras de S. Bernardo . este Prelado em 2 de Junho de 17... fez escritura de composiçáo, e deo . Mostr.º a d.ª D. Vicencia huma morada de cazas terras na ... a de S. B.º desta Cide., e cento, e oitenta mil rs. em dnr.º.

50 Prelado, e 39º Abbe
nos annos de 1700 || 701 || 2 || . || 4

O Rmo. Pe. Fr. Manoel dos Anjos, foi eleito D. Abbe. p.ª ... e Mostr.º na Junta q' se celebrou em Tibaens em 11 de

Janr.^o de 170... sendo Gal. N. Rmo. Fr. Silvestre da Trinde. Bez....
 As m....as antigas dizem q' elle era natal. de Basto, e taó- Elog. a fl. 451
 bem o Pe. Fr. Thomaz de Aquino o—confirma nos seos Elo-
 gios. Ignoramos q.^{do} tomou posse deste Mostr.^o; mas sabe-
 mos, q' lhe servio de Prior o Pe. ... Bernardo da Trinde. No L.^o do Nov.
 L.^o do Nov.
 L.^o do Nov.
 ste Prelado, e seo Prior: todos os Nov.... q' na quelle tempo
 entrárao, chegárao a professar. No principio de seo governo
 teve o gosto de ver vencida aque... renhid. demanda, q' des-
 de o anno de 1690 traziamos com Anto. ...ges Lobo, insigne
 trapasseiro por haver fundado hum engenho nas nossas terras
 de Goytá, q' agora se chama Eng.^o Velho, me elle mmo.
 o—poz depois de fundar outro, q' appellidou Eng.^o Novo.

Estou bem certo, ... o p...zer naó havia de ser ... grde, co-
 mo o trabalho, e q' a d.^a sentença carretou p.^a seo tem-
 po. elle ...ia ...quidar nove ...l, e tantos cruzados, q' o d.^o
 Lobo pediaeitorias: elle havia fazer huma demarcação
alhoza, dena.a a Relação da.: nada.
 cobar... tudo arrumou e concluiu felizm.^{te} A tombaçoó, e de-
 marcação se acha copiada no nosso Chartorio, e taóbm
 no Tombo, onde se pode ver e admirar o insano trabalho, q'
 leve, e a perfeição, com q' fez a demarcação, segundo as re- Tomb. a fl. 3-9
 gras, q' vieraó pr...criptas na sentença da Relação. Em o fim
 do anno de 1700 se deo principio a d.^a demarcação.

Em o seg.^{te} anno de 1701 fizeraó doação ao Mostr.^o o
 Capam. Manel. Nogueira, e sua mer. Maria de Olivra. Cor- Tomb. a fl. 279
 rrea de hum sitio no rio de Panema. Eu suponho ser este
 Lugar, onde hoje chamamos Riacho do Juiz, em q' temos
 agora Fazd.as. Hê verde., q' o rio Panema está em outra
 p.^{te} onde naó temos de prez.^{te} terra alguma, e nem tenho
 encontrado athê agora com titulo dos terras do Riacho do
 Juiz, e se a doação hê fora deste Lugar, certam.^{te} se malo- Tomb. ibid.
 grou a doação do d.^o Manel. Nogueira, e sua mer. Em o anno
 de 1703 este Rmo. Prelado supplicou a S. M.^{ge} a graça de dar
 nos livres seis pipas de vinho em cada hum anno p.^a o gasto
 do Mostr.^o. A Snr.^a Rainha da Gram Bretanha, q' entaó go-
 vernava o mandou lavrar p.^a este effeito o Alyará, q'
 chegou á esta Cide., q.^{do} já governava seo Successor, como
 adiante veremos. Eu o—mandei copiar ... L.^o da Alfandega, Tomb. a fl. 93
 v.
 onde taóbm se pôde ver.

Em 15 de Março do d.^o anno governando este Rmo. ...la-
 do se fez venda da Capella, q' tinha sido da Snr.^a D. Label
 ... Albuquerque (hê a em q' agora temos collocada a Snr.^a
 ... P. Jar) a D. Luzia de Andrade por preço de 200\$000, Tomb. a fl. 45

...ssando taóbm nesta compra o Ten.te Coronel Franco. Berengue, .. Andrad., irmaó da d.^a D. Luzia, e por isso elles am... seos bens a ornato da d.^a Capella. Ella havia ter a invocação da Conceição, e prometeraó mandar vir, de Portugal uma Imagem q' athê agora não chegou. No altar da .. Capella haviaó pôr os Religiozos huma Imagem de S. Bernardo feita, e pensada a custa delles.

Além dos 200\$000, q' prometeo p.^{lo} valor da Capella prometeo taóbm outros 200\$000 q' .. haviaó pôr a jur.. ou em doação, q' rendesse p.^a patrimonio, e dote da d.^a Capella p.^a ser ..tada, conservada e para...tada p.^a semp., e se ..viaó ..gar depois de sua morte, como taóbm dois ... dos p. cento, e sincoen.. Missas semanarias com seos ..; estas se haviaó dizer tres em cada sem..., a saber, duas á N. Snr.^a da Concarn., e huma á Paixaó de Christo, e seriaó perpetuas. Os tres mil cruzados assima declarados se haviaó tirar de nov. q' ella Doador. tin.. a juros na maó do Ten.te Corel. Jozê Cardozo Moreno. Obrigou-nos mais a pôr quatro vêlas sobre sua sepultura em dia de Finados, q.^{do} não houvesse, q.^m as—puzesse. Todas estas obrigaçoens estaó declaradas na Escritura, e por taó Limitado preço poz-nos hum taó grd.^e pezo. Aqui devo advertir, q' o L.^o da Sachristia sa...faz este Legado; mas deve-se emnendar o erro de ...zer as Missas em toda a Semana .o anno; por q' elle tem sincoenta e duas semanas, e as Missas saó sô cento, e sincoenta.

Morreó pois D. Luzia de Andrade, e foi sepultada .o se. carneiro, q' fica por bx.^o da d.^a Capella. Depois de sua m... houve difficuld.^e na ar...dação dos trez mil cruzados; por q' os herdeiros do d.^o T...te Coronel t...to difficultaraó o pagam.to dos juros, q' obrigou dep... ao Mostr.^o a demandalos, e fazer-lhes penhora em humas cazas, como adiante veremos. O letigio começou .. Abbadia do Rmo. Fr. ..zê de S. Jeronimo, e final..ou no governo do Pe. D. Abbe. Fr. Bernardino de S. Migu., q' fez arrematar as cazas, q' estaó na rua, q' vai p.^a o Corpo Sto. de frente das cazas do Sargto. môr Manel. Gomes dos Stos., e saó de dois sobrados. Devemó-nos lembrar, q' nestas d.^{as} cazas existe o Legado .. Luzia de Andrade, q' a Sachristia o-satisfaz, e taóbm .. as vêlas dia de Finados; por q' ninguem as-manda accender. ...bro mais, q' o Ten.te Coronel Franco. Berenguel de Andrade .bri... taóbm seos bens p.^a reformar a Capella, e sepultu.. do ..cessario fosse, e mand.. vir a Imagem de N. Snr.^a da Concarn. .. bens deste, q' eraó quaze todas as mattas de Paratybe ficaraó a hu.. bastardos Fulanos Bezerras com obrigação de huma, ou duas Ca...las de Missas annuaes, q' haviaó

L.^o da Sach...

Tomb. a fl. 45

ser d.^{as} neste Mostr.^o, e q' fal.... (declarou) parentes de seo sangue passasse entaó o en.....ado, ou todos os seus bens p.^a este Mostr.^o os — administrar.

Os bastardos quaze todos morrêraó, e em sua vida não mandaraó dizer .. Missas, e hum dos ultimos chamado Anto. Bezerra (dizem— ...), q' humas horas antes de morrer introdu.ira na ad.....ação ao Ten.^{te} Jozê de Mello Cezar, q' se hê ..rente .. Franco. Ber..guel de Andrade hê na d...ma sexta g..ação. . por Linha transversal. Suponho, q' elle agora .. q.^m des..... da mata extensa dotybe e perceb. todo o rendim.to della. P....., q' elle deve ..ar obrigado a mandar dizer todas as Missas, q' declara o testador se haó de dizer neste Mostr.^o, e taó bem aperfeiçãoar, e paramentar a Capella, onde está o carneiro de D. Luzia; pois pössue, e Logra .. bens do defuncto Ten.^{te} Coronel Franco, Berenguel de Andrade.

O Dietario fallando deste Rmo. Prelado diz; = q' sendo D. Abbe. deste Mostr.^o fora eleito Prov.^{al} desta Prov.^a, e juntam.^{te} D. Abbe. do Mostr.^o da Graça; cargo, q' taó bem tev. seo antecessor na Abbadia deste Mostr.^o, e Provincialato . q' fora elle o ultimo D. Abbe. da Graça, e juntam.^{te} Prov.^{al} = Disto mto. duvido; por q' diz o Pe. Fr. Thomaz de Aquino nos seus elogios; = q' no anno de 1612, ou na Junta, q' se fez em 26 de Junho deste anno, por haver chegado o Breve Apostolico p.^a o Prov.^{al} gozar todos os privilegios dos Abbes. sem se. de caza alguma particular; se estabeleceo, e assentou fossem Provinci... sem ter Abbadia em algum Mostr.^o, cuja Ley ficou em uzo = E se isto se en.... a praticar desde o anno de 1612 como depois deste anno sem nova graça se haviaó tirar este uzo, e co...me? O d.^o Rmo. Prelado foi o 7. Abbe. deste Mostr.^o, q' immediatam.^{te} passou a Prov.^{al}, e mais nada delle podemos dizer por faltarem todos os livros d. ... tempo.

Diet. a fl. 11

Elog. a fl. 449

51^o Prelado, e 40 Abbe.
nos annos de 1703 || 4 || 5 || 6 || 7

O M. R. Pe. Fr. Jozê de Jezuz Offaó foi eleito p.^a Abbé. deste Mostr.^o na Junta de 29 de Março do anno de 1703, sendo Gal. o Rmo. Fr. Jozê de S. Boa—...tura. Elle tomou posse desta caza em 7 de 7bro. de 1703 . a—governou athê 24

Bez....

de Novembro de 1707, tendõ sido Abbe. tres annos e Prezi-
dente perto de quatorze mezes . . . gundo . . . nsta do L.º do
Gasto de sua Prelazia. O L.º do N.ado mostra se. seo Prior
o Pe. Fr. Izidoro de S. Joaó;tro Novigos, q' entrara.
no seo tempo sô dois professaraó. Já fallamos at. . . nas compras
q' seos antecessores fizeraó á Izabe. Dias Vid. . . ra da. terras
de Meretibe junto á Mossurepe, e taóbm a dos Coquei. . . jun-
to aos nossos muros . . p.ºte do mar ao Corel. Pedro Moreira;
e agora encontramos no L.º do Gasto deste Prelado hum pagam.ºto
de 168\$200 feito á Iza. . . l Dias como resto do pagam.ºto;
e outro ao Corel. Pedro Moreira de 57\$420 a conta dos Coquei-
ros. Taóbm topamos o valor de sette escravos, q' comprou
p.ºa as Faz.ºdas e o feitiço, q' pagou pelo baculo, e canudos de
prata, q' mandou fazer.

Com m.ºto trabalho, e despeza começou, e acabou a
grd.ºe obra de hum assude no Eng.º de S. Bernardo, q'
o—queria fazer moer com agua, e não com sangue de ani-
maes: não tivemos o gosto de ver trabalhar esta util ma-
q. . . . ; por q' Logo q' acabou este zelozo Prelado começou,
ou ambição do . . . ebre Patarata a desolar terceira vez
esta q' . . . sido a mais vexada entre todas as outras
desta Provincia. Quanto a mim esta hê a principal cauza de
hoje não moer com agua . Eng.º de S. Bernd.º: nunca fiz
cazo . . m.ºtivo, q' alguns me a. . . . nãraó, dizendo q' se não
effeituára o intento deste Prelado por ficar morta no assude
por falta de queda quase toda a agua, q' nelle se ajuntava.
A roda da agua, q' taóbm estava já feita dizem, se passára
ao depois p.ºa o Eng.º d. Mos. no governo do Pe. D.
Abbe. Fr. Jozé de S. Jer. dos os passados, e alguns
dos prez.ºtes m.ºto bem sabemos o estado a q' . . . Prelados anti-
gos reduziraó o Eng.º de Mossurepe: elle nos tempos
não fazia se não despezas ao Mostr.º, hoje hê a sua ga.
elle ainda seria mulinote se desprezados os trabalhos, e despe-
zas se não tornara no anno de 17.0 a fazer moer com
agua como antigamente era.

Em o anno de 1704 em 29 de Agosto fizêraó escritura
de doação das terras do Hospicio da Penha na Villa do Re.
(onde assistiraó, e foraó fundadores os Barbadinhos Italia-
nos) os herdeiros de Melchior Alvares, e sua mer. Joanna
Bezerra . . . te Mostr.º de S. Bento. O d.º Hospicio foi fun-
dado por Religiozos Barbadinhos Francezes de nação, e qdo.
. . . d.ºs doadores lhes fizeraó escritura da terra . ella declara-
raó; = q' se por algum esso el. . . Barbadinhos dezampa-

L.º do G. de
1703
L.º do

L.º do Gast. . .
1703

L.º do Gast. do
anno de 1703.

Fran . . . z . . .

Tomb. a fl. 115

rassem o seo Hosp.... tornaria a terra com toda a
bemfeitoria, q' nella houvesse p.^a el... doadores,
...deiros q' poderiaõ pôr oistrador q' bem quizessem

— (Faltam as folhas da Chronica que tratam dos Prelados
que governaram o Mosteiro desde 1707 até 1723 — Ver o
apendice)

...com a d.^a licen... pud... .. q' vieraõ de Portugal
evoga... todas .. licenças, q' o d.^o Viz.^{or} Gal. havia con-
cedido e fora com effeito com licença do M. R. Pe. Fr.
Bernardo de Jezus M.^a, q' entaõ era Prt^zidte. in capite
deste Mostr.^o, e q' vindo o d.^o Pe. Pr. Fr. Luiz do Rozr.^o
do Certaõ no triennio segte., em q' era D. Abbe. deste
Mostr.^o o M. R. Pe. Pr. Fr. Joaõ dos Anjos se lhe-deraõ
os seos provim.tos como Con...tu.l; o q' tudo como m.^{to}
verdadr.^o confessaria o d.^o Pe. Fr. Luiz do Rozr.^o, q' como
era o mmo., q' tirou as esmolas, se lhe-devia dar todo o
credito; e q' por esta razaõ ficava sendo falso o dizer-se,
q' o d.^o Pe. Pr. Fr. Luiz do Rozr.^o fora tirar as d.^{as} es-
molas com licença, ou ordem do d.^o Viz.^{or} Gal., mas sim com li-
cença do Prelado deste Mostr.^o, como d.^o hê, e por esta cau-
za ... fi...va Lugar, a q' o N. Pe. Pr. Fr. Emiliano, nem
outro qualq.^r Prov.^al as — pudesse applicar á outro Mostr.^o;
..ndo os Monges cativos Con.entuaes deste: . ultimam.^{te}
ordenou o N. . R. Pe. D. Abbe., q' de tudo se fizesse ter-
mo no L.^o dos Concelhos, como era costume: o q' eu Notario
do Con.^{co} abx.^o assignado fiz na fra. sobreda. &

3.^a Proposta

Em o primr.^o de Março de 1723 convocando o N: M. R.
Pe. D. Abbe. a os P.P. do Conc. lhes—propoz, q' o N. M. .
Pe. Prov.^al novam.^{te} lhe—ordenava p.^r huma carta entregasse
os d... ..cravos, q' havia recebido das esmolas dos cativos ao
M. R. Pe. M. Procor. do Mostr.^o da B.^a ou o procedido delles
na forma, q' ordenava o M. R. Pe. D. Abbe. da B.^a; q' elle as-
sim . determinava executar, naõ obstante o protesto, q' acerca

desta materia lhe—havia feito o Sto. Conv.^{to}, ao q' respondê-rao todos os P.P. do Conc.^o, q' seg.^{da} vez p...tavao a Sua Paternid.^e nao entregasse os d.^{os} escr.^{os}, nem se procedido, sem sentença juridica, a q.^l athê agora nao tinha havido; por q.^{to} a primr.^a Ordem do N. M. R. Pe. Prov.^{al} fora pronunciada i...udita parte; e esta segd.^a hê por huma carta...ticular, nao mais; e q' a rezao, q' o N. M. R. Pe. Prov.^{al} a...sinava, dizendo; q' os P.P. da nossa Congregam. haviaó lá gastado os 600\$000, q' foraó p.^a os cativos, os q... .. Mostr.^o da B.^a e ... Parn.^{co} o — nao devia p... ao da B.^a q' procurassem os d.^{os} P. P.^{es} da B.^a das pesso.. q' o—reberaó e gastaraó; pois estes hê...lhes—dev... .. E nao se passou mais coiza alguma no d.^o Conc.^o. &

4.^a Proposta

L.^o dos Conc.
a fl. 37

A os 25 do mez de Maio de 1723 propoz era conc.^o o N. M. R. Pe. D. A.be, q' o Pe. D. Abbe. da B.^a lhe—crevera huma carta em q' lhe—pedia remetesse os negros, ou os duz.tos mil rs. q' no termo assima se faz mençao; e q' elle os—queria remeter, ou entregar ao M. R. Pe. Me. Procur. do Mostr.^o da B.^a... vendendo os asucares; q' vissem suas Paternid.^{es}, se encontravaó, ou convinhaó nesta sua determinação. Todos se remeteraó ao mmo., q' tinhaó...to... Conc.^o pa...; e advertio hum Monge do Conc.^o, q' se...dasse embargar na maó do P. Pr. Fr. Luiz do Rozr.^o o resto das esmolas dos cativos p.^a q' o—nao entregasse a ordem do Mostr.^o da B.^a sem huma sentença definitiva, e juridica nesta materia, por q' se este Mostr.^o tinha direito p.^a possuir os dois escravos da contenda, taóben tinha o mmo. o resto das esmolas. E nao se passou mais coiza alguma no d.^o Conco &

46

Nao sei o fim, q' tiveraó estas duvidas; mas me—persuado, q' o Mostr.^o da B.^a nao veio a receber os escr.^{os}; por p' alem de... p.^a isso dir.^{to} entraraó novo. Prelados, q' ponderariaó me... a materia, ou os fundam.tos della. Governando este Prelado rece... do Pe. Pr. Fr. Luiz dos Anjos 200\$000 p.^{lo} valor de hum escr.^o de Mossurepe, q' tinha levado em sua companhia, quando se auzentou p.^a o Certaó. Neste mmo. triennio falleceo Domingas Per.^a de Rezende Viuva de Gaspar de Amorim da Camara, de q.^m já dicemos, q' queria

entregar o sitio de Beberibe, quando governava o Rmo. D. Abbe. Fr. Jozê de S. Jeronimo p.^{la} Capella de Missas, q' instituhia no d.^o sitio, . . . Conv.^{to} conviêra em se acceitar com o declarado Legado. Suponho, q' athê este tem. . . e não acceitou, e nem o prez.^{te} Prelado nada quiz rezolver, e tudo deixou p.^a seo successor como logo veremos. Em todo o tempo desta Abbadia não entrou Novição algum. Teve de recibo . . . L.^o d. N
 11:2878283: deixou o Mostr.^o empenhado em . . . 5784. Depois de . . . de governar este Mostr.^o foi p.^a o . . . B.^a p. Definidor 2.^o Elle taóbm f. . . Abbe. do Mostr. da Parahyba; e parochio ammovivel da Villa de N. Snr.^a da Concam. de Itanhaem na Capitania de S. Paulo; e no retabulo do altar môr da Igreja Matriz da quella Freguezia collocou a Imagem de N. Sto. Patriarca da pte. do Evangelho, e . . de Sta Escolastica da p.^{te} da Epistola; eu as-vi sendo menino na Matriz velha, q' se deitou abaixo p.^a fazer . . ma nova Finalm.^{te} por morte de seo Irmaó o M. R. P. . . Fr. Anastacio d'Assumpção o—fizeraó Prezid.^{te} do Mostr.^o da B.^a, do qual emprego o—privou o seo Conv.^{to}, e não sei se com m.^{ta} justiça; mas com grd.^e injuria nossa. Foi p.^a Portugal a cuidar de seo Livram.^{to}, e depois de . . voltar p.^a esta Prov.^a o—tornaraó a fazer Definidor; e em id.^e m.^{to} avançada mas sempre robusto, alle.^o no d.^o Mostro da B.^a, onde está sepultado. Aqui taóbm finali. . . o q' elle tinha escrito no seo livro do Depozito, e certam.^{te} á sua curio. . . deve este Mostr.^o as noticias, q' tem de m.^{tas} coizas antigas.

59^o Prelado, e 46^o Abbe.
nos annos de 1724 || 25 || 26 || 27 ||

O M. R. Pe. Me. Fr. Jozê de Jezus Maria foi eleito D. Abbe. deste Mostr.^o em 7 de Junho de 1723 sendo Gal. o Bez.
 Rmo. Fr. Anto. de S. Lourenço. Entro a transcrever, o q' deste Prelado deixou escrito o Rmo. Pe. Me. Fr. Manoel de S. Jozê. Tomou posse . . . caza em 18 de Março de 17.4 Diét. a fl. 13 v.
 e governou tres annos, tres mêzes, e 22 dias. Achou o Mostr.^o com o empenho de 6808784. Foi mui excellente Prelado nos primr.^{os} seis mezes de seo governo; por q.^{to} nelles p.
 prat. . . todas as observancias, q' determinaó nossas Constituições com agrado dos Monges, e seculares. Porem como Logo expr. entou grd.^e falta de viveres cauzada por huma

seca come-
ou .o anno
e 1.23

..goroz., q' durou perto de dois annos, em os quaes com grd.e difficultd.e se achavao ...tim.tos, e estes mito. caros com a falta destes, foi faltando taóbm no Mostr.o a observancia. Nas nossas Fazd.as tanto apertou a fome, q' foi preciso retirar dellas p.a . Mostr.o todas as crianças, p.a não perecerem obrigadas da necessid.e, eaos mais escravos dellas se deo permis..o p.a ir buscar a vida pelos meios, q' .ua industria lhes —administrasse, por não haver nas d.as Fazd.as coiza alguma com q' se pudessem sustentar; por est.. a terra taó dura, q' se não podia nella trabalhar; e tanto q' nos nossos eng.os se chegou a perder inteiram.te a sem.te da mandioca.

Naó obstante estas calamid.es naó deixou o d.o Pe. M.e de mostrar sua activid.e, e zelo taóbm no temporal; por q.to na Igreja puxou a fa.. as duas ...llas de Sta. Gertrudes, e S ..etano e na parede fronteira a...o tres arcos, em q' fez duas Capellas huma a S.ta Anna .utra á N. Snr.a dos Prazeres e se abriu huma ..rta p.a entrar do Claustro p.a o cruzeiro: e toda esta obra junto com o arco da Capella môr fez pintar nas mesmas paredes com m.to boas pinturas: o q' taóbm fez nas Capellas da Snr.a das Angustias, e Sto. Amaro, e N. Snr.a do Pilar. Na Capella môr fez tres ninxos, q, taóbm mandou pintar; taóbm mandou pintar na mma. Ca pella hum retabolo fingido na parede. Mandou abrir huma porta q' na Via Sacra da p.te da Epistola sahe á Capella de N. Snr.a do Pilar com soleira, hobreiras, e de cantaria, e lhe-poz por.. de almofada com suas aldrabas p.a se fechar. Mandou abrir na ante-Sachristia na parede da Capella môr hum almario p.a guardar a prata com soleira, hobreiras, e verga de pedra marmore, q' havia lavrada no Mostr.o, e lhe-poz porta de almofada com sua fechadura. Fez portas de almofadas p.a aquella, q' tinha mandado abrir do Claustro p.a o cruzeiro, e lhe-poz aldaba p.a fechala e a mandou pintar. Em fim fez outras mtas. miudezas p.a o acei. da Igreja, e Sachristia, q' se pode ver no L.o do seo Estado, em q' bem mostrou, quaó era seo zelo, e activid.e, e sem duvida mtas. obras memoraveis, se no tempo .. seo governo naó experimentára as calamid.es da se.a, q' lhe-diminuirá m.to o rendim.to do Mostr.o pois tendo se. antecessor de rendim.to 11:287\$283 som.te 5:58.\$111.

Movidos de seo exemplar zelo concorreraó varios devotos no tempo de seo gover.. com suas ..molas p.a o—ajudarem, q' impo...raó .a q.ta de ...\$680, q' vaó includidos no rendim.to asima. E alem di... deraó hum resplendor de prata p.a o Sto. Christo do altar da Sachristia, e mais hum baculo da mma. p.ã Sta. Gertrudes. Fez varios concertos nas caz.. de aluguel,

q' o Mostr.^o em nesta Cide., e no Re. Nas Fazd.^{as} naó mostrou menos seo zelo, como em se pode ver no L.^o de seo Estado, q' se conserva no Archivo de... Mostr.^o

Provêo os Monges de todo o vestiario vencido em seo triennio; e ficou devendo os q' se venceraó nos tres mezes e vinte e dois dias por lhe faltarem os meios p.^a os-pagar, e por esta mma. cauza deixou mal providas as officinas, como se verá adiante na descripção do governo de seo successor. Deixou empenhado o Mostr.^o pôr cauza da esterilide., q' experimentou em 2:536\$080. P... dezempenho dos quaes deixou em dos credores nove caixas de asucar br.^{co} com trez.^{tas} e vinte quatro arrobas, e meia; e doze de m...vado com quatro centas, e vinte tres arrobas, e meia.

Tanto q' entregou a caza a seo successor se poz a caminho p.^a a B.^a por terra fazendo de caminho Missaó nas Igrejas, por onde hia passando; e chegando ao Rio de S. Franco. lhe-deo hum estupôr na nossa Fazd.^a da Ilha grde., do q.^l ahi mesmo falleceo; e jáz sepultado no Conv.^{to} dos Religiozos de S. Franco. da Villa do Penedo. Tinha sido Companr.^o do Rmo. Prov.^{al} Fr. Anto. da Trindé, depois Chronista Mór desta Prov.^a, eleito na Junta Gal. da nossa Congregaçáo; officio e occupaçáo, q' exerceo tres annos, e deixou alguns escritos, q' se conservaó no Mostr.^o da B.^a. Isto hê, o q' vem escrito no Dietario, ao q' acrescentamos as segtes. noticias, q' aó respectivas ao tempo do governo deste Prelado, por q' as-julgamos dignas de nossa Lembr.^a.

Additamentos

No L.^o dos Concelhos a fl. 38 no Conc.^o de 22 de Março de 1724 se nomeou por Prior ao Pe. Me. Fr. Thomaz da Concam.; e taóbem nesse dia se propoz ao Con.^{to}, q' a defunta Doming... Per.^a de Rezende deixára ao Prelado deste Mostr.^o por seo testamenteiro e juntam.^{te} seo sitio de Beberibe p.^{to} Legado de huma Capella de Missas perpetuas p.^r sua alma, e de seo def.^{to} marido Gaspar de Amorim da Camara: conveio o Convto., q' se acceitas... a ...stamentaria, e o Legado das declaradas Missas. Na acceitaçáo deste d.^o Legado já se tinha concordado, quand... d.^a Do...gas Per.^a em sua vida o-mandou oferecer em 28 de 9br.^o de 1717 gove...ndo esta caza o Rmo. Fr. Jozê de S. Jeronimo, e ignoramos o motivo, por q'

L.^o dos Concelhos
a fl. 38

tanto se dilatou esta acceitação. Desde o tempo d...e Prelado thê o prez.^{te} temos satisfeito o declarado Legado; e todos os annos se dá conta no juizo das Capellas. O d.^o D. Abbade c...da dozam.^{te} deo contas do testam.^{to} de Dom.^{as} de Rezende; e no archivo do Mostr.^o se conserva o treslado da ...tença da d.^a conta.

Neste governo se fizerao varias curas graves a varios escravos q' ficarao inficionad... de terem comido raizes de gravatá, mucunam e cocos em Lugar de farinha no tempo da maior fome, q' padeeo este Mostr.^o, e toda a Comarca de Parn.^o. Faz admirar a providencia q' conservou a vida de tan... entre o rigor de taó grd.^e carestia; pois consta do estado deste Prelado, q' em q.^{to} elle gover... não falleceo escravo algum. No Conc.^o de 13 de Maio se propoz no anno de 1724; Que Cosmo Affonso de Alarcão queria comprar hum altar . Capella .ovante, erecta, e fabricala a sua custa, de q' tudo se havia fazer escritura rezolveraó; Que se vendesse; mas não conta, q' desse dnr.^o e nem se fi...sse a d.^a escritura, e sôm.^{ta} o estado declara; Que dêra a Imagem de N. Snr.^a dos Prazeres p.^a a-collcarem no altar; e mais huma campainha, e q'etera paramental. Pôde ser, q' por este motivo seo filho o Pe. Reinaldo em sua vida especial devoção com a d.^a Imagem: p.^a ella deo hum mante rico de seda branca com ramos ... oiro, humas cortinas grd.^{es} de damasco carmizim, huma alcat...a pequena p.^a o altar e talvez mais alguma coiza, de q' não tenho notícia: No declarado estado se diz, . havia neste Mostr.^o o uzo de se cantar hum **Memento** em dia dos Fieis Defuntos p.^{la} alma de Anto. Dutra (hê engano; há-de ser Dalt.o) e seos herdeiros por se haver antigam.^{te} deixado p.^{la} esm... do d.^o 28000 cada anno; mas q' já na quelle tempo não havia noticia de q.^m fossem os herdeiros da quelle Legatario, nem se sabia q' tivessem pago coiza alguma: isto não obstante sempre no seo triennio mandar cantar os R.R. p.^a conservar o dir.^o de o-cobrar, se algum dia apparecessem os herdeiros. Já não havia noticia do d.^o Legatario, e herdeiros, e como agora poderá haver. Os s.ece.sores deste Prelado declararao os ..mes dos herdr.^{os}, q' administ..... os bens.

...me na necesside. de fazer esta declaração p.^a advertir a os vindoiros; Que não fação cazo de certas declaraçoens, e memorias, q' a mate...lid.^e do Pe. Fr. Jôzê da Expectação Ozorio fez meter no nosso Chartorio. Sobre este objecto ao depois fallaremos mais Largam.^{te} Sem duvida alguma em tempo deste governo se des... o curral do Gramame; por q' a grd.^e seca, q' tinha começado no anno de 1723 m.t...a toda a creação, e passou-se o resto do gado com os escravos p.^a Ta-

pacorá. Ora já no Estado de seo antecessor se tinha apontado o prejuizo do gado, e sua creação ... d.º curral do Gramame; e se tinha assentado em concelho a muda do declarado gado. Não entrou Novição algum neste Mostr.º em todo o triennio.

L.º dos.....
fl. 3.º v.

No Conc.º de 7 de Julho do sobred.º anno Leo-se huma carta a os da Camara da Villa do Re. em q' pediao se desfizesse o telheiro, q' estava encostado as caz., q' temos no canto da rua dos tanueiros, por q' cauzava damno. .o povo p.las offensas de Ds., q' .elle se cometiaó; e por impedirem o passo as Procisoens, e principalm.te por q' elle se levantára em chaons, q' pertenciaó a Camara, e não ao Mostr.º D..... re.p..ta á d.a carta e nella se prometeo desfazer o d.º telheiro. Aqui de... Le...ar, q' antigam.te chegavaó ao mar, ou o mar chegava a estas cazas, e a todas as mais, q' ficavaó p.a aquella p.te da p.aia, e p.a evitar a ruina q' as ondas costumavaó cauzar se fazia huma estacada p.a reparo de todos aquelles edificios: isto se estilou athê fazer-sé o caiz, q' agora existe q' não som.te as-prezervou da ruina, mais taóbm deixou livre huma boa rua. Neste Lugar ficava o declarado telheiro, elle a pouco tempo foi metido dentro de huma parede de cal, e tijolo, e ficaraó as ...zas terreas, q' temos no canto da rua dos tanueiros com perto .e mais de huma braça de fundo.

L.º dos Conc.
a fl. 41

Em 18 de Dezbr.º de 1724 fez renuncia do Priorado o M. R. Pe. Me. Fr. Thomaz da Concam. por estar p.a embarcar p.a a B.a, e em seo Lugar foi nomeado o Pe. Collegial Fr. Jozé de Sta. Anna. Em 30 de Março de 1725 concordou o Conc.º em vender huma sepultura de nossa Igreja por dez mil ... a Franco, Corrêa Cabral p.a nella ser sepultado, e taóbm sua mer., e algum f.º, se tivesse; e q' lhe-poderia pôr sua campa, e havia ser das grades p.a fora ... frente do altar de .ta Anna. Ora no titulo do extraordin.... vem declarados, e recebidos os d.ºs 10\$000. Não me consta puzesse a d.a campa, e .e a poz, já não existe, nem a obrigação da sepultura; por q' saó todos fallecidos.

L.º dos Conc.
a fl. 42 v.

L.º do Dep. a
fl. 33 v.

Pelo moti... assim declaro, q' no corpo da Igr.a deste Mostr.º se não achaó se não tres campas: a primeira q' está em sima de todas tem o letreiro; = Sepult.a de Franco de Andr.º Caminha, e de sua mer. Izabel de Abrêo, e herdr.os = A 2.ª do mei. = Sepult.a de Miguel Jacome de Lira sua mer., e herdr.os = A 3.ª quaze já de baixo do Coro = Sepult.a de Antonio Gomes; e de Antonio Gomes Salgueiro, seo filho, Anna de Azevedo, sua mer., e sua Genealogia. =

Em 11 de Janr.^o de 1726 se advertio em Conc.^o p.^{lo} Rmo. Pe. M.^e Fr. Manel. de S. J...; Que era conveniente consultar-se com o letradô o m... q' podia haver p.^a proced.... contra o D.^{or} Franco. Lopes de Carvalho p.^{lo} aggravado, q' nos-fez mandando soltar do Re. (q.^{do} foi Ouvidor) a ...aô Nunes a .. tinhamos embargado na prizaô; p. nos-desobrigar da fiança aq' este Mostr.^o estava por elle obrigado ..ui fi... e i.... a resulta. Fiz copiar esta passag.. p.^a ...brar, o q' já dicemos, q.^{do} fallamos da Prezidencia do P. Fr. Luiz Patarata; = q' obrigou ao Mostr.^o a pass.. escritura p.^a pagar ao Capam. Franco. Roiz da Silva hum conto de reis em dois pagam.tos por ..maô Nunes Vieira. =

Neste triennio, e em 10 de 9br.^o de 1726 se fez publicar neste Mostr.^o a Bulla = In Suprema militantes Ecclesia specula = q' deroga todos os indultos, e privilegios pessoaes concedidos a todos os Monges de nossa Ordem. Taôbem se recebeu huma carta do Snr. Bispo D. Jozê Fialho, na qu.. supplicava licença p.^a se recolher nesta Igreja o S.S. Sacram.^{to} da Fregz.^a de S. Pedro, e poder o seo Parocho pro interim exercer as funcçoens Parochiaes, em q.^{to} se reparavaô as ruinas da sua Igreja Matriz. Respondeo-se, q' com m.^{to} boa von..de receberiaô o SS., e q' o Vigario poderia exercer suas funcçoens com as seg.tes condiçoens. 1.^a Que havendo festa pertencente a Fregz.^a se faria nesta Igrejada . solemnid.e, q' o Parocho quizesse; cantando elle missa no altar môr, ..m seo Coadjutor, ou algum Capitular. 2.^a Que havendo sermaô na d.^a festivid.e o—pregaria o Vigario, sendo Pregador, alias algum Religiozo deste Mostr.^o, e naô ou... 3.^a Que as sepulturas dos q' se quizessem enterrar nesta Igreja se.... p.^a a mesma Igr.^a do Mostr.^o o valor dellas. Nisto concordáraô, e na d.^a concordata, q' se fez .. scriptis assignara. — se o Vigr.^o Franco. Roiz da Silva, o D. Abbe., e mais Religiozos.

Quaze ao mmo. tempo chegou ao sobred.^o Prelado a Ordem Regia q' tinha vindo p.^a todos os Prelados do Brazil mandarem apresentar dentro de hum anno ao Tribunal do Conc.^o Ultramarino todos os titulos das terras, de q' estavaô de posse, e taôbem a forma de como uza... dellas. Suponho, q' o d.^o Prelado como estava acabando as-naô remeteria, mas sim seos Successores, como adiante veremos.

60º Prelado, e 47º Abbe.
nos annos de 1727 || 2. || 2. || 30

O Rmo. Pe. Me. Fr. Roque d'Assumpção foi eleito D. Abbe. deste Mostr.^o em 13 de Abril de 1726 na Junta, q' se fez em Tibaens, sendo Gal. o Rmo. Fr. Paulo ... Assumpção; tomou posse, e o-entrou a governar a 11 de de 1727. Tinha já sido Definidor, e Viz.^{or} Achou . Mostr.^o empenhado em 3:0478909 entrando nesta conta 5118821 de ..rias dividas, q' não ficaraõ Lançadas no Estado de seo Antecessor. Achou as officinas iaõ desprovidas do necesr.^o, q' lhe foi preciso fazer logo no principio de seo governo empenho p.^a as prover do q' necessitavaõ. Não achou na Despensa, e Adêga provim.^{to} p.^a a sustentação dos Monges tudo nascido da de rendim.^{to}, q' experimem... seo Antecessor no tempo de seo governo por cauza da seca. Achou devendo-se a os Monges hum escapulario, huma tunica, 6 v.^{as} de pano de linho, e hum par .. sapatos, tudo vencido no tempo da Prezid.^{ca} de seo Antecessor, exceto os escapularios.

Bez.

Teve no Mostr.^o m.^{to} bo.rvancia regular, em q.^{to} pesso...m.^{te} assistio a os actos da Comunide. por ser Monge amigo da observancia; porem m.^{tas} vezes fal... a estes actos por cauza das suas quaze continuas enfermidades, por q' alem de ser m.^{to} achacado da gota, de q' padecia excessivas dores, teve outras enfermidades graves nas quaes se julgou em perigo proximo de vida. Cuidou sempre m.^{to}, em q' no Mostr.^o houvesse abundancia, como q.^m bem conhecia ser esta precisa em tempo, q' as naturezas se compoem mal com as faltas do necessario p.^a cumprir com alegria, e sem murmuração com as obrigaçoens religiosas.

Naõ obstante o emp.^o, e penuria, em q' achou o Mostr.^o, cuidou mto. no seo aumto. principalmente, no accio da Igreja, e pompa das festividades.; e alem das q' se costumavaõ celebrar, festejou a Snr.^a do Pilar, S. Gertrudes, S. Caetan. correndo as despezas destas festividades por conta do Mostr.^o, por não haver, q.^m as—fizesse, e pregando elle mesmo m.^{tas} vezes nellas com a sua costumada erudição; pois era exce.....e Preg.^{or} Ret..hou e em.osou com cal a todo corpo da Igreja, Reformou os frontaes da .. classe assim da Cape... môr como dos altares collateraes com damasco branco novo. Mand. . fazer duas grades grandes de jacarandá torneada..., irmans das da Capella môr p.^a feixar com ellas as quatro capellas do corpo da Igr.^a Fez p.^a os mais altares sinco frontaes de damasco roxo franjados

de retroz; por que os—naó tinha. Fez duas cazullas com seos param.tos de damasco br.co, e carmezim p.a com ellas in.....
 . ornam.to br.co da 1.a classe, q' sô tinha tres. Fez mais trez cazullas de damasco encarnado p.a com ellas taó bem inteirar . ornam.to desta c.. Fez taó bem duas dal..... do mmo. p.a as festivid.es, em q' se uza da côr vermelha; por q' as naó tinha este ornam.to, e as—guarneceo com galaó de oiro fino. Fez mais duas cazullas de setim verde p.a com ellas inteirar o ornam.to desta côr. Fez mais duas cazullas roxas de damasco, q' faltavao p.a completar este ornam.to Fez seis bolsas de corporaes de damasco com suas palas, e fixollas do mmo.; a saber, duas br.cas, duas carmezim, e duas roxas, e duas mais de sitim verde. Fez mais 8 v.. de calices dois de cada côr. Fez 4 sobrepelizes de pano de Li..o; tres alvas de pano de linho fino rendadas; e tres chans de pano ordinar.o. Fez hum vestido .. seda azul com ramos de oiro p.a a Imagem da Snr.a das Angustias. Fez mais hum sepulcro novo de bôa arquitetura, cuberto de papeis com malacaxeta, lata, e tintas . formava huma aparente tela ..acioza; fez var... .. de cravos, e do d.o sep.... Fez 6 ramal..... grd.es p.a o al... môr; e outras miudezas de menos porte

N. Mostr.o fez de novo a fundamentis com 3 palmos, e meio de largo, 60 de alto, e 70 de comprido de pedra, e cal a parede interior do dormitorio, q' olha p.a a Cide., q' estava arruinada, e sustentada com espeq... Nesta parede fez 5 janellas ...gadas com su.. grades torneadas, e janellas de almofada, q' tudo man... olear; e nesta parede se abriu hum arco grd.e p.a serventia do dormitorio bx.lhou todo o Mostr.o embasando as telhas com cal nas partes, q' era necessario p.a reparo dos tempos. P.a o Refeitorio fez 18 toalhas de meza, 130 guardanapos, e 2 aventaes; e p.a elle comprou copos, pucaros, facas, pratos, salseiras, e tudo mais com abund.a P.a a R.z.... fez 9 penteadores com suas guardas; e p.a . hospedaria . .lxoens novos; em fim deixou todas as officinas bem providas de todo o necessario.

Naó obstante suas enfermidades, e o m.to, q' trabalhou no Mostr.o cuidou q.to pôde no reparo das Fazendas as quaes vizitou varias vezes fazendo-se conduzir a ellas as costas dos escravos por naó poder montar a cavallo. Na de S. Bernar... .. de novo o alto das cazas da moenda; fez moenda nova, huma caldr.a grande, e outra ma.. pequena. Fez p.a purgar o asucar .oo formas, e tudô mais, q' achou ser necessario. Para a Capella desta Fazd.a fez hum frontal novo, e huma cazulla com seos param.tos tudo de cabaio e humaha p.a o môr.

Na Fazenda de Mossurepe fez moenda nova p.^a o eng. ma pr.n. . . nova p.^a a caza da farinha huma serra grd. cubos de cobre, 12 foicinhas, 7 enxadas, 21 fouce Hum balcão novo p.^a secar o asucar de madeira, e tudo mais q' julgou conveniente p.^a conservação da Fazd.^a, p.^a cuja capella fez huma cazulla, huma alva, hum a . . . to, e 2 sanguinhos, e dois mantos de primavera. . hum p.^a a Imagem da Snr.^a e outro p.^a a Snr.^a do Rozr.^o.

Provêo os Monges de todos os q' vencêrao no tempo de seo governo, pagou todos, q' ficou ndo seo Antecessor. Teve de . . . dim.^{to} em o tempo de seo governo, q' foraó 3 ans. 1 mez, e 8:357\$779 entrando nesta conta . 950\$740 q' importou o asucar; q' deixou seo Ante. p.^a pagamento das div. via o Mostr.^o, das quaes pagou 1:825\$600. Como o re. q' teve, foi l. tado por tempos, e ve humº C. níd.^e n. eroza por se abrir no Mostr.^o Collegio de Filozofia logo no principio . . . seo triennio, e Largas p.^a as despezas xou o Mostr.^o empenhado em 6:915\$913; p.^a ajuda da satisfacção dos quaes deixou em ser a seo Successor 1800 @ de asucar br.^{co}, e 348 de marcav.^o, e retame em 58 caixas, e 1. feixe.

Alguns mezes depois, q' entregou o governo a seo Successor se embarcou p.^a a B.^a, e foi depois Definidor, e Viz.^{or} gal. e ultimante. Proval., e como seos achagues, com os ans. foraó cada vez a mais, o-opprimiraó de forma, q' com 6 mezes de Proval. falleceo no Mostr.^o da B.^a, a onde jáz sepultado.

Additamentos

Governando este Rmo. Prelado fez venda do sitio, q' temos em Beberibe a Jozê Aires Velozo por 160\$000 a juros na maó do mmo. comprador, q' deo por premio da compra 40\$900 em dnr.^o, e se obrigou a pagar os juros p.^a satisfacção do Legado da Capella de missas, q' temos obrigação dizer todos os annos pela alma de Gaspar d'Amorim. M.^{to} mal pagou os juros, dest. . . io todos os matos, e por fim p.^a o-revindicar viemos a ter litigío impertinente, e vergonhozo, q' durou athê o anno de 1766, ou athê o governo do Rmo. Fr. Joaó da Trinde.; e finalm.^{te} athê as custas dos Autos perdeo o Mostr.^o Estes Autos andaó na Gaveta da sella dos Abbes.

No fim do Estado do Rmo. Pe. Me. Fr. Roque se torna a f..... sobre a Capella de Anto. Mora. Daltro, e nella afl. 80 se diz = Q... herdeiros nada tinhaó pago das terras de Beberibe, que elle tinha deixado p.^a de seo rendim.^{to} ornarse, e paramentar-se a Capella, q' tinha neste Mostr.^o, q' já eraóados 44 annos, q' nada tinhaó dado = Quando isto se escreveo, foi no anno de 1730 e como tinhaó passado 44 ans. mostra q' a obrigaçáo começou no anno de 1686 Dizem-me, q' das d.^{as} terras se fizêra apprehensáo pelo Juizo secular sendo ministro Joáo Rodrigues Colasso por falta do cumprim.^{to} do Legado. Taóbm tinhamos obrigaçáo de cantar todos os ans. em dia de Finados hum R. ...bretura de Anto. Mora. Daltro, e mtos. ans. o-cantamos . naó sei, se tiveraó cuid.^o de cobrar estes cahidos q.^{do} se fez apprehensáo nas terras, q' affirmaó ser as em q' agora tem seo eng.^o. Capam. môr Anto. Jozê Souto, ou vezinhas a este eng.^o.

A Capel. de Anto. Mora. D..... era de Sta. Gertrudes; esta. . onde agora está a de S. Vicente Ferrer; e como era Capella funda . .tava dentro a sepultura do d.^o Anto. Mora.; e por is.^o ainda eu vi .. anno .. 1769 por de traz da Capella de S. Vicente no corredor, q' lhe fica atraz hum pedaço grd.^e de marmore, q' era p.^{te} da campa da sepultura do d.^o Anto. Mora., de qm. desejo ver o testam.^{to}; ma. agora o—naó pude conseguir. O de sua mer., q' era Izabel .., vem copiado no Tombo a fl. 55, e nelle declara, q' ametade das cazas, .. q' mora, deixa p.^a de seo rendim.^{to} se dizer a Capella de missas. Já sobre esta materia fallamos no anno de 1606, q' hê q.^{do} se fez o d.^o Testam.^{to}.

Neste triennio receberaó-se da mam do Snr. Bispo D. Jozê Fialho ..78600, q' p.^a tenciaó ao Mostr.^o do Rio Janr.^o, e ca os ...xaraó ficar, por q' o d.^o Mostr.^o do Rio devia a este maior quantia das tensas vencidas dô def.^o Pe. Me Fr. Jozê de Jezus Maria. Taóbm receberaó 3828397, q' o Rmo. Gal. applicou p.^a est. Mostr.^o do dnr.^o da Prov.^a, q' estava em Portugal tendo p.^a lá ... p.^a o resgate dos Monges cativos. Sobre estes Monges cativos e das esmolos, q' p.^a seo resgate mandou tirar este Mostr.^o, já fallámos, q.^{do} tratamos do governo do M. R. Pe. D. Abbe. Fr. Bernardo da En...naçáo; e naó sei, se o Rmo. Gal. fez . sobred.^a applicaçáo p.^a este Mostr.^o do dnr.^o, q' a B.^a tinha mandado p.^a o resgate por .. haver cobrado indebitam.^{te} desta caza algum dnr.^o .. por outro motivo, . ignoro.

Em 8br.^o de 1729 escreveo huma carta a este Prelado o Snr. B.^o D. Jozê Fialho, p.^a q' sem demo.. mandasse as ordens necessarias p.^a o D. Abbe. da Parahyba tirar da Aldeia de Utin....

Est. a fl. 80

Tomb. a fl. 55

D. p. fl. 36

L.^o dos... a
fl. 55

Pe. Fr. Vicente dos Anjos por havelo p...to sem seo beneplac... ..; ordena S. Mag.^e sendo elle de costumes per.erros; e q' obbe. fosse castigado por assim obrar sem temor de Ds. A carta vem copiada no L.^o dos Concelhos.

No tempo do governo deste Rmo. Prelado falleceo Aldons. Soares, may do Pe. Fr. Victoriano de Sta. Gertrudes, e por este fallecim.^{to} antes do Inventario herdou o Mostr.^o huma morada de cazas no Re. O Sto. Conyto. con.... metade do rendim.^{to} dellas p.^a do Pe. a fim de poder remediar suas sobr.as.

L.^o do Conc.
a fl. 56

O G.^{or} Du. de Sodrê Pereira em Maio de 1730 escreveu huma a este Prelado em q' lhe-remeteo a Ordem Regia expedida pela Secr.....ia d'U. ramar em 15 de 9br.^o de 1729 p.^a nos C.....tos .. Re. naó admitidos omiziados. O mesmo Govern.^{or} taóbm ao mmo. Prelado mandou outra ..dem Regia .. Con.^{co} p.^a q' Religiozo alg. tratasse de p.... perante os Ministros, se-naó ... perten...tes a suas Corporaçoens, ou de seos, q.do naó tivessem outras pe....., q' dellas cuidassem. A ordem hê de 28 de Abril de 1730. O Pe. Fr. M.... de Jezuz foi Prior deste Prelado, q' em todo seo tempo teve hu. ... Noviço, de q.^m foi Me. o Rmo. Fr. Manel. de S. Jozê.

No Estado se diz = Que fizera du.. Dalmaticas de côr carmezim p.^a acompanhar a cazula de damasco, q' tinhamos da mma. côr, e q' as-orlâra todas de galaó de oiro fino = Isto foi engano, por q' ainda neste anno de 1791 nos-servimos com as d.^{as} Dalmaticas de damasco carmezim, e claram.^{te} vemos, q' todas as ga.... dellas, e ainda as franjas do manipulo, e est...a saó falsos, e lá estaó de côr de cobre.

61^o Prelado, e 48^o Abbe.
nos ans. de 17. . || 31 || 32 || 33 || 34 || .

O M. R. Pe. Pr. Fr. Miguel de S. Boaventura foi eleito p.^a D. Abbe. deste Mostr.^o na Junta de 28 de Julho de 1730, sendo 2.^a vez Gal. o Rmo. Fr. Jozê de Sta. Maria. Entro a transcrever, o q' deste Prelado deixou escrito N. Rmo. Pe. Me. Fr. Mel. de S. Jozê no Dietario, e depois addicionarei alguma coiza, se houver.

Bez

Ao Pe. Me. Fr. Roque da Assumpção succedeo no governo deste Mostr.º o Pe. Pr. Fr. Miguel de S. Boaventura, natural de Basto, depois de ter sido Prior, e D. Abbe. ... Brotas, e Prior, e Me. de Noviços no Mostr.º da B.^a Em.....-se na B.^a p.^a ...te Parn.^{co} a tomar po... do gov.... deste Mostr.º se levantou huma furioza torm.ta, q' ... cinco dias ortar ao Rio grde. elle, e dois Reli..... mais, q' vinhaõ em sua comp.a, e . Viz.or ... P. Pes. Carm..... descal... .. Companr.º a onde estiveraõ perto de dois mezes, esperando q' o tempo lhes-de.e Lugar p.^a virem p.^a este P.rnam-buco.

Tomou posse em 28 de Ag.to de 173., e governou 3 ans. mezes, e 10 dias. Achou este Mostr.º empenhado em 7:27.\$.54 entrando nesta conta 359\$04. de dividas, q' ficaraõ fora do Estado de seo Antecessor. Naõ obstante este grande emp.º, e ter humaza Comonid.e de Subditos; por q' logo no principio do triennio lhe abriaraõ no Mostr.º curso de Filozofia, e pagou o frete dos Monges, q' p.^a elle vieraõ da B.^a, e Rio de Janr.º; e taõbem fez o gasto dos q' tinhaõ acabado a Filozofia no triennio anteedte., foraõ estu... .. Theologia nos Mostr.ºs da B.^a, e Rio de Janr.º; com tudo foi m. o . trabalhou neste Mostr.º, o qual reduzio á melhor forma, do q' antes tinha assistindo ao trabalho em pessoa desde madrugada athê a noite, e como hê bem, q' a os vindoiros fique memoria de seo zelo, entro a referir as suas operaçoens.

Como o Coro era pequeno, lhe-acrescentou no comprim.to dez palmos, metendo-lhe todo o vigam.to novo, e huma madre, q' recebe, e sustenta as vigas da p.te da Igr.^a, digo, da p.te da porta da Igr.^a; e soalhou-o, metendo-lhe de novo o la.ado necessario p. . .rescimo. Abrio nova porta p.^a a entrada do Coro, e fez p.^a elle porta em duas de alm....., e lhe-poz a ferragem necessaria; a mma. porta meteo na largura da parede 5 degraos de m....., q' tanto fica o is alto, q' os dormitorios. Na Igr.^a poz huma p. p.^a agoa q' mandou fazer á Paralyba. Fez dois estrados p.^a as Cap....., e dois mais p.^a o solio Abbacial, e 2 grades p.^a os doceis com 21 palmo de alto, e 9 de largo. Fez duas cadeiras Abbaciaes de rabuxe torneado; huma das quaes serve taõbem de Fraldistorio. Fez mais 16 tamboretos razos de rabuxe torneado p.^a os Pontificaes, 12 dos quaes mandou est. ar, como taõbem as duas cadeiras Abbaciaes. Fez mais 12 castigaes de rabu. torneado p.^a os altares. Comp. u hum ferro p.^a fazer ostias. Fez duas vestim.tas p.^a as duas cadeiras A...ciaes huma de damasco br.^{co} com franjas de retroz carmezim, e outra .. brocatel carmezim com franjas .. retroz

agemado. Fez mais . vestim,tas de damasco br.co com fr. de retroz ... m... p. .4 .amboretas ...os; e oito de Brocatel carmezim franja... com re... ag...do p.a outros 8. Fez mais dois p.a os Pontificaes hum de da. br.co f...jado d.oz carmezim e outro de brocatel carmizim franjado de retroz agemado. Fez mais duas grandes de bretangil roxo p.a o acto do descendim.to da Cruz, e 2 mais do mesmo p.a cobrir os altares collateraes Paixaó. Fez . ramalhetes grandes p.a a banquetta do altar môr, e 4 pequenos assim p.a ornato . . . mais altares, como p.a ornar a tribuna, q.do se expoem o SSmõ. Sacramto. Fez mais 4 alvas novas fez sobrepelizes, e 8 toalhas tudo de pano de Linho. Reformou de paniculo fino a alva rica dos Abbes. Fez mais 5 mezas de corporaes com suas guardas, com suas rendas, e bainhas curio.... de ber.... Fez mais da mesma bertanha 9 amitos rendados. Fez huma mitra de tela d'oiro forrada de setim, e guarnecida com galaó de oiro. Fez mais huma mursa de limiste forrada de taf.tá, e . . .prou hum par de Luvras, e hum par de meias de seda p.a uzo dos Abbes. nos Pontificaes.

No M.... entulhou o claustro contiguo à Igr.a, a portaria . . .tro, e fora, e o dormitorio baixo, q' olha p.a a Cide 3 palmos, e levantou a portaria, e todas as mais portas, e janellas da quelle dormitorio os mesmos 3 palmos, e tudo ladrilhou de novo. Fez fora da portaria . . .res de tijolo redondo, em q' se sustenta o telheiro. Abrio 2 arcos na portaria, hum p.a o Claustro, e outro p.a a escada, q' sobe p.a os dormitorios. A.centou p.a sobir da d.a portaria huma de cantaria, faze... . . novo de pedra, e cal as paredes, q' a Desceo 3 palmos, e meio . . .das as portas, e janellas, e o so. dormitorio, q' olha p.a a Cide. p.a ficar todo o Mostr.o assim por cima, como por baixo no mesmo andar. Alargou o claustro ou...o tanto, como dantes era, e o entulhou p.a ficar no andar dos dormitorios, e de toda a mais obra. Mandou dezenterrar os ossos dos nossos Irs, por ficarem suas sepulturas ao tempo, . fora do claustro, e tresladou p.a huma sepultura . mandou abrir no claustro contig. . à Igreja perto . . porta, q' vai p.a a Capella môr. Na sala do antecoro feichou huma janella, q' havia no meio . abrio duas n. . lados, em q' poz portas, e gelozias. No . .mate da escada, q' sabe na d.a salla fez hum arco de tijolo. Acre...nt... a cella dos . .b. oito palmos, abrio-lhe mais hu. . janella, e fez-lhe huma alcova com suas cortinas . . serafina fra..... de retroz. Fez mais p.a a d.a c. .lla huma duzia de e forrou a e a No mesm. abrio huma por-

la, q' cahe p.^a o claustro, e ha-de p.^a a vara..., q.^{do} se fizer. Fez de pedra, e cal o corredor, q' va. p.^a necessr.^{as} a mesma cozinha, e despensa, tudo emmadeirou, e e .. d.^o corredor abriu huma rta, em q' poz umbreira ga de cantaria p.^a por ella p.^a a e lhe-poz sua ta com sua feixadura. Fez de pedra, e cal a caza do anterefitorio, q' hoje serve de adega. Sobre alicerces, q' descobri. fez o dormitorio, q' olha p.^a o Conv.^{to} do Car..., o qual envig..., e cobrio, e nos baixos delles fez a caza, q' ser... de Refeitorio, p.^a o qual mandou ...er .. Parahyba hum esguixe.

Fez p.^a o Refeitorio 15 toalhas de meza, e .. g.....pos, e p.^a elle comprou todas as alfaias, q' foraó necessari... ara a razoura fez 6 penteadores, e tres g.ar.as, e tres tambo.... de pão. Levantou de pedra, e cal tres brasas de comprido do q' tinha cahido. Fez de novo todos os altos do Eng.^o, e Molin... de Mossurepe; obra, q' se dizia ser preciso naó moer o ..g.^o hum anno p.^a se poder fazer; porem este zelozo Prelado assistindo pessoalm.^{te} a obra, e mandando fazer, e conduzir as madeiras, tudo fez sem perjuízo da moenda. Nesta e nas mais Fazd.^{as} fez outras obras de menos entid.^e, q' se podem ver no Livro de seodo, q' se conserva no Archivo deste Mostr.^o.

A todos os Monges p.... .., q' vencéraó em seo triennio, e lhes-ficou deven... q' venceraó no tempo d. ... Prezid.^{ca} naó sô por falta de effeitos: mais por naó haver .. os generos necessr.^{os} p.^a elles. Teve de rendim.^{to} em todo o ...po de seo governo 1.:760\$957 entrando nesta conta 2:611\$680 q. emportou o al. do asucar, q' lhe-deixou seo Antecessor. Pagou das dividas, em q' achou empenhado o Mostr.^o 3.878\$987. Empenhou de novo em 3:353\$.87; e veio a deixar o Mostr.^o empenhado ao todo em 7:311\$848.

Tanto q' entregou o Mostr.^o se retirou p.^a a Capella de N. Sñr.^a do Monte, onde fez quaze todas as obras, q' Lá se achaó; e dando-lhe huma hidropezia, della morreo; e ... sepultado neste Mostr.^o.

Additamentos

No go.....o de... ..relad. naó Noviço algum. Servio lhe de Prior o Pe. ... Ignacio do Espirito Sto.

em 8 de 8br.º de 1.32 leo-se em Conv.º pleno huma
do Rmo. P.... Fr. Anto. da Trinde. p.ª todos os Mostr.ºs ..
Prov.ª concorrerem com a congrua ann... .. 300\$000 p.ª o
Procer. Gal. f.º da Prov.ª, q' ordenavao as A.tas fosse de cá
mandado, o qual teria ..to na eleiçao do Rmo. Gal. Em 2 de
Março de 1733 leo-se no Cap.º huma p.ªiçao do Pe. Fr. Victo-
riano de .. Gertrudes, em q' dizia = Que por m...e de sua
may fic...ao p. duas cazas, e q' como tinha duas ir-
mans, e alg.... m.º ..bres rogava ao Conv.º lhe con-
cedesse o alugue. dellas .. com elle remedealas = Concedeo-
lhe o Conv.º Já no ..ennio tinha feito sem.e ..queri-
m.º dizia ... huma caza; e o Con.º ..he-concedeo a a.tas. do
aluguel. Entao disse huma agora duas; eu suponho q' lhe-
tocou outra depois de se fazer inventario; ... q' este ainda se
nao tinha feito, q.º fez a pri...ª petiçao. N... seg.ºes triennios
veremos 3 petiçao.

No Estado deste Prelado, q' vem no L.º de seo Deposito ..
declara a fl. 119v. Que o Mostr.º do Rio de Janr.º devia a este
de Olinda a quantia de 512\$400 de resto de tensas vencidas do
def.º Pe. Jozê de Jezus Maria como d..... ..elho q'
ficara de seo Antecessor. E no tit.º dos Recibos ... vem-se
cobrados 42\$632, e isto mesmo declara no d.º Estado a fl.
121; porem abatido este recibo, ficava ainda restando o Mos-
tr.º do Rio de Janr.º 269\$768, q' declara o d.º Estado a fl.
130v. A seo tempo declararei, q' se acab... .. fazer o d.º pa-
gam.º.

No mesmo Estado a fl. 131v. vem a seg.ªe declaraçao = Os
administradores dos bens do def. Anto. Mora. Daltro nos-de-
vem pagar o rendim.º de humas terras, q' o d.º def.º nos-dei-
xou p.ª pagam.º da Capella, em q' está sepultado, e de 40 ans.
a esta p.ªe se nao acha clareza de q' pagassem coiza alguma.
O ..ministr.ºr de prez.ªe h. da Cunha Camelo, m.ºr
no districto de Goyana. Osos devem taobem pagar ..
..gado do .. de 28.00 cada anno em dia de Finados; e nao
consta, q' em tp.º algum pagassem este Legado.

Est. do P. D.
Abbe. Fr....
S.... ventura

62º Prelado, e 49º Abbe. no anno de 1732

O M. R. Pe. Me. Fr. Bernardo de S. Bento foi eleito p.ª
D. Abbe. deste Mostr.º de Olinda em 4 dee 1732 Bez

sendo Gal. o Rmo. Fr. Manoel dos Serafins, .. Junta, q' então celebrou no Mostr.º de Tibaens. Elle não ..mou posse desta caza, e renunciou a Abbadia, como melhor ve..mos, q.do copiar, o q' do novo eleito escreveu N. Rmo. Pe. Me. Fr. Manoel de S. Jozê. Retirou-se p.^a. Capella de N. Sñr.^a do Monte, e della não se se não p.^a morrer neste Mostr.º onde está sepultado.

63 Prelado, e 50 Abbade nos annos de 1734 || 35 || 36 ||

O M. R. Pe. Pr. Fr. Pedro de Jezus Maria foi eleito p.^a D. A... deste Mostr.º na Junta intermedia, q' fez o Rmo. Fr. Ma... dos Serafins em o . de Julho .. anno de 1733. Entro agora a copiar, o . deste Prelado escre..o .. Diet. a .I. 16v. O Rmo. Pe. Me. Ex-Proval Fr. Manel de S. Jozê.

Por successor .. . Miguel de S. Boaventura ... eleito o Pe. M. ... Bernardo de .. B.^{to} natal da Arrifana de Souza, o quala sido Prior, e D. Abbe. do Mostr.º do Rio de J...., e d..... Def.^{or} 1.^o, e renunciando este o lugar ficou .quelle prezidind. .. te...., q' excedeo no governo ao triennio, ...ê q' veio de em lugar do d.^o Pe. Me. o Pe. Pr. Fr. Pedro de Jezus^{al} da Cid.^e do ...to, . qual tinha sido Prezid.^{te} do Mostr.º de Sorocaba. Tomou posse deste Mostr.º em 8 de Junho de 1734, e governou 2 ans, 2 mezes e 8 dias. Achou o Mostr.º empenhado em 7:62\$7.. .. o qual emp.^o ..traó 150\$950 de diydidas, q' não entraraó no Estado de seo Antecessor. Teve de rendim.^{to} em todo o tempo de seo governo 3:54\$1.., rendim.^{to} certam.^{te} m.^{to} limitado p.^a as ...pezas do M.... . q' occasionou o fazerem os Eng.^{os} nas duas safras do te... .. seo governo m.^{to} p....-e ruim as.ca. por ca..a da seca, e o ter ..te na quelles do... ans. m.^{to} limitado preço, como bem se pode ver em o seo L.^o do Depoz.º.

Naó obstante ter este limitado rendim.^{to} pagou das em q' achou empenhado o Mostr.º 1:925\$436, e ainda de novo o-empenhou em 1:106....; ainda o-deixou ..zempenhado da q.ta de 818\$832: proveo os Monges dos vestiarios, e calçados, q' vencêraó .. tempo de seo governo exceto calçoens, e meias por não ter com q' os-comprar; e por essa mesma cauza não pagou os q' ficou devendo seo Antecessor.

Como obras se não podem fazer sem despezas, o rendim.to, q' teve este Prelado, foi taõ limitado, por isso não fez d. grandes despezas; mas no q' fez, não deixou de mostrar, q' se tivêra ...dim.to p.^a isso, as-fizêra; por q.to concertou quaze toda a prata da Sachristia; fez huma e...la de prata p.^a as hoslias; hum par de galhetas com seo prato, hum resplan... p.^a o Jezuz, e outro p.^a S. Vicente Ferrer tudo de prata. R... mou com ruaó de cofre duas alvas ricas, e concertou as rendas destas, e das mais: fez 4 alvas chans; fez ...lhas p.^a o esguixo: 12 toalhas p.^a os altares duas das quaes mandou render ...mitos; 12 languinhos; .o manu.....os, e huma toalha p.^a a ...munha...da guarneçada ...m renda, e tudo de pano de Linho. Fez mais huma toalha de altar rendada de bertanha, 4 cordoens de L.... e 4 mezas de corp..... .. bertanha fina guarneçadas com rendas. Fez p.^a a Custodia ... vêo de .. forrado . tafetá, e guarnecido em roda ... renda de prata fina. Fez 4 vêos de tafetá br.^{co}, e 4 verdes .. mmo. p.^a os calices; fez duas bolsas .. corporaes com suas pala. . fixolas de damasco verde. Fez cortinas de .ô ...neçadas com galaó de oiro p.^a a porta do Sacratio: fez de carnr.^a carmezim, huma p.^a cobrir o altar môr, e outra .. o altar de S. Amaro. Fez .o vasos grandes torneados p.^a amalhetes . 16 dos qu... mandou pintar com ..rias tintas; e 4 mandou doirar, e pintar. Mandou concertar, e encarnar a Imagem do M...no Jezuz e lhe-mandou fazer 2 camizas; huma toda de renda e de Olanda fin. rendada, e huma coroa p.^a . Menina de S. Ann. de prata.

Mudou a porta do coro p.^a seo Lugar antigo, e lhe-fe. telheiro por cima p.^a . reparar do tempo. Mandou abrir naa hu... .. larga, e funda p.^a defender as plantas dos ani.... e .lantou hum bananal, feijoens, couves, e outros legumes p.^a ajudarto dos Monges e escravos. Fez huma porta emlmofo... ..m seo caixilho, e as ferragens necessarias p.^a a sahi... do Mostr.^o p.^a a Olaria. Fez hum tronco novo grande, e forte com as ferragens necessarias p.^a a prizaó dos escr.^{os}. Na sa.... do dormitorio alto, q' olha p.^a a Cid.e, poz janelozii... e portas na q' lhe-fica por baixo. Comprou hum Breviario p.^a o Coro, e ...dou concertar dois; o salterio, e gradual.

Fez p.^a a Razoira 3 toalhas, e 4 guardas de pano de linho. P.^a a Hospedaria comprou 5 lenções, hum cobertor, 5 fronhas grd.es, e 1. pequenas: 2 grdes, e 2 pequenos. Fez 3 toalhas , e...ou hum candr.^o, e hum bahú grd.e p.^a nelle se guardarem as ...ayas de... officina. Para

evitar em p.^{te} os grandes gastos, . fazia o Mostr.^o em medica-
m.^{tos} p.^a os enfermos armou huma bolica nelle, e p.^a ella com-
prou os remedios mais precizos por te. .ujeito intellig.^{te} p.^a
tratar della.

N. . .zd.^a de Jagoar.^e retelhou a caza de vivenda do Pe.;
concertou o cobre da roda de moer ma. .ioca, fez hum coxo
novo p.^a receber . massa, e comprou p.^a . d.^a caza huma can-
dea, hum cava.ma cangalha, e humas broacas. P.^a
a Capella desta Faz.huma toalha de pano de Linho
rendada, e huma me. . . de corporaes. P.^a a Faz. de Mossurepe
fez 4 carros novos, . mandou concertar os velhos, q' havia.
Mandou . .zer 300 form. . p.^a a fabrica do asucar, e . . .cer-
tou os conforme o-pe. . . a nece.e Meteo nesta Fazd.^a
hum crioulo . .dr.^o; 4 novilh. . e hum cavallo . Na Fa. . de
S. Bernardo meteo 2 bois 5 novilhos, e hum . . .llo.
Mandou fazer 3 carros novos,tar os velhos, q' havia.
Mandou concertar os cobres, e com. . . . formas p.^a purgar
o asucar. Mandou fazer huma . . .a p.^a . fabrica da far.^a, em
q' se assenfou o forno p.^a cozer. Comprou huma serra grd.^e p.^a
.rarr o taboado p.^a os caixoens.dou fazer hum forno p.^a
cozer telha. Mandou fazer mais 2 sanzalas, e reformar com
madciras novas quaze todas as ve. P.^a huma Fazd.^a de
gado, q' o Mostr.^o tem no Riacho do Ju.ada pelo Pe. Pr.
Fr. Luiz dos Anjos com gado, q' o Mostr.^o tinha no Ararae. . . .
. mandou ao Pe. Fr. Jozê de Sta. M.^a com escr.^{os} p.^a o seo
serviço; huma espingarda, 2 machados, 2 en. huma fouce
grd.^e, e 2 pequenas, 2 facas, e huma duziasa, e mandou
dar ao d.^o Pe. Fr. Jozê p.^a le. humaca, hum escapula-
rio, e 6 v.^{as} de pano de linho sem q' elle livesse . .ncido estes
.rovim.^{tos} deste seo zelo, e despeza naó colheo o Mostr.^o
o fruto, q' pertendia este zelozo Prelado; por q' os escr.^{os} fu-
giraó, e o mais se naó soube q' rumo levo, por discordia q'
houve entre o d.^o Pe., e o fundador Fr. Luiz dos Anjos, o q.^{al}
tendo pedido lhe.andassem p.^a la hum Monge p.^a entregar a
d.^a Fazd.^a Ia o-vio, Logo se de.aveio com ell., e lhe
naó entregou a Fazd.^a como se lhe-ordenava.

Quando chegáraó as novas eleiçoens, lhe-faltavaó ainda per-
to de 10 mezes p.^a completar seo triennio; por q' sua Patente
era triennial, e como naó era ambiciozo de governar fez todas
asligencias possiveis p.^a reduzir a seu successor a q' tomasse
posse do governo Mostr.^o; por q' este repugnava toma-
la. Governou com o grd.^eficaçãoó, e agrado dos subditos;
por q' alem de ser de genio brando, e agradavel frequentava
os actos de Communid.^e fazendo com seo exem. mais suave

a os subditos . jugo da observancia regular. Depo... q'.....gou
ono Mostr.º se re...ou p.^a a Capella de N. Snr.^a dos
Prazeres aar o Lugar .. Companr.º do Mon.. . regia
aquella Capella, q' tinha largado seo successor. Athê aqui o
..... e entramos agora com os

Additions

G....nando o .. Prelado tivemos sentença . fa... do Mos-
tr.º contra Manel. de Olivr.^a, com q.^m litigamos sobre
das terras de Jaguaribe e os A.tos, ou tresl.... delles
no Archivo de... Mostr.º. Neste tri..... em q' taóbm era
Pr.... . Rmo. Pe. M. Fr. Matheus da Encarnam. Pina foi ex-
pul... ..ligiaó o Pe. Fr. Vicente dos Anjos, e como elle não
pudesse ...ir a sentença, q' contra elle foi proferida por não
ter ubicasaó, e ...ar neste Bis.... remeteo-se a d.^a sen-
tença ao B.º desta Dioceze, e elle anda no L.º dos Con-
celhos. A d.^a sentença foi proferida na B.^a em 10 de Junho de
1735.

L.º dos Co.. a
fl...

Em 14 de 9br.º se rezolveo em Concelho trocar huns chaons,
q' tinhamos con..... . cazas de Mig... Alvares, da
Igreja por ou.... ..lhores e com maior fundo, q' em outra
p.^{te} dava o d.º Miguel Alvares pela conveniencia de estarem os
nossos chaons pegados ás cazas q' elle tinha na rua do Aljube
junto ao canto, q' vae p.^a a Ponte velha. Cuidó se fez a troca mas
não sei onde ficaó os chaons, q' deo. Neste triennio ser... de
..... o Pe. .. Fr. Ildefonso de Sto.; e entraráo dois No-
viços, q' am... ..fessár...

L.º dos Conc.
a fl. 75

Em 15 de Agosto de 17.6 entregou o governo deste Mostr.º a
seo successor, e se passou p.^a companr.º do Pe. q' admin. trava
a Capella de N. Snr.^a dos Praze... como acima se ... se, e pas-
sados alguns mezes o-fizeraó Regente da d.^a Ca..... o qual
tempo renovou tódo o mad. ram.^{to} da Capella Môr da Igreja,
estendeo mais a Sachristia e lhe-assen... os caixoens, e altar.
q' agora vemos, e os 4 painêi. grandes, e outros pequenos, q'
tem as xa.ad... e o ornam.^{to} inteiro com capa d'asper-
ges de damasco , oiro .. relicario da Exposição do Sacram.^{to},
os baculos de pra.. do Pontifical, e do Patriarca, a Imagem
de Sta. Anna com o resplendor de prata, e coroa da Snr.^a fo-
ráo obras de seo .mpo. Na d.^a Capella falleceo em 5 de Maio

de 1748 de huma erizipêla, q' Logo lhe-privou os sentidos, e em 2 dias o-lirou da v...a prez.^{te}. V... o corpo p.^a este Mostr.^o onde o-sepultaraó na Capella môr.

64.^o Prelado, e 51 Abbade nos annos de 1736 || 37 || 38 || 39 ||

O M. R. P. M. Fr. Christovaó de Ch...to foi eleito D. Abe. deste Mostr.^o de Olinda em a Junta, q' se fez em 9 de Janr.^o de 17.6 .endo Gal. o R. .. Manoel da Gra. . . delle se escreve no Dietario o seg.^{te} = Ao Pe. Pr. Fr. Pe... de Jezuz M.^a succedeo no governo deste Mostr.^o e Pe. Me. Fr. Christovaó X.^{er} de Jezuz M.^a n...^{al} de Basto; o qual tinha . . .tes sido eleito Novigo. . . .go q' renunciou, e naó custou pouco a seo Antecess... redu... a q' naó renunciasse esta Abb... da q.^{al} tomou pos.. em 1. . . Agosto de 1736; governou o Mostr.^o 3 ans. . . .ezes . dias. Achou o Mostr.^o empenhado em . : 475. .95, e nesta .on.a .ntraó 1.8.621 de algumas dividas q' ficaraó fora do estado de seo Antecessor. Achou mais devendo-se alguns .rovim.tos de de seo Antecess... e do Pe. Pr. Fr. Miguel de S. Boave...a. Teve de rendim.^{to} 7:7. .§010. Pagou das dividas, em q' achou o Mostr.^o 2:5.4§920, e ficou ainda empenhado em 3:960§375 . com 598§145 q' ficou devendo de dividas contrahidas no tempo de seo gover... a montar t... emp.^o em q' deixou o Mostr.^o em . :558. . . .

Pagou a os Monges os ve...os, q' venceraó no tempo . . seo governo, exceto cogullas, calçoens, e meias por cauza de lhe-fallarem os preços a os asucares; pois vendeo o br.^{co} a 2 patacas, a 600, a 560, a 500, e a 480 baixeza de preços, q' naó ha .embr. tivessem os asucares nesta Capitania. Naó obs... esta penuria fez p.^a a Igr.^a, Mostr.^o e Faz.da as despezas seg.

P.^a a .christia comprou 2 tapetes; 4 M...aes novos com quadernos da Ordem; 4 cazulas br.^{cas} de sed. com suas estollas, manipulos, e bolsas de corporaes. Fez 4 vãos de calices de se... br.^{ca} . . . ramos de .ncarnado, e duas toalhas de pano de p.^a o Met . . .ais na Sachristia 10 toalh... de renda... e 6 sobrepe...zes de pano de Linho. P. . Livraria comprou . Chronica de nos... Ordem div...da em

Asoalhou por cima do o R...torio, p.^a o q.¹ mandou f... 10 mezas ... seos assentos; 8 janellas, e p...tas tudo com a f..... necessaria. Fez, e assento, nelle pulpito p.^a o Leitor. A..... o esguixe, e fez p.^a elle duas toalhas. Rebocou o d.^o Refeitório, por dentro, e o ladrilhou. Fez mais p.^a elle hum painel da Cêa do Snr. Fez 10 toalhas de meza e 21 guardanapo.

Com o dnr.^o de 5 escravos, q' vendeo, comprou 8; . deix... em se. .20\$000 p.^a se comprarem mais dois. A..... no ...po de seo governo do Mostr.^o huma morada de cazas de sobrado por doação, q' lhe fez o Ir. Fr. Jozê de Jesus M.^a Como p.^a reparar as mais do Mostr.^o lhe f...ta.áo os rendim.tos negociou com os .zeiros q'as-concertassem por conta dos alugueres; e com effeito com esta industria se fez em tres dellas hum grande concerto por serem as necessitavaó de reparo.

Na Faz.^{da} d.^e Jaguar.^e fez san.allas .vas . .formou .. altos das mais com madr.^a nova. Rebocou, e caiou a caza de vivenda .. Pe. e fez nella huma ca.....; reformou a roda de moer man...ca com eo... novo: fez huma prensa nova e comprou hum caixaó p.^a se recolher a f...^a Comprou . esta F... . enxadas novas, e hum machado; meteo nella . escravos; dois dellas comprados, e dois vindos de outras p.^{tes};allos; 2 dellas comprados e hum ..vido por esmola. . a Capella desta Fazd.^a comprou hum missal novo com . .derno da Ordem; e deo p.^a ella huma sobrepeliz p.^a com ella se administrar o Sacram.to.

P.^a a F...^a de Mossurepe comprou 13 bestas, e huma escr.^a. Fez 3 ...ros novos e concertou dois velhos. Fez de no... Molin... com q' se móe nas falt... de agoa. Fez huma v.randa .. hum lado da Igreja, dentro da qual mete. .ntrada p.^a o pulp. . .a Faz.^{da} de S. Bernardo concertou o copiar da Igr.^a em q' leva...ou dois pilares, q' o-sustentavaó, e tinhaó cahido. ... cazas de fez huma cozinha nova, e reparou al...mas ca... .. lavradores q' estavaó arruinadas. Compr... o serviço desta Fazd.^a 6 bois, e lhe meteo ma... tres t..... dos curraes de Tapa.... Meteo nella huma escr.^a, q' se comp... Fez de novo o eixo grande do Eng.^o Mandou botar fundos novos em duas e em huma caldr.^a fundo, e arsas. Fez 3 coxos p.^a a caza de caldr.^a Fez 3 carros novos, e concert... .. velhos, .atras miudezas, q' fez as Fazendas, como no Mostr.^o se pode... .. L.^o de seo Esta., q' se .nserv. no

Archivo deste Mostr.^o = Athê aqui, o q' vem ... no Diet. a fl. 18; e ...çamos agora com os

Additamentos

No Estado deste Prelado se torna a fallar na Capella de Anto. Mora. Dallro, q' foi cazado com Izabel Paes. O testam.^{to} an., copiado no Tombo do Mostr.^o a fl. 55, e já delle fizemos mençaó, e taóbm fallámos no Legado de missas e . dia de Finados, q' nãda .ve effeito. Os Estadistas declaraó, q' o herdr.^o administrador da sobrd.^a Capella se chamava Seb....aó da Cunha Camelo; e era mórór. nas p..tes de Goyanna. O q' dizemos, hê p.^a servir de memmoria, e naó a-devemos procur... por q' foi tirada judicialm.^{te}

N.... governo fez pagam.^{to} o Mostr.^o do Rio de Janr.^o de .61\$800 a conta do q' devi. de resto das tensas do Pe. Me. . Jozê de Jezus M.^a, e taóbm recebeo 1:000\$000 de .is, q' deo .. es.... p.^a o Mostr.^o o Pe. Me. . Fr. ...to d. ...ça Varejaó, .. .fessou .. q' tinha de legitima de seos Pays, e em .5 de Agosto de 17... xplicou a verba de seo testam.^{to}, onde declara-va q' dnr.^o p.^a ...m retabulo. Juntam.^{te} recebeo por resto da legitimana do Pe. F. Victoriano de S.ta Gertrudes 131\$8... em dnr.^o

Já o Mostr.^o tinha recebido da legitima materna deste Mon-ge no tempo do governo do Rmo. D. Abbe. Fr. Roque de Assum...ó 142\$2.2 em dnr.^o, e por boa conta vei. o Mostr.^o a receber da. legitimas deste Religiozo 274\$039 r... em dnr.^o, e duas cazas terreas em Sto. Anto. de Re., e talvez m... ..izas, . ha-de constar das folhas de Partilhas, q' naó vi. A.... ..te era a caza do d.^o Pe. por q' seos irmaons haviaó re...be. e irmans sabemos nós; pois o mmo. P. e estavaó necessitadas .o anno de 1733. apon.... .laram.^{te} .e conhece a falsid.e da quelle Monge q' no Dietario vida do .. Fr. Victoriano, q' encareceo a m.^{ta} po-breza, q' tinha antes de entrar Religiozo.

No L.^o dos Concelhos a fl. 80v vem hum ter... q' decla... .lebre ad....ncia, q' fizeraó os P. Pes. Conciliarios, p.^a q' o andasse com anel, e cruz peitoral ao ...os todos os dias athê ao jantar. O Pe. Fr. J... Bautista da servio de Prior ...te triennio, e nelle entraraó, e professaraó q. .tro No-viços p.^a o Coro, e hum p.^a Donado. Taóbm com licen..

Tomb. a fl. 55

Est. a fl. 106

L.^o do... fl. 8.

Depoz.^o do Rmo. Fr. R...

o dos Conc. n . 8. v.

.. Rm. al Fr. Manoel da Graça foi admitida M.^a da S. . . Vasconcellos, sobr.^a do def.^o Vigr.^o de S. Pedro, Franco. Bezerra de Vasco.^{os} a fazer voto simples de castid.^e, pobreza e obedi.^a, . a trazer sempre vestido o habito da Ordem. Falleceu pois . d.^o Prel.^o . . neste Mostr.^o em 20 de Agosto de 1743, sendo D. Abbe. o Pe. Me. Fr. Salvador dos Stos., e foi sepulta.. na Capella môr des.. Ig.^a.

L.^o do . . vie.
a fl. 1 do 3.^o
L.^o

65. Prelado, e 52 Abbade nos ans. de 1739 || 40 || 4. || 4. || 43 ||

O Rmo. Pe. Me. Fr. Manel. do . . sterro Landim foi eleito D. Abbe. deste Mostr.^o na Junta . . 26 de Maio de 1739, sendo Gal. o Rmo. Fr. Joaó Bautista Rio-covo. Este hê o ultimo Prelado de q.^m no Dietario deste Mostr.^o vem escrito, o q' se segue = Ao Pe. Me. Fr. Christovão Xavier de M.^a succedeo no governo deste Mostr.^o o Pe. Me. Fr. Ma. . . . do Desterro, nat.^{al} de Landim: depois de ter sido Me. de Noviços no Mos. . . Rio de Janr.^o, Procor. Gal. da Provincia na . . . te de Lisb., e Companr.^o tomou posse em . . de 9bro de . . . e governo. . . ans., 5 mezes, e 24 dias. Achou o M. . . empenha.. em 5:083\$268 entrando nesta 29. . . . de algumas dividas, q' ficaraô fora do Esta. . . . seo Ante. . . . Teve de rendim.^{to} 9:534\$111 Foi Prelado zelozissimo do bem com. . . . do Mostr.^o, e inteiramente despido de seo interes. . . particular; nunca quiz p.^a si coiza alguma do q' a. . . llo, q' se dava a os . . ais, por q.^{to} o seo sustento na quantid.^e, era o mmo. de qualq.^{er} Ir. Donado, nem az.^e p.^a a candêa qui. q' lhe o Mostr.^o; a os hospedes, q' vinhaô ao Mostr.^o, em cuja hospedagem era este interessado, os-hospedava a sua custa. Pr.g. . m.tos sermoens, dos quaes deo ao Mostr.^o as esmollas: disse grd.^e numero de missas pelas tençoens da Sachristia utilizando. . com as llas dellas, e disse outras, com q' pagou di. . . . q' o Mostr.^o devia.

Bez.

Como por e.periencia conhe. . . . o q.^{to} vive . . pprimido . . Prelado, q' governa o Mostr.^o empenhado, todo se disvellou em dezempenhar , p.^a q' os successores se naô vissem nas angustias, e apêrto, em q' elle se vio; e assim das dividas, em q' achou empenhado o Mostr.^o pagou 4:343\$.9.; e só o-deixou devendo 455\$825. os quaes taóbm p.gára se tivera a com-

modid.^e de dispôr os asueares, q d...xou em... nos Eng.^{os}, como adiante se dirá.

Por m.ta deligencia, q' fe. conceguiu o ajuste de humas contas antigas, q' o Mostr.^o tinha com os Con...lladores d... ca.nes das quaes se ...ceava, q' p.^a ao diante teria o Mostr.^o grandes perjuizos. Acabou com o Cap.^m Manel. A.anha, q' se compozesse com o Mostr.^o, e dez..... da ..nhora, q' havia tres trien...os tinha f...to nos alugueres das p.^a seo pagam.^{to}. e com effeito conseguiu a d.^a compozica. ... grd.^{es} vantagens do Mostr.^o. Pagou a seos sub...tos inteiram.^{te} os provim.^{tos}, q' vencérao. Proveo as Fazd.^{as} de tudo, q' necessitavao p.^a melhor utilizarem ao Mostr.^o. Deixou ... providas as .fficinas de todo o necessario. Deixou de ale.^e a seossor 86.361. Deixou-lhe na Adega 4^a barriz de az.^e No Eng.^o .. Mossur.^e deixou 5 caixas de asucar, e na caza .. purgar 38 paens de cana do Mostr.^o, e 27 dos la....., em q' a Religiao tem ametade. No En...^o de S. deixou 10 caixas cheias, e 73 p.... .. caza dear. Ainda q' se disvellou tanto no dez.mp.^o do Mostr.^o; naó ...xou de attender a seos reparos prec...os e pro... .. necessarios .. Fazd.^{as}; por q.^{to}

Para a Sachristia fez hum pano p.^a os anniversarios, hum frontal p.^a o altar môr; alguns veos dos calices, 11 me... de ..rporaes, e 4 toa.... p.^a o ..guixe. Fez ... caza do ..guixe hu... ..de, q' lhe-cahio, e a-reformou com madeiras novas, e a retelhou. Concertou o telhado do ...o, e o organ. Reparou os altos .. antecoro por em q.^{to}, e p.^a esse se reforma. como hê neccessa... Deixou no Mostr.^o os freixaes, e a maiorpas, e em Mossur.^e quarenta e tantos caibros cerrados. Con...tou .. .adr.^a, e telha os altos do corredor con...guo á Igr.^a, q' cahio ..m duas p.^{tes} Nos altos do ante refeitorio fez duas cellas de sobrado nas quaes poz portas de almofada, e janellas. C...prou duas lucernas p.^a otorio, e huma p.^a a portaria. C...prou p.^a a ho...daria hum candieiro, de latao, e dois de folha de Flandres. Fez .. o Refeitorio huma ordem de toalhas, e 20 guardanapos de algodao, .. 17 mais de amburgo. Comprou p.^a o mmo. Refeitorio hum candieiro de latao, e huma talha ..rd.^e com seo coco de cobre, .. 4 toalhas, mandou ensinar hum crioulo a barbr.^o, q' hê o q' tem o Mostr.^o, e ...prou hum estojo de navalhas tizoira, pedra e bacia. Concertou os Claus-tros todos com mad.^{as}, e cal. e reb...ou ametade das paredes delle. Caiou outra metade. P.^a a horta comprou tres-enchadas

h. machado, e hum edificou toda a . . . da Olaria. Concertou as cazas do . . . escr.^{os} com telha, e madr.^a por estarem arruinadas. Levanto. 4 pedaços grd.^{es} do muro da cerca de pedra e cal, os quaes achou cahidos, e hum mais, q' cabio ao depois; e reparo. o mmo. muro em outras p.^{tes} em q' ameaçava. ruina.

Concertou na Cide. duas moradas de com bastant. despeza por estarem inteiram.^{te} incapazes p.^a se alugarem; e taó. no Re. concertou t.^s moradas, q' estavaó com a mesma incapaci. Fez no mmo. Re. huma estacada, e a-entulhou em p.^{te} com . . . dra p.^a reparo de duas moradas de cazas, a q.^m as . . . rês por f. se hiaó ruinando. Comprou t. . . escr.^{os} p.^a o . . . r. ição d. . . Fazendas . . . huma canôa p.^a o do Mostr.^o

N. Fazd.^a de Jagoar.^e meteo hum cavallo p.^a condu. far. p.^a o Mostr.^o Man. fazer huma prensa p.^a . . . fabrica . . . far.^a, e . . . pay. . . p.^a guardar es. Poz na caza de comieira . . . va por estar a velha rendida. Na Fazd.^a de mandou faz. . . duas moradas de cazas p.^a dois e tres ens fechados com paredes, e porta p.^a secar, e recolher o asucar. Mandou a roda d'agoa, e gastou duzia, e meia de taboado, e arroba e meia de fe. ferragem. Comp. . . . p.^a esta Fazd.^a doze bois de carro e lhe meteo mais outros tirados do cur. Tapacorá.

Na F. . . . de S. Bernardo fez na caza de caldr.^a duas for. . . lhas, e ma. to. caza de novo. Mandou botár dois fundos em duas taxas, . . . fa. . . . de novo todos os cobres miudos. Mandou fazer taóhem hum taxo grd.^e huma pá, e hum rodo de ferro p.^a tirar . . . cinzas da forna. . . Mandou concertar a caldr.^a, e gastou . . . seo . . . certo tres arrobas, e 8 libras de cobre. Fez hum novo p.^a fabrica do asucar, e 12 jarras p.^a decoadas: mandou r huma pega de bronze no eixo grd.^e da moenda. Mandou reformar de madr.^a nova a caza de purgar, e nella fez hum tanque novo de tijolô, e cal, forrado de taboado p.^a recolher os mêis. Mandou fazer mais 50 formas p.^a a fabrica do asucar. Mandou fazer tres . . . alcoens p.^a secar o asucar, q' levaráó athe 40 @, e p.^a os recolher fez huma caza com 2 portas . . . m suas . . . xaduras, e 4 jane. . . as. Mandou na olaria fazer hum tanque novo p.^a amassar o barro. Mandou er mais nove machados, sete enchadas, e huma en.ô Comprou p.^a Fazd.^a 19 tas, e 12 bois de carro, e lhe-meteo mais alguns novillos tirados do curral de T. corá.

Foi Prelado m.^{to} paciente, e m.^{to} zelozo da observancia regular; ensinando a os subditos com seo exemplo, e procurando com nimio cuid.^o, q' todos comprissem com suas obriga-

goens com a maior perfeição. Vindo Defin.or 1.º entre-
gou o governo a ... success... e foi p.^a a .. como era sua
obrigação. Foi depo.. D. Abbe. do Mostr.º do Rio de Janr.º,
e depois Prov.^{al}, cargo, q' de está exercendo com m.^{ta}
satisfação dos subditos, e boavancia = Aqui finaliza
tudo, q' no Dietario vem escrito dos Prelados deste Mostr.º,
e ao q' acima acabamos de copiar, aumentados os ..g.tes

Additamentos

... tempo do governo deste Prelado se deo con.. a ElRey ...
... de raiz, q' possuia este Mostr.º e no ...chivo se ...serva
humã ..pia da d.^a conta, e suponho, q' foi a primr.^a q'
desde . anno de 1724 pouco mais, ou menos, q' a pedio S. Mag.^e
pelo seo Conc.º do Ultramar, ordenando fosse remetida dentro
de hum anno. O mimo, q' se fez ao Letrado, q' a comp... consta
do L.º dos Concelhos a fls. 88. Neste triennio se não rece-
beraó dois ans. de Or.r. q' El Rey costuma dar; por q' se em-
bargaraó pelos foros de humas terras, q' antig.^{te} se nos-ha-
viaó dado no Certaó do C.ará, das quaes nunca tomamos posse
Depo... fl... .. terras e ... cha...s Dipto se fez humã justificacaó no
Ju... .. Fazd.^a Real e se julgou por sentença estarmos de-
zobrigad... do d. f...

L.º dos Conc.
a fl. 88

Depo... fl...

L.º dos Conc.
a fl. 87 v.

To... fl. 282

L.º dos Conc.
a fl. 88

Aqui devo advertir, q' no L.º dos Concelhos a fl. 87v. vem
humã ..pia de hum concelho, q' se fez em 23 de 7br.º
de 174., onde se diz = Que não havia clareza da pessoa,
de q.^m houvemos as terras .. Riacho do Juiz no certaó do Cia-
rá . isto foi en..... .ta de curiozide; por q' .m o Tombo
novo, q' depois se fez, se passou . tresladou a escritura de Gil
de Miranda, q' fez-nos doação de tres legoas de comprimento
humã de Larg. na sobred.^a paragem em 13 de Julho de 1709.
Taóbm no Concelho de 9 de 9br.º do sobred.º anno se propo-
z a venda de huns chaõs, q' tinhamos junto as escadas de
N. ... do Amparo; por q' havia q.^m os-queria co...ar p.^a de
seo producto se dizerem missas neste Mostr.º pelos Lega... q'
já se não compriaó a m.tos ans. por falta do rendim.to dos d.os
chaons, e cazas, q' já não existiaó. ..miro sem.^e expo..... m.to
mais q' escapasse a origem dos d.os chaons ao cuid.º de hum
Prelado taó curiozo, e delig.^{te} porem aliquando **domitat Ho-**
me..s.

Naõ consta, q' nos d.^{os} chaons houvessem em algum tempo cazas, ... q' ti... e obrigaçõ de algum Legado dellas com a frontr.^a e a pare... pedra, e cal, q' fi... pegada as escadas da Igr.^a do Amparo f... vendidas no anno de 1695 pelo Conego Joaõ Maxi... Olivr.^a por pre... de 5 Capellas de mi... q' se disseraõ, e se passou a certidaõ dellas em tempo do M. R. Pe. D. Abbe. Fr. Gaspar das Neves, como já dissemos, q.^{do} fallámos deste Prelado. ... Tombo deste Mostr.^o estaõ lançados dois escritos do d.^o Conego, q' fez a venda.

Tomb a fl 17

As ...zas terreas, q' temos no canto da rua dos Tanueiros ... nhaõ an... (e antes de se fazer o caes, q' agora existe) ... dos p.^a a ...te do mar hum pardo por nome Luiz Marreir... q' tinha a ... propr.^e pegada ás d.^{as} cazas, intentou p... ou esten...la mais p.^a a praia, e p.^r q' lhe-na. impedissemos, ...recco a d.^o Prelado ametade da sua parede ... sobre ... podermos levantar cazas q.^{do} quizessemos. Conveio o Conv.^{to} e o d.^o Prelado digo, o d.^o Pardo passou huma clareza, q' se conserva no Archivo deste Mostr.^o Neste tr... se entrou a execut... a sentença, q' alcançamos ...tra Mel. Ferr.^a de Veras p.^{la} quantia, q' devia a N. Snr.^a dos Prazeres, e por e... divida se veio a rematar ametade do En... Bartholemeo, q' pertencia ao d.^o d...edor, e m.^{tos} a. dep... o-vendemos a Agostinho Borges, q' taõbem tinha compr... tra ametade.

L.^o do Conc.
a fl. 80Arch. do Mos-
tr.^o

Já acima se disse a composizaõ, q' este Prelado fizêra com o Capam. Manel. Aranha sobre a legitima de seo f.^o Fr. Man... Religiozo; ao q' agora acrescento, q' taõbem contrataraõ applicar... dim.^{to} das cazas, q' temos na rua do Vigr.^o p.^a o d.^o Religiozo ter com q' suprir suas necessid.^{es} Religiozas. Elle pouco tempo se utilizou da renda dellas por q' pouco sobreviveo ao d.^o contrato. Parece, q' D.^s em tempo deste Prelado abençoou o patrimonio deste Mostr.^o; por q' de seo tempo athè o prez.^{te} sempre, ou quaze sempre cre...ceõ o recibo do Mostr.^o naõ obstante naõ haverem heranças, ... legitimas; e ter tido m.^{to} pouco augm.^{to} o patrimonio, pois for. do fo.no de cal. e partido de canas de Jagoar.^e hê o mmo., q' dantes ...os.

Em todo o tempo deste governo naõ en... Novico algum neste Mostr.^o Nelle s...o de Prior o Pe. Fr. Ign.^{co} do Esp.^o Sto. Este Rmo. Prelado depois de acabar de exercer lou...velm.^{te} o cargo de Prov.^{al} naõ ...hio mais ... Mostr.^o do Rio de Janr.^o e passan... de 80 ans. de id.^e e ven... fallecer o M. R. Pe. M. ... Anto. de S. Bernardo, q.^m m.^{to} amava, e já em forças p.^a ...der rezistir á força da ...ôr, q' lhe-opprimia s...mbio a ella, e depois de poucos dias o-foi acompanhar acabando o curso de sua ... no mmo. Mostr.^o, onde está sepultado.

Dos Prelados, q' se seguem, sô apontaremos as co. as mais notaveis, q' tiverem feito no tempo de seos governos, e faremos as menos consideraveis, e aquellas miudezas, q' só servem p.^a enfeite dos Estados, onde as podera ver, q.^m tiver vagar, e dezenfado p.^a Ler coizas, q' fazem rir. Naó hei-de callar alguma operação q' ainda q' pequena possa servir de estímulo a os vin. p.^a a fazerem maior em beneficio da carid.^e

66 Prelado, e 53 Abbade
nos ans. de 1743 || 44 || 45 || e 46 ||

O M. R. Pe. Pr. Fr. Bernardino de S. Miguel, e R. sa. foi eleito D. Abbe. deste Mostr.^o em 16 de Agosto de . . . 42, sendo Gal. o Rmo. Pe. Fr. Thomaz do sacram.^{to} Elle tomou posse desta caza em Junho de 1743, e a-governou 3 ans. e quatro mezes menos 6 dias, e fin. izou em Agosto de . . . 46. Em todo o tempo de seo governo recebeo 11:17. \$011 entrando nesta conta o alc.^e, q' lhe deixou seo Antecessor, q' somava a q.^{ta} de 1:256\$561 q' . . . aó tres mil cruzados, sincoenta, e seis mil, quinhentos, e sessenta, e hum real, q' . . . a m.^{to} bastante p.^a pagar . . . mp.^o de 455\$.25, com q' recebeo a caza. Nes. . . triennio se recebeo do Mostr.^o do Rio de Janr.^o 87\$620 por resto do q' devia a esta caza das tensas do def. Pe. Me. Fr. Jozé de Jezuz Maria, e ficaraó as contas justas, e o d.^o Mostr.^o dezobrigado de toda a divida.

Bez.

L.^o do Depoz.^o
a fl. 36

A m.^{tos} ans. corria este Mostr.^o demanda com o D.^{or} Mariano de Almeida sobre a quantia de tres mil cruzados do Legado de D. Luzia de Andr.^e, q' deviamos receber. Neste tr. alcançamos a ultima sentença a nosso favor, e em virtude della se fez apprehensáo nas cazas de sobrado, q' estavaó obrigadas divida. Aquí se advertte, q' as declaradas cazas foraó rematadas por tres mil cruzados, a saber; oitocentos mil rs. do Legado de 150 missas semanarias, e perpetuas com R' no fim; isto hê duas capellas de missas p.^a serem d.^{as} a N. Snr.^a da Concã., e huma Capella a Paixaó de Christo. Duzentõs mil rs. . . q' taóbem deviaó andar a juro p.^a deste rendim.^{to} se ornar a Capella da Concã., q' ella Luizia de Andr.^e, e seo Ir. o Ten.^{te} Corel. Franco, Berenguer de Andr.^e erigiaó. E finalm.^{te} outros duz.^{tos}

mil rs., q' completaó os tres mil cruzados, pertenciáo ao Mostr.^o por ser o valor, q' elles der., p.^{1a} compra da declarada Capella. O q' advertid. claram.^{te} se conhece, q' as . . .zas contempladas sô lem hum conto de . . . obrigados a os dois d.^{os} encapellados. Certam.^{te} nossos P. Pes.^o antig. . . .áo m.^{to} faceis em acceitar pensoens bem onerozas por preço. m.^{to} modicos. Já disse, e torno a repetir, q' sempre dámos sati. . . eção . . . declarado Legado, como se pôde ver no L.^o da Sachristia.

L.^s da Sachr.

As cazas, em q' . . .ima fallamos, ficaó na rua, q' vai da . . . Sachristia do corpo Sto., e tinhaó o fundo p.^a a rua das Sanzallas e pegadas a ellas na mesma rua das Sanzallas junto ao beco p.^a subia na quelle tempo o Mostr.^o huma cazinha, q' se ajuntou a . . . sobrado, quan. . . se reedificaraó no tempo do M. R. Pe. Fr. Bartholomêo dos Martires, como direi, q.^{do} delle tratarm. . . No tempo, em q' o Prelado . . . q.^m escrevemos, tomou posse deste Mostr.^o achou todas as pa. . . . da Igr.^a deste Mostr.^o sem ornato algum, e da mesma sorte . . . da Capella môr, e os Stos. metidos em ninxos abertos na parede do altar môr elle cuidou em mandar fazer hum retabolo de entalha, q' ajustou por setecentos mil rs. e se obrigou a su. . . . ar todos os officiaes, q' nelle frabalhassem; e q.^{do} f. . . . lizou se. governo deixou quaze acabada a obra. e taóbm. . . no cofre 24. . . . p.^a satisfacção das columnas, q' sô faltavaó, e . . . óbem o Sacrario, . . . querendo adiantar pagam.^{tos} p.^a q' o Me., e officiaes não lograssem . . . Mostr.^o, como ordinariam.^{te} costuma.

L.^o dos C. . . II.

Elle achou indigna a caza da Portaria, e p.^a a-pôr mais decente a-mandou forrar e pintar o forro, e taóbm reformar . . . novas tintas o painel grd.^e da regra de N. Sto. Patriarca. Fez de novo todos os altos do sala. do antecoro, e taóbm o-forrou. Con. . . rtou todo o telhado da Igr.^a, e fez prender com gat. . . de ferro todas as cabeças das linhas, q' começavaó a fugir dos f. . . xaes; e mandou pôr algumas pernas de aa em lugar de outras, q' estavaó podres. Mandou fazer huma cortina grd.^e de damasco carmizim com franjas de retroz amarello p.^a a boca da tribu. . . , ou cam.rim do trono, e oito d.^{as} para as portas das tribunas . . . paredes da Capella môr, e dois pares mais p.^a as duas portas dos pulpitos. As cinco portadas de cantaria do dormitório das cellas dos Abbes. com suas portas respectivas foi obra deste Prelado, q' taóbm mandou forrar do. . . dormitórios, e reformou o forro do dormitório, q' olha p.^a a p.^{te} do

Est. a II. 89 v.

mar. Mandou vir de Portugal hum sino, q' lá custou 143\$680; e cá comprou hum mulato official d. canteiro por cento, e sincoenta mil rs.: elle foi o q' mandou fazer as quatro ..cheiras grandes pintadas de br.co, e em m.tas partes sobreoiradas p.^a servi... no acto do Descendim.t^o da Cruz. E saó as unicas, q' ...entem.^{te} temos, e de ordinr.^o uzamos nos offi.... de defuntos.

Na Fazd.^a de Jagoar.^e fez hum Eng.^o com sua caza p.^a modid.^e de .. fazer far.^a Em S. Bernardo fez huma rua de Sanzallas p.^a moradia dos escr.os; comprou treze bois, onze bestas, . hum escr.^o E p.^a Mossur.^e comprou bois de carro. Outras m.tas coizas fez no Mostr.^o, Cid.^e, e Re., e taó bem nas Fazd.as, q' se po.... em ..o Estado. Nelle declara, q' deixára em Depoz.^o p.^a seo Successor 256\$412. Estando p.^a acabar noticia de ser fallecido no Certaó o Pe. Pr. Fr. Luiz dos Anjos, q' tinha fundado a sua custa a Faz.da de S. Joaó em Jagoar.^e, . . . sua morte o Juizo dos auz.tes fez apprehensáo em todos os bens, q' elle administrou em sua vida. P.^a levantar o sequestro, e saber-se o numero de gado;, q' deixára, logo fez expedir o Pe. Fr. Jozê . . . Ma., q' deo contas, e p.^{te} ao successor deste Prelado, . . . diremos q.^{do} delle tratarmos. Depois de ter acabado o tempo de seo governo se passou p.^a o Mostr.^o de S. Sebastião da B.^a . . . esteve athê se finalizarem os dias de sua vida; e ali mesmo foi sepultado, onde teve seo nascim^{to}.

67^o Prelado, e 54 Abe.
nos ans. de 46|| 47|| 48|| 49|| 50||

Bez.

O M. R. Pe. Me. Fr. Salvador dos Stos. nat.^{al} da Cid.^e da Bahia foi eleito p.^a D. Abbe. deste Mostr.^o de Olinda em 19 de Maio de 1746, sendo Gal. o Rmo. Fr. Sebastião de S. Placido. Elle tomou posse de seo cargo em 27 de Agosto de 1746, e nomeou p.^a seo Prior ao Pe. Pr. Fr. Custodio da Concam. Governou como Abbe. tres ans. mezes como Prezid.^{te} Em todo o tempo de seo governo teve de recibo .2:423\$592 q' saó trinta e hum mil cruzados, e vinte tres mil quinhentos, e nov.ta e dois rs. Gastou 12:329\$892, e ficou devendo a varias pessoas a quantia de 413\$640; mas p.^a isso deixou nos Éng.os toda a Safra da Prezid.ca, de q' seo Successor (depois de apura-

da) recebeu perto de tres mil e quinhentos cruzados. Neste triennio teve dem.to o recibo de :244\$...1, q' naó admira: por cres... a. Mostr.^o todo o rendim.to do Eng.^o Velho de Goytá, q' o Pe. Fr. Bento de S. Thomaz (achando-se adiantado em ans., e naó podendo já administralo) o - linha entregado no fim do triennio pas. ao Mostr.^o com toda a bemfeitoria, e fabrica, q' elle a expensas suas tinha metido depois de o - ter ... dado.

Alguns ans. haviaó, q' a este Pe. tinha o Mostr.^o entreg., cd.^o Eng.^o com a condiçáo de elle o-fabricar por estar quaze de fogo morto, e tirarmos pouca conveniencia dos rendim., q' faziamos a varios seculares: elle se obrigou a pagar ao Mostr.^o vinte sinco por cento de todo o asucar, q' nelle se fizesse, e sem ter o Mostr.^o obrigaçáo de concorrer com coriza alguma p.^a o d.^o Eng.^o De fato o-fabricou de novo, meteo-lhe varios escr.^{os}, sempre p.... a renda, tirou d'elle luero, e por fim já velho, e cançado o-entregou ao Mostr.^o com fabrica, . só pedio ao Conv.to lhe-concedesse o rendim.to das cazas da rua do Vigr.^o, q' acabavaó de render p.^a o M. R. Pe. Fr. Miguel de S. Boaventura, q' em sua vida tinha entregado ao Mostr.^o dois mil cruzados com a sobred.^a condiçáo, e da q.^l pouco se utilizou; por q' logo morreo. O Conv.to justan.te annuo á suplica do Pe. Pr. Fr. Bento de Sto. Thomaz, e lhe-concedeo por sua vida todo o rendim.to das d.as cazas, q' tinhaó sido do Pe. Fr. Jozê de Jezuz M.^a Preto, q' as-deo á Religião. Na verd.e faz admirar o m.to, q' o Pe. Fr. Bento de Sto. Thomaz beneficiou a este Mostr.^o Já vimos, q' no triennio do Rmo. Fr. Roque d'Assumpção dera 600\$000 p.^a se mandarem vir os seis castiçaes de prata do altar mór e taó bem humo cruz de oiro com pezo de 32 oitavas: depois nos triennios, q' se seguiraó athê este prez.^o repetio esmollas avultadas, q'raó de 200\$000, e neste mais se liberalizou, e nem deixou de continuar em os triennios, q' se seguiraó athê a sua ...te, comoos notando em seo Lugares respectivos. Hê justo, q' pelas dadivas do d.^o Pe. Fr. Bento de Sto. Thomaz começemos a apontar as operaçoes do M. R. Pe. D. Abbe. Fr. S. ...ador dos Stos.

Elle no tempo de seo governo mandou fazer 4 ...stiçaes de prata bem acabados p.^a o altar da Snr.^a das Angustias, q' custaraó 330\$530, seg.^o o l.^o da Sachristia. Para eiles deo o Pe. Fr. Bento de S. Thomaz 226\$000; e o resto poz o Mostr.^o Aqui devo advertir, q' o escritor da vida deste Monge diz no Diario = Que p.^a a d.^a obra dos castiçaes dera 4...\$000 = Naó sei, donde tirou esta noticia; mas sei, q' elle gosta m.^o

2.^o L.^o dos Conc.
a fl. 4 v.

l.^o Velho da Sa-
chr. a fl. 66

Est. a fl. 133

de contos apócrifos. As seis varas de prata, serviaó no palio, foraó dadas neste mmo. tempo p.^{lo} d.^o Pe. Fr. Bento de Sto. Thomaz, e juntam.^{te} hum caliz, q' este Prelado mandou sobredoír, e por elle pagou 16\$000. Athê o tempo deste governo as duas capellas collateraes de N. Snr.^a das Angustias, e Sto. Amaro estavaó sem retabulo, o declarado Pe. Fr. Bento de Sto. Thomaz mandou fazer a sua c...a toda a entalha de ambos, e hê a mesma, q' de prez.^{te} existe com alguma reforma, q' se fez q.^{do} se douraraó. Taóbm mandou assentar hum orgaó novo em huma das tribunas da p.^{te} do Evangelho; por q' o realejaó, q' dantes tinha o Mostr.^o, estava totalm.^{te} destruido, e sem ser...tia. Este d.^o realejo destruido, passados alguns ans. foi vendido ao Mostr.^o da Parahyba. O orgaó novo foi o pr.^o, q' em sua vida fez o organeiro Agostinho de tal, o qual taóbm foi author deste, q' agora temos, em q' reformou varios defeitos do primr.^o

Este Prelado, de q.^m tratamos, foi quem deo principio ao sallaó, q' temos da p.^{te} do mar; elle o-estaqueou, engradou os alicerces, e levantou as paredes athê o vigam.^{te}, e deixou as vigas já preparadas, e pedra, e cal p.^a se acabar a d.^a obra. Dezempenhou a Sachristia de duas mil trezentas, e setenta, e oito missas, q' devia; das quaes p.^{te} mandou dizer ao Reyno, e p.^{te} fez dizer cá na terra. Comprou sete escravos p.^a o serviço .. Mostr.^o, e Fazd.^{as}, e hum relógio de parede com sua caixa p.^a o sallaó do antecoro. Em vestir varias pobres honestas disp.^{do} 84 cov.^{os} de sarafina, 13 de baêta, 56 v.^{as} de amburgo, ou linhagem. Elle deo fardam.^{to} a os escr.^{os} na quantid.^e, e qualid.^e melhor q' todos seos antecessores. Repartio por algumas cazas de pessoas pobres, mas de bem, 76 al.uei... far.^a alem de 1.0 pouco mais, ou menos, q' distribuio na portaria. Fez outras obras miudas, mas m.^{to} boas, q' se podem ver no seo Estado, q' vem es.... no mmo. L.^o do Estado de seo antecessor.

Conhecendo a pouca extensaó de terras, q' temos em Jagoar.^e, e a insufficiencia dellas p.^a roças, . possaó ... far.^a, q' chegue p.^a o gasto do Mostr.^o passou os es.^{os}, q' aqui achou p.^a a Capella dos Remedios, onde descobrio m.^{to} melhor capacidade p.^a o d.^o effeito. Pode ser, q' desta Louvavel rezoluçáo nascessem os desgóstos, q' depois teve no fim de seo governo. No d.^o Lugar dos Remedios fez huma caza grd.^e p.^a a fabrica de far.^a, e nella assentou todos os aprestos necessarios de rodas, prens... fornos &: meteo cavallos, bois, carros, fez 15 cazas p.^a moradia dos escr.^{os}, e tudo . mais q' julgou necessario; e deixou neste serviço (alem dos ..cr.^{os} . passou

Est. a fl. 104 v.

L.^o dos Conc. a fl.

de Jagoar.^e) os q' o Mostr.^o tinha recebido .. def.^o Pe. Fr. Luiz dos Anjos. Desta obra utilissima pouco se gozou o Mostr.^o; por q' passados tres ans. de seo Successor o Prelado, q' se seguio, tudo desfez sem attençaó a os grd.^{es} gastos, q' se tinhaó feito.

Já dicemos, q' no fim do triennio pas.^o tinha fallecido o Pe. Fr. Luiz dos Anjos na Fazd.^a de S. Joaó de Jagoar.^e, e q' se mandára ao Pe. Fr. Jozé de Sta. Maria p.^a tirar das maons dos auz.^{tes} os escr.^{os}, q' haviaó apprehendidos; e agora acrescentamos, q' de fato livrou dos d.^{os} auz.^{tes} a os pretos Matheus, e Manoel, e a os seis pardos Quirino, Jozefa, Maria, Anna, Matilde (q' hoje se chama Micaela) e eraó todos irmaons, e juntam.^{te} Ignacia, q' era f.^a da d.^a Jozefa. Para os-tirar do Juizo dos auz.^{tes} dispendeo o Mostr.^o 998012. Esta q.^{ta} foi paga pelas maons do Pe. Pr. Fr. Custodio da Concama, q' nesse tempo servia de Prior, e Procor. do Mostr.^o, e entaó os ..conhecia ...r.^{os} do d.^o Mostr.^o, mas passados mais de 40 ans. quiz persuadir-nos, q' as declaradas mulatas eraó forras, e libertas, como a seo tempo diremos. Alem dos oito escr.^{os} assima d.^{os} tinha mais o Pe. Fr. Luiz hum preto por nome Franco., q' foi pa. do n.... Marcelliano barbr.^o, e huma escr.^a por nome (depois se chamou Tereza) q' era may dos d.^{os} irmaons mulatos. Estes dois escr.^{os} assima declarados, Franco. e Luiza, ainda vivendo o Pe. já ..tavaó a ans. no cativoiro deste Mostr.^o; e por isso naó foraó apprehendidos pelos auz.^{tes} em Jagoar.^e Por bo. foraó dez os escr.^{os} (alem dos sete comprados) q' foraó do Pe. Fr. Luiz, e ficaraó p.^a o Mostr.^o neste triennio. Taóbm deixou meia legoa de terra de comprido pegando do marco, q' está pegado a Capella de S. Joaó em Jago...^e, onde tinha fazenda de gado vacum e cavalla. Mathias Fernandes Neves foi, q' vendeo esta sorte de terras ao Pe. Fr. Luiz dos Anjos: deo-lhe os titulos, por onde as-possuia, e nelles lhe-passou o **pertence**, como se pôde ver no fim da escritura original. No archivo deste Monstr.^o se ha-de achar em publica forma o escrito, q' passou o Pe. Fr. Luiz, q.^{do} comprou . d.^a terra ao declarado Mathias Fernandes, e taóbm nelle vem os recibos do valor, q' se estipulou pela d.^a terra.

Agora tem.. noticia, q' a escritura da d.^a terra de S. Joaó fiz...a . Pe. Fr. Luiz passar em nome de seo Irmaó, Anto. dos Stos., e q' ella de prez^{te}, se acha nas notas da Villa do I.ó. Ignorámos o motivo, por q' o d.^o Pe. a-naó fez passar em seo nome; mas sim de seo Irmaó. Hê sem duvida, q' a sobred.^a terra pertenc.a a Fr. Luiz, e naó ao Irmaó Anto. dos Stos.; por q' Mathias Fernandes Neves, q' foi , vendedor tinha já posto o

Est. a fl. 100

Estavão os d. escr os no Mo tr.o desde o a no de 1740

Tomb. a fl. 28

rch. do Mostr.^o
av III M. C.

pertence antes de ter passado a escritura, e dos papeis, q' temos no Archivo consta, q' o Pe., e naó o Irmaó foi q.^m pagou o valor da d.^a terra. Estes papeis devem se examinar com cuid.^o p.^a aclarar alguma duvida, se p.^a o futuro houver.

Tomb. a fl 250

No concel... q' se fez em 15 de Fever.^o de 1749 propoz este Prelado = Que nas nossas terras de Goyana se tinha levantado hum Eng.^o, e como nós naó tinhamos sismaria dellas, as naó podiamos defender sem m.^{to} gasto recebendo p...o luero dellas: = Assentou-se; q' se falasse a os Letrados p.^a ver, o q' diziaó = Naó consta o q' rezolveraó os Letrados; e eu duvido, q' nas nossas d.^{as} terras se levantasse o Eng.^o, q' se aponta: pode ser se levantasse na terra confinante, e da q. . nasce... o engano, pois de fato junto as d.^{as} terras, e aroda dellas, a...alm.^{te} existem alguns Eng.^{os} Taóbm hê certo, q' das terras contempladas naó temos sismarias; ... temos na quelle lugar quinhentas braças, q' ...prámos por escritura publica no anno de 1672 sendo D. Abbe. deste Mostr.^o . Pe. Fr. Francisco da Magdalena, como já apontamos, q.^{do} delle tratamos. Taóbm antes desta d.^a escritura tinhaó Salvador Glz.', e sua mer. Izabel Cardoza feito trespasso ao Mostr.^o de hama sorte de terras (suponho tinhaó mil braças) no anno de 1666, ...ndo D. Abbe. Fr. Jacinto da Cunha. Estes sobred.^{os} titulos estaó copiados no nosso Tombo; se delles tivessem noticia, os P.P.^{es} deste Conc.^o h...iaó conhecer, q' tinhamos Legitimos titulos p.^a defender a declarada terra de qualq.^r pessoa q' as quizesse u.urpar. Ellas na quelle tempo cer.... ren...aó pouco, como assima se diz; mas ao prez.^{te} rendem os foros perto de 100\$000, se pôde ver nos L.^{os} do Mostr.^o

Tomb. a fl 249

Antes do sobred.^o Conc.^o tinha este Prelado ido em Dezembro de 1747 a declarada terra, e le... em sua comp.^a ao Pe. Fr. Franco. Xavier da Luz por ter conhecim.^{to} dos rureos d'aguilha de marear p.^a o fim de descobrirem os marcos, q' antigam.^{te} se tinhaó fincado na qucile lugar, e juntam.^{te} avivar a antiga demarcação. Correráó finalm.^{te} alguns rumos, e fizêráó declaraçáo delles, de q' deixaráo hum routeiro, q' anda copiado no Tombo do Mostr.^o; mas sem legalid.^e, e só por curiosid.^e Este d.^o routeiro talvez possa servir p.^a o futuro, q.^{do} quizermos demarcar a d.^a terra. Sobre esta mma. contemplada terra vem taóbm no mmo. Tombo vem huma petição de outra demarcação feita antes do anno de 1690; porem naó vem o auto de demarcação, q' talvez ande em algum dos Cartorios de Goyanna.

Tomb. a fl 253

Tomb. a fl. 254 v.
e 255.

Em todo o tempo do governo deste Pe. Me. D. Abbe. entrou e professou hum só Noviço p.^a Donado, e dentaó p.^a cá athê

o prez.^{te} não entrou mais algum neste Mostr.^o Elle antes de acabar recebeu patente de companh.^o do Rmo. p.^a exercer este cargo no triennio, q' havia começar, e por isso assim q' finalizou sua Abbadia cuidou Logo em fazer Estado, e dispor-se p.^a embarcar p.^a a B.^a antes de chegar o Prelado, q' lhe-havia succeder. Depois de estar p.^{nto}, e já posto no Re. p.^a fazer viagem p.^a a Bahia, não sei, por q' motivo a-deixou de executar, e voltou a continuar com a Prezid.^{ca} do Mostr.^o, q' durou perto de mezes, e então hê q' empenhou a caza em 413\$640; por q' no Estado, q' fez de tres ans. de Abbe. deixava de sobra em dnr.^o no cofre 93\$700. Na d.^a Prezid.^{ca} continuou com algumas obras boas, q' se podem ver no Estado, q' fez da d.^a Prezid.^{ca}, a melhor de todas foi mandar Lavrar a cantaria necessaria p.^a tres tribunas, q' se pertendiaó abrir em huma das paredes desta Igr.^a: taó bem deixou toda a pedra necessaria (ainda bruta) p.^a as outras tres da parede frenteira.

Est. a II 130

T... ans. . quazê seis mezes completos foi todo o tempo de seo governo nos primr.^{os} dois ans. foi feliz, e governou com tranquillid.^e; mas no fim do triennio não lhe-faltaraó perturbae...., inquietaçoens, e soffreo varias desfeitas, q' lhe-cauza... alguns subditos malignos, q' por ..felic... sua se ajuntaraó ao numero dos de sua C..munid.^e Contaó, q' na Capella dos Remedios induziraó a certo homem p.^a de noite disparar hum tiro com balas na porta das cazas onde morava (como de fato succedeo) p.^a o fim de o-fazer desgostar da quella fabrica de farinha, q' com ardor adiantava. No Mostr.^o o-arguiraó de fazer, ou obrigar a revellar o sigillo da confissao, e chegaraó a denunciálo. P.^a seo maior mal cahio na desgraça do Snr' Bispo D. Fr. Luiz de Sta. Tereza por ter accettato a appellação ante omnia et post omnia da excomunhaó; q' se proferio contra o Dor. Anto. Teixe.^a da Malta, Juiz de Fora desta Cid.^e Elle finalm.^{te} cheio de desgostos se embarcou p.^a a B.^a, e de lá para Lisboa p.^a onde foi chamado pelo Rmo. Gal., e talvez por cauza da sobred.^a denuncia que certam.^{te} Lá se havia julgar injusta. Chegou a salvam.^{to}, e desembarcou em Lisboa, e logo se foi recolher nos P.Pes Jeronimos, q' o-recebe-raó com distinctas honras; por q' com elles nesse tempo disputavamos vigorozam.^{te} sobre a materia de privilegios. No d.^o refugio falleceo, e dizem-me, q' depois viêra a enterrar em hum dos nossos Mostr.^o de Lisboa, e q' depois de morto

dêra indícios p.^a piedozam.^{te} se poder formar delle a opiniaô de virtuozo.

68.º Prelado, e 55 Abbade
nos ans. de 1750 || 51 || 52 || 53 ||

O M. R. Pe. Pr. Gal. Fr. Manoel do Nascim.^{to} Lisboa foi eleito p.^a D. Abbe. deste Mostr.^o na Junta, q' se fez em 9 de Maio de 1748 digo de 1749, sendo Gal. o Rmo. Fr. Joaó Bautista Rio-Covo. Elle tomou posse em 12 de Abril de 1750, e governou esta caza, como Abbe. tres ans., e como Prezid.^{to} sete mezes, e vinte, e tres dias, e finalizou todo o seo governo em 9br.^o do anno de 1753. Elegeo p.^a seo Prior ao Pe. Pr. Fr. Custodio da Concam., q' já no triennio pas.^o tinha servido o mmo. Lugar. Este Prelado teve de recibo com o alc.^e, q' lhe deixou seo Antecessor (q' passou de tres mil cruzados) doze contos, cento, e vinte, e tres mil, quatrocentos, e quar.^{ta} rs. Ficou o Mostr.^o empenhado em 902\$770, q' devia pagar a Joaó Rabello, e á Capella de N. Snr.^a dos Prazeres: nesta conta entraô 32\$650, q' ficaraô no Dep.^o, como alc.^e Quaz. foi igual o tempo, q' governou este Prelado, ao q' taóbm governou seo Antecessor; mas elle recebeu menos 300\$152 do q' tinha recebido o d.^o Antecessor, e m.^{to} menos seria, se lhe naó ficasse o avultado alc.^e sobred.^o; porem deste se naó deve fazer .zo; por q' taóbm deixou p.^a o Prelado, q' lhe-havia succeder trinta, e tres caixas d'asucar br.^{co}, e dez de mascavado, q' todas apuradas produziraô a q.^{ta} de 1:416\$150, q' saô mais de tres mil e quinhentos cruzados, q' m.^{to} bem chegavaô p.^a pagam.^{to} das dividas, q' deixava, e ainda sobrava dnr.^o

Depois de tomar posse deste Mostr.^o . . . trou logo a continuar com a obra do sallaô da p.^{te} do mar, q' seo Antecessor tinha deixado .om as paredes athê o vigam.^{to}, e p.^a segurança desta obra meteo huma madre p.^a nella descancar o d.^o vigam.^{to} por cauza . . m.^{ta} largura do d.^o sallaô. Neste assentou quatro janellas rasgadas, duas p.^a a p.^{te} do mar, e duas fronteiras ao Conv.^{to} do Carmo e . . das com portad. . . acad. . de cantaria assentando cada huma das sacadas sôbre dois caxorros de pedra. Nellas poz suas grades de madr.^a, e telheiros por cima p.^a resguardar a chuva. Taóbm os mmos. telheiros foraô postos nas quatro janellas do sallaô baixo, q' o-fez dezentulhar, e o-ladrilhou de tijolos, e mandou por tres bancos de encosto feitos de taboas de amarello. Outros tres taóbm poz no sallaô

de cima depois, q' o-asualhou; e ficaraó estes dois salloens perfeitam.^{te} acabados, como presentem.^{te} se vê, exceptuando som.^{te} o forro, q' depois se dirá, q.^{do} foi feito. Junto ao d.^o sallaó rezervou o Lugar de hum corredor, em q' se havia ...tar a escada p.^a descer p.^a o Dormitorio baixo, e Logo preparou a sella q' fica contigua ao d.^o sallaó, e taóem a q' lhe-fica por baixo com dezignio de q' a sella de cima servisse p.^a carcere dos Religiozos, e a de bx.^o p.^a a recluzaó dos escravos.

Elle fez a parede simplez de tijolo, q' fica sobre o Refeitorio q' agora temos p.^a fazer seguido o dormitorio, q' olha p.^a o Conv.^{to} do Carmo: na d.^a parede assentou quatro portas huma q' a...., e fechava p.^a o uzo da caza interior, q' applicou p.^a caza do Cap.^o, mais d...., q' naó abriaó, e só serv... p.^a fazer gal.ria ao dormitorio interior, e finalm.^{te} mais outra, q' dava entrada á caza proxima ao sallaó, q' pertendia servisse p.^a caza de Livraria. Na d.^a caza destinada p.^a Cap.^o abr.. tres janellas, poz-lhes portas com vidraças, e todos os mais preparos, e separou com hum tapam.^{to} de taboas (p.^a naó fazer pezo ao travejam.^{to} do Refeitorio, q' fica por bx.^o). A caza indigetada p.^a a Livraria e depois de a-forrar (encostada ao d.^o tapamento, digo, e depois de forrar a d.^a caza do Cap.^o assentou hum altar encostado ao sobred.^o tapamento de taboas, era q' collocou hua imagem de Christo, e lhe-poz por detraz hum resplandor de madr.^a entalhada com ... docel decentem.^{te} ornado. Sobre as tres portas e janellas interiores da d.^a caza mandou pôr sanefas de madr.^a p.^a terem e bancos de huma, e outra p.^{te} da d.^a caza, q' ficou sufficiente p.^a o ministerio.

Rompeo mbas as paredes collateraes da Igr.^a, e em cada huma dellas assentou tres tribunas com portadas de madr.^a; e naó sei por q' motivo se naó servio das de cantaria, q' tinha deixado seo Antecessor. Em cada huma das d.^{as} sacadas mandou pôr grades torneadas de jatubá, q' saó as q' ainda existem, e em cima das portas mandou fazer sanefas entalhadas com hum remate de entalha, q' depois seos Successores mandaraó doirar. Em huma das Tribunas, q' era mais larga, e ficava da p.^{te} da Epistola, e pegada ao Coro fez assentar o orgaó; mandou fazer cortinas de damasco carmizim com franjas de retroz amarello p.^a duas das d.^{as} tribunas, e p.^a as outras tres, . restavaó passou as cortinas da Capella môr, a q' acrescentou, o q' foi necessario. Nas quatro janellas, e duas portas da Capella môr mandou pôr sanefas fixas de madr.^a entalhada, e taóem da mma. mandou fazer cinco baquetas p.^a cinco

altares da Igr.^a, e mais seis sanefas de vinte palmos de comprimento p.^a todos os arcos das Capellas de huma, e outra p.^{te} da ...eja. Para os dois altares collateraes, e p.^a todos os arcos .. huma, e outra p.^{te} da Igr.^a se fizerao cortinas grd.^{es} de damasco carmizim franjadas de retroz amarello; e do mmo. damasco mandou fa... mais tres cortinas pequenas p.^a o ninxo do Sto. Patriarca, q' forao guarnecidas com rendas de oiro. Os dois pulpitos fez cobrir de ..talha, q' depois se tirou por ser obra m.^{to} prisca, e de mão gosto p.^a .. fazer outra, q' agora temos, e em q' taobem fallaremos a seo tempo.

Fez pintar a Capella de N. Snr.^a do Pilar, e nella poz o Sacratio com o S.S.^{mo} Sacram.^{to}, e taobem huma lampada de prata, q' tirou da Capella de S. Gonsalo de Mossurepe. Esta da hi a ans. foi restituída a d.^a Capella, onde de prez.^{te} existe. P.^a a Imagem de N. Snr.^a das Angustias mandou fazer hum vestido de seda br.^{ca} guarnecido com espeguilha de oiro. P.^a as communhoens fez hum va.o de prata, e ..um thuri..lo a Romana. No coro mandou abrir huma porta p.^a ..ar serventia a torre, e varanda, q' fica p.^a a p.^{te} do Varadoire, e assentou-lhe porta ..m ferrolho, e fechadura: ..lla, e na q' lhe fica fronteira mandou pôr sanefas, e remates de madr.^a en..lha-da semelhantes a os das tribunas da Igr.^a. P.^a as d.^{as} duas portas, e p.^a as duas janellas do Coro, e taobem p.^a a cad.. Abb... -al se fizerao cor..nas da tafetá carmizim com franjas de retroz da mma. côr, e p.^a o Sto. Christo se fez outra de damasco de nove palmos de comprimento, e com franjas de retroz côr de oiro. Reformou, e acrescentou os l.^{os} do coro, e fez-lhe de novo o de Canticas, e missas votivas. P.^a enterrar os Religiozos mandou fazer hum esquife de jacarandá torneado com guardas de veludo negro com galoens, e franjas de oiro, q' hê o q' athê o prez.^{te} serve. Na via sacra, q' vai da portaria p.^a a Sachristia fez pôr dois ...fissionarios q' se conservárao athê o anno de 1791. A fundamentis levantou a torre, q' temos, e p.^a elle abrio, ou cavou a terra vinte dois palmos p.^a fundar o alicerce, e a-levantou athê a altura de cento, e quatorze palmos com q' a-finalizou. Se levantára mais d... palmos, ficaria certam.^{te} obra perfeita, e não daria occasia. a fa...-se depois o frontespicio da Igr.^a com o ..tavel defeito de bx. Rematou o coruxeo da d.^a torre com huma cruz de cobre, e ..onze de seis palmos de alto com seos raios doirados, q' custou 44\$000 . ella foi assentada em huma piramide de pedra lavrada. A d.^a cruz logo depois cahiu com hum temporal grd.^e, q' deo; mas tornou-se a pôr em seo

lugar, (como agora vemos) sendo D. Abbe. o M. R. Pe. Pr. Fr. Custodio da Concam.

Por baixo da declarada torre, e na p.^{te} fronteira a Cid.e fez assentar huma portada de cantaria bem lavrada, q' tem quatorze palmos de alto, e sete de largo; ella dá entrada .. da caza de despejo, q' fica por detraz das Capellas da p.^{te} da Epistola, e vai finalizar á Capella de N. Snr.^a exclusiva, onde pôz huma porta bem forte de amarello com almofadas, e toda a ferragem necessaria. Deixou a d.^a torre perfeitam.^{te} acabada . as escadas e sobrados feitos, e comprou p.^u as sineiras hum sino de quar.^{ta}, e sinco arroba. de dezaseis, mais huma garrida de tres arrobas, e outra de huma arroba. Com todos estes sinos fi.ou a t.^{re}, alem de hum de treze arrobas, q' foi o unico, q' achou sam pôr estarem todos os outros quebrados, q.^{do} tomou posse. Na p.^{te} pegada á d.^a torre, q' lhe fica por detraz levantou huma varanda, q' acompanhou todo o comprim.^{to} da Igr. foi fundada sobre paredes q' tinhaó de grossura tres pal... ..hê e tra. .jam.^{to}, e de alto dezaseis athê o respaldo dos frei.aes. Nesta pa.... abriu quatro janellas rasgadas; emmadeirou, .soalhou todo o cor..dor, cobrio o telhado, e poz portas em todas as janellas: esta obra foi bem ideáda; por q' naó sô deo serventia as tribunas da Igr.^a, q' ficaó p.^a a p.^{te} da Epistola, mais taóbem formozeou o edificio do Mostr.^o, q' olha p.^a a p.^{te} do Varadoiro. No frontespicio da torre, e a ella pegado levantou hum muro alto, e em q' abriu hum portaó p.^u dar entrada, e sahida a toda a nossa cerca, e juntam.^{te} serventia as cazas das officinas, q' ficaó dentro della.

Na caza chamada olaria fechou com paredes de pedra, . barro dois quartos de 32 palmos de comprido, e 20 de largo: destinou hum p.^a ferraria, e outro p.^a alfaiataria. Nas sanzallas dos escr.^{os} q' na quelle tempo estavaó ao correr do muro q' fica no nosso pa..o p.^a a p.^{te} do Carmo, mandou tapar as ..tas, q' estavaó p.^a a p.^{te} da rua, e abriáo-se outras no m... em q' estavaó encostadas as cazas p.^a estas terem serventia por dentro da cerca; e em hum vaó murado, q' havia no fim .as d.^{as} cazas fez pôr comieira, e formar novos agalhos p.^a todos os escr.^{os} da Communid.e, e Religiozos. Esta obra foi .em considerada, se ella sempre se conservasse, naó teriamos hoje os escr.^{os}, q' .qui moraó, sujeitos ao Ordin.^o Comprou quatro escr.^{os} e metec tres rapazes p.^a aprenderem os officios de barbr.^o pedr.^o, e alfaiate. Em Jagoar.e concertou as cazas de vivenda, fez cazas p.^a escr.^{os}, meteo algu... .., paramentou a Capella com algumas alfaias as-

sentou-lhe hum pulpito com grades de jacarandá torneado, e poz huma pe. uena Imagem de S. Jozê com seo resplandor d. p...a.

Em Mossurepe mandou fazer ro... e rodete p.^a o Eng.^o d'agoa; e p.^a o ..linote o eixo grd.^e pequeno, q' ..gol-
lou de ferro. 14 bois, e 3 vacas. Em S. B. nardo 26
bois e 3. bestas, e huma roda de fazer far.^a chapeada de co-
bre e fez ... caza lavrador, e mais ..tra . . .scr.^{os} Em
Goytá mandou fazer huma caixa grd.^e p.^a se guardarem os
ornam.^{tos} aqui .omprou sinco cavallos, meteo 18 bois, e tres
vacas. Nos Remedios cons. fabrica de far.^a, q' alli
tinha feito seo Ant. e ainda gou (q.^{do} acabou)
com 21 escr.^{os} de toda a e sinco cav. Em seo tem-
po deo-se de esmolla p.^a a Imagem de N. Snra. dos Remedios hum manto de velludo azul orlado com renda de pr. . . . :
elle mandou fazer huma prensa p.^a expremmer a massa de
far.^a, e mais outras obras m.^{to} necessarias.

Naó copie. as innumeraveis obras miudas, e bena uteis, q'
dentro, e fora do Mostr.^o fez este activo Prelado; por q' vem
escritas no L.^o de seo Estado, a onde as-poderá ver, q.^m qui-
zer admirar o m.^{to}, q' trabalhou; e taó bem admirará a tris-
te figura, em q' recebeo esta caza, q' nem bem merecia o
nome de Mostr.^o Neste triennio falleceo o M. R. Pe. Fr.
Jozê da Trind.^e, e seo espolio foi huma boa ajuda de custa
p.^a as obras, q' se fi. .raó. Por morte do d.^a cresceo ao pa-
trimonio do Mostr.^o o rend.m.^{to} . . tres . . .adas de cazas, q'
tinha na Villa do R.^e, .nde as tinha . .mprado em sua vida.
Duas dellas ficaó ao Norte do Hosp. . . . , a q.^m são foreiras,
e todos os ans. se paga o foro dellas. A terceira fica atraz
do muro de N. Snr.^a da Penha, e hê livre de pensaó. Os
titulos destas cazas vem no nosso Tombo copiados, a onde
se podem ver. A liberalid.^e do Pe. Fr. Bento de S. Thomaz
ainda contribuiu neste triennio com 203\$440 p.^a as d.^{as} obras;
e juntam.^{te} deo p.^a a Sachristia huma alva rica, e m.^{to} bem
rendada. No tempo deste prelado se fez ler em Conc.^o hu-
ma carta do M. R. Pe. D. Abbe. de Lisboa, em q' pedia por
ordem do Rmo. Pe. Gal. se lhe-mandassem pagar os gastos
q' em Lx.^a fizêra o M. R. Pe. Me. Fr. Salvador dos Stos. A
esta propostas respondêraó os P.Pes. = que se naó devia
mandar pagar; por q' elle (q.^{do} foi p.^a o Reyno) naó era
Conventual deste Mostr.^o = Cuide, q' estes gast. . se. .aó, os
q' se fiz. .aó com o seo funeral, por q' elle só veio p.^a o d.^o
Mostr.^o de Lisboa depois de

Dep. a fl 55 e
sequentes

Tomb. a fl 116

D. . . supra

No Conc.^o de 26 de Agosto de 1752 ... elle hum escrito do Conego Joaq.^m em q' tratava de hum. cerca, q' queria ... seo sitio, o q.^l par... om as terras da Capella de N. Snr.^a do Monte. Con...deraó no d^o Conc.^o em dar licença passando elle hum escrito, em q' declarasse, q' a d.^a cerca naó lhe-daria posse, q.^{do} nos-demarcassem... e se acha... ella em terras da Capella. O d.^o escrito anda entre .. papeis do Monte na Gav. dos Abbes. Taóhem = Que sempre haviaó duvidas sobre as terras do Tapacorá por naó haver titulos, nem demarcação dellas. Isto foi manif...o engano; por q' neste Mostr.^o haviaó titulos, q' depois de passaraó p.^a o novo Tombo, q' se fez, e juntam.te o treslado da demarcação da d.^a terra. Quando este Prelado acabou o governo, deixou repartidos por todas as pertenças do Mostr.^o duzentos, e setenta, e sete escr.... de toda a id.^e e sexo. Elle entrou logo a dispor-se p.^a embarcar p.^a a B.^a p.^a lá ir exercer o Lugar de Definidor 3.^o, em q' veio eleito. Chegou a salvam.to á d.^a Cid.^e, e tendo rezidido algum tempo no Mostr.^o ahi falleceo, e foi sepultado.

...ro dos Con
...16Gav. do bofete
dos Abbes.

Tomb. a fl. 243

Idem. a fl. 1.5

69^o Prelado, e 56^o Abbe.
nos ans. de 1753 || 54 || 55 || 56 ||

O M. R. Pe. Pr. Fr. Miguel da Concam. foi eleito p.^a D. Abbe. deste Mostr.^o em 18 de Dezembro de 1752 sendo Gal. o Rmo. Fr. Jozê de S. Domingos: elle tomou posse desta caza em 21 de Novbr.^o de 1753, e tendo governado tres ans. menos 4 dias finalizou o governo em 16 de 9br.^o de 1756. Servio-lhe de Prior o R... Pe. Me. Fr. Alexand... a Purificação, q' entaó era Passante, e juntam.te fazia as vez... de Procur. do Mostr.^o Recebeo em todo o tempo do governo (entrando o alce. q' lhe-ficou de seo Antecessor de 1:448\$800 e o dnr.^o de ...ples emprestimo, q' fazia a q.ta de 2:724\$061) trinta, e sete mil cruzados, e cento, e vinte, e nove mil cento, e vinte seis rs., q' são 14:929\$12., e veio o ...bo a ter de a....to ao d. seo Antecessor sete mil cruzados sinco mil, se...centos, e oitenta, q' fazem 2:805\$686 ficando o Mostr.^o Limpo e só com 24\$000 na arca, e com o emp.^o de 1:112\$040, q' devia a varias pessoas, e entre ellas ao Collegio da Comp.^a de Jezuz do Re., a q.^m tinha tomado 400\$000 a

Bez.

Est. a fl. 88

.... R o. ...d,e

juros. Se confrontármos os recibos, e as obras destes dois triennios faremos justiça em confessar, q' este Prelado era m.^{to} falto de activid.^e, e economia. Porem nelle resplandecia a carid.^e p.^a com o proximo; pois com elles gastou em esmollas pecuniarias 275\$440, a q' naõ hegáraõ seos Antecessores.

No tempo de seo go...no fez a maquineta do trono de madre.^a ..tallhada com seos degraos. Taõbem mandou assentar as columnas, q' faltavaõ no retabulo de Sto. Amaro, e N. Snr.^a das Angustias . mandou mais fazer a Imagem de Sto. Amaro q' pre..... serve: a cabeça desta d.^a Imagem pelo tempo adiante se ref...ou; por q' estava defeituoza. Em seo tempo se fizeraõ os reta..... dos dois altares, ou Capella de Sta. An., e S. Vicente Fer.^a, e hum vestido de xamalote verde com renda de prata p.^a N. Snr.^a das Angustias, e juntam.^{te} seis Capas de Asperges de Damasco br.^{co} co. galoens de oiro: e saõ as q' ainda de prezte. servem neste anno de 1791. Taõbem se fizeraõ dois coxins de damasco hum br.^{co}, e outro encarnado, q' a m.^{to} o tempo os-consumio. Fez hum thuribulo, e huma naveta de prata, e do mesmo metal hum par de galhetas com o pezo de 472 oit...., q' já naõ existem. Forrou o sallaõ que se tinha acabado no triennio de seo Antecessor, e taõbem o dormitorio da ... Carmo a elle contiguo, e fez a escada, q' desce p.^a o dormitorio baixo da p.^{te} do mar, e taõbem reformou a q' sobe a torre, por q' a primr.^a estava m.^{to} azeda. Comprou seis tamborettes de Coro p.^a a sella dos Rmos. Provinciaes, a onde taõbem poz hum bofete de .marello com suas ga....., e mais outro p.^a a sella dos P.Pes. Companr.^{os} Com.... outros seis tamborettes já uzados, q' meteo nas cazas do R. e huma cortina verde de Lam p. . porta da das d.^{as} cazas. Reformou o caes, e ladrilhou a .al...da dellas. Comprou dois esc.^{os} p.^a oço do Mostr.^o, os quaes tinha. ficado por fallecim.^{to} do Pe. Fr. Vicente dos Anjos, e juntam.^{te} huma canõa nova.

No Estado deste P..ladohe com... huma morada de cazas de dois sobrados p.^a o Isto hê engano, ou má explicação: hê sim verd.^e, q' compr... .. cazas; mas naõ p.^a o Mostr.^o, sim p.^a a Capella dos Prazeres, ou p.^a patrimonio do altar de Sta. Anna .ito na d.^a Capella. Para este fim deixou Estevão Velho de Moura hum conto de reis, q' tinha a juros p.^a com o rendim.^{to} se fazer a festa annual da d.^a Sta., e ornar-se seo altar, ou empregar-se em alguma propried.^e de cazas no R.^e; mas com condição de nunca se unir o d.^o dnr.^o a os bens deste Mostr.^o Os Prelados

anteactos m.^{to} mal observaraó esta clauzula, por . m.^{to} tempo liveraó o dnr.^o metido no Mostr.^o, e fa. . . . com Sla. An. . . . contas do Graó Capitão. Este Prelado pois com 640\$000 do declarado Legado comprou huma morada de cazas de dois sobrados ao Tente. Coronel Anto. Jozé Victoriano na rua q' antigam.^{te} se cha. . . va dos Ouvidores. O d.^o Anto. Jozé Victoriano tinha em sua maó a juroz o declarado dnr.^o, e p.^a se Livrar do maior empenho deo as cazas, q' eraó suas p.^{lo} sobred.^o preço. E por estes . . . motivos bem fez o Successor deste Prelado em applicar as faes cazas ao mencionado Legado, como adiante dire. . . .

Tomb. a fl. 14
v.

Estas saó as mesmas cazas, q' passados ans., e sendo Regte. da Capella dos Prazeres o M. R. Pe. Fr. Jozé de S. B.^{to} as-vendeo a hum homem chamado o Fizico por authorid.^e propria, e sem consentim.^{to} de seo D. Abbe., q' entaó era . Rmo. Fr. Anto. de S. Jozé Valença. Na escritura, q' passou, se obrigava . . . mprador a pagar cada ano certa q.^{ta}, q' satisfazendo m.^{to} mal a pouco as-revindicou o M. R. Pe. Me. Fr. Manoel de S. Jozé Simoens, e com ellas correm agora os Regentes da Capella dos Prazeres. Do . esto do conto de rs. assima declarado a seo tempo fallaremos, e daremos noticia da propried.^e, em q' elle se empregou.

A util fabrica de far.^a, q' nos triennios pas.^{os} com tanta desp. . . . tinha assentado nas terras dos Remedios, neste prez.^{te} . . . iennio foi desfeita, e mudada outra vez p.^a Jagoar.^e Fazenda de fez. . . renovou a . . . a de far.^a . . . iga e mais hum Eng.^o de moer, e se fizeraó dois fornos de cobre: compraraó-se quatro cavallos, e meteo-se huma Imagem de barro d. N. Snr.^a do Rozr.^o com sua coroa de prata. . . . foi obr. mulheres chamadas Pintoras, q' leva. . . de feitio de lacas. Em Mossur.^e fizeraó-se quatro c., e compraraó se quatro bois. Em S. Bernardo tres carros, huma cazinha com paredes d., e barro p.^a destillar as d. adas: quatro sanzallas p.^a escr.^{es}, e em huma caldeira meteo-se hum fundo novo. Em Goytá fizeraó-se dez sanzallas, a каза de fazer far.^a, a doalambique, e mais huma p.^a hum lavrador, e outra p.^a os Mestres de asucar. A fl. 92 de seo Estado se diz = Que deixava toda a pedra de cantaria junta p.^a a obra do Frontespicio da Igreja, e q' impörtára 320\$000: elle ainda p.^a dia empregar mais 80\$000; por que o Ir. Fr. Joaó Peccador tinha dado quatrocentos de esmolla p.^a a d.^a obra, com. se pode ver no L.^o do Dep. titulo das esmollas. Outras miudezas mais vem . . . o seo Estado, onde . . . poderá ver, quem . . . izer; pois no. . . s-callamos por serem de m.^{to} pouca con. . . deraçáo.

No tempo do governo deste Prelado se vendeo no Certão por pr.ç. de 110\$000 o m.lato Qu...no, q' era da irmandade da quellas q' foraó apprehendidos na villa de Jaguaribe pelos au-zentes depois da morte do Pe. Fr. Luiz dos Anjos faço esta ad-vertencia, e hei-de continuar com outras semelhantes p.^a mos-trar a semrezaó, com q' depois os-quizeraó fazer forros, e li-bertos o Pe. Fr. Custodio da Concã., e outros enfatuados por este Pe. No Concelho de 6 de Julho de 1754 se propoz q' o def.^{to} Pe. Fr. Luiz dos Anjos em sua vida forrãra huma mulata por nome Angela, e q' havendo passados vinte, e sete ans., q' lo-grava da Liberd.^e se seria conveniente demandala p.^a a-cham-mar ao cativoiro: Rezolveraó os P. P., = q' naó = o q' naó obstante o Pe. Fr. Jozê de Sta. Maria, q' entaó administrava as Fazendas do Certão a-demandou. Sahio a sentença contra o Mostr.^o, foi appellada p.^a a Bahia, lá foi confirmada. Deste so-bre... escrito da liberd.^e se ordio a tramoia de Maria en-fermr.^a, q' agora ..tentou libertar toda a sua irmand.^e, e gera-ção. No Livro dos Concelhos a fl. 23 vem hum termo, q' trata da sobred.^a appellação; seria bem bom seguirem o parecer da quellas, q' mandavaó consumir semelhante Auto. Quando aca-bou o seo triennio, deixou duzentos, e setenta , e nove escr.^{os} no Mostr.^o, e suas Fazendas, e são mais dois do q' recebeo. Entregando a ca... seo Su...essor embarcou p.^a o Mostr.^o da B.^a p.^a exercer a occupação .e .. de N....os, em q' veio elei-to: na seg.^{te} Junta o-elegeraó D.e. do Rio de Janr.^o, e aca-bando o-fi..... Definor. 1.^o, e depois Companr.^o do Rmo. Proval., ultimam.^{te} o-tornaraó a fazer Abbe. do Rio de Janr.^o, porem naó chegou a tomar posse; por q' a o-tomo. ... Mostr.^o da B.^a, onde está sepultado.

**70 Prelado, e 57 Abbade em
os annos de 175. || 57 || 58 || 59 || 60 ||**

O Rmo. Pe. Fr. da Trindade foi eleito p.^a D. Abbe. deste Mostr.^o em 4 de Fever.^o de 17.6, sendo Gal. o Rmo. Fr. Paulo de S. Jozê. Tomou posse desta caza em 17 de 9br.^o de 17.6; governou a como Abbe. tres ans., e como Prezid.^{te} hum mez, e vinte oito di.. Finalizou seo g..... em 13 de Janr.^o de 1760. Foi seo Prior o Pe. Pr. Gal. Fr. Felipe da Nativid.^e; teve de recibo em todo seo governo ...trando o dnr.^o de sim-

... a fl. 49

L.^o dos Conc. a
fl. 18 v.

... fl. 23

Bez.

ples emprestimo, q' sô serve p.^u fazer hum reci. . m.^{to} avultado) 20:331\$272, q' saô sincoenta mil cruzados, trezentos, e trinta, e hum mil duzentos, e setenta, e do. . . s . Veio a ter mais de recibo, do q' teve seo Antecessor 5:402\$146, q' saô treze mil cruz. . . . duzentos, e dois mil, cento, e quar.^{ta} e seis rs., e .empre deixou o Mostr.^o empenhado em sinco mil cruzados, setenta mil, quatro centos, e noventa e dois rs., q' devia á varias pessoas. Para pagam.^{to} deste emp.^o . . .xou no almazem do Re. setenta e seis caixas de asucar de toda a qualidade, q' naó pode vender por naó ter chegado a Frota. Seo Successor asdispoz, e dellas sô apurou 1:746\$700 com q' naó pode sati. . .zer totalm.^{te} o emp.^o sobred.^o como claram.^{te} se vê da conta. Quando se lhe-entregou o Mostr.^o recebeo elle duzentos, e setenta e nove escr.^{os} de toda a id.^e, e sexo ezistentes em todas as posseisoens desta caza entrando taóbm os q' aqui viviaó; mas quando acabou deixou duz.^{tos}, e oitenta, e sete, q' saô mais oito dos q' recebeo. Este Prelado deo principio ao Claustro deste Mostr.^o, e concluiu as quatro paredes dos quatro lanços, em hum dos quaes abrio sinco arcos com 17 palmos de alto, e 12 de Em .ima de cada hum delles abrio huma janella . . .gada . . . 11 palmos de alto, e 6 de largo acabado a obra de pedreiro, . coberta de telhado p.^a o q' . .madeirou todos os quatro lanços athê a comieira dos Dormitorios em ordem a dar-lhes ponto mais alto p.^a melhor exp. . .ção das ag. . . Em cada hum dos quatro cantos meteo-lhe humada bica xumbo p.^a salvar as paredes das aguas da chuva. Refor. . . .ze tod. . . . telhados do Mostr.^o, e taóbm a esc., e o ul. . . . sobrado desta ladrillhou de tijolo, e o seo tecto forrou de madeira p.^a obviar a ruina, q' ameaçava a armação do simplez, q' se tinha feito p.^a o Zimborio. O sino maior, q' tinha recebido quebrado, o mandou fundir de novo com o aum.^{to} de oito arrobas de metal, e ficou o novo com 52 arrobas de pezo. Na portaria fez huma pequena sella p.^a o portr.^o guardar, o q' lhe fosse precizo; e na cozinha o fogão com . chaminé, q' dantes naó tinha. Fez hum almario p.^a guardar os l.^{os} velhos do Mostr.^o, mas nem por isso se deixaraó de perder m.^{tos}. Na caza, q' dantes servio de olaria fez hum quarto p.^a guardar cal; e concertou outro p.^a Ferraria, em q' . .sentou huma tenda intr.^a de ferreiro p.^a o . . .so escr.^o trab. . . .ar. Comprou hum p.^a o serviço do Mostr.^o, e hum cavallo com sella, e todos os arreios necessarios.

O Pe. Anto. Montr.^o fez doação a este Mostr.^o de hum pedaço do Sto. Patriarca com sua autentica, e p.^a elle se mandou fazer hum . . .icario de prata, . tem dois de

L.^o do seo Est.Est. de seo Su
Fr. Custodio

...zo, e hê o . se costuma pôr . . . eito da Imagem do d.^o Santo. Este Prelado deo huma reliquia do Lignum crucis p.^a a Sachristia, e p.^a ell. mandou fazer huma cruz de prata bem obrada com dois palmos, e meio . . . altura, e nove marcos de pezo. . . sta hê a q' de prez.^{te} serve p.^a o officio da A. . . ração da Cruz. Mandou fazer mais huma naveta semelhante a q' havia; por q' entao tinhamos dois thuribulos, e huma só naveta: ella levou seis marcos, e quinze oitavas de prata. Fez-se taóhem hum cali. novo com patena, e culher; e tudo se sobredoiroú. Na Sachristia meteo m.^{ta} roupa br.^{ca}, e juntam.^{te} hum caderno forrado de veludo carmezim p.^a Pontificaes com toda a Missa do Patriarca feita com estampilha pelo defunto Conego Cactano, q' offereceo ao d.^o Prelado. Acabou de aperfeiçoar a Maquina do Trono, q' seo Antecessor tinha feito, . . a-forrou . e madeira entalhada, e taóhem a parede, q' fica . . por detraz da custodia, em q' poz dois Serafins, q' sustentavaó os raios, q' sahiaó do centro da obra. Estes Serafins, e resplandor depois foi passado p.^a o trono da Capella de Jaguar.^e, q.^{do} neste Mostr.^o se fez a Capella môr . . va, q' entao se destruiu tudo, q' era velho.

Comprou papagaios, de q' fez alcatifas, com q' alcatifou
 . . Capella môr . . . zeiro athê as grades: estes tapetes ainda . . uraó m.^{to} idos . . o prez.^{te} . . no de 1792. Mandou cobrir de en. . . . do o arco da bo. a da Capella de N. S. . . do Pilar e o fronteiro por . . de se entra na Igr.^a; fez os dois retabulos dos altares . . S. Cactano . . . N. Snr.^a dos Prazeres, q' lhe-fica defronte. O escr. . . . vida d. Pe. Fr. Bento de S. Thomaz diz no Dietario; = Que os-manda r: porrem . . mo esta circumstancia se eclara ado do Prela. . . . tra. . mos duvido m.^{to} do seo dizer. No altar de S. Ana có. pequenas Imagens de madr.^a humna de S. Jozê, e outra de S. Joaq.^m com seos resplandores de prata. Mandou fazer huma cortina grd.^e de roxo p.^a cobrir todo o retabulo da antiga Capella môr. Para o altar môr se fez hum sacrario m.^{to} mal obrado, e por dentro doircu a caixa, e por fora cobrio com hum pavilhão de Damasco br.^{co} guarnecido de galaó de retroz côr de oiro; fizeraó-se humas cortinas de xamalote carmezim guarnecidas com ren. . . de prata p.^a o ninxo do Sto. Patriarca, e outras p.^a os de Sta. Escolastica, e S. Gregorio Magno.

Comprou p.^a a hospedaria . uma cober. . da India, seis tamborettes de couro, e . um moxo. P.^a maria huma ban. . . . grd.^e de me, hum . . bertor, e quatro lençoes ho. Na Razoira m. . . o 5 pen. . . . res, 4 . . linho, e hum de bertanha

com rendas p.^a hospedes. P.^a a ... Re. hum c...xão com seos travesseiros, duas toalhas de maons, huma de me..., e dois guardanapos, huma banca, e tr... tambo... de côro: Em Jaguar... mandou fazer ... cazas p.^a escravo... a... tou... da farinha, e ...formou o copiar da caza de vivenda, q' estava ame...ando ruina; fez ... roda nova p.^a moer mandioca; e comprou seis cavallos p.^a o serviço desta Fazenda. E. Mossu-repe fizeraó-se duas cazas p.^a dois lavradores; tres carros nov...; do... alcoens p.^a secar asucar tres eixos novos p.^a .eng.^o, e concertou os cobres do costume; e compraraó-se 16 bois, e hum escr.^o, q' hê o 2.^o comprado ne... triennio. Em S. Bernardo mandou por hum fundo novo em huma cal...ra, e se fez hum parol de cobre p.^a as ...mas; e acrescentou hum andaime com seos furos na caza de purgar. A Capella deste Eng.^o se reedificou levantando-se as paredes do corpo da Igr.^a, e se emm...oti. Fizeraó-se dois carros novos, e hum forno de cobre p.^a côzer farinha. Em Goytá taó bem meteo hum fundo novo em a caldeira, e acrescentou mais huma taxa, as q' havia; fez-se huma varanda nas ca... de vivenda, e dois carros novos. Na Fazd.^a do Certaó se fez afunda...tis a caza de viv..., e taó bem hum oratorio a e.la pegado p.^a se dizer missa, por q' athê este tempo o naó havia. Todas as mais miudezas, q' fez no tempo de seo governo constaó do L.^o de seo Es.^{ado}, q' ainda existe.

Neste triennio falleceo o Pe. Fr. Bento de S. Thomaz, q' teve hum m.^o limitado espolio; por que teve o cuid.^o de o-distribuir com acerto em sua vida: haó de passar de cinco mil cruzados, o q' por m.^{as} vezes ... a este Mo... Prelado de q. em fallamos ... o acordo de dezagregar do ... onio do Mostr.^o aquellas cazas de ... seo Antecessor tinha comprado com ...^o do Legado de Sta. Anna dos Prazeres. Deste ...no por dian... tráraó el... a render p.^a a festa, e ornato do altar da d.^a ... e hê be...igna de se ler... advertencia, q' este Prelado faz no L.^o ... seo Estado ... 80 v., em q' se admira o pouco escrupulo, q' tinh... os Antecessor... mal c...priaó com a vontade do Legatario. ... verno largou o Mostr.^o as terras, q' tinha aforado a Cam.ra des... p.^a nellas fundar hum Hospicio fora de portas no Recife. Hê de advertir, q' o Mostr.^o tinha aforado a d.^a terra em o anno de 1713 com pouca ...ferenga pelo foro de hum cruzado cada anno, q' nunca ...gou athê somar a quantia de de-

Dep. a fl. 35 v.

Est. a fl. 80 v.

zasete mil e tantos rs. No governo deste Prelado mandou o Procor. da Cam. a pedir os foros vencidos, e mandárao dizer os Camaristas, q' se não quizesse pagar, q' fizessemos dimissao da terr.: isto por q' tinhao .m desse mais, e taóbm pagasse os foros, q' deviamos. Rezolveo-se a largar a terra, e sem considerar a utilid.e, q' poderia ter o Mostr.o, se nos d.os chaons levantassemos cazas p.a alugar, delles fez demissao. Veja-se o termo do L.o do Concelho. . fl. 24 v. O papel da Cam.ra sobre este objecto vem no Tombo do M.....o a fl. 111 v.

Por Procor. deste Mostr.o se mandou .. Minas Geraes G. aldo de Moura p.a cobrar um conto, quatrocentos, e tantos mil rs., q' se deviao ao d.funto Ir. Fr. Manel de S. Thomê, e pertenenciao a este Mostr.o, e taóbm a dois herdeiros do d.o Ir. Elle cobrou o dnr.o, comeo-o; edepois o Mostr.o só lhe.ode fazer appreh. saó .m h.m. escr.a, q' foi a primr.a mer. de nosso ...to Anto. Gomes. Sobre esta materia se falla .o Concelho de 13 de 8br.o de 1757 Neste triennio confirmou o Conv.to adoçao de huma morada de cazas, q' o Pe. Fr. Vitoriano de S. Gertrudes ...ha feito a hum seu Cunhado. e ... sobrinha. Já sobre esta materia fallamos atraz, e alli vimos, q' herdando o Mostr.o duas moradas de cazas no ... por herança do d.o Pe. lhe-fez esmolla d'uma, q' estava em chaons aforados, e rezervou ..tra, q' ainda possuimos em chaons Livres e .. mo Recife. Depo., q' este Prelado entregou o Mostr.o se embarcou p.a a B.a p.a servir olugar de Procor. Gal. da Congregam., em que veio eleito.

71. Prelado e 5. Abbe. nos ans. de 1760 || 61 || 62 || 63 ||

O M. R. Pe. Pr. Fr. Custodio da Conc. foi el... D. Abbe. Mostr.o em 28 de Março de 1759, sendo Gal. o Rmo. Fr. F...co. de ...ozê. Elle tomou posse .. 20 de Janr.o do anno de 17... como D. governou 3 ans. completos, e como Prezid.te 4 mezes e 2 dias, e f....zou todo seo governo em 1 de Junho de 1763. Foi seo Prior o M. R. Pe. Pr. Fr. Paulo de S. Joz.. Do L.o de seo Depoz.o consta, que recebeu 19:5728766, em q' deve entrar como alc.e, q' lhe-deixou seo Antecessor o prod... de setenta e seis caixas de asucar

L.o dos conc. a
fl. 24 v.
Tom. a fl. 111 v.

L.o dos Conc. a
fl. 25.

Bez.

L.o do Dep.

de toda a qualid.^e, q' ficaraó no almazem do Re., q' m.^{to} bem devi... dar p.³ pag...^{to} do emp.^o, com que recebeo a caza, e ainda lhe-sobraria m.^{to} dnr.^o Eu julgo, que o seo Recibo na realid.^e excedeo ao de seo Antecessor; p. . q' elle evi... .lle recibo de simplez emprestimo, q' sô serve p.³ fazer hu. vulto Necessariam. havia de o Recibo; por a legitima de Fr. .om.es filho do Recife, q. foi de 1:300\$000. Quan. acabou seo governo, entregou o Mostr.^o com . . .p.^o de 2:217\$171, q' saó cinco mil cruzados, duzentos, e . .zasete mil q.centos, e setenta, e hum real; mas p.³ isso deixou no almazem do Re. de baixo de prego e cinco caixas; asu. ar feito em S. Bernardo p.³ mais dezas de toda a qualid.^e. por j. . .to motivo naó q. iz entregar á Companhia as declaradas caixas; e por isso as-deixou p. seo Successor, q' depois de as-vender apurou perto de quatorze mil, e quinhentos cruzados, por q' o q' recebeo seo Successor de alc.^e, q' lhe-ficou, somou a q.^{ta} de 5:723. .9., q' hê alcance nunca visto. Taóbm deixou aumentado . numero de todos os escr.^{es} do Mostr.^o, q' tinha recebido; por q' entregando se-lhe 287 de toda a id.^e, e sexo, elle entregou 309, q' saó mais 22 dos q'be.

A obra do frontespicio da Igreja, q' a alguns ans. se pertendia renovar, e p.³ a q.¹ hum de seos Antecessores o Pe. D. Abbe. Fr. Miguel da Concam. dizxava toda a pedra junta, elle a-começou, e consumou na forma, q' a. . .ra vemos, e se ficou com o defeito de ser algum tanto baixa, proced. . do mão gosto do pedr.^o, q' se quiz sujeitar ao preccito da torre, q' padecia o mesmo defeito. As portas da Igreja, do Coro, o Sol do oculo taób. . mandou fazer, e ol. verde, e ficaraó asse.adas com toda a ferrag. necessaria. No seo governo mandou fazer o Rmo. Pe. Me. Fr. Alexandre da Purificacáo a excellente Imagem do Sto. Patriarca, q' temos . . . altar mór; e a velha se passou p.³ a Capella do Monte, onde de prez.^{te} está. P.³ a d.³ mandou fazer o Mostr.^o . resplendor de prata, que tem quase duas las de pezo; e taóbm o baculo do d.^o metal, q' foi da. Fr. João Peccador. P.³ o mesmo Patriarca se fez hum ni. entalha .om arcos, e sobre hum estrada . . tresgraos, junto aor.^o hum sacrario be. acabado fezoirar por dentro. O d.^o Sacrario hê o nmo. de prez.^{te} temos na Capella mór; por q' por bem obrado se dūvidou conservar, quando se fez onovo retabulo da Capella mór. Os seis ramalhetes grandes de vinbatico entalhados, prat.dos, e Doiradosnda servem no altar mór, foraó feitos neste tempo, e junlam.^{te} hum painel gr.^e do Sto. Patriarca p.³ a boca doono foi p.³ M.urepe.

Dep. a fl. 35
seg. tes.Est. de Fr. B.
tholomeo.

..... — se na torre novas pedras do ..mate, e a grimpá de cobr. . . ans. tinha cahido; e mais hum cano de xumbo; q' tomava a largura torre p.^a receber as aguas do telhado, e salvar as do Coro; e servio de p. . . . , ou nenhum proveito. Renovou com tintas o f. . . . da Sachristia, q' entáo servia e se oleáraó . . . portas, e janellas della, e p.^a aqui mandou fazer dois paineis hum do Nascim.^{to}, e outro da Visitaçáo, e os mais foraó retocados. Comprou hum caliz . . . prata e hum par de galhetas da mesma. Preparou huma sella do Doritorio, q' olha p.^a a Cid.^e, e lhe-mandou fazer huma estante grd.^e . . .^a ella comprou os 12 tomos de Baronio, e huma Pr.zodia der.^a, q' depois furtaraó desta caza. Como teve a prudente rez. . . .áo de mandar ens. Livr.^o hum rap.z e lhe comprou os preparos necessarios, pode mandar preparar, e encadernar de novo 294 tomos de varios livros grandes, e pequenos, q' tinha o Mo. . . m.^{to} arruinados. Alguns Religiozos de-raó p.^a ella varios Livros deres, q' hoje naó tem estimaçáo.

Para o Refeitorio mandou fazer .um bom serviço de . . .oa-lhas de meza, . . . guardanapos, e 2 aventae. de pano de Guim-raens; e mais outras duas ordens de toalhas, e guardanapos de algudaó da terra p.^a o uzo commum. P.^a a Ferraria comprou huma excellente safra, e hum torno. Deitou abaixo as cazas q' ficavaó fora da Portaria, e as-le. . . .tou de novo, e separou quartos p.^a a enfermaria de escravos, e lhe-fez huma sufi. . . .nte cozinha, e trouce p.^a ella a celebre mulata Maria de Jezuz, q' cazou com . . . escr.^o Manoel ferreiro; por q' ainda a-reconhecia indubitavelm.^{te} escrava. A entrada da porta do carro elle a-formozeou como vemos, e lhe-poz . . .tada de cantaria, e taó-bem a porta, q' dantes servia p.^a nossa Igr.^a Ella ainda hoje conserva em si huns furos, q' me-dizem fizeraó os antigos, q.^{do} servia de . . .ta da Igreja; por q' em certa occaziã quizeraó defender a Igr.^a de Ds. m.rorum. Em seo triennio comprou oito escr.^{os}, seis maxos, e duas femeas; e como nesse tempo morreo Anna Viegas, May do nosso Religiozo Fr. Joáo da Paz, e o Mostr.^o lhe-fez os suffragios, e pago. as dividas, advieraó . . .is hum escr.^o, e duas escr.^{as} com a cria de huma , e vieraó a ser doze de toda id.^e, e sexo, q' meteo em seo tempo. A Sachristia ficounerada de missas, e satisfeitos todos os Legados.

Em a Fazenda de Jaguar.^e fez hum forno de cozer telha, e tijolo, e p.^a esse effeito passou de Mossurepe hum mulato oleiro, q' taó-bem sabia fazer louça em roda, q' mandou armar.

P.^a ad.^a Fazenda comprou 6 e dois cavallos. O Molinote, ou Eng.^o de bestas, q' temos em M. obra . . . fe Prelado, q' o-fez a . undamentis, e tou em pa. estava q' ficava pega. . . ao Eng.^o d'agoa p.^a a p.^{te} do Ca. cahido p.^a elle fez moendas nova. uilhaens, e toda a ferra. e taóbm as paredes da caza q' toda de novo mandou lavrar madr.^a p.^a . . . roda e bolandr.^a. pois se comprou 20 man. quar. o d.^o Molinote, e o-dei. 74 escr.^{os} de a . . . e sexo. . . . S. Bern. fez môr Sachristia, e corre. . . q' ficou sem se asoa-lhar. . . ca. . . . do amou huma mach. iiza p.^a a expozição do S. Sacram.^{to}, e p.^a a boca do d.^o trono mandou hum painel do Snr Crucificado. Collocou huma Imagem da Snr.^a do Rozr.^o com sua coroa de prata e o Menino com re. da mesma. Encarnou-se a de S. Bernard. e . . e-poz resplendor d. ta. Poz huma alampada de pra. . . q' a-tirou da Capella de Mossurepe, q' suposto tivesse duas, eraó feitas a expensa. da Irmand.^e, cujos Irmaons naó podiaó deixar de se . . . andilizar. Meteo hum sino novo com o pezo de quatro arrobas, e meia. deixou neste Eng.^o 24 bois mansos, 3 otes, 3 vacas, e 50 com algumas o-de. m 82 cr.^{os} de a id.^e, e sex.

No Eng.^o de Goytá ficaraó 70 entre velhos, e meninos de hum, e sexo; 20 bois, huma garrota, e 38 bestas. Ficaraó no curral de Tapacorá 1. ças de gado vacum. Para a Faz.^{da} do Riacho do Juiz no Certaó comprou 154 novilhas p.^a multiplicar; por q' alli, onde temos tr. . . le. . . oas de campo naó tiaó se . . . 200 vacas, . pouco lucro podiaó dar, e elle o-experimentou; por q' no titulo de seo extraordin.^o mostra, q' do d.^o Certaó sô recebera cem mil rs. em todo o tempo de seo governo. P.^a a d.^a Fazenda taóbm mandou dois escr.^{os} dos que-tinha compr. Outras miudezas, q' fez, em q.^{to} governou, se podem ver no L.^o ve. escrito seo Estado.

Elle em 8 de Abril de 1761 recebeu de Joaó da Rocha de Moura cem mil rs. do valor da mulata Anna de Jagoaribe, q' lhe-vendera. Esta mulata era huma das filhas da negra Luiza, ou Tereza, q' os auz.^{tes} apreñenderaó em Jaguaribe do Certaó depois da morte do Pe. Fr. Lu. . . dos Anjos; e naó sei com q' consciencia podia vender huma mer. forra por nascim.^{to}, como depois este Prelado entrou a asseverar com juram.^{to}, q' o-era. Mas o certo hê, q' a d.^a mulata, e seos Irmaons indubitavelm.^{te} eraó c. vos, e elle sempre assim o-julgou; por q' athê entaó naó tinha ido assistir, e servir de Fazendr.^o em

Jagoaribe, onde os d.^{os} escravos de tal sorte o-en...tuárao, q'...nhum poder dos h...ns lhê-pode agora tirar do juízo esta Loucura. Neste seo governo taó bem recebeo o resto do valor do mulato Quirino, Ir... dos sobred.^{os} apprehendidos pelos auz.^{tes}, q' tinha, seos Antecessores vendido no Certaó ao Pe. Gonçalo Coelho de Lemos.

No Concelho de 26 de Junho de 1760 se accordou fazer compozição com o Capam. Anto. Alva... sobre a Legitima de seo irmão o Pe. Pr. Fr. Do... a Concãm.. nosso Religiozo, fi... do Re., e fa...cido na ... de S. Paulo. Conveio o Co...elho em recebe. seis mil ruzados; tres pagos l.go, o outros tres em pagam.^{tos} de cem mil rs em cad. ... e já no principio mostr... ter-se ...cebido neste ...ennio ... Em o Co...lho de ... mez, e anno declarou este Pr... lução q' ... de mand... h.mas salinas, q' antigam.te ... nas pr... de nos... Jagoa... P. ... cometeraó ... Prela... obra ta. ... tanta conveni... os ... deixaraó perder, naó sei po. q' agora se naó cuid... e athê o prez.^{te} anaó temos; por q' cada ve. mais crescem as dificult.^{es} por termos a tantos ans. perdido a posse. ... d.^o L.^o a fl. 32 y. falla em huma comp.ziçáo com Joáo Salvador na demanda, q' com elle se trazia respectiv. a hum sitio ... cente á Capella de N. S... Pilar, a q.m estava addido: naó ...i donde sabio este sonho; a deman... q' tinhamos com o d.^o, era sobre o sitio de Beberibe, q' pertence ao Lega... Gaspar de Amorim, e sua mer. Izabel Pereira, q' nada tem com a C...la do Pilar, e fazemos esta declaraçáo ... evitar duvidas p.^a o futuro.

Elle assim q' entre... a caza a seo S...ssor, passou a administr... Fazenda de Jaguaribe, onde se conservou ... anno de 177. em q'... cego se recolheo p.^a este Mostr.^o, donde foi p. ... Capella de N. Snr.^a do Monte da hi a alguns ans., e lá esteve athê morrer, e veio enterrar-se n.... Mostr.^o

A P E N D I C E

APENDICE

NOTAS COLIGIDAS POR D. BONIFACIO JANSEN.

26º Prelado, e 22º Abbade. — De 1657 em diante

O M. R. P. Fr. Bento da Cruz foi eleito D. Abbade desta Casa na Junta que se fez no Mosteiro de Tibães, em 18 de Maio de 1656, sendo Geral o M. R. P. Fr. Antonio de São Bento. Tomou posse apenas no anno seguinte, porque em 1º de Março de 1657 o R. P. Fr. Diogo Rangel apparece ainda como Abbade na escriptura de compra que este Mosteiro fez aos herdeiros de Pero Barroso de tres mil braças de terra, sitas na ribeira do rio Guayta, por duzentos e quarenta mil reis em dinheiro, como se pôde ver no Tombo do Mosteiro, á folha 217.

27º Prelado, e 23º Abbade nos annos de 1659, 1660, 1661, 1662.

O M. R. P. Fr. Isidoro da Trindade foi eleito Abbade deste Mosteiro na Junta, que celebrou o N. Rmo. Fr. Vicente Rangel, no Mosteiro de Tibães, a 14 de Julho de 1659 (Bezerro, 3o. fl. 319) Durante o governo deste Prelado, introduziu a Camara Municipal um novo imposto sobre rezes abatidas, devendo-se pagar por cada arratel de carne cinco reis: isenta deste imposto era a carne destinada ao Vigário Geral e aos clérigos do Recife. Parece, porém, que este imposto foi exigido dos Padres Fazendeiros e, porque o D. Abbade reclamasse, o Senado da Camara, estendeu riscar a mesma isenção a todos os religiosos, como se pôde ver em nosso Tombo, á folha 93.

28º Prelado, e 24º Abbade nos annos de 1663, 1664, 1665, 1666.

O M. R. P. Fr. Jacintho da Cunha sahiu eleito Abbade deste Mosteiro de Pernambuco na Junta que se fez no Mosteiro de Tibães, a 13 de Julho de 1662, sendo Geral o Rmo. Fr. Luiz de Moura. O Tombo, á folha 109, fala em uma composição amigavel que este Prelado fez em 22 de Maio de 1665 com os Irmãos da Santa Casa da Misericórdia, a respeito de uns chãos no Recife. Por esta escriptura de composição amigavel sabemos que lhe serviu de Prior o R. P. Fr. Manoel da Assumpção. A' folha 243 do mesmo Tombo, lemos ainda que em 14 de Abril de 1666 adqueriu o mesmo Prelado uma sorte

de terras na TERRA NOVA, acima de Goyanna, a qual passou á nós por testamento e herança de Manoel Antonio e Sebastiana da Costa. Nestas terras se falará, ainda, quando se falar no 67º Prelado desta chronica.

29º Prelado, e 25º Abbade nos annos de 1666, 1667, 1668, 1669.

O M.R.P.Fr. Antonio dos Reis Prestes foi eleito Abbade deste Mosteiro na Junta que se fez em Tibães, a 8 de Agosto de 1665, sendo Geral o Rmo. Fr. Gregorio de Magalhães. No Livro dos Legados da Sachristia achamos o seguinte: "19º Legado, q' sempre se cumpre. Em dezasete de Janr.º de mil seiscentos, e sessenta, e nove, sendo D. Abbe. deste Mostro o M.R.Pe.Fr. Antonio dos Reys tomamos posse do sitio de terras, hum curral com sessenta cabeças de gado vacum, e dois escravos, q' em seo testamtº tinha deixado o capam. Felipe Cavalcanti de Vascos. p.ª huma capella de missas em cada hum anno p.ª sempre por sua alma, e de seos pays. A d.ª terra, e curral ficava situada no Gramame junto á cide. da Parahyba. O Testador concedia a seos testamenteiros a Liberdade, de procurarem outros Religiozos, q' quizessem acceitar o dº Legado no caso q' nós o-não quizessemos. O Traslado deste testamtº vem no Tombo do Mostr.º a fl. 256. No anno da secca tiramos o gado do dº curral, e foi passado p.ª Tapacorá, e de prezte. (1792) se afóra o dº sitio por dez mil rs. em cada hum anno; e a Sachristia satisfaz sempre a capella de missas, como se pode ver no L.º della"

30º Prelado, e 26º Abbade no anno de 1669

O M.R.P.Fr. Mauro da Assumpção foi eleito Abbade de Pernambuco na Junta que se fez em 1668, aos 18 de Julho, sendo Geral o Rmo. Fr. Bento da Gloria. No Bezerro 3.º, fl. 443 lê-se: Na Junta que se fez neste Mosteiro de Tibães o Rmo. Fr. Bento da Gloria por commissão do Rmo P. Geral Fr. Damazo da Silva aos 10 dias de Setembro de 1668, propoz o Rmo. Commissario que o P.M. Fr. Mauro da Assumpção fora eleito na junta passada em D. Abbade de Pernambuco, e que por justas razões tinha mandado sua renuncia na forma das nossas Leis, a qual mandou ler e a houveram por boa os RR.PP. da Junta; elles acceitaram a renuncia e logo se procedeu a eleição para o dito Mosteiro e sahiu eleito canonicamente o P. M. Fr. Francisco de S. Magdalena.

31º Prelado, e 27.º Abbade nos annos de 1669, 1670, 1671, 1672

O M.R.P.M.Fr. Francisco de S. Magdalena foi eleito, como se lê no seu predecessor, em 10 de Setembro de 1668. Em 1672 ainda

governava esta casa, pois a fl. 250 do Tombo do Mosteiro vem elle nomeado abbade na escriptura de compra de quinhentas braças de terra em quadrado na TERRA NOVA, escriptura lavrada em 21 de Outubro de 1672, dizendo a escriptura: "estando presentes o P. Abbade Fr. Francisco de S. Magdalena e o Prior e mais seis Religiozos."

32.º Prelado, e 28.º Abbade nos annos de 1672, 1673, 1674.

O M.R.P.M. Fr. Pedro de Christo foi eleito Abbade desta Casa na Junta de 1.º de Setembro de 1671, sendo Geral o Rmo. Fr. Damazo da Silva e tomou posse no anno seguinte. Ha duvida sobre se este Prelado se chama Pedro de Christo ou Pedro de Brito. No Bezerra, á fl. 475, é chamado Pedro de Christo. Um antigo documento do archivo do Mosteiro traz esta observação. "Neste anno (de 1671) começou o movimento de separação da Provincia da Congregação de Portugal", que durou até 1687.

Formou-se pois nos diversos Mosteiros do Brasil uma scissão entre os monges, estando uma parte pela união com a Congregação de Portugal, e a outra pela independencia, empregando todos os meios para obter a separação, para ter aqui os seus Capitulos Geraes etc. Existe no Archivo do Mosteiro uma antiga e longa dissertação, sem data e nome do autor, com o titulo: *A justiça, com que os Monges de S. Bento do Brasil solicitão a permissão de fazerem na mesma Provincia o seu Capitulo Provincial, se funda nas seguintes razões*: &. &. Pode ser que esta dissertação date daquelle movimento de separação. Assim realisaram-se na Bahia diversos Capitulos Geraes como se pode ver no 43º Prelado desta Chronica, onde se diz, que Fr. Antonio de Jesus foi eleito D. Abbade deste Mosteiro no ultimo Capitulo Geral, que se celebrou na Bahia, quando tambem foi eleito o Rmo. Fr. Leão de São Bento, ultimo e quarto Provincial feito na dita Bahia.

Os monges dissidentes de Olinda retiraram-se para o Mosteiro de Nossa Senhora do Monte com seus Prelados, não reconhecendo mais os do Mosteiro de São Bento. Assim apparece numa escriptura do Tombo, a fl. 216; Fr. Francisco Baptista, Religiozo de São Bento e "Presidente do Mosteiro de Nossa Senhora do Monte". O movimento separatista foi grande, tanto que os seus partidarios se recusavam até a receber os novos Prelados pelos Capitulos geraes, celebrados em Portugal. Sabemos por nossa Chronica que alguns delles entraram no Mosteiro com acompanhamento de soldados. Combateram este movimento de separação os Rmos. Abbades Geraes. Do Rmo. Abbade Geral Fr. Jeronimo de Santiago diz o Livro "Elogios dos Rmos. Padres DD. Abbades Geraes" á pag. 243 o seguinte: "Attendendo á união, e paz, que se devia conservar na Religião, empregou o seu mayor cuidado, e autoridade em obviar dous pontos, de que no tempo futuro se podião seguir terriveis consequencias. O primeiro, impedindo, que a nossa Provincia de S. Bento do Brazil não se separasse da Congregação, negocio, em que trabalhavão com todo o calor os Americanos." &. &. Deve-se considerar extincto este movimento no anno de 1687.

33.º Prelado, e 5º Presidente 1674

O M.R.P.Fr. Francisco da Conceição vem citado como Presidente do Mosteiro de Olinda na doação de sesmaria que fez o Governador D. Pedro de Almeida a nosso Mosteiro de umas terras no Rio Guaytá, em 26 de Agosto de 1674. A escriptura encontra-se no Tombo a fl. 215.

34.º Prelado, e 6º Presidente 1674

O M.R.P.Fr. Antonio de Jesus foi Presidente em 1674 como consta do 43º Prelado desta chronica, onde no fim se diz: "tinha sido Presidente deste Mosteiro em 1674 e mostrou sempre seu raro talento, e prestimo."

35º Prelado, e 29º Abbade nos annos de 1674, 1675,
1676, 1677, 1678

O M.R.P. Fr. Bento da Purificação foi eleito para D. Abbade de Pernambuco na Junta de 17 de Maio de 1674, sendo Geral o nosso Rmo. P.Fr. Jeronimo de Santiago. Em 1678 ainda apparece como Abbade do Mosteiro numa escriptura de nosso Tombo, a fl. 209. Foi durante o seu governo que Alexandre de Moura deu, aos 4 de Maio de 1776, licença aos Religiozos de São Bento para se fazer a Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, maior, e com mais extensão. Dita licença se acha no Tombo de Prazeres, á fl. 19.v, declarando o doador: "Dou licença aos Religiozos de São Bento da Provincia do Brasil, para que nas minhas terras, que tenho na Capitania de Pernambuco, onde lhes tenho concedido fazerem uma Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, possam mais fazer agora uma Igreja querendo, que a que está feita sirva para sua capella mayor, ou fazerem outra capella maior, querendo servir-se da Igreja, que está feita para corpo da Capella maior que novamente fizerem; e assim mais lhes permitto fazerem uma sacristia..."

A primitiva capella doada em 1656 pelo General Francisco Barretto "ao Abbade Fr. Diogo Rangel, e aos mais Religiozos da Religião do Patriarcha São Bento, da villa de Olinda, que hoje são, e adiante forem", era feita e acabada de pedra e cal, com trinta e seis palmos de comprido, e vinte e quatro de largo, e de abobada de tijolos, com um copear, fora da dita Capella, de vinte palmos de comprido com a mesma de largura como se vê no Tombo de Prazeres á fl. 12.

36º Prelado, e 7º Presidente 1678.

O M.R.P. Fr. Francisco Baptista deve-se considerar como Presidente deste anno, visto elle ter assignado e recebido uma Escrip-tura de "Doaçam que fez o Governador Dom Pedro Almeyda a este Mosteiro de humas sobras de terra no páo da Arára e Rio Guaytá, cabeceiras da nossa terra do Guaytá." Nella se diz "... e sendo ahi perante mim appareceu o muito Reverendo Padre Pregador Frey Francisco Baptista, religioso da Ordem do Patriarcha São Bento, e Presidente do Mosteiro de Nossa Senhora do Monte....." e por fim elle se assigna." Frey Francisco Baptista Presidente de Sam Bento do Monte"

37º Prelado, e 30º Abbade 1679, 1680, 1881, 1682

O M.R.P.Fr. Luiz de São João da Foz sahiu eleito para Dom Abbade de Pernambuco na Junta que se fez no Mosteiro de Tibães, a 3 de Janeiro de 1679, e governou esta casa até a era de 1682. Nada d'elle descobrimos nos livros antigos do Mosteiro.

38º Prelado, e 8º Presidente, no anno de 1682

O M.R.P. Fr. Antonio Osorio foi presidente deste Mosteiro em 4 de Julho de 1682, pois nesse dia elle apparece numa escriptura á fl. 211 de nosso Tombo e nella é citado como Presidente do Convento de São Bento.

39º Prelado, e 31º Abbade, nos annos de 1683, 1684, 1685

O M.R.P.Fr. Antonio Osorio foi eleito Abbade de Olinda na Junta de Tibães, a 22 de Setembro de 1682. Fala neste Prelado o Tombo a fl. 94, e a fl. 62 encontra-se a escriptura de 2 de Fevereiro de 1684, que trata de seis braças e meia de chãos em quadra, na rua que vae do Carmo para São Francisco, da banda do mar, por cima da claria de Dona Maria Cesar, de quem a houvemos. É este o ultimo Prelado, cujos nomes desappareceram desta chronica.

52º Prelado e 12º Presidente. — 1707

O M. R. P. Fr. José de Jesus Offão, depois de ter terminado o tempo de seu triennio continuou a reger o Mosteiro por mais 14

mezes, como Presidente, até ser reeleito Abbade na seguinte Junta Capitular.

53º Prelado e 41º Abbade — 1708 — 1709 — 1710.

O mesmo M. R. P. Frei José de Jesus Offão foi eleito de novo Abbade deste Mosteiro na Junta Capitular de 4 de Abril de 1707. Nada nos consta do seu Governo.

54º Prelado e 13º Presidente — 1710

O M. R. P. Fr. Bernardo de Jesus Maria era presidente "in capite" como se vê nos autos da contenda que houve entre o Mosteiro de Olinda e o da Bahia, que se encontram no Governo do M.R.P.Pr. Geral Fr. Bernardo da Encarnação, 58º Prelado deste Mosteiro.

55º Prelado e 42º Abbade — 1711 — 1712 — 1713

O M. R. P. Fr. João dos Anjos foi eleito Abbade de Pernambuco em Tibães, aos 7 de Abril de 1710. Nada pudemos descobrir deste Prelado nos documentos do Mosteiro.

56º Prelado e 43º Abbade — 1714 — 1715 — 1716 — 1717

O M. R. P. Pr. Fr. José de São Jeronimo foi eleito D. Abbade deste Mosteiro na Junta que se fez em Tibães a 21 de Junho de 1713. O nosso Tombo fala nelle á fl. 104, no anno de 1716, e ás fls. 53 e 141 no anno de 1717. Conforme os additamentos do 59º Prelado, governou ainda este Mosteiro em 28 de Nov. de 1717.

57º Prelado e 44º Abbade — 1717 — 1718 — 1719 — 1720

O M. R. P. Fr. Caetano de São Domingos foi eleito Abbade desta Abbadia na Junta de 26 de Fevereiro de 1717 em Tibães, sendo Geral o Rmo. P. Fr. Pedro dos Martyres. No seu tempo o Mosteiro recebeu uma doação de um conto de reis, para com os juros deste dinheiro se ornar a Igreja e o altar de Sant'Anna na festa da mesma Santa (Tombo fl. 145)

58º Prelado e 45º Abbade — 1720 — 1721 — 1722 — 1723

O M. R. P. Pr. Geral Fr. Bernardo da Encarnação foi eleito Abbade de Olinda na Junta que se fez no Mosteiro de Tibães a 27 de Fevereiro de 1720. E' elle o autor da primitiva chronica de nosso Mosteiro, mais tarde corrigida e continuada até o anno de 1763 pelo M. R. P. Fr. Miguel Archanjo da Annunciação.

No seu tempo levantou-se uma contenda entre os Mosteiros de Olinda e o da Bahia. Procurou-se uma composição fraternal da mesma, e temos na nossa Chronica os actos do Concelho do Mosteiro nos quaes se faz diversas propostas para uma composição amigavel. Infelizmente falta a primeira proposta e parte da segunda. O fragmento da segunda proposta começa com as palavras: com a dita licença...

O Monumento aos Restauradores de Pernambuco

Antes de tudo, ou antes de tocar na matéria que importa ou diz respeito ao Instituto, das várias tentativas feitas pelo mesmo para erigir um monumento aos restauradores de Pernambuco, não pareça demasiado lembrar, que os homens de 1831 cuidaram também de um monumento para os heróis de 1654, o qual não vingou, como não vingaram os projetados pelo Instituto Arqueológico.

Primeiramente trataram êles, em julho de 1831, de um monumento aos mártires de 1817 e 1824, para ser colocado no centro da actual Praça Maciel Pinheiro, antiga Praça da Boa-Vista e depois Praça Conde D'Eu, no local onde demora hoje a fonte dos quatro leões, aí colocada por iniciativa particular, em 7 de Setembro de 1876, e desde 1831 occupado por um chafariz público.

Aí, portanto, devia ficar o monumento aos mártires de 17 e 24, conforme desenho e projecto do escultor inglês Henrique Scoot, morador então na casa D 15, na mesma Praça da Boa Vista, a qual, segundo lembrança do mesmo Scoot, deveria passar a chamar-se Praça dos Mártires da Pátria.

Eram os iniciadores dessa idéia homens saídos das revoluções de 17, 21 e 24, portanto fortalecidos na dor e na desdita.

Assim, no dia 9 de julho de 1831, reunida a Câmara Municipal em sessão ordinária, foi discutido o assunto:—

“Apresentou-se hum prospecto de um monumento em memória dos Mártires da Pátria de 1817 e 1824, offerecido pelos cidadãos Jozé Maria Idelfonço Jacome da Veiga Pessôa, Jozé Tavares Gomes da Fonseca, Antônio Carneiro Machado Rios, e Francisco Antônio Pereira dos Santos, pedindo licença para poder o colocar no largo da Praça da Boa Vista, o que lhes foi concedido”.

E sem que se saiba o motivo, logo no dia 23 do mesmo mês e a pedido do vereador Vicente Ferreira dos Guimarães Peixoto, foi convocada a mesma Câmara em sessão extraordinária para tratar do referido monumento, fazendo então o vereador Peixoto, ao projeto já estudado e concedido, a seguinte emenda:—

“que nas Actas passadas não vira declarado, que a licença concedida para se levantar o monumento, em memoria dos Mártires da Pátria tivesse a condição como devia ter, de não se gravar inscripção de qualidade alguma, e que apenas se satisfaz esta Câmara de negar a faculdade no requerimento dos pretendentes, e como era necessário participar ao Público, que nenhuma inscripção foi permitida, que elle instava para que se inserisse nesta Acta esta declaração, o que foi approved”.

Importa dizer que esse procedimento do vereador Guimarães Peixoto provocou escandalo! Pois fôra êle um dos cabêças da revolução de 1817, sendo o quinto da lista das prisões decretadas pelo conselho extraordinário de 6 de março, convocado a mando do governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro; e preso em junho dêsse mesmo ano de 17 e pronunciado em 13 de setembro de 1818. E foi êle ainda um dos chefes da conspiração de 1821, de que resultou um tiro no general Luiz do Rego o que lhe valeu ser deportado pelo *Brigue Intriga* para a “Cadeia do Castello” em Lisboa, donde saiu em 27 de outubro dêsse mesmo ano de 1821.

Não se conformaram pois os criadores da idéia do monumento com o ato do vereador Peixoto, tanto assim que logo no dia 30 do mesmo mês e ano, se reuniram na residência de José Joaquim da Fonseca Capibaribe, à Pracinha do Livramento, casa D 8, e aí, na presença de meio mundo e ao calor de patriótico entusiasmo, pronunciou Capibaribe um inflamado discurso, com êle fortalecendo a idéia do monumento planejado; também verberando o procedimento do vereador Peixoto — Camarada, ontem, nas suas vicissitudes; agora, simples vereador, acomodado á conveniência de pingues regalias... (êste discurso foi publicado no Diário de Pernambuco de 3 de agosto de 1831).

E apesar dêsse discurso, vale dizer que o gesto do vereador Guimarães Peixoto fez, de algum modo descoroçoar os criadores da idéia do monumento! Em abril de 1832 — 10 meses

depois — novamente reunidos na mesma casa D 8, na Pracinha do Livramento, e depois de salientar a dificuldade de ser erigido o projetado monumento aos mártires de 17 e 24, propôs José Capibaribe servisse o dinheiro já recolhido, na importância de 4:723\$680, para construção, agora na Praça da Independência, “de um obelisco memorativo dos feitos dos restauradores de Pernambuco, figurando em cada face os nomes de Vieira, Vidal, Henrique Dias e Camarão”.

Mas ainda dessa vez gorou a idéia desse outro monumento! Tanto assim que em outubro de 1833 — 19 meses depois de forjado o novo projeto, todo o dinheiro então arrecadado foi dado para as obras da Igreja do Livramento!

Na Praça da República, e não na Praça da Bôa Vista, deveria ficar o monumento aos mártires de 1817, projetado e maduramente estudado pelo Instituto Arqueológico.

Aí, na manhã de 6 de março de 1917, no centro da mesma Praça, bem no local onde havia um pavilhão e hoje existe uma fonte luminosa, depois de lida a ata do referido monumento pelo Dr. Mário Melo, foi enterrada uma caixa de zinco contendo moedas, os jornais do dia e um exemplar da *História da Revolução*, com anotações de Oliveira Lima.

E como aquele monumento idealizado pelos homens de 1831, também foi esse outro, um dia, uma história de um monumento aos mártires de 1817.

Em 1923, agora na Praça das Cinco-Pontas, deliberou o Instituto erigir um monumento aos mártires de 1824. A idéia teve marcha, até que, na impossibilidade de um monumento condigno, deliberou-se erguer apenas uma estátua a Canéca. E o fato é que o Instituto solenizou festivamente o centenário da Confederação do Equador, mas sem o monumento ou sem a estátua a Canéca!

Também em 1934, para festejar em 1935 o quarto centenário da fundação de Olinda, projetou o Instituto construir um monumento a Duarte Coêlho. Mas ainda dessa vez não logrou o Instituto realizar o seu intento!

Agora, antes de falarmos das várias tentativas para erecção de um monumento aos heróis da restauração de Pernambuco, vale lembrar que em 1867, descobertas as ruínas do Arraial-Novo-do-Bom-Jesús, e para assinalar o local, inaugurou aí o Instituto uma coluna jônica em 28 de janeiro de 1872. E em 1917, dada a situação precária desse monumento de 1872, tratou então o Instituto de restaura-lo, o que fez solenemente, em 12 de outubro de 1917.

Do mesmo modo, descobertas as ruínas do Arraial-do-Bom-Jesús — o de Matias de Albuquerque — e como o general Joa-

quim Inácio lamentasse a ausência ali de um marco indicativo, propôs então o Dr. Mário Melo, em sessão de 10 de agosto de 1917, fosse o local assinalado com um monumento, cuja inauguração, também solene, se verificou em 30 de janeiro de 1922.

Vejam agora a história de um monumento para os heróis da restauração de Pernambuco.

Na sessão de 9 de dezembro de 1864, dois anos decorridos da fundação do Instituto, o Padre Lino do Monte Carmelo Luna e o major Salvador Henrique de Albuquerque, enviaram á mesa a seguinte proposta — “que se promovesse desde já, por todos os meios ao alcance do Instituto, a inauguração das estátuas de Vieira, Vidal, Camarão e Henrique Dias, sendo a do primeiro erigida no bairro do Recife; a do segundo, em frente da Fortaleza das Cinco-Pontas; a do terceiro, no Campo das Princesas, e a do quarto, na Praça da Boa-Vista, para comemorar seus feitos de bravura; devendo as colunas ser de pedra de Lisboa, segundo o modelo junto, e as estátuas de mármore, feitas em Gênova, para onde se fará a respectiva encomenda, logo que estejam preparadas todas as plantas e orçamentos relativos á execução destes monumentos”.

A matéria dessa proposta foi tratada nas sessões de 22 de dezembro desse ano de 1864, nas de 11 de janeiro, 11 de julho, 12 de outubro e 23 de novembro de 1865; 15 de abril de 1866; 22 de julho de 1869; 13 de maio e 17 e 31 de outubro de 1872; 3 de abril de 1896, e, finalmente, nas de 25 de outubro e 6 de dezembro de 1900.

Na sessão de 22 de novembro de 1864 teve a referida proposta parecer favorável da comissão de estudos e arqueologia — “que Pernambuco muito deve á sua restauração do jugo holandês á bravura de Vieira, Vidal, Camarão e Henrique Dias, e que só pagaria essa dívida expondo á consideração pública as estátuas de tão denodados guerreiros”.

Na de 23 de novembro de 1865, lembrou ou propôs o Dr. Soares Brandão, que ao invés de quatro estátuas, como pedia a proposta do Padre Lino e Major Salvador, erigisse o Instituto um único monumento, “testemunho da gratidão da provincia á todos os seus restauradores de 1654 — e isso em consequência de ser difícil sinão impossível a realização das quatro estátuas projetadas”.

Da comissão competente não logrou porém parecer favorável a proposta do Dr. Soares Brandão — “que um só monumento, dada a imponência que o mesmo deveria ter, acarretaria com maiores despesas... depois, as quatro estátuas, preenchendo melhor o fim da comemoração aos heróis de 1654, concorreriam para o embelezamento da cidade”.

Não dormiu porém o assunto, até que, verificada a impraticabilidade não só da execução das quatro estátuas da proposta do Padre Lino e Major Salvador, como a do monumento lembrado ou proposto pelo Dr. Soares Brandão, deliberou-se erigir como obra memorativa do feito dos heróis de 1654, apenas uma simples coluna de mármore.

Assim, na sessão de 22 de Julho de 1869, propunham o Dr. Aprígio Guimarães e o Major Salvador, “que o mais breve possível, procedendo o competente orçamento e risco da obra, mandasse o Instituto levantar na Praça da Boa-Vista, uma coluna de mármore, comemorativa dos quatro heróis da restauração de Pernambuco do poder holandês, aproveitando-se o terreno que pela Câmara Municipal desta cidade foi concedido ao Instituto”.

E, pena dizê-lo, desdaí o projeto do Padre Lino e Major Salvador passou como uma coisa de nonada a dormir no museu do Instituto, até que 36 anos depois, voltou à balha nas sessões de 25 de outubro e 6 de dezembro de 1900. E voltou, diga-se, para trazer desgosto a vários sócios, entre esses o Major José Domingos Codeceira, então vice-presidente, que acabou renunciando o título de sócio!

Originou o fato, haver o sócio Dr. Luis José da Silva, na Sessão de 13 de Setembro dêsse mesmo ano de 1900, apresentado a seguinte proposta: “que o Instituto, tratando dos meios necessários, mandasse erguer uma estátua ao Conde da Boa Vista, Francisco do Rego Barros, em pagamento dos seus grandiosos feitos e patrióticos serviços prestados ao país”.

E importa dizer que a aludida proposta foi aceita por quasi unanimidade, com o que não concordou o Major Domingos Codeceira.

Na sessão de 25 de outubro dirigiu êle, á guisa de protesto, uma longa carta, dizendo que o Instituto não estava em condições de levantar estátuas, tanto era que a proposta do Padre Lino e Major Salvador jámais lograra execução! Que o Instituto não podia cuidar de outras estátuas, enquanto não cumprisse a dívida de honra que os seus pares assumiram em 9 de dezembro de 1864 — de erigir um monumento aos homens da restauração de Pernambuco. Que o Instituto poderia vir a ser tachado pela maledicência pública “de leviano, sem cri-

tério, frívolo, contraditório, inconsequente, sem valor em suas deliberações”, tratando de erigir um monumento que não fosse o projetado em 1864. Que a idéia de um monumento aos homens da restauração não estava esquecida; tanto dizia um projeto do Senador Alcebiades Veloso, apresentado ao Senado e Câmara dos Deputados em 11 de maio de 1894.

Para estudar o protesto e a renúncia do Major Codeceira, nomeou o Instituto uma comissão, composta do Barão de Nazaré, Alfredo de Carvalho e Luis Correia Andrade, a qual, em sessão de 6 de dezembro de 1900, apresentou parecer contra aquêlê consócio, tachando o seu ato de insólito e incoerente! E acabou confirmando a proposta do Dr. Luís José da Silva: — “que o Instituto mantenha a resolução que tomou em sessão de 13 de setembro e a que lhe cumpre dar execução, afim-de-que, dentro em breve, avulte na Praça da República a estátua do benemérito Conde da Boa Vista”.

Como vêm os meus distintos confrades, da erecção de treze monumentos cogitou até agora o Instituto:

- em 1864 — um a Vieira
 - um a Vidal
 - um a Camarão
 - um a Henrique Dias;
- em 1865 — que fossem as quatro estátuas transformadas num único monumento;
- em 1867 — um monumento ao Arraial-Novo-dô-Bom-Jesús;
- em 1869 — uma coluna de mármore ao invés de um monumento aos heróis de 1654;
- em 1900 — uma estátua ao Conde da Boa Vista;
- em 1917 — um monumento aos mártires de 17;
- em 1922 — um monumento ao Arraial-Velho;
- em 1924 — um monumento aos mártires de 24; ou uma estátua a Frei Canéca;
- em 1935 — um monumento a Duarte Coêlho.

E vale dizer que destes treze projetos somente dois foram realizados — o monumento do Arraial-Novo e o monumento do Arraial Velho.

Portanto, de pé ainda agora está a proposta de 6 de dezembro de 1864, de autoria dos ilustres e saudosos confrades Padre Lino do Monte Carmelo Luna e Major Salvador Henrique, uma vez que o Instituto até hoje não cancelou a aludida proposta nem a cumpriu outrotanto.

Relatório sôbre a Ilha de S. Aleixo

Segundo o Snr. Mouchez, capitão de fragata da marinha franceza o centro da ilha de S. Aleixo acha-se a 8°36' lat. S. N. 37°21, long. O de Paris.

Reproduzirei abaixo algumas linhas, de sua obra intitulada "A costa do Brasil" Pag. 107 e 108. 1874, concernentes a ilha.

"E' um rochedo escarpado, sem vegetação e de uma altura de 20 a 22 metros na sua parte oeste e de 400 metros de diametro.

"Ela apresenta em suas duas extremidades duas pequenas eminências separadas por algumas baixas que de longe lhe dão a aparência de duas ilhotas distintas.

"Esta ilha está situada a uma e 1/2 milha E. S. E. da ponta "Sirinhaém".

"A passagem é por navegadores costeiros entre a ilha e a costa. Este canal tem mais de uma milha de largura e 5 a 7 metros de fundo; mas é muito apertado pelos recifes da ilha e da costa. As maiores profundidades se acham ao oeste do canal, ao longo dos recifes de Sirinhaém.

"O ancoradouro da ilha fica sôbre a Costa Oeste, onde ha uma baia que se demora ao pé da colina Oeste da ponta sul e onde existe um dique de pedras.

Do lado do mar alto esta ilha é escarpada e sadia; pode-se aproximar dela na distancia de 400 metros, conservando-se neste trajeto a profundidade de 8 a 10 metros.

"Do lado do sul pode-se chegar ali á distancia de 1 a 2 milhas".

“Os fundos são irregulares e variam asperamente de 7 a 20 metros.

“A’ sua ponta E. O. se prolonga um recife cêrca de 400 metros para a costa.

“Existe uma rocha descoberta denominada “Tartaruga” cêrca de 500 metros da ponta S. S. O. Ela está unida á ilha por um recife que se prolonga ainda cêrca de 200 metros S. O. da rocha.

“A ilha de S. Aleixo é habitada. Contém uma herdade onde se cria algum gado.

“Possue além disso algumas pedreiras mui exploradas para o calçamento da cidade de Pernambuco, o que dá lugar a um certo movimento de cabotagem em tórno da ilha.

Ancoradouro de S. A.

Para ancorar em S. Aleixo é preciso ir pelo S. E. da ilha, chega-se ao S. S. E. 1|2E. dos mais altos coqueiros do povoado e se êstes coqueiros não são muito visiveis, manobra-se de maneira a passar cêrca de 400 metros ao sul da rocha “Tartaruga” que se acha sempre acima da superfície d’água e bem visível. Desde que se a tiver dobrado, chegar-se-á sôbre o estibordo e se ancorará 8 a 10 metros ao abrigo da ilha.

Os navios calando menos de 5m.50 podem aii achar um excelente ancoradouro, bem abrigado em todas as direções — mas antes de largar âncora, se deverá reconhecer a qualidade do fundo, visto como muitos taboleiros de rocha estão disseminados no meio dos fundos de lado.

O melhor ancoradouro, segundo Vital de Oliveira, é o em que se descobre a ponta Sirinhaém ao N. 70°O. de Gamela ao S. 34.0, e Sernambi ao N. 20°E. Passa-se pelas 2 costas da ilha mas a passagem sul é preferível. O mar médio é de 2m 80 a 3m,00 nas grandes marés.

(Mouchez descrição náutica das costas do Brasil — p. 107 a 108 — 1874).

A ilha de S. Aleixo é inteiramente formada de porfiros quartziferos. Êstes porfiros que se acham algumas vezes em veias mais um menos irregulares encontram-se tambem em lâminas horizontais compactas ou pouco acidentadas

Esta ilha é originada provavelmente de um brusco movimento que quebrou e estriou irregularmente e em todos os sentidos a massa compacta dos porfiros. E’ o que se pode reconhe-

cer facilmente pela irregularidade de direção das camadas mesmo em uma fraca marra.

Este porfiro se apresenta debaixo de vários aspêctos. As partes banhadas pelo mar são em geral denegridas e deslocadas ligeiramente em certos lugares.

Encontram-se lascas amareladas decompostas ou não inteiramente compostas sobre a colina S. O.

Mas estas diferentes aparências são apenas superficiais. O interior é pouco mais ou menos homogêneo.

Este porfiro tem uma pasta de côr cinzenta tirando para o encarnado; a pasta é compacta, pouco graúda e de uma textura análoga à dos grês vermelhos do terreno carbonifero de Laire (França). Ela é dura, tenaz, e sonora.

Encontram-se nela (sinal distintivo) alguns cristais de quartzo e de feldspato, ortósa e oligoclase.

E' uma rocha plutônica ácida habitualmente a proporção de Selicia esta rocha não desce além de 70%.

A ilha pertence pois aos terrenos de transição e seu porfiro é muito análogo aos quartzíferos que se encontram em lâminas horizontais em terrenos carboníferos de Saxe.

Seu emprêgo para o calçamento deve ser excelente, mas a sua massa geral acha-se por demais cortada em todos os sentidos para que se possa dela tirar pedra de cantaria.

As amostras A foram tiradas do interior da pedreira existentes. As amostras B. e C. reproduzem algumas raras alterações da superfície assim como as amostras D. que foram gastas pelas vagas.

Devo acrescentar que em geral este porfiro oferece em sua superfície, salvo a côr, uma resistência constante e igual á do interior da massa.

A ilha de S. Aleixo que no principio não passava de um rochedo, está atualmente coberta de coqueiros em sua parte Noroeste.

O terreno nêsse lugar parece melhorar, e produz arbustos e diversas plantas.

Avalio em 1500 o número de coqueiros, e segundo o proprietário êles foram plantados em 1857.

A' costa oeste da ilha acha-se um cáis de pedra curvo de cerca de 115° como se vê no plano com a extensão total de 107 metros. A altura média acima d'água é de 2m.50.

Seguindo este cáis os fundos médios do mar são de 1m.50 a 2m.00, e alguns metros mais longe êles atingem de 3 a 5 metros e talvez mais.

Esta pequena barra pode abrigar um certo número de barcos.

Seguindo ainda este cais em distancia média de 20 metros, encontram-se três casas construídas de pedra e cal.

No ponto M. encontra-se uma pequena construção descoberta contendo o aparelho necessário para evaporar agua do mar para o fabrico de sal.

A altura destas duas colinas S. O. e S. E. da ilha pode ser de cerca de 20 metros acima do nível do mar. A pedreira donde outrora se extrairam algumas pedras está sobre a colina quasi ilha S. O. costa O. e se acha a uma distancia pouco mais ou menos de 40 metros do cais.

A quantidade de pedra levantada não parece considerável e pode-se avaliar em 80 metros correntes.

Sobre a colina S. E. acha-se um canhão e um mastro de um pavilhão collocado em 1858 pelo subdelegado de Sirinhaém.

Ao pé da pedreira e cerca de 30 metros do cais se acha um reservatório natural de água doce e potável. Este reservatório tem 2 metros da costa sobre uma profundidade de cerca de 2m,50.

Sobre a costa E. se acha uma outra fonte d'água doce.

A extração e o transporte das pedras sobre os barcos é facil.

Segundo os barqueiros do lugar, havendo bom vento, o trajeto da ilha para o Recife pode-se efetuar de 6 a 7 horas.

A distancia da ilha á ponta Sirinhaém me parece de 1 milha e 1/2 como o indica o capitão Mouchez.

Notei que o mar naqueles lugares é aproximado dos recifes semelhantes em aspécto e forma aos recifes de Pernambuco. Acrescentarei que elles parecem todos bem conhecidos dos habitantes da costa que os evita com dextreza.

Atualmente a ilha de S. Aleixo está deserta e inhabitada. Seu pequeno pôrto serve de ponto de ancoradouro a alguns barcos que navegam pela costa.

No tempo da minha viagem três barcos estavam ancorados.

E' sinal que o abrigo é bom, o que confirma em todos os pontos a relação do capitão Mouchez.

A ilha dista do Recife cerca de 60 quilômetros e por mar 50.

Pernambuco, 10 de Setembro de 1874.

Emile Dombre.

Reminiscências da Revolução Federalista

De como teve Floriano conhecimento da revolta da esquadra — Os fusilamentos do Quilômetro 65 no Paraná — A responsabilidade da morte do Barão de Serro Azul e dos demais prêsoes políticos — A atitude da “Esfinge” — Precioso depoimento para a História.

Em diversos ensaios e especialmente em O CERCO DA LAPA E SEUS HERÓIS, tem tratado David Carneiro dos dias angustiosos do Paraná durante a revolução federalista.

Havendo acumulado documentação bastante, acaba de escrever uma monografia a que intitulou OS FUSILAMENTOS DE 1894 NO PARANÁ.

É trabalho que se lê com interesse, dado o critério do autor.

Dentre êsses fusilamentos avultam os do “Quilômetro 65”, não só pelo modo desumano por que se revestiram, como porque entre os que tombaram estava o Barão de Serro Azul, presidente da Associação Comercial e figura de relêvo da sociedade paranaense.

Serro Azul foi sócio do avô do autor do livro e eram muito ligados por laços de amizade. Natural, portanto a defesa que da memória daquele fez David Carneiro, e explicável a abundância de pormenores com que trata do caso.

Contudo, há uma dúvida que o autor não pôde tirar e penso que liquidarei com êste artigo: Teria havido ordem de Floriano Peixoto para os fusilamentos do Quilômetro 65?

Até hoje, nada de positivo se encontrou.

Comentando um estudo meu sêbre o fusilamento do sargento Silvino de Macedo, em meu livro DENTRO DA HISTÓRIA, onde provo que o Conselho de Guerra a que estava sendo submetido aquele revoltoso, cuja prisão fôra comunicada

ao chefe do governo, encerrou seu trabalho com a chegada dum telegrama de Floriano, de ordem de fusilamento imediato sem formalidades, e que consta também do arquivo do extinto 2.º batalhão de infantaria, conforme o officio que transcrevi do general Leite de Castro, comandando do Distrito Militar, escreve o autor: "Ante tal documentação, poder-se-á perguntar: No Paraná não teria havido ordem idêntica? E' provável que ainda o futuro esclareça êsse ponto, pondo á luz algum telegrama ou alguma ordem escrita, documentação nova e concludente. Por enquanto só se pode ter deduições e conjecturas através de fatos".

Os fusilamentos do Quilômetro 65

Para melhor esclarecer o assunto aos que não conhecem o caso do Quilômetro 65, sintetiza-lo-ei em poucas linhas.

Caira o Paraná em poder dos revoltosos e mais tarde foi recuperado pelas forças legais. Comandavam-nas o general Ewerton Quadros, que tinha como secretário o alferes honorário Joaquim Freire. Deram-se muitas prisões de militares e civis. Dentre aqueles, os mais importantes foram passados pelas armas. Estes aguardavam os acontecimentos. No dia 20 de maio de 1894, o official de estado do 12.º batalhão recebe o officio de teor seguinte: "Determina s. exa. o sr. general Comandante do Distrito que entregueis ao sr. alferes João Leite de Albuquerque os seguintes prêsos políticos: Barão de Serro Azul, Matos Guedes, Moura Schleder, Preciliano Corrêa e Balbino de Mendonça — Jm. Freire, aux. do secretário". Todos, menos o prêso Matos Guedes que ali não estava recolhido, foram entregues ao alferes João Leite que comandava uma escolta de 12 homens. Meteram-nos em um trem, dizendo-lhes que iam para o Rio de Janeiro, a-fim-de aguardar julgamento. O trem partiu e ao chegar ao quilômetro 65, á margem dum despenhadeiro de centenas de metros, teve ordem de parar. Foram então abatidos a bala todos os prisioneiros, inclusive Matos Guedes procedente doutra prisão, e deixados á margem da estrada, voltando o trem ao ponto de procedência.

Êste o fato, sem o colorido real ou imaginário do que foram os últimos instantes duns desgraçados que viajavam com esperança no prolongamento da vida e num momento foram surpreendidos com a morte.

O depoimento da mais preciosa testemunha

Joaquim Freire é o único remanescente do doloroso drama.

E' o mesmo que aqui em Pernambuco reconheceu e prendeu o sargento Silvino de Macedo e que o acompanhou á Imbiribeira, assistindo ao seu fusilamento, como já uma vez publiquei (DIÁRIO DE PERNAMBUCO de 28-2-1932) e recolhendo-lhe a última vontade.

Dada a situação que desfrutava junto do general Quadros — situação exagerada, porque o apontam como inspirador daquela alta patente — e a confiança que nele tinha Floriano Peixoto, por haver sido quem lhe denunciou com provas o levante da esquadra, de 6 de setembro, pelo almirante Custódio de Melo; homem franco, de extraordinária memória, com uma robustez física que em seus 78 anos de idade aparenta apenas 60, olhos pequenos e muito vivos, entendi que Freire apontado no livro de David Carneiro como o árbitro da vida dos paranaenses naqueles dias angustiosos, seria o testemunho eficaz para dizer se Serro Azul e seus companheiros foram fusilados por deliberação espontânea do general Quadros ou por ordem reservada de Floriano.

Escrevi-lhe, por intermédio dum amigo, para o Rio Grande do Norte, onde sabia ter domicilio. Foi-me devolvida a carta, com a notícia de que Freire se transferira para Olinda.

Descobri-lhe a residência. Convideio-o para um encontro. Teve a amabilidade de vir á minha casa. Conversamos a gosto, ferindo os pontos duvidosos que precisava esclarecer. (*)

De como teve Floriano conhecimento antecipado da revolta da esquadra

Freire não conhecia ainda o livro de David Carneiro. Estava, portanto, sem o espírito preparado.

Comecei por interrogá-lo como, sendo êle, Freire, ardoroso florianista, conseguira estar a bordo do *Aquidaban* e captar a confiança de Custódio de Melo a ponto de ser o portador do manifesto dêste ao JORNAL DO COMERCIO, documento que servira de prova á denúncia que deu a Floriano.

(*) — Em Novembro de 1937

Explicou-me cabalmente. O chefe de polícia de Florianópolis era pouco ativo. Esperava-se, pelos boatos e pela marcha dos acontecimentos, uma revolução armada. João Cordeiro, amigo de Florianópolis, resolveu organizar uma polícia amadora de florianistas, isto a que hoje se chama — a comparação é minha — *Intelligence service*. Freire, como florianista e como dedicado amigo de João Cordeiro, fazia parte do grupo e vivia a farejar em todas as rodas. Tinha amigos pessoais entre os adversários de Florianópolis. Um destes era o dr. Demerval da Fonsêca, médico. Numa noite, fôra ao teatro assistir aos "Huguenotes". Abancara-se nas "torrinhas", onde encontrara Cordeiro de Faria, oficial do exército e também amigo de Florianópolis. De lá, viu o dr. Demerval sentado numa cadeira da primeira fila. Durante o segundo ato notou a ausência de seu particular amigo. O mesmo aconteceu no terceiro. Sabia que Demerval era persona grata entre os anti-florianistas. Suspeitou de que alguma coisa se estivesse passando. No intervalo seguinte desceu para procurá-lo. Encontrou-o preocupado fora do teatro. Disse-lhe Demerval que fôra providencial o encontro, pois, tinha grave missão a cumprir e precisava dum amigo que levasse algum dinheiro a sua mulher. Pediu que Freire o acompanhasse a determinado café. Respondeu este que deixara a capa na "torrinha". Ia apanhá-la. Era também um pretexto para dar aviso a João Cordeiro, por intermédio de Cordeiro de Faria, pois, compreendera que chegara a hora da revolução. Subiu, apanhou a capa, previniu Cordeiro de Faria, procurou novamente Demerval da Fonsêca e partiram juntos para o café. Ali entrou alguém que chamou Demerval á parte e lhe deu certa importância. Demerval voltou á mesa, confessou que a revolução estava na rua, vitória certa, e pediu-lhe que levasse aquele dinheiro a sua mulher. Chegou momentos depois, o sr. Lavrador, um português do Rio Grande do Sul. Aproximou-se da banca em que estavam ambos. Vendô-o em intimidade com Demerval naquele ponto e áquela hora, tomou-o como correligionário. Participou a Demerval, sem reserva a êle Freire, que o presidente da República seria Rui Barbosa e Demerval o escolhido para secretário do governo. Em tal ponto se encontrava uma lancha para levá-los a bordo do *Aquidaban*, capitânea da esquadra revoltada. E convidou-os para tomarem seu carro.

Freire acompanhou Lavrador e Demerval. No ponto indicado estavam Rui, Tobias Monteiro, Sebastião Bandeira e Borlido. A lancha não apareceu. Rui zangou-se e não quis mais esperar.

Lavrador disse a Demerval que tinha condução noutra peçoila. Levou-os. Demerval pediu a Freire que o acompanhasse a bordo, que talvez tivesse noticias mais positivas para a mulher. Desejoso, como estava, de conhecer todos os pormenores, accedeu.

Ao entrar no *Aquidaban*, notou que Custódio estava preocupado, a andar dum lado para o outro. Um dos amigos o interrompeu. Custódio disse que tinha uma missão para terra. Apresentaram-lhe Freire, que acompanhara Demerval e ia voltar, para levar um recado e dinheiro para sua mulher.

Custódio perguntou a Freire se conhecia o Fernandes. E explicou que era determinado açougueiro da rua tal. Incumbiu Freire de três missões: dizer ao Fernandes que comprasse a maior quantidade de carne, pois, queria banquetear a marinhagem quando desembarcasse no dia seguinte; levar um manifesto ao JORNAL DO COMÉRCIO; dizer a Rui que não pudera mandar a lancha como combinara, mas o trato estava firmado.

Despediu-se Freire, voltou à terra e imediatamente comunicou o caso a Floriano, a quem mostrou o manifesto. Este mandou que procurasse o general Enéas Galvão, ministro interino da guerra, e comunicasse de sua parte que a esquadra estava revoltada e reunisse os comandantes de corpos para saber com quais contava. E que depois fosse levar o manifesto ao JORNAL DO COMÉRCIO, a-fim-de não causar suspeitas aos revoltosos, o que tudo foi cumprido.

E assim me explicou Freire como teve conhecimento exato da revolta, como foi a bordo do *Aquidaban* e como tão relevante serviço prestou a Floriano, de quem era grande admirador.

A prisão e ordem de fusilamento de políticos no Paraná

Interroguei-o sobre sua ação no Paraná, como fôra para ali, sua responsabilidade nos fusilamentos — particularmente nos do quilómetro 65 — se o Barão de Serro Azul e os outros prêsoes políticos foram fusilados por iniciativa do general Ewerton Quadros ou por ordem expressa de Floriano e na primeira hipótese qual a atitude do último.

De sua longa exposição, resumo:

Era alferes honorário e estava a bordo do *Andrada*, onde servia com outros que hoje são generais, como João Gomes e Carlos Arlindo. Floriano estava muito satisfeito com êle.

pelo serviço que prestara aqui em Pernambuco com o reconhecimento e a prisão do sargento revoltoso Silvino Macedo. Disse-lhe que ia mandá-lo para o Paraná com o general Ewerton Quadros e a êste recomendou que o levasse como seu secretário.

Na ocasião do embarque, ouviu Floriano dizer a Quadros: — "Militar com armas nas mãos não se processa..."

Seguiram por estrada de ferro. Quando chegaram a Curitiba, não puderam entrar no quartel do 8.º, devido á fedentina de cadáveres mal sepultados.

O general Quadros era espirita, andava sempre abstraído, a ver espíritos e a com êles conversar.

Com a chegada do general Quadros, procurou-o o governador Vicente Machado, cujo chefe de policia, Antônio Lago, fôra um dos que apunhalaram Apulcro de Castro, fato que Freire presenciara e pelo que o odiava intimamente. Foi o governador Machado que denunciou o Barão de Serro Azul e outros politicos ao general Quadros, então extranho ao meio. Essa denúncia foi confirmada com o livre "copiador" do Barão, onde se encontrava uma carta dirigida a Gumercindo Saraiva, convidando-o a tomar o Paraná e prometendo-lhe um empréstimo de 500 contos de réis. Também Preciliano Corrêa escrevera ao mesmo caudilho concitando-o a atender á carta do Barão e acrescentando que, para pôr Floriano fora do govêrno, daria suas fazendas.

Atendendo á denúncia, mandou Quadros efetuar as prisões dos politicos, recolheu-os ao teatro São Teodoro e comunicou a Floriano, perguntando-lhe que deveria fazer com aquela gente. Foi Freire quem cifrou o telegrama. Nada respondeu Floriano.

Quanto aos militares, Quadros mandou fusilá-los independentemente de consulta, devido á recomendação de Floriano em o momento do embarque

Uma ocasião foi Freire procurado pelo major da G. N. Mauricio Sinke, que lhe disse ter negócio sério e convidou-o a ir á sua casa. (O caso Mauricio Sinke já fôra relatado na imprensa; contestaram que Sinke não estava em Curitiba a 20 de maio de 1894, mas Freire diz que provou sua estada naquela capital no dia acima). Acompanhou-o. Sinke entrou com Freire, fê-lo correr a casa para provar que estavam sós, que ninguém os ouvia. Na sala de jantar, a mesa estava preparada para uma ceia, com bôlos, doces, vinhos, inclusive champanha.

Sinke começou dizendo que não ia tratar do caso de Preciliano, seu sogro, mas do Barão de Serro Azul. Houvera uma reunião na casa da Baronesa, à qual comparecera. Resignava-se a Baronesa a ficar pobre, contanto que salvassem o marido. De início havia um cheque de 50.000\$000 ao portador, pagável em Montivideo. Estudadas várias possibilidades, verificaram que somente Freire poderia salvar a vida do Barão, ainda que por meio de fuga.

Freire cortara a conversa. Não queria continuar o assunto, pois, era uma proposta de suborno, contra sua honra.

Refirara-se indignado e muito nervoso. Ao chegar ao Quartel General, Quadros foi a seu encontro e disse-lhe que o coronel Firmino Pires Ferreira o procurara insistentemente pedindo-lhe a transferência da prisão de Serro Azul para a brigada. Freire relatou então o que acabara de passar-se entre êle e Sinke, e suas suspeitas de algum plano de fuga, dadas as constantes visitas de Pires Ferreira à família do Barão, ao que retorquiu o general:

— Mande fusilá-los imediatamente, senão ficaremos desmoralizados.

O encontro dos cadáveres dos políticos fusilados

Com a ordem verbal do general Quadros para o fusilamento imediato dos prêsos políticos — estou reproduzindo com o máximo de fidelidade que a memória m'ò permite, auxiliada por algumas notas tomadas na ocasião, a narrativa de Freire — mandou chamar o alferes João Leite, alagoano recomendado de Joaquim Inácio para qualquer grande caso. (Deu-me Freire a entender que êsse João Leite era de indole perversa). Foi-lhe dito que deveria acompanhar o tenente Fileto Pimentel e fusilar os prêsos políticos. A Fileto foi dada ordem de levar um trem, já requisitado, a lugar êrmo e cumprir a ordem de fusilamento, sem deixar vestígios.

Partiram os dois oficiais com a ordem de fusilamento, transmitida verbalmente por Freire. As particularidades do fusilamento estavam a cargo dêstes.

Pela madrugada, foi ao Quartel General, vindo da casa da Baronesa, Firmino Pires Ferreira, que de qualquer modo se comprometera a salvar Serro Azul. Perguntou pelo Barão ao general Quadros e êste respondeu, com toda a franqueza, que o mandara fusilar.

Na manhã seguinte á da partida do trem, chega ao Quartel General o sr. Serjat (nã sei si ouvi bem êste nome, que devia ser de pessoa graduada da estrada de ferro) com um telegrama, que mostrara ao general Quadros, dizendo que o servente de Cadeado (proximidade do quilômetro 65) encontrara seis cadáveres á margem da estrada. Freire compreendeu que o serviço fôra mal feito e, para dissimular deante do portador do telegrama, opinou que o encontro dos cadáveres era caso de policia. Aconselhou ao general que mandasse mostrar o telegrama ao chefe de policia, cujo nome está referido acima. Ao mesmo tempo, tomou providências para efetuar o entêrro. Resolveu ir ao local, com um grupo de polacos, dos que se estavam alistando nas fôrças legais.

Ao chegar á estação, encontrou o chefe de policia que ia pessoalmente averiguar o caso do encontro de cadáveres. Partiram todos no mesmo trem: Freire, o chefe de policia e os polacos, êstes com pás e picaretas. Freire, como já foi dito, não simpatizava com o chefe de policia Antônio Lago. Poucas palavras trocaram durante a viagem.

Parou o trem no ponto indicado no telegrama e Lago desceu na frente. Poucos minutos depois, foram ouvidas por Freire, exclamações: — “Meu compadre! Meu compadre! Quanta barbaridade!” Aproximou-se Freire e encontrou Lago curvado deante do cadáver de seu compadre, o Barão de Serro Azul. Estava êste caído de costas, com as suieças duras, devido á geada. Perto dêle, os outros cadáveres. Indignado com as exclamações de Lago, segurou-o Freire pela gola do casaco e disse-lhe de cara: — “Quando v. e seu irmão apunhalaram Apulcro de Castro pelas costas, como vi, não constituiu isso barbaridade. Agora, considera barbaridade o fustigamento dum inimigo da República e da ordem legal!”

Lago não replicou.

Freire sondou o terreno próximo para a abertura de covas pelos polacos. Tudo granito. Á direita, o abismo. Uma grotta escarpada de centenas de metros de profundidade, onde antes caíra um pagador da estrada de ferro com uma bolsa recheiada de contos de réis e de que nunca mais se tivera noticia. Não era possivel deixar os cadáveres ali insepultos. Fez um gesto aos polacos para atira-los no abismo. Dois polacos se apossaram de cada cadáver, segurando um a cabeça e outro os pés, fizeram embalo e assim foram todos sacudidos para sempre, no fundo da grotta, retornando o trem ao ponto de partida.

Disse a Freire que, conforme o livro de David Carneiro, foram os cadáveres posteriormente procurados, encontrados e tiveram sepultamento condigno. Respondeu-me que não acreditava, devido à busca anterior do cadáver do pagador da estrada de ferro. Como, enfim, era ponto secundário, não insisti. Meu desejo — o tempo estava correndo e havia chegado uma visita estranha ao assunto — era conhecer a atitude de Floriano. Si aprovara ou si reprovara os fusilamentos dos políticos.

A atitude da "esfinge"

Reincetou Freire a narrativa: O general Quadros mandou fazer um simulacro de inquérito para justificar a morte dos presos. Teriam tentado fugir durante a viagem, e, quando saltavam do trem, foram abatidos a bala. O processo tinha poucas fôlhas. Mandou Quadros Freire ao Rio, para levá-lo a Floriano e explicar tudo.

Cumpriu a missão: Fez o relato circunstanciado ao chefe do governo e, passando-lhe às mãos o inquérito, disse textualmente:

— Aqui está o melhor meio que o general Quadros encontrou para liquidar o caso.

Floriano abriu o rôlo, foi às últimas páginas, leu-as e, sem dar palavra sobre o assunto — era, disse Freire, de seu feitio — indagou como estava o espirito da força...

Mário Melo

Orasam Academica

QUE NA

ABERTURA DO SEMINARIO EPISCOPAL DE OLINDA
RECITOU

O Rev. Pe. MIGUEL JOAQUIM DE ALMEIDA E CASTRO

natural da cidade do Natal do Rio Grande do Norte

Professor de Rhetorica do mesmo Seminario, ano de 1800

"Omnium regnorum et populorum felicitas, tum maxime Reipublicae christianae salus a recta juventutis institutione pendet: quae quidem rudes ad huc animas ad humanitatem flectit; steriles et infructuosus reipublicae muniis idoneos et utiles reddit, dei cultura ignorantes, et patriam pietatem erga magistratus reverentiam, et obedientiam promovet."

(Henrique IV, nos estatutos da Universidade de Paris.)

Se a verdadeira gloria das Nassões consiste na cultura das Sciencias e das Artes; se a Grecia e Roma antigamente foram menos gloriosas pelos seus combates, grandes projectos e victorias, do que pelo poder mais universal, absoluto, e mayor pelo serviço dos Estudos, do que pelo exito vaidoso das suas armas; se as Sciencias finalmente são as que fazem a mais solida gloria dos Principes que o jubilo, o contentamento; e a alegria de Pernambuco vendo que debaixo dos auspicios de um Prelado verdadeiramente sabio e Protector dos sabios se lhe abre a estrada real e segura da verdadeira grandeza e gloria, abrindo-se-lhe francamente a porta que conduz para a luminosa sala das Sciencias e para o delicioso azilo das Belas Lettras!

Sim, senhores, he hoje que consumados em parte os grandes trabalhos do Sr. D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, nosso muito digno Pontífice, se levantam das ruínas de um antigo edificio um novo Templo para as sciencias, hum novo Pantheon para as Musas e hum eterno monumento para a sua gloria. Sem se poupar ás fadigas e coidados, roubando aos continuos trabalhos a que o conduz o Governo Civil desta vasta capitania, tam dignamente confiada a sua actividade e politica, suas oras de applicassam para promover os conhecimentos literarios dos seus subditos, que fazem a mais delicada porsam do seu ministerio Pastoral, oferece hoje ao seu Bispado huma porta franca e comum para entrarem no Luminoso Pretorio das Sciencias e das Artes. Mecenas ao pé de Augusto no seculo ditoso da Literatura Romana, Colbert ao pé de Luiz XIV na epoca felis do restabelecimento das letras na França não fizeram mais do que ele junto ao Grande Principe, que nos governa, afim de estabelecer, afirmar em Pernambuco, a proveitosa cultura das Sciencias.

Ele bem sabe que sam elas as que formam a verdadeira gloria dos Povos, que apertam os claros indissoluveis da sociedade que nos mostram os direitos inalienaveis de Deos, e de Cesar, e que constituem e firmam os grandes fundamentos da Religiam e do Estado, do sacerdocio e do Imperio. Ele sabe que sem as sciencias, perdida a força das Leys, alterados os direitos, confundidos os poderes, e arruinadas as bases da Republica, caminha tudo a submergir-se n'hum orroroso cahos, n'hum anarquia funesta, n'hum despotismo insuportavel, n'hum liberdade pernicioso, e finalmente n'hum precipicio inevitavel. Isto não sam, meus senhores, pinturas pitorescas de hua imaginasam esquentada, sam efeitos já tristemente observados, de que axamos indubitaveis monumentos na historia dos passados seculos.

Estes pensamentos, portanto, que dirigiram as vistas do nosso Sabio Prelado no estabelecimento deste Seminario destinado á cultura das Sciencias, e das Artes, e a educassam da mocidade, devem tambem animar-vos, Ó Nobres Candidatos ao estudo e applicassam delas afim de colheres os saborosos fruiços que ele vos promete.

Eu vou, portanto, mostrar a utilidade das sciencias e das Artes ao Cidadam e ao christão; vou fazer ver que elas condusem para o bem da sociedade e da Religião, e quanto, por consequencia, sam indispensaveis para a felicidade commum dos Povos, dos Soberanos, dos Cidadaons, e dos Monarcas, do Rey, e dos Vasallos. Santa Verdade, deee dos Céos, e inspira-

me: deposita em meus labios tua forsa irresistivel, e já que meu fraco entendimento não hé capas de ornar-te daquelas grasas externas, que augmentam tua belesa, aparece em todo o teu esplendor, vem mesmo na tua augusta simplicidade, e dirige a minha orasam. E vós, Respeitavel Asembléa, diante de quem tenho a onra de levantar minha fraca vós, ouvi-me benignós. Para falar dignamente das Sciencias, he necessario ser verdadeiramente sabio e eu que estou infinitamente distante deste alto posto, devo necessariamente balbuciar no estilo de huma orsam academica de que não tenho uso, e vós, pela vosa civilidade, e benevolencia, deveis suprir com as vossas luses tudo o que falta ao meo rasteiro e mal ordenado discurso.

Para nos persuadirmos vivamente, senhores, que sam as Sciencias, e as Artes, as que consolidam os fundamentos da sociedade, estreitam os doirados lasos do direito social, basta atendermos hu pouco com reflexam sobre o que a nosa mesma rasam nos dicta e o que hua continuada experiencia nos demonstra. A rasam convincente nos fás ver a indispensavel necessidade das Sciencias para o estabelecimento firme dos Estados, e a experiencia depositada nos grandes factos da Historia Veneravel, nos vem dar a ultima confirmasam desta verdade. Sim, Respeitaveis ouvintes, sam as Sciencias as que fazem disiparem e fazem desaparecer diante de seu Luminoso Claram as escuras, densissimas trevas da ignorancia e do erro. Seus rayos fulgentes e puros formam a brilhante Aurora, que anuncia a hum povo o formoso dia da sua gloria, da sua grandesa, da sua felicidade.

Elas sam as que corrigem a asperesa dese natural groseiro, e agreste cañacter de independéncia, que nasce com o homem, e as que nos fazem gostar os doces vinculos da dependencia mutua, e da sociedade civil.

Hé verdade, senhores, a Natureza quer que os homens passem os inconstantes dias de sua carreira mortal, unidos entre si mutuamente, entre os carinhosos brasos da pás, e da sociedade. Hé a mesma Natureza que lhes inspira os primeiros sentimentos da uniam, quem os fás aborrecer, como hum estado quasi de morte, os tristes orrores de hua vida isolada, e quem, finalmente, lhes grava no fundo do corasam as fortes sementes das paixõens, que sam os meynos ordinarios que esta May commum emprega para reunir seus filhos debaixo dos

suaveis praseres da vida social. Os lasos, porém, da sociedade (reflete o sabio Lacombe) (1) sam duros, a mayor parte dos povos os sofrem com impaciencia. Os homens na sociedade podem-se representar como Leões raivosos, sujeitos debaixo do mesmo jugo, e sempre dispostos a romper os ferros que os captivam, e oprimem. A ambisam, e o interesse, que sam os mais poderosos motivos da uniam, se tornam ao mesmo tempo a origem de todos os seus crimes e desordens. Hum Imperio ainda nam polido pelas Sciencias e pelas Artes está sempre em hua situasam critica. Á politica dos grandes consiste em opprimir os fracos; e a politica destes em arnuar o duro despotismo dos grandes que sobre eles incomodamente grava e pesa. Todas as ordens de Cidadãos estam ali sempre em hua fermentasam violenta: o menor signal de rebeliam basta para alterar, e destruir totalmente a antiga constuisam do governo e olhando-se o poder do mais forte como hum legitimo poder, digo, direito, cada hu não quer obedecer quando se julga nas circumstancias de poder mandar.

Só as Sciencias e Belas Artes hé que pertence ensinar aos homens o que eles devem ser; elas os unem, elas lhes fasem conhecer os praseres, e declinar da Pás, levam a lús a todas as ordens, prescrevem a cada hu os seus direitos, e os seus deveres, riscam-lhes a esfera impreterivel em que se devem conter, e formam de hua Nasam hua Assembléa de filosofos, que tem prendido como dexar as suas paixões, e a viverem felises em hua communidade doce e pacifica, onde nam sam admitidos, nem licitos senão innocentes combates de hua emulasam louvavel, onde a victoria só aqueles se concede, que tem com mayores fadigas e mais activo zelo trabalhado para a felicidade publica dos seus amados concidadaons.

Esta, unicamente a causa para que pela mudansa do gosto nas Sciencias, e nas Artes, Senhores, podem-se muito bem assegurar a evolusam dos Povos, nos Costumes, e no governo, e igualmente pelas mudansas de Governo e dos Costumes se podem prever os funestos golpes que vem ameaçar as Sciencias. Debaixo dos mayores Principes (dis Voltaire) hé que as Artes têm sempre florecido, e a sua decadencia hé muitas veses a epoca da decadencia de hum Estado.

A Africa antigamente tam fertil em grandes homens, e em espiritos raros, pelo esquecimento terrivel das Sciencias, cahio miseravelmente nas trevas da barbaridade, que hoje vemos in-

(1) Espetaculo das Belas Artes, Cap. 5. sec. 3

velver seu fervido e esteril continente. O Egipto, em outro tempo olhado como o paiz gerador de todas as sciencias, decahido depois insensivelmente de sua aplidam e cultura, hê hoje hum torram inculto, inundado dos terriveis efeitos da barbaria, xeio de ignorancia e de nös esquecido. Pelo contrario os povos do septentriam e do ocidente, representados nos primeiros tempos como groceiros e barbaros, apenas abriram os olhos as letras brilhantes das Sciencias, e das Belas Letras, e as deixaram penetrar seos obscuros paizes, tem xegado mesmo a igualar e tal vez exceder em todos os ramos da Literatura tudo que as outras nasöins tinham sabido produzir de mais solido, de mais belo, de mais profundo, e de mais sublime. A Grecia, antiquissima Escola do Universo, apenas vê aniquilarse nos seos paizes a cultura das Sciencias pela desolasam medonha das guerras, e pela desenfreada crueldade dos sucessores de Alexandre, vê ao mesmo tempo escurecer-se toda sua grandesa e gloria.

Athenas não foi mais o azilo dos sabios. Os oraculos do Arcopago se tornaram mudos; e os grandes genios da Academia, e do Portico, resfriados no meyo do despreso e da perseguisam, cederam ao ultimo golpe fatal, que os conduziu á aniquilasam. Roma nos memoraveis dias de sua exaltasam, senhora e mestra do Universo, que tinha feixado dentro de suas muralhas a victoria, e a sabedoria, apenas corrompida pelo luxo, e pelas riquezas, entregue aos brasos languidos da moleza, despreza o Estudo das Letras, desterra os sabios, e os Filosofos, e teme que as penetrantes Luses dos Espiritos, que corrigem seos erros, perde todo o seo esplendor, e magnificencia, seo proprio peso oprime, e ela mesma sucumbe a forsa irresistivel da corrusam e da desordem. As Sciencias e as Artes sempre errantes, e perseguidas, vendo-se obrigadas a fugir diante dëssas falanges victoriosas de Barbaros, que como turbidas e tumultuosas torrentes inundaram as deliciosas Provincias do Imperio Romano, e que respirando combates, e roubos, procuravam hum Céu mais temperado, e terras mais ferleis e alegres que os seos incultos matos, sem maior direito que o da espada, que elles exercitavam sem remorsos, as Sciencias, digo, e as Artes asim banidas, e expulsas de seos antigos asentos, bateram suas doiradas asas, e no seo vôo rapido conduzindo com sigo o bom gosto, e as Luses radiosas da rasam, deixaxaram a Italia na escuridade e no erro, e foram iluminar países onde firmaram seo doce e delicioso imperio. Entrando entam em seo lugar a ignorancia, a barbaridade, a forsa, e o despotismo, aquele PÓVO REY, que tinha feito respeitar até as

suas injustias, e cuja tirania mesma era revestida de hu certo caracter brilhante de magestade foi o ludibrio de uma xusma de barbaros desconhecidos que dos fundos gelados do Septemtriam, empurrando huns aos outros pela sua innumeravel multitudam, fiseram escurecer em pouco tempo todo o esplendor daquela grande obra de tantos seculos, de tantos Heróis, e de immortaes engenhos. Roma, sem o auxilio das Sciencias hé hua outra Roma: hum Senado vil, Magistrados sem authoridade, ou sem onra, tropas desenfreadas, hum povo cobarde e insolente, eis aqui o que fazia a grande sociedade desta antiga Capital do Universo. A Realesa perdida, a sabedoria que hé a mais solida base que a sustenta contra os terriveis ataques de hua liberdade illegal, se torna hu phantasma de authoridade, que hé a cada paso insultado. No estreito circulo de Cincoenta años (como reflecte hu grande historiador, 2), depois de Alexandre Severo, mais de cincoenta Cesares sam aclamados, e degolados pela licença militar, tam prompta para as rebelioins e regicidios, como indifferente para a gloria e para o bem de Estado. O Reino da ignorancia devia infelizmente ser acompanhado do Reino da Barbaridade. Nos ditosos Estados, pelo contrario, onde o pacifico dominio das Sciencias dirige e governa a par do Throno, e onde a cultura delas hé com cuidado e zelo promovida, que diversos, que risonhos aspectos se observam e contemplam! cada hum dos cidadaons advertido por meyo de seos documentos, e vivamente convencido de seos impreteriveis deveres para com sigo, para com a sociedade, e para com o Principe, reuñem-se todos debaixo de intereses mutuos, e se conhesem obrigados á sacrificar o bem particular ao bem commum, o precioso thezouro da vida, a conservasam da Patria, e cada cidadam hé hu Heróe.

Hua Legislasam sabia vem harmonisar, dirigir a hu centro commum todas as ordens da sociedade, e fas conter pela forsa severa das penas o vicio, e o crime, obrigando-os a fugir enfiados e xeios de confusam para os seos lugares tenebrosos, que só sam dignos deles. A Agricultura e commercio, esses dois grandes canais, por onde entram em hum Estado as riquezas, e as substancias, levados até o ullimo grão de perfeisam, vem acabar a grande obra da felicidade publica, e hum Povo felis a sombra do Throno, que o protege, e no profundo descanso da pás, que o afaga e acaricia, gosa as agradaveis dosuras da sociedade, e os frutos deliciosos e suaves, que a sabedoria e a virtude derramam em seos pacificos regasos.

No seyo desta pás ditosa, e entre os braços carinhosos da abundancia, as belas Artes entram a cantar tranquila á sombra dos Loureiros, o poder do Soberano, a felicidade de hu tal Povo, e os doces praseres que sobre pasos voam. Elas põem o lume a magnificencia do Imperio, anunciam ao Universos em produõens sublimes o alto ponto da sua elevasam e coroam de hum certo modo o magnifico aparato dos seos triunfos. Sabedoria ! Digna filha do Céu ! Mãe da virtude, e da Humanidade, Doce fruito dos nosos trabalhos, e das nosas fadigas, és tu ? Sim: és tu mesma, a que fases a gloria do Principe, que te protege, do Povo que te cultiva, és tu a que estreitas os lasos da sociedade, a que promoves a felicidade do Estado, e a que formas o verdadeiro cidadam.

Em vam, Senhores, os inimigos das Sciencias, e das Artes, nos convidam indiscretamente a deixal-as, ou ao menos nos querem faser envergonhar do seo estudo, apontando-nos os abusos lastimosos que delas se tem feito no meyo das Nasõis mais cultas. Eu apelo, senhores, para o incorrupto Tribunal da Razam, e da Experiencia. Por ventura os espectaculos deliciosos de hum povo pacifico, descansado á sombra da sabedoria, seram mais orrorosos, ou faram mais corrumam nos costumes, e damnos no Estado, do que os da desenfreada liberdade e as tristes scenas da devastadora guerra? Seram mais para se temerem os sabios, e os Artistas, do que esses homens fogosos e barbaros, que não conhecem mais direito, que o do ferro, e não tem outra profisam mais que a de tudo redusir a fogo e sangue ? A ambisam de um Principe, que cultiva as Artes será mais perigosa que a de hum Despota, que sacrifica tudo aos seos interesses e fás do seo Estado o vergonhoso theatro das suas extravagancias, e paixõins ?

Os racionios, os sofismas mesmos de hum filosofo corrompido, e libertino, a liberdade de pensar, as mesmas blasfemias de hum espirito forte dos do noso seculo seram acaso mais perniciosos á Religiam e ao Estado, do que o sego fanatismo da ignorancia, que tem produsido os mayores crimes, as mais orrorosas desordens na Igreja e no Imperio ? A mesma França, a quem com justissimas rasõins se repreende o abuso fatal que tem feito das sciencias, e Artes, tem visto porventura neste seculo de anarchia, e de libertinismo scenas mais orrorosas e sanguinarias do que nós seculos escuros da ignorancia e do fanatismo ? Luiz XVI debaixo de ferro da guilhatina de-

pois de ser sacrilegamente sentenciado pelo Corpo da Nasan será capás de nos inspirar mais orror do que os infelises filhos de Clodomiro, filho immediato de Clovis, que tinha firmado apenas os primeiros fundamentos da Monarquia Francesa, mortos apunhalados clandestinamente e feitos miseraveis vitimas das ambiçoens de seo Tio ? Luiz XVI debaixo do ferro da guilhotina hé um espectáculo mais orroroso do que dés reis sucessivamente sacrificados á furia da impia e infernal Brunehaut, que enxeo em outro tempo a França de orrores e foi a Authora de mil crimes igualmente funestos ao Povo Frances, que a Real Familia de Clovis ? Luiz XVI finalmente, debaixo do ferro da guilhotina hé capás de nos inspirar mais orror do que Henrique 3.^o assassinado pelas mãons parricidas de hum Dominico ? (3) As interpresas e roubos da Assembléa Nacional contra a Casa de Bourbon foram mais ilegais, mais injustas, mais tiranas do que os procedimentos e atentados dos antigos Mayres do Povo contra a Casa Merovingiana ? As mortes, os incendios, as profanaçoens destes dias funestissimos, que tem visto Paris, tem sido mais orrorosos, e exiciaes do que os da tenobrosissima noite de S. Bartolomeu ? Mas que, meus Senhores, sou eu porventura apologista deses insensatos Monarcomacos, inimigos dos Reys e da Patria, das Leys e da sociedade ? Nam, senhores, confesso os seos crimes; a crua barbaridade; o seo erro; a sua doutrina; e sentimentos incendiarios; porém, crimes, barbaridades e erros, doutrina e sentimentos, menos xeios de orror do que eses que inspira a ignorancia e o fanatismo.

Pode-se abusar das sciencias; hé verdade, mas ese mesmo abuso hé menos pernicioso e criminal do que os efeitos tristissimos de hua ignorancia cega. A sabedoria ainda no ponto de seo mayor abuso só xega até dar ao vicio as cores aparentes da virtude, desmascarar os mais feyos atentados contra o Rey e contra a Patria, com o véo specioso (e enganador) de Liberdade e Patriotismo; mas esa mesma necessidade em que as Luses da Razam tem posto os criminosos e os malvados de occultarem o seo negro character debaixo de imagens impostoras, serve de mayor elogio as mesmas sciencias, e a verdade. E se a França libertina e escandalosa tem aprendido a arte detestavel de abusar das grandes Luzes das sciencias, e das Artes, o noso Portugal, a Inglaterra, e o Imperio, armados da verdadeira sabedoria e da saã Politica não tem sido as firmes muralhas de bronze onde se tem vindo desfazer todos os seos plainos revo-

(3) Jaques Clemente

(4) Mafoma

lucionarios? Se em outro seculo menos iluminado do que o noso tivesse levantado o negro estandarte da anarquia e da rebeliam, não teria xogado a seduzir os povos, e não teria asustado o universo com as suas victorias e progresos? O falso Profeta de Meca, plantando hua doutrina mais absurda, e menos speciosa foi visto tristemente subjugar hua grande parte do globo, a França que sabe cavilosamente mascarar os seus erros e crimes debaixo dos sedutores nomes de Liberdade, e de igualdade, que fez a detestavel descoberta de hua doutrina, que reúne tudo quanto hé capás de favorecer e lisongear as paixoins com quanto é necessario para iludir a Razam, não teria feito gemer todo o Universo, e estendido os infectos ramos da arvore da liberdade sobre toda a terra se as Luzes da sciencia lhe não tivessem obstado? Os plainos e doutrinas dos Mirabeaux, dos Chabots, e dos Condercets teriam infeccionado a Europa toda, se oje os Rodrigos no Ministerio de Portugal, os Pitts, no Gabinete de S. Jaime, e os Barõens de Shugut no Conselho de Viena os não tivesse transtornado, desfeito, confundido. Apesar, pois, do pernicioso abuso que das sciencias e das Artes posam fazer os homens criminosos, sam elas verdadeiramente as que reúnem os Póvos na união da verdadeira fraternidade. As que adoram o character duro e agreste da Natureza, as que ilustram os seus entendimentos, pulem os seus costumes, mostram-lhe os seus deveres, e os fazem gostar os deliciosos prazeres da vida social, como boens cidadãos: elas fazem tambem o verdadeiro Catholico. Temos visto como elas promovem a felicidade do Estado, pasemos a ver como elas firmam, e enobrem a verdadeira Religiam.

As escuras e densas trevas, que nos dias caliginosos da ignorancia ofuscaram o esplendor da Religiam: que a denegriram e fizeram decair daquela sublimidade illustre, com a linha firmado o seo Divino Instituidor, e que se principaram logo a dissipar ao primeiro clarim que trouxe ao nosso hemisferio a felis restaurasam das Letras, bem como os primèyros rayos do Astro do dia se dissolvem e desmanxam eses negros vapores, que levanta a terra sam hum argumento o mais incontestavel de quanto hé prejudicial á Religiam a mesma ignorancia, e do quanto contribuem para o seo esplendor e augmento a cultura inestimavel das sciencias. Seculos obscuros da ignorancia de nosos Pays, vosa memoria devia ser eternamente riscada das paginas da nosa Historia, e apagados para sempre a nosa vista os monumentos vergonhosos da vosa barbaridade! Eu não intento hoje, meus senhores, fazer deles mensam afim de cobrir de confusam, e de vergonha, os nosos antepassados; re-

novarei a sua triste lembransa para faser ver unicamente aos meos Coetaneos a que excessos, e prejuisos, condus a ignorancia a hua alma despida das Luzes, e dos rayos brillhantes da sabedoria nos necesarios conhecimentos e pratica da verdadeira Religiam. Sim, foi a ignorancia a que abortou nos tristissimos dias de nosos mayores e seos dias orrendos, informies monstros do satanismo, e da suprestisam, que tanto tempo enlutaram o brillhante esplendor da Religiam, e subministraram aos seos inimigos occasioens para bem fundadas queixas contra o christianismo, quando, já firmado nos coraçõins humanos com as mais profundas raizes, devia fazer mais doce e aprasivel o seo delicioso imperio. O elero mesmo, a quem o Senhor tinha confiado as xaves do Reyno dos Céos, e entre cujas maons tinha depositado o supremo poder espiritual, sepultado nas trevas obscuras da mais serrada ignorancia, foi o que primeiro corrompeo os seos caminhos, e abusou do supremo poder, que lhe fora confiado, da simplicidade, ignorancia e credulidade dos Povos, e enfim da piedade e devosam das Potencias do Seculo. Em huns tempos calamitosos, em que para se ascender ao sacerdocio não era preciso mais que saber ler, escrever e entender a orasam Dominical, que golpes fatais não recebeu a Religiam!. Despresada a Theologia Revelada, e as fontes puras da antiguidade e da Tradisam, fascinados com os capciosos sofismas de hua leitura corrupta comunicada pelos Arabicos, entregando-se todos aquele Espirito Contencioso reprovado por S. Paulo (5) e que só seria capás de fazer a ruina total da Igreja, se o braso invencivel do Omnipotente a nam sustentase contra os terriveis ataques das portas do inferno.

As seitas multiplicaram-se e combateram humas contra as outras, cada hua louvava seos Apostolos, cada hua vendia os seos sonhos e extravagancias, como dogmas de Fé, affectando ser a Depositaria da Verdadeira Doutrina! Os Prelados excomungavam huns aos outros, e os Soberanos temporaes fazendo substituir a violencia aos argumentos deram, quasi sem querer, o ultimo tom á infelicidade da Religiam e dos Estados. O sacerdocio e o Imperio, Senhores, a Igreja e o Estado, o Altar e o Throno, tem intereses tam mutuos e reciprocos que os golpes vibrados contra hum van directamente descarregar contra o outro. Escurecida a Religiam, nam podiam deixar de vacilar os thronos. Entam foi que o feyo monstro da discordia batendo as negras asas lá do tenebroso lugar, da sua

(5) A Timoteo. 2 Cap. 2. 23. Et Ad Tit. Cap. 3.9

triste morada, envenenando os ares, por onde passava, com o corrupto halito de sua respiração pestifera veio abitar no meio do Imperio e ali acendendo a fumegante facha no fogo betuminoso dos infernos, inflamou a redondesa dele com o funestissimo incendio dos scismas e das divisões. Aqueles animos tam xeios antigamente de fervor e de zelo para com os interesses publicos, não respiravam mais que disputas theologicas, e hum espirito de partido em materias de Religiam, que veio inteiramente soffocar os doces sentimentos do Patriotismo. Cuidava-se e com todo cuidado se cuidava em ser Ariano ou Donatista, Pelagiano ou Priscilianista, Manicheo ou Monothelita, e não se cuidava em ser cidadam.

Que exotico spettacolo não hé ver a Carlos Magno metido sempre a Theologo, sentado em hum Throno, fazendo a abertura solene do Concilio de Franckfort, propondo em termos decisivos, com hum tom dogmatico e Magistral a condenação de Felis Urgel e de Elipando de Toledo, e escrevendo sem hesitar as Igrejas de Espanha = Instáveis com-migo (sam estas as duas palavras) para que eu mesmo julgase; assim o fiz; assisti como Auditor e como Arbitro no Concilio dos Bispos; temos visto e temos determinado o que se deve erer =, vel-o condemnar de propria authoridade o segundo Concilio Niceno, publicar os celebres Livros Carolinos contra o respeitavel culto das Imagens, e sustentando como Doutor da Igreja, a palavra FELIO que adicionada ao simbolo de Nicéa em hua carta dogmatica que remeteo ao Papa Leam 3º! O Espirito de partido, Senhores, que fazia entam odioso o Imperio de Constantinopla, fes disimular todos estes procedimentos e Carlos Magno hé ainda hoje elogiado. Quando, porém, os sentimentos eram opostos ao partido dominante, que diferente conduta, que diferentes scenas. A arma invencivel da excomunham (dis um celebre escriptor) (6) xegou a ser hum instrumento de guerras e de sanguinosas revolusões. As maons sagradas e respeitáveis que o Senhor tinha destinado para abençoar o seo Povo, não se ocupavam senão em amaldiçoar. Excomungou-se a satisfasam da politica e da vingansa, excomungaram-se os Grandes, excomungaram-se os mesmos Soberanos. A historia daqueles seculos de ignorancia he o oprobrio, a confusão da razam humana. A mesma Religiam ficaria deshonrada se se lhe podese imputar o que ela condena. A ignorancia era unicamente o monstro abominavel que como May fecunda produzia estes absurdos e horrores. Debaxo de seo negro imperio hé

(6) Fleury. Discursos sobre a Hist.

que foi visto hum Vamba flagelo e terror dos Sarracenos, vestido de hum habito de penitente ser excluido do seo throno para o ceder ao impio e fasanhoso Ervigis, que tinha tido a audacia de o envenenar. Entam hé que foi visto hu Imperador como Luiz, o Benigno, primeiramente recluso em hu mosteiro; estendido depois sobre hum cilicio, despido de talabarte e vestes regias, vestido de hum sacco, ser enserrado em uma cela, pelos inauditos crimes de ter mandado marxar tropas no tempo da Quaresma, de ter convocado hua junta em Quinta feira Santa e de se ter armado contra seos filhos rebeldes. Entam hé que se ouviu argumentar, quando se quizeram reunir no Imperio os dous Irmaons de Constantino Pogonato, que deviam ser tres os Imperadores, porque as Pessôas da Santissima Trindade era tres. Entam hé que appareceu hu novo caso de Conciencia, para se decidir a quem se devia dar o titulo de Rey, se a hu Principe incapás do Governo (7) ou a Childerico, hum Ministro depositario da authoridade Regia, que a exercia com honra e foi decidido a favor do ambicioso vasalo contra o Soberano legitimo. Entam hé que se forjaram eses canones, que ainda hoje lidos nos enxem de vergonha e confusam. Entam hé que se discutiram as celebres questôens sobre o uso, que deviam faser os christaons das Carnes das gralhas, ceginhas, lebres e outras; sobre o modo de ser tratado o toucinho para poder servir ao uso comum. Entam hé que se inventaram esas escrupulosas provas para suprirem as judiciais, como o duelo, a que xamavam o juizo de Deos, os elementos, a Crús, a agoa benta, e a mesma Eucharistia. Entam hé que no testamento de Carlos Magno, assignado pelos Grandes do Estado e da Igreja, e pelo inesimo Papa, se dá a atendivel precausam a respeito do Throno, que no caso de discordia entre os tres filhos, seria Rey aquele que mais tempo se conservase com os braços em Crús. Nese funesto tempo, Senhores, do Reino tenebroso da ignorancia, he que se disputram as curiosas questôens sobre a digestam da Eucharistia, sobre o parto da Virgem, e outras que se não podem tratar sem se profanarem os adoraveis Misterios da Religiam. Entam hé que se divulgaram os falsos milagres as falsas reliquias, que se publicaram as actas falsas dos Martires, as supostas decretaes do Mercador e esas fraudes pias, e fabulas religiosas: Entam hé que se espalhou ese xuveiro de devosoins ociosas, e indiferentes, que foram preferidas as verdadeiras obrigaçôens do Evangelho, e que facilmente se simpatisam com os vicios e com o

(7) Pepino

crinthes mais feyos. Entam hé que se pensou satisfazer á Justiça Divina com doasoins pias, e com riquezas amontoadas as Igrejas, como se a ambisam podese ser hum attributo da divindade.

Entam finalmente..... porém, Senhores, para que mais cansar? Luzes brilhantes da sabedoria e da verdade vinde dissipar este negro cahos de erros, e de superstisioins, de Crimes, e de fanatismo. Sim, Respeitaveis Ouvintes, renovam-se os estudos, cultuam-se as Sciencias, estuda-se a antiguidade, lêem-se os Padres, consulta-se o Evangelho. A verdade, a virtude, e Religiam, até tornam ao seu primitivo esplendor. Segunda vez o SENHOR dis que a Lus se fasa (8) e a Lus é feita. Conhese-se que o Reyno de J.C. não hé deste mundo; (9) que todo o Poder vem de Deus; que o mesmo SR que dise aos Pontifices Summuns na pessoa de Pedro = Tu es Pedro, e sobre esta pedra hei de edificar a minha Igreja, e as portas do Inferno já mais prevaleceram contra ela. (10) Dise tambem aos Reys na pessoa de David = Eu te ungi Rey sobre este Povo, ao imperio de tua vós obedecerá todo ele. (11) Os dous poderes se armonisam sem se confundirem; dase a Deus o que hé de Deus; e a Cesar o que hé de Cesar (12). Conhece-se que o Creador deve ser adorado em espirito e verdade; que as praticas verdadeiras do christianismo sam a humildade, a penitencia, a obrigasam de si proprio, a caridade; (13) que a Religiam nam carese de fabulas, e imposturas para se defender e subsistir; e que finalmente não se deve saber mais do que importa saber (14).

Segunda vês agora vos desafio, inimigos das Sciencias e das Letras, que imputais a sua cultura e estudos os golpes fataes que em nosos dias tem cahido sobre a Religiam. Eu penso seria ingrato á Providencia, que me fez nascer neste Seculo, justamente xamado o filosofico, o seculo das Sciencias e das Letras, se não tomase a empresa de faser a sua apologia. Ouvi, insensatos que diseis que antes vos quereis ignorantes do que hereges e libertinos. Vistes hum seculo, em que menos grasasse o demonio da heregia? Ese monstro horroroso que tanto

(8) Genes. 1. (9) Joan. 18.36. (9) Matheus 16.18.

(10) 2 Reg. 12.7. (11) Genes. 41.40. (12) Math. 22.21.

(13) Joan. 4. 23. (14) Ad. Rom. 12.3.

vexou a Igreja nos tempos de nosos Pays não geme hoje aferrolhado nos abismos do Cocito? Hum pequeno numero de libertinos, e de espiritos fortes, que tem abusado das Luzes do nosso seculo, por que emfim o espirito do homem de tudo sabe abusar, que tem atacado a Religiam inda que em vam, não hé infinitamente contrabalansado por esa nuvem immensa de sabios, de religiosos, de Corifeos e Apologistas da Fé, que ontem desferio acumulado? Aparese hum só argumento, não dice bem. algumm sofisma nos seus monstruosos escritos, infelises partes que acordaram seus corrompidos engenhos, que não seja inteiramente desfeito, resolvido, redusido a nada? A mascara especiosa de sua refinada hypocrisia nam tem sido tantas veses arrancada, rasgada? O mesmo libertinismo, que hoje existe escondido, e desvariado não hé hum resto de ignorancia? Nam observaes, e ao mesmo tempo vos não enxeis de consolasm vendo que eses inimigos da Religiam sam ao mesmo tempo jurados inimigos da probidade, da virtude, e da verdadeira sabedoria? Contaes, no seo vergonhoso cathalogo hum só homem verdadeiramente sabio, hum homem só de probidade, de bem? Eles nam sam o objeto despresivel da execrasam publica? O seu impio xefe (15) banido, e proscripto de sua propria Patria, vagabundo e fugitivo, como outro Caim (16) sobre a fase da terra, aborrecido de todos os povos cultos, que o reputavam como um peso insuportavel, que sobre eles gravava, nam vai pasar seus tristes dias entre as emaranhadas sylvas do Bosque Negro? He verdade, meus senhores, no noso seculo ditoso hé libertino só quem quer selo: Fracos e baixos espiritos feixam os ólhos a Luz brilhante, que os circumda, estudam a Religiam pela superfisie, e pasam a blasfemar daquilo mesmo que ignoram (17). Outros ainda mais signorantes e cegos affectam libertinismo, sem que sejam libertinos, nem o saibam ser. Sam como os Atheus, quero diser, sam libertinos de obra não de entendimento. Deliciosa applicasam das Sciencias, fructuoso estudo das Letras, verdadeira sabedoria es tu que os confundis, que os pisas, que os fases vomitar aos pés da Religiam o mortal veneno, que seus peitos cala, e os obrigas a Confesar = Ha um Deus; ha huma Fé, ha hua Religiam que o mesmo Deus revelou; a Igreja Catholica he depositaria deia: ela he santa, he pura, ela he verdadeira.

(15) Ruissseau; (16) Genes. 4.12. (17) Jud. 10

Debaixo deses dictames da verdade, da sabedoria e da Religiam, he que quer ver instruido o seu Clero o Sr. D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Cutinho. Para este fim he que ele patenteia hoje e abre francamente as portas deste Seminario, destinado a formar homens dignos da Igreja e do Estado, Cidadãos e Catholicos.

Novo Moysés, Capitão e Pontifice; Novo Nehemias, que sabe ligar os deveres mais delicados da Politica com os interesses mais importantes da Religiam, hé hoje hu novo Zorobabel que dos ruinosos restos deste antigo edificio fás surgir hum edificio novo destinando-o para ditosa abitasam das sciencias e das Letras, das Musas e das Artes. A sabia Providencia, Senhores, do Ente Supremo, que nos governa, reserva para ser-tos heróis a gloria imortal de Certas açcoins. David o mais religioso dos Reys de Judá, tendo arrancado das maons profanas do Jebuseo, cidadela de Siam, estabelesendo nela os fundamentos do seu Throno, repreendendo-se de abitar debaixo de soberbos tectos de cedro, ao mesmo tempo que a Arca do Senhor abitava sub tendas communs e portateis, e o Deus forte, que tinha humilhado, debaixo do seu poder, a arrogancia dos seus inimigos, não tinha morada fixa em Israel, em-preende a obra famosa do Templo, estava porem reservada para Salomam a gloria da sua fabrica. Muitos Pontifices zelosos desta antiga Diocese tinham intentado já erigir um Seminario para educasam da Mocidade Pernambucana, que se destina ao sacerdocio; porem, inuteis esforços! Estava reservada ao Sr. D. José Joaquim a gloria desta grande obra. Glorioso destino do noso seculo! Eis aqui a epoca ditosa da Restaurasam das Letras. Hum Principe benefico e amavel, recordado da grande protesam, que deram as sciencias, seus Augustos Mayores, e que se fiseram ainda hua honra e hua gloria de aliviar os pesados trabalhos do sceptro e da Corôa, com a cultura e applicasam delas, recordado de que a sociedade das gentes de Letras hé hu eficaz insentivo de emulasam, que inspira o gosto e o praser dos estudos; que seu augusto Avô, o Sr. D. Joam 3º, destituido desde a infancia daquela natural inclinassam, que nos torna doce, e plausivel a laboriosa carreira das sciencias, tornando inuteis todos os esforços que seu digno Pay empregava para o faser gostar a Literatura e Sabedoria, foi enfim sabio e amigo dos sabios, pelo amor que ele lhe soube inspirar para as Letras, por meyo da sociedade de outros mancebos nobres, que fes vir continuamente para sua companhia; recordado enfim de que Portugal nunca fôra mais felis do que nos seculos ditosos em que viveo debaixo

do pacifico imperio das sciencias, anuindo ás supplicas do noso Digno, e zeloso Pastor, que procura propagar nas suas colonias o estudo delas, vos abre hoje, ó Nobres Candidatos, hum novo principio de instrusam, reunindo-vos em hu ministerio em que incitados do agudo espirito e do exemplo posaes xegar ao gosto completo e perfeita cultura das sciencias. Vós pois, ó Novos Samueis, destinados a faser hu dia o esplendor do Tabernaculo, e que faseis hoje a mais doce esperanza da Igreja Pernambucana, entrai neste novo Santrario da Sabedoria, e da Virtude, desempenhai as vistas que tem sobre vós o Exm^o. Preladô, que nos rege, correspondei aos seus designios, fazei-vos dignos de sua accepsam, fazendo-vos verdadeiramente sabios. Lembrai-vos que os antigos romanos quando se propunham ascender aos cargos e dignidades da Republica, vestidos de hua toga branca, que os distinguia do resto do povo, e pela qual eram olhados com circumspeçam pelos Quirites observadores dos seus costumes e conducta, trabalhavam para se fazerem irrepreensiveis e dignos dos votos e aprovasam dos Padres Conscriptos e do Povo. Vós que não sois hoje ornados deses distinctivos habitos senão para vos lebrareis continuamente que viveis debaixo dos olhos perspicazes do publico, que tem um Tribunal inflexivel e que o Povo tem sobre vós fixas as vistas, vistas penetrantes, que sabem notar e sem compaixão repreender os mais pequenos defeitos que tal vês em si não distingue, desempenhai a vosa vocasam, tornai-vos irrepreheiveis nas vosas açoins e conducta, fazei-vos dignos dos seus votos e da sua aprovasam, dignos de que, apontando-vos com o dedo, digão xeios de consolasam = Ex ali os Nobres Candidatos, que ham de ser hu dia os sucessores dos nosos Prelados, as Colunas da Fé, os Interpretes da Ley, o arrimo dos nosos trabalhos, os nosos consoladores, os Anjos da Pás, os nosos guias os nosos Pastores: eles sam dignos de selo. Bem aventurado o sabio Pontifice que os congregou, que lhes deu as Leys, que os formou taes quaes eles sam. Sim, ó Pernambucanos, meus caros Patricios, eis aquí hum spetaculo digno de nosa memoria e da nosa consolasam!

Hum novo Moysés no meyo de Israel: ele implora para a construcçam da Arca e do Tabernaculo os subsidios voluntarios de hu Povo caritativo. *Omnis voluntarius, et prono animo offera* (18).

O Sr. D. José Joaquim quer erigir em Pernambuco este novo Seminario, eterno monumento do seu zelo e do seu eoi-

dado Pastoral. Que fervor, Senrs., que liberalidade. **Filii Israel voluntaria dedicaverunt** (19) Almas generosas, abrasadas no vivo ardor do Patriotismo mais puro, ajudam com pias e largas contribuisoins os seus intentos; a obra hé principiada, promovida, completa.

Pernambucanos, vinde ler sobre estes marmores os memora-veis monumentos de sua liberalidade e munificencia; vinde ler ao mesmo tempo os puros sentimentos de beneficencia, de Amor, e de zelo, que inflama a grande alma do voso Pontifice. Santos efeitos da bondade e da beneficencia, não serão ainda suficientes para vos convencer da pureza de sua alma, da candura de seu corasam, da justisa de suas intensioins, da rec-tidam das suas providencias? Sereis sempre, como o frenetico enfermo que, costumado ás tiranias dos que o tratam, asusta-se e grita as impresoins das maons beneficicas que o vem curar, e derramar sobre suas xagas o saudavel balsamo, pensando que elas vem augmentar o volume das suas dores? **Acervus testimonii** (20) dis a sagrada Escritura falando das pedras, que Jacob ajuntou para servirem de titulo subsistente da aliança, que ele contratou. Eis aqui hum testemunho authentico, hum montara de testemunhas da sua ternura, do seu amor, do seu zelo, da sua bondade, da sua beneficencia, da sua caridade. Quando interrogaverint vos, filii vos tri dicentes, quid sibi volun **Lapides iste?** (21) Quando vosos filhos, vosos vondouros, vosos netos, perguntarem que quer diser este templo, esta casa? **Iduris positi sunt Lapides iste in monumentum Joseph in aeternum** (22) Estas pedras, respondi, sam a obra da publica utilidade, onde nosos filhos aprendem a ser sabios e virtuosos, fieis a Deus e ao Principe, uteis a Igreja e a sociedade, Cidadaons e Catholicos. José, o Bemfeitor, o Pay da Patria, o Justo, o Piõ, o Sabio, foi quem a consagrou.

Ela conserva e conservará para sempre o seu nome imortal e respeitavel, gravado com letras de oiro sobre o marmore e sobre o cobre, pelas maons do reconhecimento e da gratidam. Vosos netos lerão sua memoria sobre estes marmores eternos: e já velhos banhados de lagrimas de praser apontarãm ainda aos seus filhos com o dedo = Eis ali os monumentos eternos da Beneficencia, do zelo, do amor, do immortal José. **In monumentum Joseph in aeternum.** Mas, quando a memoria dos

(19) *Ibid.* 29

(20) Genes. 31.47 — (21) Josué. 4.6. — (22) *Ibid.* 7.

homens, sujeita ac dente gastador do tempo, ou por ingrati-
dam ou por esquecimento não continue a tradisam de suas
virtudes pastoraes: *Lapis et pariete clamabit* (23). Estas pe-
dras mesmo, estas paredes, este seminario, tomará huma muda
más eloquente linguagem, que fará sempre immortal a sua me-
moria

O seu nome será eternamente gravado com caracteres inde-
leveis nos fastos da nosa Historia, escripta sobre estas pedras
com hum estilo de ferro, asim como hoje o hé no fundo dos
corasoins senciveis.

Memoria lisonjeira, que nos recordará eternamente o nome
immortal do Sr. D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coiti-
nho, o Bemfeitor, o Pay da Patria, o Justo, o Pio, o Sabio, o
Benigno, o Amador da Sabedoria, o Protector dos Sabios, o
Restaurador das Letras.

DICE

(23) Habal. 2.11.

(Da Secção de Manuscritos do Instituto Arqueológico)



Um “Machado de Ancora” de argila, dos Tapuias Pernambucanos

Quando era Manuel Borba governador de Pernambuco, uma ocasião encontrei em seu gabinete, que quasi diariamente frequentava, um lindo itajá ou machado de pedra.

Namorei-o. Era exemplar diferente dos comuns.

Explicou-me que fôra encontrado num engenho de Santo Antão da Vitória e oferecido ao dr. José de Barros, que lho presenteara. Como o almirante Aristides Mascarenhas, então de passagem, mostrara grande desejo de possuí-lo, ia destiná-lo áquele amigo.

Repliquei que se tratava duma peça original, com a circunstância do conhecimento da procedência e que não deveria sair de Pernambuco. Seu destino só poderia ser o Instituto Arqueológico.

Obtive, assim a reliquia arqueológica para o nosso Instituto.

Tratava-se dum exemplar diferente dos outros, quer pelo tamanho — bastante maior que os comuns — quer pela forma de âncora ou de meia-lua, quer pela natureza da matéria prima, quer pelo excessivo polimento.

Foi incorporado ao nosso museu.

Anos depois, o etnografista Fritz Arckmann em exame ás nossas coleções, ficou admirado com aquele exemplar de itajá. Vivera anos entre os selvagens da Amazônia, colecionara muitos objetos indígenas e nunca se lhe deparara itajá com

aquela forma. Examinou a matéria prima e chegou á conclusão de que não era rocha sim barro cozido, donde o polimento que apresentava. Assim, não poderia ser um machado para uso comum. Talvez um distintivo de mando, espécie de bastão de marechal.

Tendo-se demorado algum tempo em Pernambuco, escreveu para o Museu Nacional e dali informaram a inexistência, nas suas coleções, de machado de argila.

Tal informação valorizou ainda mais a peça pernambucana.

São passados dezoito anos, da suspeita de Fritz Arckmann.

Verifico, pela tradução dum artigo do dr. Stig Rydén, publicado na Revista *Etnologiska Studier* de Gotenborg, que se trata realmente dum machado simbolo, classificado por Hermann von Ihering como machado de âncora "por lembrarem tais instrumentos de pedra, pela sua forma, uma âncora".

Segundo Stig Rydén que possui grande coleção de machados de pedra collidos no Brasil, o machado de âncora era usado como arma e como objeto cerimonial, empregando-se para o trabalho outros machados mais simples.

Refere que Pohl adquiriu um machado de âncora dos Paracamaerã do Maranhão com muita dificuldade, porque era insignia da dignidade do capitão da tribu, conduzido ao ombro pendente de cordas de algodão coradas de vermelho, e destinado a rachar as cabeças dos inimigos aprisionados. Cita que Spix e Von Martius fazem referências ao machado de cabo curto que usavam os chefes gês do nordeste como emblema de dignidade, e que Kissenberth relata a existência, em tempos antigos, de machados em forma de meia-lua, usados pelos paíes ao ombro, pendentes de fios de algodão, como distintivo.

Todos os machados de âncora tem sido encontrados exclusivamente na região habitada pelos gês, donde a conclusão geral de que era um elemento cultural desses brasileiros.

Por ela, podemos tirar outras relativamente ao nosso caso:

a) a região que constitue o municipio da Vitória e onde se travou o célebre combate do monte das Tabocas, distante mais ou menos trinta quilômetros da costa, era habitada pelos gês, moderna denominação dos tapuios;

b) Com o estudo do dr. Stig Rydén aumenta o valor de nosso machado de âncora, que é o único exemplar conhecido em Pernambuco pela sua forma, e talvez único no Brasil pela sua natureza, se realmente de barro cozido como o classificou Fritz Arckmann, opinião agora reforçada com a do professor José Otavio de Barros, confrade do Instituto. Segundo este, que o examinou, a matéria prima é argila, colocando assim nosso machado de âncora como único da espécie até hoje conhecido.

Mário Melo

“IV^o Centenario da Fundação de Olinda”

DISCURSO PROFERIDO NO PAÇO MUNICIPAL DAQUELA
CIDADE A 12 DE MARÇO DE 1937 (*)

ACABO de receber o seguinte telegramma de Belém do Pará: “Solicitamos eminente conterraneo representar colonia commemoração quario centenario Olinda, cumprimentando prefeito municipal, Alcebiades Buarque, Raul Braga e Paulo Eleutherio”.

Desobriço-me prazerosamente do honroso mandato, dando a todos vós conhecimento do teor do despacho e apresentando ao Sr. Prefeito Municipal as saudações delegadas.

Faço-o, porém, com restricção ao emprego do vocabulo “colonia” com que se allude aos pernambucanos residentes no grande Estado do Norte.

Não há colonia pernambucana no Pará, pelo mesmo motivo porque não há colonia paraense em Pernambuco.

O Brasil não é — e mercê de Deus nunca será — simples expressão geographica, comprehensiva de um mosaico de pequenas patrias, onde os filhos de uma formem colonia no territorio das outras.

No Brasil não pôde haver logar para colonia de brasileiros.

Acima dos descrimes e competições regionaes há de pairar sempre superior e fecundo, como o sol, o sentimento da unidade nacional.

Olinda! Pelo teu grande dia de hoje, pela nobreza do teu passado, tão pleno de tradições liberaes, pela generosidade do

(*) Reconstituido pelo orador segundo as notas de Mário Melo publicadas no “Jornal do Comércio”, do Recife, de 13 de Março do mesmo ano.

teu fundador, que agora aqui cultuamos, digna-te de aceitar, entre as homenagens magnificas que se evólam até ti como nuvens de incenso, a oblata humilde do teu filho obscuro!

Acolhe-a em teu "seio de mãe, que ama e perdôa", no dizer do poeta, vivifica-a ao calôr do teu carinho para que não perêga de prompto no desfavor do seu demerito, e preza-a, não pelo que ella é, na realidade, — simples pugillo de areia que os ventos das tuas praias arrebatam e dispersa no ar, — mas pelo que devia ser, pelo muito que merecias que ella fosse — monolitho soberbo em que se insculpisse e fixasse para sempre o esplendor da tua gloria!

Minhas senhóras.

Sr. Representante do Governo do Estado.

Sr. Consul de Portugal.

Sr. Prefeito de Olinda.

Illustres autoridades.

Meus senhores.

Não venho absolutamente fazer uma conferencia, como annunciaram os programmas desta solenidade e declarou agora mesmo o Sr. Prefeito Municipal ao fazer a minha apresentação com tão grande abundancia de sympathia.

A nimia bondade dos organisadôres destas festas, que me fôram buscar no recolhimento do gabinete e que vencendo serias, tenazes e justificadas relutancias me trouxeram ao fastigio desta tribuna, culminou em attribuir-me aptidão para genero tão difficil de oratoria, que eu não versaria em condições normaes e que jamais me abalancaria a tentar no apertado e afanoso passo em que me foi dado meditar sobre os motivos desta allocução.

Do meu discurso — se é que poderia chamar-se discurso ao desalinho verbal que me vae sair do coração — eu poderei dizer o que disse Edgar Poe do seu mysterioso "Eureka": é para os que sentem e não para os que pensam.

Filho espiritual e amantissimo desta cidade lendaria, diversorio encantado da minha infancia, jardim das Hesperides em que floriu e fructificou a minha idade de ouro, magnete de toda a minha saudade durante quasi trinta annos de exilio voluntario e feliz, berço de minha Mãe e tumulo de meu Pae... que poderei eu dizêr agóra em sua honra que não venha impregnado de entencimento e não seja, afinal, méra vibração de affectividade, incomprehensivel e despicienda para as intelligencias ávidas de idéas, e sómente audível pelos corações que, como o meu, estão cheios do seu amor?

Ides ouvir, assim, a voz pura e simples de um sentimento, que suggestões e reminiscencias varias agitam e conturbam.

Velhos bardos da Escossia, enlevados nas rhapsodias do seu cyclo epico, acreditavam distinguir no ruido do mar de encontro as paredes de basalto da "Gruta de Fingal" o accento bárbaro dos versos de Ossian.

Este recinto tem para mim alguma cousa da caverna romantica.

Um mar mysterioso, que só eu vejo e que só eu escuto, enche de clamores sonóros o seu ambiente, fangendo no ether mirífico das evocações toda a elegia de um passado feliz, perdido para sempre na distancia indemareavel das horas que se fôram, mas cada vez mais vivo e mais presente á memoria do coração, onde ao sortilegio da saudade faz-se o prodigio das resurreições.

E, então, como aquelles aedos, cujos ouvidos não percebiam os rumores das vagas, porque estavam todos attentos á musica interior da poesia que lhes enchia as almas, eu começo a ver e a sentir sómente nesta casa o mundo das minhas recordações.

É a Melpomene Olindense, o theatro da minha meninice, repleto de encantos e surpresas que nunca mais encontrei em qualquer outro dos muitos que tenho admirado na minha vida de peregrino...

É a Corybantina, a sociedade elegante, onde venci o enleio dos primeiros passos na vida mundana dos salões de bailes...

É o Tribunal do Jury, que funcionava nesta mesma sala, no qual ainda adolescente e estudante de humanidades, colhi, assessoriado por meu Pae, a primeira victoria forense, defendendo um reu de "preterintencionalidade", phenomeno juridico cuja verdadeira significação só fui penetrar muitos annos depois...

É finalmente o Instituto — a tribuna dos meus primeiros ensaios oratorios—, o Instituto Litterario Olindense, a grande, a operosa, a brillantissima associação, que encheu este edificio com a magnificencia das suas festas sem par, e, mais do que este edificio, toda a cidade e mesmo o Estado, na realisação de um largo e fecundo programma de patriotismo e cultura; associação que parecia ter morrido sem successão, mas cujo acervo intellectual e civico acaba, felizmente, de ser addido pelos Amigos de Olinda, que o serão verdadeiramente se quizerem reintegrar aquella gloriosa tradição e attender aos exemplos e estímulos do saudoso fundador do Instituto,

que foi, sem nenhum favôr, dos maiores, dos mais indefessos, dos mais entusiasticos amigos de Olinda. (*)

Não declinarei o seu nome, porque não quero fazer-vos a injuria de suppôr que o tenhaes esquecido.

- Elle deve estar vivo e palpitante na memoria de cada um de vós, e no momento em que se festeja a data magna da cidade que elle amou com todas as veras da alma, esse nome ha de forçosamente impor-se ao vosso reconhecimento e doer na vossa saudade, porque mais do que nunca estareis pranteando o desaparecimento do digno varão, cuja cooperação teria sido efficientissima para o exito do vosso alevantado proposito de dar a esta commemoração toda a grandiosidade que se fazia mistér.

Mas, se nos falta a sua presença objectiva — e com que pezar o sentimos! —, console-nos a crença de que elle deve estar aqui subjectivamente, identificado comnosco e mais perto de Deus, a exultar nas mesmas alegrias e a exorar os mesmos votos pela felicidade de Olinda!

Vêde bem minhas senhóras e meus senhores, que eu vos faço com o coração, e sómente com o coração.

Devemos ter orgulho das nossas origens luzitanas.

Não vos escandaliseis, vós! nacionalistas theoreticos, que imagináes a patria desligada das suas raizes historicas.

A phrase não é minha.

Disse-a o mais insuspeito dos brasileiros para proferi-la, o chanceller Lauro Muller, em discurso notavel que tive a fortuna de ouvir.

E Baptista Pereira, o legatario intellectual de Ruy Barbosa, ou melhór, o herdeiro universal do seu pensamento, sem conhecer, por certo, o precedente, repetiu e justificou o conceito em paginas de escól, o que serve para contrastar mais uma vez o aphorismo de Renan de que as grandes verdades são de todos.

Descobertos e colonizados no periodo aureo da historia de Portugal, quando illuminando os seus trabalhos na obra da evolução humana fulgiam os espiritos magnos de Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, Luiz de Camões, João de Barros, Sá de Miranda, Antonio Ferreira... doirou-nos o berço, na verdade, uma aureola de glórias propiciatorias.

E, se por um capricho invulgar na vida das nações, o seculo do florescimento foi tambem o seculo do desmorona-

(*) O orador refere-se ao Dr. José de Morães Guedes Alcoforado.

mento portuguez, de módo que o filho recém-nado teve que assistir ao captivo da mãe patria, nem por isso deixou de ser ingente e fecundo o esforço metropolitano em lançar os fundamentos physicos e moraes em que assenta hoje a grandeza do Brasil.

Tem aqui inteiro cabimento a allegoria biblica do pequenino grão de mostarda, que se faz arvore frondósa onde vão aninhar-se e cantar os passaros do céu.

Portugal, sendo a menór das sementes de povos, deu vida ao Brasil, arvore collossal, a cuja sombra podem abrigar-se todas as gentes do globo.

Nenhum pôvo colonizador da Európa, em eguaes condições mesológicas e com recursos identicos, fez óbra maior.

Juan Baptista Alberdi, disse que "a planta da civilização era como a vinha, pegava de galho".

A sentença contém uma verdade de inteira applicação a paizes como os Estados-Unidos e a Argentina, onde o ambiente physico de sensiveis affinidades com o das raças colonizadoras, permittiu e justificou essa cultura por transplantação.

No Brasil, porém, carece de pertinencia.

A civilização aqui, num meio climatico hostile a adaptações europeas, não podia pegar de galho; germinou e cresceu, ao contrario, longa e penosamente, regada pelo suor de todos os trabalhos e pelo sangue de todos os sacrificios.

A obra do colonizador foi, por isso mesmo, formidavel.

Gilberto Amado, com o seu fino senso de sociologo, conceituou o Brasil como a primeira grande experiencia que fez a especie humana para crear um grande paiz independente, governando-se por si mesmo, em baixo dos tropicos.

E comprovou: corra-se ao planispherio e procure-se á altura de Pernambuco, isto é, no Congo, nas ilhas Neerlandezas ou na Nôva Guiné, alguma cousa igual a Pernambuco pela cultura e pelo progresso; á altura de S. Paulo, isto é, no sudoeste africano em Madagascar ou na Nôva-Caledonia, uma replica, sequer parecida, de S. Paulo.

Desmentindo, assim, mais uma vez um velho preconceito, que teimava, como ainda teima, em viger, apesar dos protestos historicos de Babylonia, onde nunca chovia, e do Egypto, com a sua terrivel adustão, creou-se aqui uma civilização tropical, o que impórta dizer, originaria e ardua.

E porque "tropical" é no Brasil precisamente o setentrião, foi nesta zona, onde Olinda se tornou o nucleo de irradiação vital, que se pôz verdadeiramente em prôva a virtude do colonizador.

Dahi um dos motivos de excepcional destaque na obra de Duarte Coêlho.

Não sobrassem ao grande colonizador tantos predicados de mérito pessoal, e essa dificuldade de ordem geo-phísica que tão galhardamente soube vencer teria bastado para firmá-lo o renome.

Senhor de uma capitania de sua eleição, porque já lhe havendo namorado a paisagem em exploração marítima que fizera com seu pai, o famoso navegador Gonçalo Coêlho, deprecou e obteve a sua doação, não se demorou Duarte Coêlho, em tomar posse dos seus domínios americanos, cujas terras, no dizer de um historiador, concedidas por leguas, tinham que ser conquistadas pollegadas por pollegadas.

Assignada em Evora a carta de data de 10 de Março de 1534 e outorgado o respectivo foral a 24 de Setembro do mesmo anno já em principios de 1535, e logo que recebera do estrangeiro o material que alli adquirira para os encargos da colonisação, fazia-se de vela para o desconhecido, quebrando definitivamente liames de affectos e interesses que o prendiam ao torrão natal, porque, demittido voluntariamente do posto que occupava na armada portugueza, trazia consigo a familia e todos os haveres.

Quem sabe dos lucros fabulosos que licitamente se auferiam então no trafico das Indias e que faziam capitães e navegadores que o praticavam [authenticos] [nabados], comprehenderá que não podia ser pequena a fortuna de Duarte Coêlho, militar desde os verdes annos e até 1533 a serviço no Oriente, onde fôra notavel a sua actuação em prol da patria e da real fazenda.

Fôsse, porém, qual fôsse o montante dos seus bens, o que interessa á historia e urge que se consigne em honra d'elle, é que tudo o que possuia empenhou na consolidação da mercê recebida, aprestando á sua custa a frota em que aportou a Igarassú com familias, homens de armas e de trabalho e tudo o que se fazia necessario ao arrojado commettimento, e custeando por si só os largos dispendios da colonisação, que em pouco tempo avultou entre as empresas congeneres dos demais donatarios.

Não o deslumbrou o fascínio do ouro e das preciosidades nativas, que era a miragem da época e estimulava o espirito de aventura.

Fechando ouvidos aos reclamos de ambições insoffridas e ás proprias insinuações da metropole, olhou a terra como quem nella queria definitivamente fixar-se, e na pratica de uma politica objectiva, que dá bem a medida da sua visão de

homem publico, radicou-se a ella pela agricultura, que fomentou um surto de prosperidade estavel e progressiva e ainda hoje é a base da nossa economia.

Vinte e quatro anos de estadia nas Indias não lhe haviam polluido o character, nem obliterado o senso pratico: differiu sine die os trabalhos de mineração, para os quaes o incitavam os desejosos de fórtuna rapida, e entrou a cultivar com tenacidade e methodo os generos de lavoura mais convinhaes.

Isso, — já se vê — quando quebrados os primeiros impetos aggressivos do gentio, arós duras e continuadas refregas, foi possivel cuidar dos interesses pacíficos da capitania.

O que impressiona em a ação de Duarte Coêlho é a dignidade com que tomou a serio a desobriga dos seus encargos.

Exerceu a donataria como quem cumpria um devêr de honra, sem visar lucros pessoaes, nem recompensa immediata.

Colonizador e não aventureiro, teve sómente preoccupações compatíveis com as necessidades superiores da colonisação

Tendo trazido consigo numerosas familias da melhor gente do Douro, não se cansava de incentivar a vinda de outras e de "homens bons" com que enriquecia a população honesta e laboriosa, cuja estabilidade e segurança propiciava com o tratamento equanime que dispensava ao selvicola, defendendo a vida e a propriedade deste contra violencias injustas e mais ainda com a cordialidade resultante do casamento dos colonos com indias, que elle promovia.

Espirito de organisação e de trabalho, creou um livro de tombo das terras, para registro das sesmarias que ia concedendo e fez o levantamento demographico dos colonos em fórma de perfeito recenseamento, pondo, assim, em bôa ordem o serviço da administração, ao mesmo tempo em que realisava na America os primeiros ensaios de estatistica.

Por tudo isso, e até pela catályse da sua alta personalidade de fidalgo, que o era em toda a extensão do termo, a capitania da "Nova Luzitania", como elle auspiciosamente a nomeou, ganhou deprêssa fóros de terra civilizada.

Fundada a agricultura, com o cultivo da canna, do algodão e de cereaes; iniciada promissoramente a industria asucareira, para o que foi elle especialmente a Portugal em 1541 fazer contractos e angariar obreiros; desenvolvido o commercio, sobretudo marítimo, para cuja pratica houve mistér de montar estaleiros em que se construiam caravellões e lanchas; tinham sido feitas, na verdade, cousas de grandes gastos e por isso o donatario havia ficado mui gastado e individoado, como elle se confessava ao Rei em carta de 1542.

As cartas de Duarte Coêlho e D. João III são um repositório de informes preciosíssimos para a historia da colonização e a psychologia do colonizador.

Todos os episodios do drama da conquista representado há quatrocentos annos nas nossas selvas ahí estão no relato simples, desataviado, mas palpitantemente verdadeiro, do seu protagonista.

Mas o que hã de verdadeiramente impressionante nessa correspondência, sobrelevando a tudo quanto pôssa despertar o interesse da narrativa, é a sua expressão moral, reflectindo a grandeza d'alma do velho fidalgo, a lutar bravamente contra a indiferença do Rei, a qual verberava em todas as cartas com reverencia mas com altanaria, porque, como diria cem annos depois o Pe. Antonio Vieira, "não havia de pedir pedindo, mas protestando e argumentando, que era liberdade e licença de quem não pedia favôr senão justiça".

E nesse tom sobranceiro de propugnador de direitos, protestou e argumentou contra a remessa de degradados; o "fazer de brasil" ganancioso e deshonesto; a incommoda permanencia das terras visinhas de "antes salteadores, que povoadores"; a ameaça official a favôres e privilegios concedidos por elle dentro da fôrça da sua doação; o pouco caso do Rei "às terras do Brasil e em especial às da Nova Luzitania"; emfim, contra tudo que lhe parecia prejudicar os interesses da colonização e a inteireza das suas prerogativas de Donatario.

Pouquíssimas dessas cartas lograram resposta; e disso elle se queixava com dignidade, menos, contudo, do que do não provimento dos assumptos que naquellas versava.

Por muito, porém, que El-Rei se houvesse mostrado esquivo em responder e attender a taes reclamos, o certo é que o impressionou fundamente a nobreza do reclamante, porque, a quando da installação do Governo Geral teve que suspender e limitar a jurisdicção conferida aos donatarios nas cartas de doações e nos foráes, Duarte Coêlho mereceu tratamento de excepção, sendo o unico que nada perdeu dos seus antigos direitos.

Por isso mesmo e por melindres funcçãoes do Governador Geral — Thomé de Souza — que se não conformava em abster-se de entrar jurisdiccionalmente na capitania privilegiada, gerou-se entre os dous velhos servidores do Rei um attritar de incompatibilidades pessoaes e de attribuições administrativas que, aggravado dia a dia, foi repercutir na Côrte, onde já chegára a denunciação do Pe. Manoel da Nobrega de que "ao donatario por sua avançada idade muito faltava para o regimen da justiça".

Era a ultima pugna do estrenuo lidador, a peor de quantas pelejara e na qual devia succumbir, porque não estava afeito a terçar armas contra a solercia e a intriga.

Foi uma lucta surda e cruel, em que por cinco annos, para usar de uma expressão sua, elle "andou morrendo por tantas mortes sem nunca acabar de morrer".

Chamado a Lisbôa em fins de 1553 e mal recebido pelo Rei, falleceu dias depois, mais de desgosto que de doença.

Como todo o bemfeitor da humanidade, morria assim, ferido da ingratidão dos contemporaneos e privado dos favôres da fortuna.

Foi dormir o derradeiro somno em um tumulto de emprestimo, porque não dispunha na patria de sete palmos de terra quem á ella dera todas as forças da vida e legava, morrendo, leguas e leguas de terra em que fundara a sementeira de uma patria maior!...

Minhas Senhóras.

Meus Senhores.

A vez em que ouvi com mais funda emoção o hymno nacional foi quando o tocou o carrilhão da igreja de S. José do Rio de Janeiro annunciando o anno de 1936.

Ai! O que dizem os sinos!...

Georges Rodenbach tem uma pagina de fina sensibilidade e esthesia em que narra a sua visita á torre da Cathedral de Bruges.

Diante daquelles grandes sinos, dezenas de sinos, pendentos de traves immensas, enfileirados, immoveis, apparentemente mudos e tristes, como se acabassem de tanger a finados, parece que se está em presença de bronzes mórtos, insensíveis e alheios a toda a vida do som.

Basta, porém, auscultal-os para ver que o silencio e a immobilidade são illusorios.

O vento traz das ruas da cidade o éco de todos os soffrimentos, a ancia de todas as afflicções, a complexidade de todos os rumores da existencia humana.

Os suspiros, os soluços, os canticos, os gritos, os lamentos, os gemidos, tudo se condensa no murmúrio vago dos bronzes immoveis, tudo repercute no silencio austero do companário.

O velho carrilhão de S. José, entoando o hymno da patria, que pela voz dos seus sinos adquiria o rythmo grave e a musicalidade solemne de um grande psalmo a encher de sonoridades liturgicas o ar sereno, arrebatou-me da realidade da vi-

da e fez-me remontar pela imaginação a um passado de seculos.

A melodia egrégia que eu ouvia pela primeira vez soar em bronzes sagrados era bem assim, na sua vibração meio civica e meio religiôsa, o symbolo acustico da nossa formação historica: o Brasil sob os braços da cruz, guerreando com denodo e rezando com fé, confundindo o amôr da terra com o amôr de Deus, e escrevendo com o mesmo cálamô os fastos da religião e da patria.

Na resonancia daquelles sinos não havia o vago murmúrio da vida agitada das cidades, como escutou Rodenbach no campanario de Bruges; ecoava o tumulto de uma idade preterita, longinqua e magna, que resurgia em plena gloria por milagre da minha exaltação patriotica!!

E allí, do alto de um arranha-céo, tendo a meus pés o desdumbramento da cidade maravilhosa, enquanto todos se embeveciam na contemplação do panorama encantador que vae do outeiro da Gloria ao cimo do Corcovado, onde a imagem de Christo Redemptor, illuminada, se destacava do fundo da noite como uma visão celestial.

.....ô memoria lucida e nitente
Com que poder o espirito seduzes!

Era na escura Olinda — a penitente —
Das negras cathedraes e negras cruces
Que eu punha os olhos meus, saudosamente (*)

Sim, era Olinda que eu via com os olhos da alma, na perspectiva daquella evocação em que palpitavam as origens da nacionalidade.

Olinda historica! Olinda sentimental! Olinda!

Dias iniciães! Dias de provação! Dias de lucta! Dias da conquista! O episodio amorôso de Jeronymo de Albuquerque e a energia bondôsa do Donatario ganhando treguas para a obra da colonisação. E um burgo europeu surgindo, por encanto, da braveza da selva. Surgindo e crescendo, crescendo e irradiando vida. Parahyba, Rio Grande, Ceará despertam ao seu influxo creador. Restaura o Maranhão do poder dos francezes, funda Belém do Pará. Sóbe o S. Francisco com Jorge

(*) (Do soneto "Olinda" de Luiz Gulmarões Junior).

de Albuquerque e com Pedro Teixeira descobre o Rio Negro e leva até o Napo a bandeira da nova patria. E quanto mais se distende e prolifera mais se robustece e evolve. A economia, fundada em base solida, farta-o de pecunia que enseja prodigalidades. As suas casas, dispóstas em setenta e duas ruas, têm fechaduras de prata. Acumula fortunas de oitenta mil cruzados, veste brocados e velludos, come em baixellas carissimas, bebe os melhores vinhos de Portugal, cavalga animaes de fino preço, ajaezados de metaes preciosos, dispende em festas sumptuosas sommas excessivas. Reedita, enfim, a vida luxuosa de Lisbôa e tem mais vaidade do que esta, conclue alarmado o chronista. A par da riqueza material cria os primeiros valores espirituaes do continente. Institue o theatro, compoe a "Prosopopeia" e escreve os "Dialogos das grandezas do Brasil". Olinda genetriz! Olinda excelsa!

Destrôcos de Alcacer-Kibir. Felipe II cinge a corôa de Affonso Henriques, Portugal, encorporado a Hespanha, vae pagar á Hollanda os agravos do Duque d'Alba. Mallograda a primeira tentativa de fixação na Bahia, os flammengos apparelham-se n'uma grande expedição militar contra Pernambuco. Madrid não se apercebe do perigo ou pouco se dá do que pôssa acontecer á nôva e remôta colonia. Despacha Mathias de Albuquerque a organizar a defeza e reforça a praça ameaçada com vinte e sete soldados. Olinda, opulenta e feliz, diverte-se sem pensar na aggressão imminente, surda ás imprecações de Gaspar de Mendonça e ao brado prophetic de Frei Antonio Rosado. Certo dia, porém, manhã clara e fatal, desaba a catastrophe. Velas inimigas defrontam a vila attonita, em bordejar preságo. Inflectem para o nôrte e na altura de Pau Amarello desembarcam tropas. Mathias de Albuquerque, desajudado de tudo quanto requeria a emergencia, corre destemerôso ao encontro do invasor e oppõe a sua coragem pessoal — de que mais dispunha elle? — á columna aguerrida de Weerdenburgh. Faça-na temeraria e vã. (Quatorze annos mais tarde, em Montijo, é que elle podia ganhar por si só, por seu valor individual, uma batalha perdida pelos soldados.)* Olinda é assaltada. Passado o momento de panico começa uma resistencia desesperada, em que cada um commanda as suas proprias energias e reaje como pôde. Salvador de Azevedo, com um punhado de homens, bate-se como um leão na defeza do collegio dos jesuitas. André Pe-

(*) Pinheiro Chagas — Dicc. Popular, vol. I, pag. 378.

reira Themudo invêste sozinho, de espada em punho, contra um troço de soldados batavos, sanhúdos e temulentos, que profanam symbolos sagrados. Derruba varios e peleja furiosamente até cair para sempre varado de duros golpes. Lucta-se por toda a parte; lucta desigual, irregular e dispersa, em que se não medem contendores nem se escolhem armas. Tudo, porém, baldado. A villa está á mercê do vencedor. Brutalidade, depredação, infâmia. Homens que se assassina; mulheres que se violam; propriedades que se saqueiam; templos que se profanam. E pôr fim, quando já não é mais possivel reter a presa... o incendio! Incendio immenso e voraz, do qual escapa sómente uma casa no alto da Misericordia. Olinda heroica! Olinda martyr!

“Depois de dez annos de guerra D. João IV, já senhor de si, resolve aceitar o que os pernambucanos tinham conquistado” — digamos com Oliveira Martins. * Vidal de Negreiros um dos grandes capitães da conquista governa a provincia conquistada e reconstróe Olinda. Mas, nem a faz “melhór”, como o promettia Mathias de Albuquerque ao repellir a proposta de resgate que a salvaria do incendio, nem ao menos pôde restituir-lhe a feição primitiva. As condições de vida estão sensivelmente modificadas. O predomínio economico pertence agóra ao Recife. Olinda é o reducto da nobreza empobrecida, mas a quem a victoria recente enche de orgulho e de confiança em si. A vista da povoação visinha, que enriquece e progride por influencia alienigena, causa-lhe irritações nativistas. D’ahi... pruridos de independencia de que a “guerra dos mascates” com o episodio de Bernardo Vieira de Mello, é a dramatisação historica. Se pôde, desajudada da metropole, repulsar o invasór, porque não poderá governar-se por si mesma? Argumenta e conjura. O governo real, já sem lembrança do quanto lhe devia na restauração do Brasil hollandez — lembrança que perdurou sómente até o reinado de D. Pedro II — reage truculentamente. A enormidade do castigo exacerba os animos e intensifica a rebeldia. A “muito nobre e sempre leal cidade” é agóra inconfidente. Doutrina idéas liberáes no Seminario de Azeredo Coutinho e na Universidade Democratica de Antonio Carlos, e participa de todos os movimentos que visam a emancipação nacional. Em 1801, por seu Capitão-Mór, conspira com os irmãos Suassúna para a implantação de uma republica sob o

(*) Oliveira Martins — O Brasil e as Colonias Portuguezas — pg. 46.

protectorado de Napoleão. Acompanha *pari passu* as vicissitudes da infortunada revolução de 1817: benze e entrega com solemnidade aos soldados do povo as bandeiras republicanas falando e agindo por intermedio do alto dignitario do seu cabido — o Deão Portugal —; assiste, angustiada, á vigilia epica do Pe. Miguelinho na vespera da sua prisão; recolhe, em Paulista, o cadaver ensanguentado do Pe. João Ribeiro, ao mesmo tempo em que dá o ultimo adeus ao exercito revolucionario que dispersa; e vê em frente á Ribeira a cabeça de "Leão Coroado" decompôr-se na extremidade de um póste. Em 1821, assigna a Convenção de Beberibe que outorga á provincia a posse de si propria, libertando-a da ingerencia da metropole antes mesmo do grito do Ypiranga, e elêge a Junta Provisoria, a quem caberá o governo. Feita a Independencia, oppõe as primeiras restricções aos desmandos do Imperante e quando este assume a dictadura dissolvendo a Constituição, recusa-se a escolher nòvos representantes e impugna a nomeação de um presidente contrario ás suas sympathias politicas, ateando, assim, a reacção democratica que deflagra na "Confederação do Equador". Olinda liberal!! Olinda civica!

Destituída, embóra, do seu antigo esplendor exerce o primado do espirito. Um decreto imperial, sancionando resolução legislativa de longa e difficultosa gestação, cria dous cursos juridicos, um em Pernambuco, outro em S. Paulo, as duas provincias basilares em que primeiro se alicerçam as aspirações autonomicas da patria. Olinda é a sêde do curso destinado a Pernambuco. A pacatez do burgo, com o seu ambiente propicio á meditação e ao estudo, indúz, por certo, a preferencia da escolha. A cidade universitaria do Mondego "transportada" — como diria o poeta — "desperta sorrindo" ás margens do Beberibe. Olinda repête Coimbra, "donde os brasileiros, vindos a concluir o bacharelado tinham trazido tudo, menos a batina e o gôrro". (*) A phisionomia do local, cheio de aspectos pittorescos e accidentes graciosos, com as suas ruas estreitas e tortuosas, entremeadas de egrejas e ruinas veneraveis, completa a parecença. É a metropole do direito. Como Bolonha, pode inscrever no seu brazão: *Olinda docet*. É escola de jurisprudencia, mas tambem officina de civismo. Libertando a mocidade da ascendencia educativa da antiga metropole, consolida a independencia politica do paiz.

(*) (Barão de Penedo in Joaquim Nabuco — "Um Estadista do Imperio" vol. I — pg. 14 — nota 1.ª)

Formando consciências jurídicas, revigora a consciência nacional. Abraçando num convívio íntimo e effusivo filhos de todos os recantos do Imperio, ao influxo da sciencia do justo com as suas largas systematisações e o seu pendor de universalidade, desfaz prevenções bairristas e particularismos regionaes, preparando o brasileiro integral com a visão panorâmica da patria, grande e una. O seu ensino, professado "sob a inspiração geral de Bentham" não desvaira as intelligencias em "ideologias utopicas"; mantem-n'as dentro da realidade e fal-as esclarecidas e praticas. O seu jornalismo academico é o aprendizado politico-doutrinario de futuros estadistas. Teixeira de Freitas, Nabuco de Araujo, Euzebio de Queiroz, Angelo Ferraz, Souza Franco, Fernandes da Cunha, Sinimbú, Zacarias, Cotegipe, Paula Batista, Candido Mendes, Nunes Machado e tantas outras figuras consulares do segundo reinado, são creaturas de sua genesis esperitual; armam-se cavalleiros para a vida publica no seu vetusto mosteiro benedictino, transfigurado em *templum juris*. Grave e severa na cathedra, compartilha da vivacidade dos moços nas estudantinas alegres. Domina as ruas com o "corpo academico"; faz patuscadas nocturnas em arremedo das soíças coimbrães; pratica a arte dramatica em theatro proprio; esfusia alacridades irreverentes nas surriadas das "republicas"; verseja e decanta ao luar; e, quando é preciso, bate-se com valentia a serviço da ordem na "Setembrisada" e na "Abrilada". Olinda cultural. Olinda douta!

Vae-se cumprindo, porém, o seu fadario. Em 1854 o Curso Juridico transforma-se em "Faculdade de Direito" e passa a funcionar no Recife. De todos os predicamentos que informavam a sua hegemonia resta-lhe, apenas, o episcopado com a sua séde quasi nominal. A actividade dos prelados não mais se exercita no velho Paço do Alto da Sé, donde falava para o mundo inteiro a voz oracular de D. José de Azeredo Coutinho, dando lições de fé e de economia politica. A bondade evangelica de D. João Perdigão, a energia apostolica de D. Frei Vital, a eloquencia hieratica de D. João Esberard agem e doutrinam já no Palacio da Soledade, do Recife. Está reduzida a suburbio da sua orgulhosa rival. Os attractivos naturaes dão-lhe, porém, uma supremacia de que não pode ser despojada. É a estancia preferida pelos veranistas de bom gosto, e muitos dos que a procuram para "passar a fes-

(*) Joaquim Nabuco — "Um Estadista do Imperio" vol. I — pg. 15).

ta", ficam lá definitivamente e para sempre, rendidos aos seus encantos. É a Olinda da vida simples e boa, das folganças ingenuas, das procissões piedosas, das festas do Bom-Fim, das reuniões familiares, dos banhos de mar, dos passeios amenos, dos luares mágicos, das serenatas harmoniosas. A melhor de todas as Olindas! Olinda da minha juventude! Olinda minha!

Ah! com que ancia no olhar eu te buscava nos longes do horizonte, quando depois de dez annos de ausencia voltava cheio da tua imagem engrandecida pela saudade!

Tinha ainda bem vivo na memoria o quadro melancolico em que te vira pela ultima vez naquella tarde nevoenta de julho que marcou na minha vida a hora suprema da renuncia!

Que valiam, porém, tristesas do passado, se estavas novamente ao alcance dos meus olhos e eu começava já a revêr os teus aspectos queridos?

O Monte... Lá estava solitaria no alto do cêrro verdejante, toda banhada de sol, a ermida lendaria de N. S. do Monte a que me prendiam tão doces reminiscencias da infancia!

Agóra, era o casarão do Seminario que se mostrava apendado de palmeiras, das palmeiras amigas sob as quaes tantas e tantas vezes eu me refizêra do cansaço de galgar de um folego só os setenta e dous degraus da sua escadaria de acesso.

Mais abaixo, como uma mancha escura no verde da encosta, apparecia o convento dos franciscanos, onde repousavam as cinzas de meu Pae.

E mais além... a Misericordia, pintada de nôvo, o Carmo, já sem as suas ruinas typicas, o mosteiro benedictino, S. Pedro... e o casario todo que eu reconhecía tão bem!

Mas, alguma cousa faltava à physionomia peculiar da pay-sagem.

Onde estava o "sobrado velho" do adro da Sé, edificado sobre os alicerces do castello de Duarte Coêlho e conservando ainda a fórma de torre de menagem da construcção primitiva?

E a Sé, onde estava a Sé, que devia assentar no mesmo local donde emergiam agóra, deselegantes e hirtas, aquellas duas torres ponteagudas?

O scenario estava, na verdade, modificado; mas era bem Olinda que eu tinha diante de mim e isso bastava á effusão do meu contentamento.

No dia seguinte corri a visital-a.

Tinha prêssa de matar as saudades e anciava por admirar mais uma vez os azulejos da Sé, dos quais me haviam falado mezes antes, com um grande enthusiasmo de entendidos, o chanceller Lauro Muller e o general Agricola Pinto.

Quanta mudança!

Por toda a parte, especialmente nas proximidades do mar, predios modernos, nem sempre de bom gosto, erguiam-se garridos, dando á cidade um arzinho catita a contrastar com a nobreza do seu cariz antigo.

Era o progresso...

Mas, fugi do "progresso" e subi ao planalto onde remanecia a "velha Olinda", e que evocava o melhór do meu passado.

Parei sorpreso no oitão da Sé.

Que era aquillo?!...

Que estavam fazendo da cathedral historica, da igreja que nascera com a Capitania e que gerações e gerações se haviam habituado a amar e a venerar na sua feição barôca; simples e grandiosa como a propria lenha de Vasco de Lucena que poetisava as suas origens?

Era o "progresso"...

Queriam "remôçar" o santuario colonial transformando-o em "templo gothico".

Entrei.

A nave ampla, despójada de imagens e de altares, rebôava ao bater de martellos e ao vozear irreverente de operarios.

Dos "azulejos" preciosos, nada restava nas paredes desnudas.

Muitos espalhavam-se fragmentados pelo chão e alguns formavam leito para preparo de argamassa.

Sahí atordoado.

Aquellas torres esguias, que tão mal me haviam impressionado de bórdo, pareciam-me agóra dous braços erectos, a contocer-se em desespero, clamando aos céos contra o horror de tamanho sacrilegio.

O "sobrado velho" tinha sido completamente demolido.

Attentava-se contra o passado.

Até as ruinas do unico edificio, que, segundo as chronicas, havia sahido illeso do incendio de 1631, estavam quasi desaparecidas.

"Etiam periere ruinae" poderia exclamar como Cezar diante dos campos de Troya, no verso famoso de Lucano.

Até as ruinas pareciam e aquelas ruinas eram bem o symbolo da "velha Olinda", da Olinda monumental e heroica.

que estava ameaçada de desaparecer e que já ia, desgraçadamente, desaparecendo.

Anteví, então, a era infausta em que, arrasadas as derradeiras antiguidades, uma outra urbs se erigisse allí, incaracterística e frívola.

Chegaria a esse extremo a insanía das remodelações?

Tudo era de temer de um "progresso" que investia contra a tradição.

Fôsse como fôsse, Olinda não succumbiria.

Poderiam destruil-a materialmente; ella, porém, subsistiria intangível ao desvario vandalico e continuaria a viver a vida imperecível das cousas subjectivas.

Olinda, a verdadeira Olinda, legendaria e poetica, era immortal porque era "o passado".

Della falalaria pelos seculos alem, do pregão olympico do seu bramido, o mar, emblema vivo da sua bravúra e dos seus anceios de liberdade, e que a todos os caravaneiros das jornadas patrióticas haveria de annunciar sempre, como a visão do Ponto-Euxino aos phalangiarios de Xenophonte, o fim dos sofrimentos e a segurança da salvação.

A sua memoria seria eterna como eterna era a colina sagrada em que lançara os seus fundamentos e com estes os proprios fundamentos da patria, e que um dia se transfigurara no Horeb biblico, onde, ao clarão encardido do incendio batavo, o Espirito da Historia lhe havia entregue o decalogo da nacionalidade.

..E os seus coqueiros esbeltos e farfalhantes, motivo e poesia da sua paysagem, seriam rhapsodos vegetaes que, como o *Burity Perdido* de Affonso Arinos multiplicado por centenas, cantariam ás gerações futuras, em versos que não foram escriptos, a epopeia das suas glorias.

Duarte Coelho!

A quatrocentos annos do dia em que, outorgando a Olinda o seu foral de villa, lhe insuffleste a vida politica que ella tão dignamente tem sabido viver, a tua individualidade se engrandece e realça.

Não é a perspectiva illusoria das distancias, no encantamento de uma evocação amiga, que te dá as proporções irreaes dos vultos a quem as lendas tenham divinizado.

Não.

É a justiça da historia, no tribunal da posteridade, que, sopesando rigorosamente os teus feitos, te confere o galardão de ouro das glorificações merecidas.

Eras o descobridor da Cochinchina, o vencedor de Bintão, o diplomata de Sião, o varão louvado nas "Decadas" de João

de Barros; mas todo esse acervo de meritos insignes não bastaria para sagrar-te o heróe de hoje se não tivesses nóvas e grandes virtudes que sómente o contacto com o sólo virgem da America poderia revelar.

..Saturado do ambiente da Asia, opulenta e viciósa, foste, não obstante, sobrio e justo, e vieste implantar aqui, no meio hostile das selvas, um regimen de probidade e trabalho.

Dono de uma fortuna, como soia accumular-se nas fartúras do Oriente, não trouxeste o proposito de accrescel-a a custa da exploração de riquezas nativas; desgastaste-a toda no amanho da tua doação.

Não vinhas enricar, vinhas colonisar.

E porque não visavas exhaurir a terra dos seus thesouros, mas, ao contrario, a querias fecunda e productiva para as necessidades permanentes da civilisação, fizeste da agricultura o mistér da tua actividade constructóra.

Seleccionaste os colonos, expurgando os maus elementos e aproveitando só os homens operóso e de bons costumes; congraçaste-os pelo casamento com as mulheres indigenas, cimentando a cordialidade na população e preparando a sub-raça dos desbravadores dos sertões; puzeste ordem na administração, tombando terras e recenseando homens; ditaste nórmãs ao trabalho; praticaste a justiça; infundiste a moralidade; lançaste, emfim, os fundamentos de uma politica honesta e de realisações que deu lustre, consistencia, e dynamismo á prosperidade da tua capitania.

Espirito pratico, devotado inteiramente aos interesses immediatos da colonisação, que não prescindia dos favóres da metropole, não sacrificaste nunca a esses favores melindres da dignidade ou prerogativas do posto.

Aos poderóso e até mesmo ao Soberano fizeste reconhecer o teu direito e respeitar o teu nome.

Querias que a "Nóva Lusitania" fosse o nodulo vital de um grande paiz, que se fizésse rico e fórte, mas com honra.

Fizéste tudo isso e morreste no ostracismo.

Duarte Coelho! A posteridade proclama-te um dos maiores plasmadores da nacionalidade.

Não, perdôa; — nós não somos a posteridade para julgar-te.

Nós somos apenas teus filhos, que vimos abençoar a tua memoria e imprecar a protecção do tén espirito.

Assiste-nos.

Sê a columna de fumo e fôgo que nos guie, de dia e de noite, á terra da promissão dos altos destinos que sonhaste para nós.

Dá-nos as tuas virtudes para que sejamos dignos de ti e do futuro do Brasil.

A tua bravura não se perdeu, bem vês; temos sido em quatro seculos de historia os portadores das tuas qualidades guerreiras.

O Leão do Norte há sido sempre o leão **passante** do teu braço de armas e não o **leão em repouso** do escudo do Estado, o qual contraria todas as leis da heraldica e não symbolisa a nossa tradição de sobrançeria e vigilancia civica.

Precisamos, porém, de outras virtudes tuas que não são, infelizmente, patrimonio da maioria.

Incute-nos o senso pratico com que no tumulto e na assombração da natureza primitiva focaste o verdadeiro sentido da realidade, para que não nos percamos em devaneios romanticos e possamos completar a tua obra fazendo do Brasil uma grandeza economica e politica.

Dá-nos a inteireza de animo com que, até diante do Rei, fazias valer o teu direito e o imperativo da honra, para que não nos falleça em character o que nos sobeja em intelligencia, e sejamos, assim, a par de uma afirmação de riqueza, uma força moral.

Faze-nos leões e disciplinados, como foste em tua longa e accidentada vida de soldado e de homem de Estado, e transmite-nos sobretudo o **espírito publico** de que eras tão superiormente dotado, para que saibamos sempre sacrificar o proveito individual ao bem da collectividade, as conveniencias bairristas aos interesses supremos do paiz.

Poderás, então, do alto da tua gloria, fitar-nos reconhecido e dizer, com ufania e justiça, repetindo o verso heroico do teu grande épico:

“Esta é a dilósa patria minha amada”

Luiz Estevão de Oliveira
(Vice-Presidente do Instituto.)

O Primeiro Vigário de Pernambuco

Sabemos, está provado á saciedade, que o primeiro templo católico levantado no Brasil foi, no ano de 1532, o de São Vicente, por Martim Afonso de Sousa, cognominado o Colonizador. Era dedicado a N. S. da Assunção.

Dez anos depois, isto é, em 1542, " por effeito de transbordamento do mar (Max Fleiuss, APOSTILAS DE HISTÓRIA DO BRASIL) submergiu-se parte de seu primitivo povoado (São Vicente), desaparecendo então a igreja matriz de N. S. da Assunção e a Casa do Conselho, onde se encerrava o arquivo da vila, que foi a primeira criada no Brasil":

Com o Colonizador viera o vigário Gonçalo Coelho, que era o substituto do capitão-mór. A-pesar-de suas funções administrativas — Martim Afonso regressou em 1533 não mais retornando ao Brasil e deixou como substituto o vigário Gonçalo Coelho — é possível que se não tenha despedido de sua qualidade sacerdotal. Teria sido o primeiro vigário de São Vicente e de todo o Brasil.

Qual o primeiro vigário de Pernambuco?

Com a chegada de Duarte Coelho, em 1535, foi erguida a igreja dos santos Cosme e Damião de Igarassú. Sete anos depois, com o desaparecimento da de N. S. da Assunção, de S. Vicente, passou a ser a nossa a mais antiga do Brasil. Diz a tradição que foi fundada em 1530 mas é engano, pois, Duarte Coelho só em 1535 aportou á Feitoria de Cristóvão Jaques fundada aliás em 1516.

Pelo alvará que se vai ler, de 5 de Outubro de 1534, datado de Évora onde estava a Côrte, cidade que recentemente visitei no Alentejo de que é capital e onde existe uma das mais importantes bibliotéas da Peninsula Ibérica, é possível afirmar-se que foi o padre Pedro da Figueira o primeiro vigário de Pernambuco:

Eu, El Rei, Faço saber a vós Pedro Afonso de Aguiar Fidalgo de minha Casa e Provedor dos Ar-

mazens, que eu Hei por bem, e me praz, que um Vigário, e quatro Capellães que ora vão para a Igreja que se novamente há de fazer na Capitania do Brasil, de que tenho feito mercê a Duarte Coêlho Fidalgo de minha Casa vençam, e hajam de seu ordenado, a saber o dito Vigario quinze mil reis em cada um anno, e duas peças de escrayos, que poderá cada anno resgatar de sua roupa fôrra dos direitos: O qual ordenado começarão a vencer do dia, que partirem desta cidade com o dito Duarte Coêlho em diante e haverão em cada um anno, enquanto na dita Capitania estiverem, e na dita Igreja servirem: Notifico-vol-o assim, e mando que mostrando-vos o dito Vigario, e Capellães certidões do Bispo de São Thomé Deão de Minha Capella de como os examinou, e achou serem aptos para nisto servirem os faças assentar no Armazem com o dito ordenado, do qual lhe mandareis pagar a cada um tres mezes adeantados, e passar-lhe dissò Certidão nas costas deste, em que declare como foram havidos por aptos, e que vão pagos dos ditos tres mezes, e por este com a dita Certidão mando ao meu Feitor e Almojarife da dita Capitania, que no dia, que se acabarem os ditos tres mezes em deante; e quando o dito Vigario, e Capellães na dita Igreja servirem lhes dê, e pague em cada um anno, o dito ordenado na maneira, que dito é; e assim será registado no Livro da Despesa do dito Feitor pelo Escrivão de seu Officio com conhecimento dos sobreditos, mande aos Contadores, que lh'o levem em conta e ao Feitor, o Officiaes da Casa da Índia, que quando as ditas peças a ella vierem lhas despache forras de todos os direitos, como dito é, e este se registará na dita Casa inteiramente, como se nelle contem, sem embargo de não ser passado pela Chancellaria, e da ordenação em contrario. Manuel da Costa o fez em Evora a cinco dias de Outubro de mil quinhentos e trinta e quatro, e não lhe será pago este ordenado no Armazem senão dos ditos tres mezes somente, porque do mais tempo serão pagos na dita Capitania pelo rendimento da Feitoria, e Almojarifado della na maneira que dito é; porque da dita renda hei por bem que hajam o dito ordenado, e

em outra maneira não. O qual alvará é assinado por sua Alteza do signal, que costumã fazer nas taes Provisões. No qual declara Pedro Afonso de Aguiar a três de Setembro de 34, ser pago Mestre Pedro de Figueira Vigário, que lhe por Duarte Coelho foi apresentado de tres mil setecentos reis à razão de quinze mil reis por anno. E ser registado no Livro do Armazem a folhas 175, por Alvaro Rodrigues, e o pagamento que o dito Padre houve foi pago por Diogo Vaz Thesoureiro, e registado na Casa da India por Belchior Carvalho no Livro da Mina a folhas 44 atrás (Do Primeiro Livro de Provisões, DOCUMENTOS HISTÓRICOS, vol. XXXV, pags. 42-44).

Como se vê, Duarte Coelho, ao partir de Portugal, trouxe o vigário-padre-mestre Pedro da Figueira e mais alguns capelães cujos nomes não constam do alvará.

Uma frase dêsse documento poderá levantar dúvida: "que ora vão para a Igreja que se novamente ha de fazer na Capitania do Brasil".

A primeira vista parece que havia aqui uma igreja e os padres vinham para outra "que se novamente há de fazer". Tudo está na expressão "Capitania do Brasil", que abrangia toda a conquista de que Martim Afonso de Sousa era capitão-mór, pois, ao tempo, nenhum donatário tinha ainda vindo tomar posse de seu quinhão. Depois da subdivisão da "Capitania do Brasil" em lotes hereditários foi que cada quinhão tomou nome.

O de Duarte Coelho, que foi o primeiro a apossar-se — Martim Afonso não retornou ao Brasil depois de 1533, como já foi dito — não tinha nome, apenas limites, como se vê da carta de doação. O que elle impôs, foi Nova Lusytanea, que não pegou.

A expressão em causa "Igreja que se novamente ha de fazer na Capitania do Brasil", tinha razão de ser, porque na Capitania do Brasil já existia a igreja de N. S. da Assunção de S. Vicente.

Em face do documento transcrito, pode-se hoje afirmar que o padre-mestre Pedro de Figueira, vindo com Duarte Coelho, foi o primeiro vigário de Pernambuco.

Digo de Pernambuco, sem especificar Igarassú ou Olinda, este último nucleo de população fundado dois anos depois daquêle e para onde se transferira a séde da capitania.

De qualquer modo, o padre Pedro de Figueira não se demorou muito no seu cargo. A 15 de Outubro de 1560, D. Sebastião, por alvará com fôrça de carta régia, nomeou a Pedro Anes do Vale "clérigo de Missa, morador da Vila de Olinda das Partes do Brasil, capitania de Duarte Coelho, para servir de cura de S. Cosmos que está na dita Capitania, povoação de Igaracú (é esta a grafia do alvará e não Iguarassú ou Iguaraçú) e dizer na dita igreja as missas que é obrigado", com 17\$000 por ano. E D. Pedro Leitão, bispo de Salvador da Baía e terras do Brasil, a 9 de Fevereiro de 1563 nomeava a Silvestre Lourenço vigário de Olinda, na vaga do vigário Pedro Manso.

Mário Melo.

Atas das sessões

SESSÃO ORDINARIA DE 15 DE JANEIRO DE 1930

Em sessão ordinária, às 17 horas de 15 de Janeiro de 1930, reuniu-se este "Instituto" sob a presidência do desembargador Silva Rêgo secretariado pelos srs. Mário Melo e Naasson Figueiredo, presentes os sócios srs. Oton Bezerra de Melo, Santana Araujo, Rodolfo Lima, Carlos Pereira da Costa, senador Correia de Brito, Oscar Brandão, Bezerra Leite, Jeronimo Gueiros, L. C. Cardoso Aires Samuel Campelo, Ambrosio Leite e Mário Coelho Pinto. Aprovada a ata da sessão anterior, o primeiro secretário deu conta do seguinte telegrama do consocio dr. Pedro Celso: "Presidente Instituto Arquiológico—Recife—Peço apresentar Instituto sentidas condolencias passamento dedicado conspicuo consocio professor Gaspar Regueira". E a seguir acusou uma carta da diretoria da Bibliotheca pública do Ceará, agradecendo a remessa da revista deste "Instituto" e pedindo continuação da mesma; outra do sr. Jorge Bertolaso Stela, agradecendo sua eleição de socio correspondente; e uma moeda portuguesa, de prata, de 1879, oferecida pelo sr. Benedito Magalhães. Ainda o sr. primeiro secretário requereu fosse transcrita em ata a justificação com que o senador Correia de Brito propôs no Senado Federal uma subvenção para o "Instituto", com um voto de louvor ao mesmo distinto consocio pela sua iniciativa, no que foi aprovado unanimemente — E' do teor seguinte a citada justificação: "O Instituto Arquiológico Histórico e Geográfico de Pernambuco" foi fundado em 1862. Foi considerado de utilidade pública pelo decreto federal 3675 de 8 de Janeiro de 1919. Funciona em prédio proprio doado pelo Estado. Durante o longo periodo de sua existência este Instituto tem prestado relevantes serviços, não só á defeza e conservação do

nosso patrimônio histórico, como á difusão do ensino. Mantém franqueado ao público um museu histórico e arquiológico, tem grande coleção numismática, farta coleção de manuscritos, de mineralogia, de arte antiga, biblioteca especializada com 8.000 volumes, tem publicado vários livros sobre historia do Brasil e publica uma revista que já atinge a 28 volumes. Do seu seio nasceu a Liga contra o Analfabetismo, que fundou 38 escolas, algumas das quais foram incorporadas á instrução pública do Estado. Em sua séde funciona a "Academia Pernambucana de Letras", fundada em 1901 e constituída em sua maioria, por socios do "Instituto". Reconhecendo a utilidade e os reais serviços que prestam tais Institutos tem o Governo Federal concedido subvenções aos que se tem fundado em outros Estados. E' de inteira justiça que conceda igual auxilio ao mais antigo dentre todos, e que durante mais de 60 anos tem contribuido eficazmente para o estudo da nossa história e para o conhecimento de nossas riquezas. Sala das sessões. 21 de novembro de 1929 — L. Correia de Brito, Goncalves Ferreira". O sr. presidente disse que da ultima sessão até a atual a sorte foi implacavel para com os sócios deste "Instituto". Que a quatro funerais, de quatro distintos consócios todos tiveram de assistir num tão rapido interregno; e todos estes consócios dignos da maior consideração e estima: Zeferino Agra, Euclides Fonseca, Gaspar Regueira Costa e Manuel Arão. E com palavras repassadas de uma profunda emoção e saudade, disse dos dotes de cada um, do seu valor como homens na sociedade e da atuação de cada um como sócio do "Instituto Arquiológico". Que o "Instituto" perdeu com êles, sobretudo com Manuel Arão, bons e devotados amigos. Que em homenagem sincera á memoria dos mesmos, fosse a sessão levantada com um voto de sentido pesar. Também o sr. Jeronimo Gueiros disse que chegando do interior do R. Grande do Norte, se apressou a vir ao "Instituto" para associar-se ao pesar do mesmo pelo falecimento dos distintos confrades. Tratou da vida de cada um dêles e fez-se solidário com as lagrimas do "Instituto". Aprovada por unanimidade a proposta do sr. presidente, foi a sessão encerrada. — Artur da Silva Rego — Presidente. — Mário Melo — 1.º Secretário. — Naasson Figuerêdo — 2.º Secretário.

SESSÃO ORDINÁRIA DE 29 DE JANEIRO DE 1930

Em sessão ordinária, às 17 horas de 29 de Janeiro corrente, reuniu-se este "Instituto" sob a presidência do desembargador Silva Rego, secretariado pelos srs. Mário Melo e Naasson Figueiredo, presentes os sócios srs. Samuel Campelo, J. Felipe Monteiro, Rodolfo Lima, Carlos Pereira da Costa, M. J. Santana Araujo, Zeferino Lima, Luís da Camara Cascudo, Teodoro Sampaio e Gervásio Fioravanti. O expediente constou dum officio do ministério da Guerra comunicando a cessão ao "Instituto" de um canhão existente no Forte do Buraco, e da oferta duma cédula de 500 rs., série 105 A, pelo sr. Getulio A. Cezar, engenheiro agrônomo, residente em Rio Branco deste Estado. O sr. 1.º Secretário disse que sobre o officio do ministério da Guerra já trocara idéas com o general Lavanère, comandante da região militar e este prometera oportunamente providenciar sobre a entrega do canhão. O sr. presidente disse da presença do engenheiro Teodoro Sampaio, sócio do "Instituto" desde 1900, nome bastante conhecido, especialmente como cultor da história e presidente do "Instituto Geográfico da Baía". Propôs fosse registada em ata a presença do distinto consócio, pois o "Instituto" se sentia alegre com tão honrosa visita. Aprovada unanimemente. O dr. Teodoro Sampaio agradeceu as referencias feitas ao seu nome, dizendo ainda achar-se satisfeito, porque estava num ambiente de irmãos — irmãos no patriotismo — e mais satisfeito porque de ha muito desejava conhecer o Recife que sempre lhe crescia na imaginação como ponto fulgurante. Tem percorrido a cidade em passeios e pode dizer que o Recife não é sómente um escritorio de glórias, mas uma joia brasileira pela sua prosperidade. Será difficil imaginar-se o futuro a que está destinada. Desde 1878 conhecia o interior de Pernambuco quando em comissão do governo do Império estudou o rio de S. Francisco. Tem agora a alma satisfeita, porque está no Recife — ponto de orgulho dos brasileiros". O sr. Carlos Pereira da Costa lembrou também a presença do dr. Luis da Camara Cascudo, secretário do "Instituto Histórico do Rio Grande do Norte", digno pelo seu valor intelectual a igual homenagem. O sr. presidente disse que não fez referencia especial ao mesmo confrade porque êle está em constante convivio; sempre que vem ao Recife frequenta o "Instituto", toma parte nos debates e já aqui realizou uma conferencia. O

sr. Samuel Campelo disse ter representado o "Instituto" nas exequias da Maçonaria ao saudoso consócio dr. Zeferino Agra. Também o sr Santana Araujo comunicou que a comissão nomeada esteve presente ás festas da recepção do consócio conego Jerónimo d'Assunção. O sr. primeiro secretário leu a seguinte indicação: Dêsde que se transferiu de uma das salas do Ginásio Pernambucano para sua séde definitiva o "Instituto" fez várias tentativas para catalogar sua bibliotéca — parte de livros encadernados, parte em brochuras. Alguns sócios não poderam levar a térmo a sua bôa vontade e falharam oferecimentos de pessoas estranhas. Finalmente o dr. Olimpio Costa Filho, funcionário da Bibliotéca Pública e então academico de direito, prometeu ao secretário perpétuo empregar algumas horas nesse serviço. E pacientemente, durante cerca de dois anos, porque ora interrompido com o trabalho á noite em sua Repartição, ora precisava de dedicar-se ao seu curso de direito, conseguiu catalogar as obras encardernadas e organizar o catálogo das mesmas, já entregue á Secretaria, isso sem dispendio para o "Instituto", que pode e deve aproveitar a sua bôa vontade, não só no zelo da nossa bibliotéca como na seleção e catalogação das brochuras. Comquanto rapaz pobre, que vive de modesto emprego, o dr. Olimpio Costa Filho não aceita recompensa alguma de ordem monetária. Tem entretanto, cultura suficiente e valor intelectual para pertencer ao nosso gremio. Em reconhecimento a esses valôres e aos serviços já prestados ao "Instituto" e aos que devemos esperar ainda de sua competência e bôa vontade, tendo em vista precedente, como o do pintor Murilo La Greca e fundada no art. 9 dos nossos estatutos, a mesa propõe a eleição do dr. Olimpio Costa Filho para socio bemfeitor e a sua designação para nosso bibliotécario. Recife, 29 de Janeiro de 1930. — (aa) Artur da Silva Rego, presidente — Mário Melo, secretário perpétuo — Naasson Figuerêdo, segundo secretário. "Submetida a votos foi a mesma proposta unanimemente aprovada. O sr. Camara Cascudo comunicou ter escrito uma memoria sobre o Marquês do Recife, figura das mais interessantes da nossa história, e de ter já remetido os originaes para Coimbra. Que o seu trabalho é também uma prova de sua estima a Pernambuco, cujo Instituto foi o primeiro a abrir-lhe as portas, quando ainda academico. Fê-lo pensando no "Instituto". O sr. presidente agradeceu a prova de estima do illustre confrade. O sr.

Samuel Campelo comunicou que "O JORNAL" do Rio de Janeiro publicou ter em seu poder o tinteiro que pertencera ao Padre Roma para entregar ao "Instituto". Indagou se já fôra feita a entrega. O sr. Mário Melo respondeu que, sobre o assunto, se comunicára com o gerente do citado jornal e este prometeu fazer a remessa do mesmo pelo correio, mas depois, por carta, alegou ser mais seguro enviá-lo por um próprio. Entretanto, disse, até agora não o fez. Resolveu, portanto, o sr. presidente, pedir ao "O JORNAL" a entrega do citado tinteiro ao consócio dr. Neto Campelo, presentemente no Rio. O sr. Carlos Pereira da Costa disse que em sessão anterior prometera dar ao "Instituto" um retrato do sr. Estacio Coimbra, a lousa tumular de seu pai e uns peixes fosseis. Desobriga-se do retrato e da lousa, que no momento entrega, não podendo fazer o mesmo quanto aos fosseis por não terem chegado ainda a seu poder. E nada mais havendo a tratar, o sr. presidente lembrou que, na forma dos Estatutos, a primeira reunião depois de 27 de Janeiro será de assembléa geral para eleição da mesa. Que o "Instituto" não pôde neste ano festejar o seu aniversário, devido ás obras de remodelação porque está ora passando. Designou, portanto, a proxima sessão para ter lugar a mesma eleição. — Artur da Silva Rego — Presidente. — Mário Melo — 1.º Secretário — Naasson Figuerêdo — 2.º Secretário.

SESSÃO ORDINÁRIA DE 12 DE FEVEREIRO DE 1930

As 17 horas de 12 de Fevereiro corrente reuniu-se este "Instituto" em sessão ordinária, presidida pelo desembargador Silva Rego e presentes os srs. sócios Mário Melo, Naasson Figuerêdo, Samuel Campelo, Conego Jeronimo d' Assunção, M. J. Santana Araujo, Oton Bezerra de Melo, João Aureliano Correia de Araujo, Luis Cardoso Aires, Ambrosio Leite, Domicio Rangel, Zeferino Lima e Mário Coelho Pinto. Disse o sr. presidente que a reunião fôra convocada para assembléa geral; os estatutos, porém, exigem a presença de dezesseis sócios para funcionamento da Assembléa em primeira convocação, número que não chegou a registrar no momento. Assim, abria os trabalhos em sessão ordinária. Aprovada a ata da sessão anterior o sr. secretário perpétuo acusou as seguintes ofertas de livros: pela Academia de Ciências de Lisboa —

Boletim da Segunda Classe, vol. XVI, Boletim da Classe de Letras, vol. XV e Atas das Assembleias Gerais, vol V; pela Bibliotéca Nacional do Rio de Janeiro — Relatórios de 1920-1923; Documentos Históricas, vols. XI-XIV; ainda pela Academia de Ciências de Lisboa — História de Arzila durante o Dominio Português, por Davi Lopes; pela Universidade de Coimbra — Boletim Bibliográfico da Bibliotéca da Universidade de Coimbra; pelo Field Museum of Natural History Chicago-Report, vols. 1-2-3; pela Sociedade de Geografia de Lisboa Boletim — 1926 — 1928; pelo Ministério da Agricultura—Metodos Geofísicos aplicados ás fundações de barragens, por Euzébio Paulo Oliveira; Aspectos econômicos da mica, por Djalma Guimarães; Jazidas de minerios de chumbo no Estado de São Paulo e Vale do Rio Negro, por Glycon de Paiva; A Indústria do petroleo, por Gerson de Faria Alvim, Relatório de 1928; pela Library of Congress de Washington, Report 1927, 1928; pela Carnegie Endowment, Year Book 1927, 1928; pela Smithsonian Institution Anual Report 1926, 1927; pelo Field Museum of Natural history Chicago—the prestory of aviation by Aviation by Berthold Laufer; Archeological explorations in Perú; Contributions to paleontology by Sharat kumar Roy; pela University of Missouri, A. Quartely of Research, 2 vols; pelas redações, Revista militar brasileira, vol. XXVIII; Boletim do Instituto da Ordem dos Advogados do Rio Grande do Sul, vol. II; pelos autores; Famos damonds by Oliver Farrington; Recherres sur la rage, par le dr. Demetre Jonesco; Basílio de Magalhães, pelo sócio correspondente Tancredo Barros Paiva. Ainda o sr. secretário perpétuo informou que em dias da semana passada, em companhia dos sócios Cardoso Aires, Mário Coelho Pinte e Naasson Figueirão, visitou a “Furna do Cabôclo” em terras do engenho “Veneza” do municipio de São Lourenço e de lá trouxe dois fragmentos de ceramica, os quais foram examinados pelo dr. Teodoro Sampaio, que classificou um como beijo de igaçaba e outro como texto de panela”.Disse também ter sido informado pelo dr. Teofilo de Freitas, da Diretoria de Obras Públicas do Estado, da existência do esqueleto de gigantesco cachalote na praia de Tamandaré. Que se entendeu com o dr. Jader de Andrade Secretário da Agricultura, e este facilitou o transporte de parte do mesmo para o “Instituto”, serviço que foi dirigido pessoalmente pelo dr. Teofilo de Freitas em companhia do declarante. Pediu, o que foi aprovado, um voto

de agradecimento aos srs. drs. Jader de Andrade e Teofilo de Freitas. O sr presidente comunicou ao "Instituto" o falecimento do desembargador Henrique Capitolino Pereira de Melo, o mais antigo dos sócios efetivos. Disse ainda, em ligeiras palavras, do valor do saudoso consócio, digno que fôra, por todos os pontos em que examinassem a sua vida, maximé como magistrado onde estava no primeiro plano entre os de sua classe, pela honradez e pelo carater. Que logo que teve conhecimento de sua morte, apresentou pèzames à familia, em nome do "Instituto" e assistiu ao enterro, em companhia dos consócios Samuel Campelo, Bezerra Leite e Turiano Campelo. "Nomeou ainda os srs. Samuel Campelo, J. A. Correia de Araujo e Cardoso Aires para assistirem as homenagens fúnebres à memoria do querido morto, e propôs um voto de pesar na ata, no que secundou o consócio Cardoso Aires propondo fosse a sessão suspensa como maior prova de pesar, sendo unanimemente aprovado. — Artur da Silva Rego — Presidente. — Mário Melo — 1.º Secretário. — Naasson Figuerêdo — 2.º Secretário.

SESSÃO DE ASSEMBLEIA GERAL DE 19 DE FEVEREIRO DE 1930

Em sessão de Assembleia Geral, sob a presidência do desembargador Silva Rego, reuniu-se este "Instituto" às 17 horas de 19 de Fevereiro, presentes os srs. sócios Mário Melo, Correia da Silva, Naasson Figuerêdo, Correia de Brito, J. Felipe Monteiro, Oton L. B. de Melo, Bezerra Leite, Oscar Brandão, Mário Coelho Pinto, Jeronimo d' Assunção, Santana Araujo, J. A. Correia de Araujo, Zeferino Lima, Ambrosio Leite, Samuel Campelo e Olimpico Costa Junior. Aprovada a ata da sessão anterior, o sr. 1.º secretário acusou as seguintes ofertas de livros: Revista do Instituto Histórico e Geografico do Rio Grande do Norte, IV trimestre, 1929; Abhandlugen herausgegeben von naturwissenschaftlichen Verein zu Bremen, 4 vols; — Niederdeutch zeitschrift fur volkskunde, 2 vols. e Bremisches Jahrbuch, Bremen. Ainda o sr 1.º secretário leu o seguinte: "Deveria apresentar-vos, na sessão de 27 de Janeiro, o Relatório do ano de 1929. A remodelação de uma parte do edificio impediu festejássemos o nosso aniversário

com sessão solene. Entendo que é esta ocasião apropriada, reunidos que estamos em assembléia, não para lêr-vos um relatório, mas para apresentar-vos uma resenha dos nossos trabalhos: Tivemos durante o ano de 1929, quatro sessões públicas, duas de assembléia geral e vinte ordinárias. No movimento de socios até 31 de Dezembro, perdemos, por morte, os efetivos Zeferino Agra e Euclides Fonseca; o honorário conselheiro Rosa e Silva e os correspondentes Inácio Moura e Amadeu Amaral. Adquirimos como efetivos, Mário Coelho Pinto, Zeferino Lima e general Alberto Lavénere Vanderlei; como correspondentes drs. Higino de Bastos Melo, Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho e prof. Jorge Bertolasso Stela e como bemfeitores dr. Estacio de Albuquerque Coimbra e Murilo La Greca. As nossas coleções receberam as seguintes dádivas de mais importancia: as insignias de oficial, de cavalheiro e de comendador da ordem da Rosa que pertencêram ao desembargador Gervásio Pires Ferreira; o lenço que o Imperador Pedro II beijou em Goiana; uma coleção de armas usadas em Pernambuco; a Lápide da rua do Vigário Tenório; medalhões com as efigies de Pedro I e Frei Miguelinho; grande tela de uma dama pernambucana da familia Holanda Cavalcanti; uma urna funerária de barro, do antigo colégio dos jesuitas do Recife. Merecem destaque os seguintes assuntos de que tratamos em algumas sessões: A torre Malakoff. As obras do pôrto condenaram a torre Malakoff. A 23 de Maio Samuel Campelo agitou aqui o assunto. Demos os passos precisos para sua conservação, dirigindo-nos ao governo do Estado, ao Ministro da Viação e ao Ministro da Marinha. Nesse interim, escrevi um estudo histórico em que restabeleci a origem do nome Malakoff, dado á torre. Aproveitando a visita do Ministro da Marinha a Pernambuco solicitamos, pessoalmente, a sua intervenção em favor da tórre e de s. excia. ouvimos palavras confortadoras. Desgraçadamente agora se publica que a tórre será mesmo demolida. Parece tratar-se mais de capricho do que de utilidade pública. Reforma de estatutos; a 29 de Maio reuniu-se uma assembléia extraordinária para tratar da reforma dos estatutos em alguns pontos. Os sócios presentes se dividiram em dois grupos: os que frequentam o "Instituto", que mostram interêsse real pela sua existência e pelo seu progresso, votaram preliminarmente pela reforma; os que só aparecem aqui eventualmente,

vieram de propósito votar contra. E como o número dos que não frequentam o "Instituto" é maior do que o do que o tem aos ombros, caiu a preliminar, com o voto também de alguns confrades que trabalham assiduamente conosco. Fui, a principio, contrário á idéia da reforma, porém abracei depois a corrente revizionista. Lápide de Frei Caneca — Tendo a Prefeitura cedido á Companhia Alcool-Motor parte do largo em que fora espingardeado Frei Caneca, a lápide que ali collocámos ficou no terreno murado da Companhia. Os protestos do "Instituto" tiveram eco nas classes populares. Debalde recorremos á Inspectoria de monumentos, que opinara pela collocação da lápide no centro da rua Vidal de Negreiros um pouco distante do ponto em que armara a fôrca. Assim, tivemos de entrar em acôrdo: aceitar a mudança da lápide para ponto acessivel ao público, não afastado do local em que tombara Frei Caneca, e aprovar a idéia dum monumento aos mártires de 1824, no centro da rua Vidal de Negreiros. E a lápide foi collocada fóra do muro da Alcool-Motor, mas o monumento nem se quer se começou. Largo das Cinco Pontas— Ligada á questão da Lápide de Frei Caneca, estava o nome da praça em que os republicanos de 1824 foram martirizados. Estava mascarada com o nome de praça Capitão Vilarim. Pedimos ao Conselho Municipal e obtivemos a restauração do nome tri-secular de praça das Cinco Pontas, para toda a extensão que outróra o possuira. Casa da Moeda — Sabido que em Pernambuco funcionou a Casa da Moeda, no período colonial e havendo duvidas sôbre a sua localização, procedi a estudo de investigação histórica, chegando á conclusão de que o prédio que ella occupava em 1700-1702 é sobrado que tem hoje o número 125, na rua da Moeda. Forte "Principe Guilherme" — Não ha vestígios dêsse forte levantado pelos holandeses nos Afogados e ao qual tanto se referem os historiadores. O nosso confrade Naasson de Figuerêdo estudou-o com empenho e chegou a conclusões positivas do que terá o Instituto oportunamente conhecimento. A velha matriz de Goiana — O inconoclasmo dos reformadores pretendeu destruir a velha matriz de Goiana, fundada no primeiro seculo. Dei o alarme no "Instituto" na sessão de 26 de Junho. O assunto extravazon para as colunas dos jornais diários, havendo quem pretendêsse justificar o atentado. Felizmente o bom senso falou mais alto e a velha matriz hoje sob a guarda dos pretos da antiga eida-

de, continúa e provavelmente continuará de pé — Curso prático de história de Pernambuco — Com a reforma da instrução primária e os preceitos da escola ativa, a diretoria do ensino ordenou ao professorado da capital a frequência ao “Instituto” para o estudo das nossas coleções. Divididos em turmas, aqui estiveram aos domingos, com prévio aviso, os professores do Recife. A cada turma fez o nosso consócio Cardoso Aires uma preleção sôbre a história de Pernambuco. Guiei-as através de nossas coleções dando informes sôbre cada um dos nossos objetos. Bibliotéca — Temos a satisfação de dizer que parte da nossa bibliotéca já se acha catalogada, graças á dedicação do dr. Olímpio Costa Junior a quem atrainos ao nosso grêmio e em quem confiamos para o término do trabalho. Revista — Nossa revista continúa em atraso devido á affluência de trabalhos gráficos na Imprensa Oficial, onde é composta e impressa graças ao patrocínio do govêrno do Estado á nossa instituição. Esta simples resenha é bastante para demonstrar que o “Instituto” continúa a ser uma casa de trabalho e bem digno do acatamento que todos lhe dispensam.— **Mário Melo**, secretário perpetuo”. Achando-se presente o dr. Olímpio Costa Junior, ultimamente eleito sócio bemfeitor, o presidente convidou-o a prestar o compromisso dos estatutos e empossou-o, felicitando-o em nome dos presentes. Em seguida declarou a ordem do dia da assembléia a eleição da mês. Procedida esta, deu o seguinte resultado: Presidente, desembargador Silva Rego—16 votos, senador Correia de Brito—1 voto; 1.º Vice-presidente: dr. Neto Campelo—15 votos, professor Rodolfo Lima—2 votos; 2.º Vice-presidente: prof. Gervásio Fioravanti—14 votos, desembargador Correia da Silva — 1 voto, prof. Jeronimo Gueiros—1 voto e prof. Neto Campelo—1 voto; 3.º Vice-presidente: prof. Melódio Maranhão — 11 votos, senador Correia de Brito—3 votos, desembargador Correia da Silva—1 voto, prof. Rodolfo Lima—1 voto e dr. Turiano Campelo—1; oradores: dr. Cardoso Aires—16 votos, dr. Oscar Brandão — 12, dr. Bezerra Leite — 5, dr. Samuel Campelo — 1; suplentes de oradores: dr. Fernando Barroca — 12 votos, prof. Jerónimo Gueiros — 15, dr. Oscar Brandão — 2 e dr. Samuel Campelo — 1; 2.º secretário: Naasson Figuerêde — 16 votos, Zeferino Lima — 1 voto; suplentes de 2.º secretário — dr. Zeferino Lima — 14, dr. Samuel Campelo — 14, Raimundo Pais Barreto — 2, prof. Felipe Montei-

ro — 2, dr. Carlos Pereira da Costa — 1 e Mário Coelho Pinto — 1 voto; Tesoureiro: Oton L. B. de Melo — 16 votos, Mário Coelho Pinto — 1; Comissão da Revista: dr. Mário Melo — 16, dr. Samuel Campelo — 16, Naasson Figuerêdo — 16, dr. Gervásio Fioravanti — 3 votos; comissão de sindicância: Raimundo Pais Barreto — 14 votos, dr. Cardoso Aires — 13 votos, prof. Rodolfo Lima — 12 votos, Bezerra Leite — 6, dr. Zeferino Lima — 3, Domicio Rangel — 2 e dr. Samuel Campelo — 1 voto; comissão de manuserito: senador Correia de Brito — 16 votos, Mário Coelho Pinto — 15, Ambrosio Leite — 14, dr. Metódio Maranhão — 3 e dr. Oscar Brandão — 3 votos; comissão de história e geografia: dr. Carlos Pereira da Costa — 17 votos, dr. Fernando Barroca — 16, prof. Felipe Monteiro — 16, desembargador Silva Rego — 1 e dr. Mário Melo — 1 voto; comissão de fundos e orçamentos: conego Jerônimo dAssunção — 16 votos, Santana Araujo — 16, Domicio Rangel — 11, prof. Rodolfo Lima — 4, prof. Jerônimo Gueiros — 3 e prof. Felipe Monteiro — 1 voto; comissão de arqueologia e etnografia: dr. João Pereli — 16 votos, prof. Jerônimo Gueiros — 16, dr. Correia de Araujo — 14, conego Jerônimo dAssunção — 2, dr. Mário Melo — 1, deputado Oton L. B. de Melo — 1 e Naasson Figuerêdo — 1 voto. Ficou assim constituída a nova diretoria deste "Instituto"; presidente — Desembargador Silva Rego; 1.º 2.º e 3.º vice-presidentes — dr. Neto Campelo, dr. Gervásio Fioravanti, dr. Metódio Maranhão. Oradores: drs. Cardoso Aires e Oscar Brandão. Suplentes de oradores: Dr. Fernando Barroca, prof. Jerônimo Gueiros 2.º secretário: Naasson Figuerêdo. Suplentes de 2.º secretário: dr. Samuel Campelo e Zeferino Lima. Tesoureiro: deputado Oton L. B. de Melo. Comissão de Revista: dr. Mário Melo, dr. Samuel Campelo e Naasson Figuerêdo. Comissão de sindicância: Raimundo Pais Barreto, dr. Cardoso Aires e prof. Rodolfo Lima. Comissão de manuserito: senador Correia de Brito, Mário Coelho Pinto e Ambrosio Leite. Comissão de História e Geografia: dr. Carlos Pereira da Costa, dr. Fernando Barroca e prof. Felipe Monteiro. Comissão de fundos e orçamentos: conego Jerônimo de Assunção, Santana Araujo e Domicio Rangel. Comissão de arqueologia e etnografia: dr. João Pereli, prof. Jerônimo Gueiros e dr. J. A. Correia de Araujo. O dr. Samuel Campelo disse que, quando pretendeu a reforma dos estatutos, pleiteou a exclusão de cargos inuteis entre os quais estava aquele para

que foi eleito — o de suplente de 2.º secretário — Coerente com o seu modo de pensar, disse não aceitar a eleição, como não aceitara a de orador na eleição passada”. O senador Correia de Brito aparteou, — concordando com a inutilidade do cargo — dizendo porém não haver motivo para a renúncia do distinto consócio, com o que se conformou o dr. Samuel Campelo, dizendo aceitá-lo em atenção à assembléa, prometendo porém trabalhar pela reforma dos estatutos e pela supressão de certos cargos, a seu ver inúteis. O desembargador Silva Rego lamentou não tivessem substituído por outra de maior brilho, a sua figura apagada. Disse submeter-se á vontade dos seus confrades e assim continuar no posto que ha anos vem desempenhando. E, na forma dos estatutos em vigor, empossou todos os eleitos. — **Manuel Neto Carneiro Campelo** — Presidente. — **Mário Melo** — 1.º Secretário. — **Naasson Figuerêdo** — 2.º Secretário.

SESSÃO ORDINÁRIA DE 12 DE MARÇO DE 1930

Sob a presidência do dr. Neto Campelo, 1.º vice-presidente reuniu-se este “Instituto” ás 17 horas de 12 de março de 1930, presentes os srs. sócios Samuel Campelo, Mário Melo, Naasson Figuerêdo, M. J. Santana Araujo, Zeferino Lima, Olimpio Costa Junior, Mário Coelho Pinto e J. A. Correia de Araujo. Aprovada a ata da sessão anterior, o sr. 1.º secretário acusou a seguinte oferta de livros: pelo Field Museum of Natural history Chicago, *Agate*, by Oliver Farrington; *Insect-musicians and Cricket Champions of China*, by Berthold Laufer; *the Civilization of the mayas*, by Eric Thompson; pelo Peabody Museum, *An anthropometric study of hawaums of pure and mized blood*, by Leslie C. Dunn; pelo Ethnographischen Reichsmuseums, *Katalog des ethnographischen reichsumsesums*, von dr. H. H. Juynboll; pela Sociedade Geographia de New York, *the Geographical review*, vol XIX, e *the art index*. Em continuação disse o sr. 1.º secretário: “ha tempos c sr. Cezar de Abreu e Lima prometêra ao “Instituto” o tinteiro que pertencêra ao padre Roma, um dos martires de 1817, espingardeado na Baía, o qual era religiosamente conservado pela familia, raridade que fôra entregue ao dr. Assis Chateaubriand, para fazer chegar ao seu destino, finalmente trazida ao poder do “Instituto” por intermédio do prof. dr. Neto Campelo, recémchegado do Rio

de Janeiro". O sr. Naasson Figuerêdo obtem a palavra e lê uma memória intitulada "Senões da historia", em que corrige enganos de Fernandes Gama e José de Vasconcelos sobre o ponto em que foram iniciadas as negociações de paz, entre os holandeses e os pernambucanos. O sr. Mário Melo diz que, numa das ultimas sessões, o consócio Samuel Campelo tratou do pedido de providências ao sr. Arcebispo por constar-lhe ia ser alterada a Matriz da Madre de Deus. O "Instituto", no momento, julgou não ser prudente renovar o pedido de providências porque havia promessa do sr. Arcebispo de não permitir descaracterização de templo e nada havia de positivo quanto á obra. Agora, porém, está publicado um edital em que o dr. Arnaldo Bastos abre concorrência para "tres fachadas" da citada igreja, sem, no edital exigir idoneidade técnica dos concorrentes. Pode inferir-se do edital que ha motivos de receios de descaracterização da velha igreja". Alguns sócios aparteiam o sr. nova fachada, em vez de uma, terá duas torres. Ainda o sr. Mário Melo diz talvez o sr. Arcebispo julgasse irritante pedir-lhe novamente suas vistas sôbre o assunto. Por isso se limita a trazer o fato ao conhecimento do "Instituto", afim de que não se diga amanhã, como infundadamente o fizeram a propósito dos Arcos da cidade, que o "Instituto" foi conivente no crime. O sr. Neto Campelo diz não haverá mal' algum em o "Instituto" reiterar o pedido ao sr. Arcebispo e ao sr. Arnaldo Bastos. O sr. Samuel Campelo diz que o assunto está perfeitamente enquadrado nas atribuições da "Inspetoria de Monumentos, a quem cumpre obrigatoriamente zelar a conservação das nossas coisas históricas. Entende que o "Instituto" também deve dirigir-se á "Inspetoria de Monumentos". O sr. Mário Coelho Pinto diz saber anunciado que o proximo congresso de educação se reunirá no Recife. Consulta se não conviria, sôbre o assunto, o "Instituto" apresentar uma tése sôbre o ensino da história. O sr. presidente diz que o "Instituto" não foi convidado nem solicitado para se fazer representar. Se oportunamente o fôr, resolverá sobre o assunto. Julga, entretanto, louvável a idéia do consócio. O sr. Mário Melo comunica que faleceu em Berlim o prof. Harman von Ihering, filho do grande jurista Rudolph von Ihering, o qual foi fundador e, durante 24 anos, diretor do Museu Paulista. Era sócio correspondente do "Instituto" Arqueológico. Pede um voto de pesar, o que foi unanimemente aprovado. Também o sr. presidente pediu igual homenagem á memoria do dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, professor da Faculdade de Direito do

Ceará e Vice-presidente do "Instituto do Ceará", do qual fôra um dos fundadores. Teve aprovação unanime. E nada mais havendo, foram levantados os trabalhos. — Artur da Silva Rego — Presidente. — Mário Melo — Secretário perpétuo. — Naasson Figuerêdo — 2.º Secretário.

SESSÃO ORDINÁRIA DE 26 DE MARÇO DE 1930

Em sessão ordinária, sob a presidência do desembargador Silva Rego, reuniu-se este "Instituto" às 17 horas de 26 de Março de 1930, presentes os sócios srs. Mário Melo, Naasson Figuerêdo, Samuel Campelo, Olimpio Costa Junior, Mário Coelho Pinto, M. J. Santana Araujo, Ambrosio Leite, Zeferino Lima, Gervásio Fioravanti, J. A. Correia de Araujo e Rodolfo Lima. Aprovada a ata da sessão antecedente, o sr. 1.º secretário deu conta do seguinte expediente: Offícios da Inspeção de Monumentos e do Arcebispo de Olinda sobre a reclamação do "Instituto" relativa ás obras da matriz da Madre de Deus; Offícios da Irmandade dos Passos, convidando o "Instituto" para a procissão do Senhor dos Passos. Offício da Comissão Executiva do III Congresso Internacional de História e Geografia hispano-americanas convidando o "Instituto" para representar-se na proxima reunião de Maio, em Sevilha, e proposta dos consócios Samuel Campelo, Zeferino Lima e Naasson Figuerêdo apresentando o sr. Zenon Pereira Leite, escritor e jornalista residente em Paranaguá, para sócio correspondente, a qual foi despachada á comissão de sindicancia. Ainda o sr. 1.º secretário acusou as seguintes ofertas de livros: Boletim do Ministério da Agricultura, Dezembro de 1929; La Geographie, Paris, Julho e Agosto de 1929; Boletim de la Sociedade Mexicana de Geographia y Estatística, tomo 41; Nas fronteiras do nordeste, de Joaquim Alves; Boletim do Instituto de Engenharia de São Paulo; "Primeira visitação do Santo Officio—Denunciações de Pernambuco" — série Eduardo Prado; "Orçamento da Receita e Despesa provincial", para o ano de 1836-1837, oferta de Benedito Magalhães; "Arquivo Nacional" XXIV, e "Ensaio biográfico do padre Antônio João Lessa". Foi lido e em seguida discutido e aprovado unanimente o parecer da comissão de contas referente ao balanço de 1929, o qual conclue com um justo voto de agradecimento ao tesoureiro Sr. Oton L. B. de Melo, pela sua gestão e boa applicação dos fundos deste "Instituto". O sr. presidente disse que quanto

ao convite para a procissão de Passos, o transmitia aos sócios presentes para que cada um proceda de acôrdo com os seus princípios religiosos. E quanto ao convite para o Congresso Internacional de Sevilha, que o "Instituto" decidiu se devia ou não aderir. O sr. Naasson Figuerêdo lembra da estada atualmente em Madrid do sócio correspondente prof. Fidelino de Figuerêdo, a quem o "Instituto" poderia delegar representação. Discutido o assunto, foi resolvida a adesão do "Instituto" ao citado Congresso delegando-se poderes de representação ao sócio dr. Fidelino de Figuerêdo. Os consócios Rodolfo Lima e Santana Araujo justificaram as faltas dos srs. Oton L. B. de Melo e Bezerra Leite. Ainda o consócio Rodolfo Lima disse das suas faltas às ultimas sessões deste "Instituto" motivadas por serviços extraordinários no Ginásio Pernambucano; pediu escusas e agradeceu sua eleição para uma das comissões. O consócio Gervásio Fioravanti fez declarações de igual sentido. Ainda o Sr. Santana Araujo comunicou achar-se enfermo o consócio senador Correia de Brito. O sr. Presidente disse que só tardiamente teve conhecimento da molestia do distinto consócio, motivo por que ainda não o visitára em nome do "Instituto". Nomeou para visitá-lo os sócios Santana Araujo, Mário Coelho Pinto, Naasson Figuerêdo e Samuel Campelo aos quais prometeu acompanhar. E nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão. — Artur da Silva Rego — Presidente. — Mário Melo — 1.º Secretário. — Naasson Figuerêdo — 2.º Secretário.

SESSÃO ORDINÁRIA DE 9 DE ABRIL DE 1930

Sob a presidência do desembargador Silva Rego, secretariado pelos srs. Mário Melo e Naasson Figuerêdo, reuniu-se este "Instituto" em sessão ordinária, às 17 horas de 9 de Abril de 1930, presentes os sócios srs. Oton Bezerra de Melo, Samuel Campelo, Zeferino Lima, L. C. Cardoso Aires, Rodolfo Lima, Ambrosio Leite, J. C. Correia de Araujo e Gervásio Pires, tendo justificado faltas os consócios Oscar Brandão, Correia da Silva e Bezerra Leite. Aprovada a ata da sessão antecedente, o sr. Secretário perpétuo acusou as seguintes ofertas: pelo sr. Luís Adlen — um livro da 8.ª Companhia do Regimento Velho de Milicias de Pernambuco, (1809); um livro do 3.º batalhão de caçadores, (1823); um livro do Regimento Miliciano de Goiana, (1811) e autos do processo de

João Nogueira Silva, morador em Pôrto da Folha, para re-haver uma escrava residente em Penêdo, (1855); pelo sr. Benedito Magalhães — um recibo de 72\$000 do fornecimento d'água por um trimestre, de Janeiro a Março de 1886, pela Companhia de Beberibe ao Ginásio Pernambucano, assinado pelo sr. Graciliano Martins, diretor da caixa, com o visto do Deão Faria, diretor do Ginásio; duas moedas de prata encontradas numa escavação no Pôço da Panela, ambas portuguezas, uma de 8080, de 1771 e outra de 320 rs., de 1787; e pelos editores, os seguintes livros: "Revista Academica", da Faculdade de Direito do Recife, 1929; J. M. Rugendas, "Pintada a óleo"; "Almanaque de Garanhuns"; "Boletim da Agricultura", Baía, números 7 a 12; "Uma zona de Grapholitos do Llandoverly inferior no Rio Trombetas, Estado do Pará", pela dra. Carlota Joaquina Maury, e ainda da Academia, digo Faculdade de Direito do Recife "Revsta Academica", de 1928. Foi lida uma carta do construtor, J. Camarinha na qual diz ter construído as obras contratadas pelo "Instituto" e apresentando o orçamento de obras feitas extra-contrato. Foi encaminhada á comissão respectiva para dar parecer. Também foi lido o parecer da comissão de sindicancia, opinando pela eleição do sr. Zenon Pereira Leite, para sócio correspondente, o qual submetido a votos foi aprovado unanimemente. O Sr. presidente declarou que a comissão nomeada visitou o consócio senador Correia de Brito, que se encontra enfermo. O sr Samuel Campelo justificou a seguinte indicação: A filatelia, para muita gente considerada apenas passatempo ou mania, é porém um estudo interessantissimo e curioso. O filatelista é obrigado por intermédio de seus selos postais, a estudar a geografia e a história. E por êles está sempre em dia com as modificações politicas das nações e fica sabendo nos selos comemorativos as principais datas de cada povo. Está, pois, dentro (de cada povo) digo dentro dos moldes deste "Instituto". E, trazendo o assunto á vossa apreciação, antes de fazer a proposta a que êle me conduz, devo justificá-lo convenientemente. O sêlo postal foi criado pela Inglaterra que o emitiu, a primeira vez, em 1840. Seguram-se-lhe o Brasil e a Suissa, no mesmo ano em 1843 (não pude saber qual o primeiro dentre os dois), vindo mais tarde: os Estados Unidos, em 1845; a Belgica e a França, em 1849; Portugal e o Chile, em 1853; a Argentina, em 1858, etc., datas essas comprovadas com o catalogo de sêlos de Yvert e Tellier, de 1930. 34.^a edição. Vê-se, portanto que o Brasil estando incluído entre os segundos países do mun-

do que emitiram selos postais, foi, porém, o primeiro no continente americano. E fê-lo dez anos antes de sua metrópole — Portugal. Ha sêlos rarissimos hoje no Brasil, como o primeiro criado, conhecido por “olho de boi” e os “olhos de cabritos”, que vieram apôs, além de muitos comemorativos e com retratos de grandes vultos nacionais. O “Instituto” Arqueológico de Pernambuco, mesmo, já fez enriquecer a coleção filatelica brasileira propondo ao govêrno e conseguindo as emissões de 1917 e 1924, em homenagem aos centenários de nossos movimentos republicanos de 6 de Março e da Confederação do Equador. E’ assim a filatelia um assunto que nos interessa pelo que proponho: — Que o “Instituto” organize uma coleção de sêlos postais brasileiros-já que não é possivel, pelo seu grande dispendio, conseguir uma coleção universal — devidamente catalogada. Que, para tal fim, solicite doações aos srs. Ministros do Interior e Viação, ao Sr. Administrador dos Correios e autoridades outras que tenham interferência no caso. Que faça um apelo aos filatelistas pernambucanos drs. Heitor Maia, Mário de Sousa, C. Oliveira Melo (Célio Meira), Manuel de Oliveira Lima — aponto apenas os que conheço — afim de ofertarem ao “Instituto” selos sobresalentes de suas coleções. — Que se dirija á imprensa pedindo também o auxilio de todos os amigos do “Instituto” e daqueles que se interessam pelo passado e pela história do Brasil. Sala das Sessões do “Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco”, em 9 de Abril de 1930. — Samuel Campelo. Submetida a discussão foi aprovada, designando o sr. presidente o autor da proposta para organizar a coleção de que traia a mesma. Os srs. Santana Araujo, Zeferino Lima e Mário Melo justificaram votos de pesar, respectivamente, pelo passamento da exma. Sra. João Góis, irmã do consócio L. C. Cardoso Aires; do dr. Joaquim Loureiro, decano dos médicos pernambucanos e dr. H. Morize, sábio astrônomo, sócio correspondente do “Instituto”. E nada mais havendo foram encerrados os trabalhos. — Artur da Silva Rego — Presidente. — Mário Melo — 1.º Secretário. — Naasson Figuerêdo — 2.º Secretário.

SESSÃO ORDINÁRIA DE 23 DE ABRIL DE 1930.

Em sessão ordinária, ás 17 horas de 23 de abril de 1930, reuniu-se êste “Instituto” sob a presidência do Sr. Desembargador Silva Rego, presentes os sócios Srs. Oton Bezerra de Melo,

Mário Melo, Zeferino Lima, Oscar Brandão, M. J. Santana Araujo, Samuel Campelo, L. C. Cardoso Aires e Ambrosio Leite, tendo justificado faltas os consocios Olimpio Costa Filho, Bezerra Leite e Naasson Figueredo. Aprovada a ála da sessão anterior, leu o Sr. 1.º secretário duas cartas: uma do Sr. G. Ribeiro, ofertando 102 sêlós brasileiros, inclusive um "olho de cabrito" de 60 rs., e outra do Sr. G. Guerra ofertando 416 sêlós de diferentes paises, inclusive 66 do Brasil republicano. O Sr. presidente comunicou que foi procurado pelo dr. Arnaldo Bastos, a proposito das obras da igreja da Madre de Deus e este lhe reiterara que nenhuma descaracterização sofrerá o velho templo, conforme se poderá ver da planta que está exposta na Ordem 3.ª de São Francisco. O Sr. Oton Bezerra de Melo comunicou a sua proxima ausência de alguns meses, em viagem á Europa e apresentou suas despedidas. O sr. presidente disse que o clero brasileiro passou por um golpe rude com o falecimento do Cardeal Arcoverde, sócio honorário do "Instituto". Natural de Pernambuco, d. Joaquim Arcoverde, pelas suas virtudes atingiu aos mais elevados cargos da igreja católica. Disse também que outrotanto sofrera a magistratura pernambucana com a morte do desembargador Samuel Martins, membro da Academia de Letras, cuja toza sempre manteve impoluta. Que o "Instituto" devia prestar homenagens á memoria desses varões. O Sr. Samuel Campelo lembrou também o falecimento em Olinda, do Sr. Dacio Pais Barreto, pai do consócio Raimundo Pais Barreto, tendo o "Instituto" se feito representar nas exequias pelo sócio Naasson Figueredo. O sr. Oscar Brandão disse achar justas as homenagens á memoria dos desaparecidos. Quanto ao Cardeal Arcoverde, lamenta que tendo o govêrno federal e o govêrno do Estado decretado luto, não haja o clero pernambucano feito ainda qualquer manifestação de pesar, pois além de tratar-se do cardeal brasileiro, era este filho de Pernambuco. O Sr. Samuel Campelo apoiou as palavras do Sr. Oscar Brandão. O Sr. Oton Bezerra de Melo, porém, opinou que ao "Instituto" cabia apenas prestar homenagem á memoria do grande pernambucano, sem entrar em outras apreciações. O sr. Oscar Brandão disse justificar o seu voto. Que era o seu modo de ver pessoal, para o qual não pedia apoio. O sr. Santana Araujo propôs fosse a sessão encerrada em homenagem á memoria do Cardeal, dando-se, disse, conhecimento ao arcebispo do Rio de Janeiro, e registados votos

de pezar quanto ao desembargador Samuel Martins e Dacio Pais Barreto, o que foi aprovado unanimemente.

Artur da Silva Rego, Presidente; Mário Melo, 1.^o Secretário; Naasson Figueredo, 2.^o Secretário.

SESSÃO ORDINÁRIA DE 7 DE MAIO DE 1930

Em sessão ordinária, presidida pelo des. Silva Rego secretariado pelos srs. Mário Melo e Naasson Figueredo, reuniu-se este "Instituto" ás 17 horas de 7 de Maio, presentes os sócios srs. L. C. Cardoso Aires, Zeferino Lima, Samuel Campelo, Ambrosio Leite, Santana Araujo, Mário Coêlho Pinto e Neto Campelo, tendo justificado faltas Olimpio Costa Filho. Aprovada a áta da sessão anterior, o sr. 1.^o secretário deu conta do expediente: telegrama do presidente do "Instituto" histórico do Rio Grande do Norte, dando pezames pela morte do cardeal Arcoverde; officio do arcebispo de Olinda e Recife, agradecendo as manifestações de pezar do "Instituto" pelo mesmo motivo; carta do dr. Ladislau Cavalcanti, oferecendo ao "Instituto" a chave de prata dourada, insignia de gentil-homem da imperial camara, que pertencera ao seu tio-avô o Visconde de Suassuna. Foram registadas ainda as seguintes ofertas: pelo Sr. A. P. M. Magalhães grande número de selos-correio; pelo Sr. Oliveira e Melo 15 selos do Brasil, inclusive diversos comemorativos e um "ôlho de cabrito" de 30 rs. pelos respectivos editores: — Ibero americanismo archy", março de 1930; Geographical review, abril, 1930; L'universo janeiro a março, 1930 e Cosmogeoreologia philogenesica pelo Sr. Saturnino Fernandes. O sr. presidente declarou que a comissão nomeada compareceu ao embarque do Tesoureiro Sr. Oton Bezerra de Melo. Foi lida e, sem discussão unanimemente aprovada a seguinte proposta da mesa." O construtor José Antônio Camarinha, a quem foram incumbidos os trabalhos de remodelação do "Instituto", prestou ao mesmo, extra-contrato serviços de valor superior a 2:000\$000 (dois contos), comprovados pela comissão de contas. Assim propomos, de acôrdo com os estatutos, seja o mesmo eleito sócio benfeitor. Recife 7 de maio de 1930. — Silva Rego, presidente: Mário Melo, secretário perpetuo; Naasson Figueredo, 2.^o secretário O sr. Mário Melo disse que foi ver a planta das obras projetadas para a igreja da Madre de Deus e, infelizmente, notou que não se trata de simples restauração como diziam, porquan-

to há modificações a fazer. O sr. presidente disse que, no caso, é de prudência o "Instituto" aguardar o cumprimento das promessas feitas pelo sr. arcebispo e do apelo á Inspeção de monumentos. O sr. Samuel Campelo apresentou a seguinte indicação, que, ligeiramente discutida, foi por todos aprovada: "Telegramas da nossa imprensa, nestes últimos dias informaram ter o "Jornal do Brasil" se occupado do caso da demolição da torre Malakoff e censurado o "Instituto Archeologico" por não considerar aquele edificio de valor histórico. O conceituado órgão carioca não está bem ao par do que aqui se vem passando no "Instituto" acêrca da projetada demolição daquêle próprio federal. Aqui nunca se disse que a torre Malakoff não tem valor histórico. O que houve foi o seguinte: batendo-se o "Instituto" pela conservação da torre e como, a tal respeito, lhe fosse remetido um officio da Inspeção de Portos para responder a uma consulta do Sr. ministro da Viação, perguntando qual o fâto histórico que ocorrera em dita torre, foi respondido que ali não acontecera fâto algum histórico, propriamente dito, mas não seria essa a razão para se derrubar o referido edificio, conforme as razões estão expostas. O que o "Instituto" vem fazendo em prol da conservação da torre é muito facil de relatar. Muito antes dos jornalistas recifenses, citados pelo "Jornal do Brasil" como os únicos aos quais os poderes públicos tem atendido na conservação da torre, já o signalário destas linhas tinha feito o seu protesto neste "Instituto" com aprovação unanime, contra a falada demolição, por se tratar de um edificio característico e tradicional. E' histórico, todos sabem, não é só o edificio, ou local onde ocorreu um fâto guerreiro, político, de retumbancia pública etc. O que é tradicional não deixa de ser histórico. A torre Malakoff, além de construída em estilo interessante, está presa á tradição recifense por vir atravessando gerações, por ter o seu nome sido um batismo popular dos habitantes do Recife impressionados por um feito de guerra - embora estrangeiro - por ser um dos edificios mais expressivos da fisionomia da cidade, etc., etc. E todas essas razões se tem discutido nesta casa, foram levadas a imprensa - por outros, é verdade, mas também por nós - com elas nos apresentamos em comissão ao Sr. almirante Pinto da Luz, ministro da Marinha, a bordo do "Minas Gerais", quando esteve em nosso pôrto, e a quem anteriormente nos tinhamos dirigido por officio, bem como ao Sr. ministro da Viação, etc., etc. Já se vê, pois, que o "Instituto" tem

feito o que está a seu alcance para a conservação da torre Malakoff - o que não faria se ela não lhe merecesse atenção - e que o "Jornal do Brasil" foi mal informado, ao manifestar aquela opinião se é que os telegramas chegados até nós refletem bem o que disse o órgão carioca. Para que, entretanto, tais comentários não tomem maiores proporções e mais tarde se venha acusar o "Instituto" de mentiroso aos seus fins - como em outros semelhantes - proponho: Que a secretaria do "Instituto" se dirija á redação do "Jornal do Brasil!" explicando tudo o que entre nós se tem feito pela defesa da torre Malakoff - desde o nosso primeiro protesto - positivando datas, indicando as autoridades a que nos temos dirigido pessoalmente ou por officios, juntando publicações de jornais, e o mais que for possível para elucidar a ação do "Instituto". Que, em proximo número a compor de nossa revista, também todos os passos a respeito sejam registados. Sala das sessões do "Instituto" Arqueológico Histórico Pernambucano, em 7 de maio de 1930 - Samuel Campelo". O sr. Mário Melo comunicou o falecimento do dr. Eduardo Tavares a quem o govêrno do Estado incumbira dirigir as publicações dos inéditos de Alfredo de Carvalho, e do historiador dr. Afonso de Freitas, presidente do "Instituto histórico de São Paulo", e requereu fossem inseridos na ata os votos de pesar o que foi aprovado. E nada mais havendo a tratar-se foi encerrada a sessão.

Artur da Silva Rego, Presidente; Mário Mélo, 1.^o Secretário; Zeferino Lima, servindo 2.^o Secretário.

SESSÃO ORDINÁRIA DE 25 DE MAIO DE 1930

A's 17 horas de 25 de maio de 1930, reuniu-se este "Instituto" em sessão ordinária, sob a presidência do desembargador Silva Rego, presentes os sócios Srs. Mário Melo, Zeferino Lima, L. C. Cardoso Aires, Oscar Brandão, J. A. Corrêia de Araujo, Felipe Monteiro, M. J. Santana Araujo, Bezerra Leite, Jeronimo Gueirós, Samuel Campelo, Ambrosio Leite, Gervasio Fioravati, tendo justificado faltas N. Figueredo, Olimpio Costa Junior e Mário Coêlho Pinto. Aprovada a ata da sessão antecedente, o sr. 1.^o secretário acusou a oferta de dez sêlos do Brasil feita pelo Sr. Anísio Costa, de Escada, e a oferta da reprodução do jornal "O povo" de 1835, órgão do govêrno republicano do Piratini, agora republicado em volume pelo Mu-

seu "Julio de Castilhos". O Sr. 1.º secretário disse que, em obediência ao que foi votado na última reunião, remeteu ao "Jornal do Brasil" o seguinte: "O Instituto Arqueológico e a Torre Malakoff" — Tratando da projetada demolição da torre Malakoff, o "Jornal do Brasil", em sua edição de 2 do corrente, emitiu injustos conceitos sobre a atitude do "Instituto" em relação ao caso, negando-lhe até a prioridade do protesto e da iniciativa sobre sua conservação. Atendendo ao que foi unanimemente deliberado em sessão de 7 por proposta do dr. Samuel Campelo, levo ao velho órgão informações fidedignas, para restabelecimento da verdade. Começo pela transcrição de libelos: "Justiça seja feita, porém, às autoridades navais de Pernambuco. Quando se cogitou, pela primeira vez, de derrubar a torre Malakoff os jornalistas do Recife, com Anibal Fernandes e Gilberto Freire à frente, protestaram contra o atentado. Mostraram as razões pelas quais não se devia tocar no edifício, chamando a atenção para a significação histórica que ela tinha na bela capital pernambucana. O capitão do Porto do Recife, homem de consciência, oficiou ao "Instituto Arqueológico" solicitando informações, no sentido de saber que significação tinha a torre Malakoff na historia da cidade. Sabem o que respondeu o funcionário do "Instituto", encarregado de deslindar a questão? Respondeu que a torre Malakoff não tinha significação nenhuma para a historia de Pernambuco. Nem para a historia do Brasil. E que, portanto, podia ir ao chão... Só depois da abalizada resposta da casa mais autorizada a dar opinião sobre o assunto, é que o capitão do porto do Recife se dispoz a por ao chão a torre Malakoff. E assim salvaguardou a sua responsabilidade". A documentação com que instruirei estas linhas mostrará como os fatos se têm desenrolado de modo muito diverso. Primeiramente, o caso da torre Malakoff já vem de anos atrás. Consta da ata de 13 de Novembro de 1924 do "Instituto": "O dr. Samuel Campelo propoz, com aprovação unanime, um voto de louvor ao comandante Varela Quadro, comandante do Porto, por haver obtido a conservação da torre Malakoff, condenada á demolição. Fez ainda votos para que a Fiscalização das Obras do Porto advogasse o desejo do "Instituto" de conservar o forte do Brum". Estavamos todos transquilos sobre o sorte da torre Malakoff quando, em maio do ano passado um telegrama do Rio de Janeiro noticiou que se tinha novamente deliberado derrubar a torre. Imediatamente o "Instituto" tratou de ver se evitava o atentado e, na duvida sobre a autoridade que tinha jurisdic-

ção quanto ao edificio, dirigiu-se ao Sr. ministro da Viação e ao da Marinha, nos seguintes termos: "Recife, 22 de maio de 1929 - Exmo sr. ministro: Segundo telegramas procedentes dai e publicados nos jornais diários, vimos que está ameaçada de demolição a torre do Arsenal de Marinha desta capital. Trata-se duma torre característica, dum dos pontos mais elevados do velho Recife, na qual de há muito fora instalado o relógio que dá a hora legal da cidade. Não sabemos das razões de ordem técnica que teriam aconselhado a destruição desse edificio, mas acreditamos possa êle ser conservado de qualquer maneira, até porque não está fora do alinhamento da praça que domina. Este "Instituto" que, desde 1862, época da sua fundação vem cumprindo o seu programa de defender as tradições de Pernambuco; que se tem constituido em guarda das reliquias da nossa historia, veria com grande pesar a destruição da torre característica, tão tradicionalmente ligada á fisionomia da nossa cidade. Pede e implora que v. excia. se digne de mandar sustar a ordem de demolição e ao mesmo tempo solicite dos técnicos um meio de conserva-la. Aproveitamos o ensejo para apresentar a v. excia. os nossos protestos de consideração e estima - Desembargador Artur da Silva Rego, presidente". Para que tivesse a colaboração eficiente do governo do Estado no assunto, o Sr. presidente se dirigiu ainda ao inspetor de monumentos, na mesma data, nos seguintes termos: "Tenho a honra de comunicar a v. excia. que o "Instituto Arqueológico" tomando conhecimento da medida que visa á destruição da torre Malakoff, se dirigiu aos exmos. srs. ministros da Viação e da Marinha, fazendo-lhes um apêlo, em nome das nossas tradições, para que seja a mesma conservada. Sendo v. excia. a autoridade a quem o Estado incumbiu de oficialmente zelar as nossas tradições, solicita o "Instituto" seus bons officios, no sentido de amparar êsse monumento, cuja extinção não há motivo ponderante que justifique. Aproveito o ensejo para apresentar a v. excia. protestos de estima e consideração - Artur da Silva Rego presidente". Em officio de 11 de junho, o sr. ministro da Viação respondeu ao "Instituto" que, infelizmente já éra tarde para providenciar, porque se tratava de fato quasi consumado. O sr. ministro da Marinha nada respondeu. Pouco tempo depois, s. excia. embarcava para o norte. O "Instituto" mandou-lhe uma delegação composta do presidente, do deputado Oton Bezerra de Melo, do dr. Samuel Campelo e do secretário perpétuo, para tratar da sorte da Malakoff. A comissão, marcada audiência, foi recebida a bordo do "Minas Gerais". Eis como o "Diário de Pernambuco" no-

ticiou o que se passara: "Recebido imediatamente pelo Sr. ministro da Marinha, o sr. desembargador Silva Rego apresentou a s. excia. os cumprimentos do "Instituto" e, referindo-se ao pedido que lhe fora feito em officio, disse que o sodalicio tinha o maior empenho na conservação da Torre Malakoff, que, embora não ligada a fatos históricos, é, contudo edificio característico e tradicional. O Sr. ministro disse que havia recebido o officio do "Instituto" nas vespéras da partida para o norte e por isso nada respondera, pois, queria estudar o assunto *in loco*. Que aqui chegando lhe tratara sobre o assunto o dr. Estacio Coimbra, manifestando, igualmente, como bom pernambucano que, se fora governador ao tempo da abertura das avenidas, teria empregado todos os esforços em favor da conservação da igreja do Corpo Santo. Que já tivera oportunidade de ir à torre onde se acha instalada a Capitania do Pôrto, admirara a sua construção e se certificara de que não há necessidade de sua demolição, especialmente por exigência do trafego, visto que ela domina uma praça onde este aliás não é intenso; que dera instruções ao capitão do pôrto para manter o "statu quo", até o seu regresso ao Rio de Janeiro, quando se entenderia com o seu colega da Viação, de quem é amigo pessoal, e acreditava ser possível uma solução a contento dos pernambucanos." Por esse tempo ("Diário de Pernambuco" de 4 de Agosto de 1929) o signatário deste publicou um estudo histórico sobre a torre Malakoff, no qual restabeleceu a origem do nome, fixou a data da sua construção e desfez lendas criadas em torno do edificio. O Engenheiro Chefe da Fiscalização das Obras do Pôrto - o engenheiro chefe e não o capitão do pôrto - officiou então ao "Instituto" perguntando: "1.º — O primitivo destino do prédio e data da sua construção; 2.º — Si houve algum fato histórico ligado á referida obra e qual tenha sido elle". Eis a resposta do "Instituto", pela qual se evidencia o seu interesse na conservação do edificio, para o que não podia ligá-lo a fatos históricos que só irresponsaveis conhecem: "Recife, 6 de agosto de 1929. Exmo. Sr. Dr. M. A. de Moraes Rego, m. d. engenheiro chefe da Fiscalização do Pôrto do Recife:— Respondo ao vosso officio n.º 436 de 2 do corrente, sobre a torre Malakoff. 1.º — A torre é parte integrante do Arsenal de Marinha desta capital e foi terminada a sua construção em 1855. II.º — Não conhecemos fato de importância histórica ligado á torre Malakoff. Conforme estudo recente que leu no "Instituto" o dr. Mário Melo seu secretario perpétuo, desfazendo a lenda de ter

sido o nome Malakoff originário do relógio que nela existe ou do relojoeiro que o colocara, essa denominação foi dada pelo povo, por analogia, em virtude da resistência empolgante da torre Malakoff de Sebastopol, na guerra da Criméa, ao tempo da construção do Arsenal de Marinha. Permitti vos informe, também, que o "Instituto" vem pleiteando a conservação da torre Malakoff não por ser edificio propriamente histórico, mas pela feição característica dada á cidade pela sua imponência magestosa; pela severidade de suas linhas architectônicas e por não lhe parecer aconselhavel a destruição duma torre monumental, a caminho de um século de existência - torre que domina uma praça, de pouco movimento, aliás, e que podia e devia ser poupada. Retribuo os protestos de estima e apresento-vos os meus votos de consideração e respeito. - Artur da Silva Rego — presidente". Diante do exposto, farta e cronologicamente documentado, vê-se que o "Jornal do Brasil" aceitou como fidedignas informações de gente pouco escrupolosa, cujo fito era atacar sob cortinas a mais antiga sociedade histórica dos Estados, a qual sempre viveu cercada de consideração e respeito dos grandes vultos do país e de notabilidades do estrangeiro, e se apoia no apreço que lhe vota o povo pernambucano. - Mário Melo, secretário perpétuo do "Instituto Arquelógico Histórico e Geográfico Pernambucano". O Sr. Samuel Campelo lamentou que também não fosse transcrito o profesto do "Instituto", que motivou os officios do presidente aos ministros da Marinha e Viação afim de ficar provado que o "Instituto" antecedeu no protesto, aos jornalistas de que fala o "Jornal do Brasil". O Sr. Oscar Brandão tratou do desastre do "Laté 28", que vitimou, entre outros Siqueira Campos, a quem, disse, ninguem negará o titulo de grande brasileiro, e como tal, abstraindo o lado político que separa os brasileiros, propoz um voto de pesar, que foi aprovado. O sr. Bezerra Leite tratou do ato do Consêlho municipal dos Afogados d Ingazeira que mudou para outro o nome de Manuel Arão, anteriormente aposto a uma praça dali. Expôs os conceitos emitidos na imprensa pelo Sr. Mário Melo sôbre o assunto e lembrou a necessidade do "Instituto" se opôr, por todos os meios a essa indignidade. O Sr. Joronimo Gueiros disse que o Sr. Mário Melo tratára na Academia Pernambucana de Letras do assunto e esta resolvera sugerir ao Consêlho Municipal do Recife o nome de Manuel Arão para uma das ruas da capital - idéia que já está consubstanciada em projéto. Em discussão, a proposta do consocio Bezerra Leite foi unanimemente aprovada. O Sr. Cardoso Aires propoz

um voto de pesar pela morte do jurista e escritor Alfredo Pujol. Aprovado. O Sr. Santana Araujo comunicou que o "Instituto", se representara nas exéquias do Cardeal Arcoverde por uma comissão. O Sr. Samuel Campelo disse que o "Instituto" propoz fosse assinalado o local do Forte "Ernesto" onde hoje se levanta o Palacio da Justiça, e é tempo de ser colocada a placa. Pediu que fosse lembrada a solicitação do "Instituto" a quem de direito. Disse ainda que estando a reformar-se para a Bibliotheca Pública o prédio que servira de cadeia, propunha fosse aposta uma placa lembrando que dali penaram os republicanos de 1817 e de 1824, inclusive Frei Caneca. Aprovado unanimemente. O Sr. Oscar Brandão lembrou a passagem do Graf-Zeppelin", fato de importância para a vida de Pernambuco, especialmente por ser o primeiro ponto do territorio sul-americano em que amarrara. Propôs que fosse nomeada uma comissão para cumprimentar e felicitar ao Sr. Hugo Eckner, comandante da grande aeronave. O Sr. presidente designou o autor da proposta e mais os Srs. Bezerra Leite e Cardoso Aires. E nada mais havendo, foi encerrada a sessão.

Rodolfo Lima, Servindo de Presidente; Mário Melo, 1.º Secretário; Naasson Figueredo, 2.º Secretário.

SESSÃO ORDINÁRIA DE 4 DE JUNHO DE 1930

Sob a presidência do Sr. prof. Rodolfo Lima, com a presença dos consocios Mário Melo, Samuel Campelo, Olimpio Costa Junior, Felipe Monteiro, Conego Jeronimo Assunção, Santana Araujo e Ambrosio Leite reuniu-se este "Instituto" em sessão ordinária, ás 17 horas de 4 de junho de 1930. Ao expediente o Sr. secretário perpétuo acusou o seguinte officio do dr. Eurico de Matos, diretor das Obras Públicas, comunicando que encaminhara ao Sr. Secretário da Agricultura o pedido do "Instituto" de ser assinalado no palacio da Justiça o local em que existira o "Forte Ernesto"; carta do sr. Angelo Martins com remessa de vários sêlos do Brasil para a coleção filatélica; oferta do socio Felipe Monteiro de vários sêlos officiais do Brasil; idem de Naasson de Figueredo duma medalha de prata comemorativa da dirigibilidade do balão por Santos Dumont; idem do sócio Olimpio de Costa Junior de oito moedas de vários países; do Sr. Manuel Ferreira Bartolo de um requerimento em que Antônio Joaquim

de Melo pedia ao Juiz de paz da Boa Vista, José Inácio da Câmara atestasse o que houvera de anormal, no Recife, em 1831 e atestado deste, no verso, em como na noite de 11 de outubro daquele ano ocorrera uma tentativa de federação, e officio do Museu Nacional, nos seguintes termos: "Rio de Janeiro, 14 de maio de 1930. Ilmo. Sr. Dr. Mário Melo, secretário perpétuo do "Instituto Arqueológico Histórico de Pernambuco", acabo de receber do diretor do Museu a carta de v. s. de 5 do mês corrente, para informar. A peça n.º 8324 das nossas coleções e que traz como indicação de proveniência "Brasilseptentrional", mede cêrca de um metro de altura e assemelha-se bastante, quanto a forma geral, àquela de que v. s. nos remete fotografia; dela afasta-se muito, porém, quanto ao tipo de ornamentação. A ornamentação da sua peça cerâmica do Recife, que me parece obtida por impressão de dedo sobre uma tira roliça de barro, aplicada em tórno de pote - quanto posso julgar pela fotografia - embora se encontre em vários grupos indígenas, é prática amplamente exercida pelos índios Tupi. Quando ao local em que foi encontrada, devo informá-lo de que eu mesmo estudei ultimamente um cemitério Tupinambá, na areia, á margem do rio Iriri, ao fundo da Guanabara, no município de Magé. Em Guarujá, em Santos, também se achou uma urna com ossos na praia. Tratava-se igualmente de cerâmica dos Tupis da costa. Quanto ao fim a que destinava a peça, parece-me mais razoavel crer que fosse usada para guarda de bebidas, mas todos sabem que, em caso de necessidade, qualquer vaso servia para enterramentos. Aproveito a oportunidade para pedir-lhe a fineza de me enviar as seguintes informações: tem o "Instituto Arqueológico Pernambucano" cerâmica de Marajó? No caso afirmativo, quantas peças modeladas? Quantas gravadas ou pintadas? Muito agradecida por sua resposta, aqui fico ao seu dispor. Sandações. (a) Heloisa Alberto Torres, professora chefe em exercício". Sobre êste assunto falaram os Srs. Felipe Monteiro, Ambrosio Leite e Mário Melo, tendo o primeiro feito ver que desde o início manifestava tratar-se duma igassaba. O Sr. Rodolfo Lima, na presidência, comunicou o falecimento, na véspera do Sr. Alberto da Silva Rego, irmão do Sr. presidente, desembargador Silva Rego, e propoz fossem os trabalhos suspensos em sinal de solidariedade á dôr do distinto companheiro, que dirige os destinos do "Instituto". O Sr. Samuel Campelo comunicou que o "Instituto" se fez representar no enterro por uma comissão de que o orador fez parte.

O Sr. Santana Araujo propoz em aditamento á lembrança do prof. Rodolfo Lima fosse nomeada uma comissão para as exéquias do 7.º dia e para visitar o Sr. presidente o que foi aprovado, sendo designado os Srs. Rodolfo Lima, Santana Araujo, Olimpico da Costa Junior e Samuel Campelo, levantando-se a sessão em seguida.

Dr. Gervasio Fioravanti, 2.º vice-presidente; Mário Melo, 1.º Secretário; Naasson de Figuerêdo, 2.º Secretário.

SESSÃO ORDINÁRIA DE 18 DE JUNHO DE 1930

Sob a presidência do prof. Gervasio Fioravanti, secretariado pelos Srs. Mário Melo e Naasson Figueredo, reuniu-se este "Instituto" ás 17 horas de 18 de junho de 1930, presentes os socios Srs. L. C. Cardoso Aires, Oscar Brandão, Samuel Campelo, Santana Araujo, Mário Coêlho Pinto, Rodolfo Lima, José Antônio Camarinha, Zeferino Lima e João Aureliano Corrêia de Araujo, tendo justificado falta Olimpico Costa Junior. Aprobada a ata da sessão anterior, o sr. secretário perpétuo comunicou que o presidente efetivo, desembargador Silva Rego, estava doente e mandava pedir desculpas por não comparecer á sessão e agradecia a manifestação de solidariedade do "Instituto" por motivo da dôr que o enluta. O Sr. presidente designou os Srs. Mário Melo, Samuel Campelo e Cardoso Aires, para visitarem o desembargador Silva Rego. Estando presente o novo sócio José Antônio Camarinha, o presidente mandou ler o compromisso estatutário e deu-lhe posse, saudando-o em ligeiras palavras com as quais destacou os serviços do novo consocio prestados ao "Instituto" e o muito que dêle poderá ainda esperar. O Sr. José Antônio Camarinha agradeceu, dizendo não ser intellectual, mas com outras ordens de trabalhos muito poderia fazer ainda pelo "Instituto." Agradeceu ainda a coadjuvação dos que intercederam para a sua entrada no "Instituto". Continuando o expediente o Sr. secretário perpétuo leu uma carta do prefeito de Afogados da Ingazeira na qual êste explica que os afogadenses cultuam a memória de Manuel Arão, tanto assim que lhe deram o nome á rua em que nasceu, motivo por que o retiram da praça em que estava, a qual recebera a denominação de "Irmãos Pessoa de Queiroz". O Sr. presidente disse que o "Instituto" deve receber a explicação mas fazendo sentir áquella autoridade que seria preferivel ter deixado o nom de Manuel

Arão na praça que já o possuía, com o que todos concordaram. Deu conta ainda o Sr. secretário perpétuo das seguintes ofertas: pelo dr. Alberto Colares várias cédulas da Argentina, do Peru, do Chile e de Portugal; pelo Sr. Santana Araujo, uma cédula Portuguesa; pelos editores: L'Universo, publicação dell' Instituto geografico militar de Firenze, maio de 1930; "Revista do Instituto historico do Rio Grande do Sul, 1.º trimestre, 1930; "La Geographie, janeiro e fevereiro de 1930; "Vida capienada" maio de 1930; "Atlas das Mattas e campos do Brasil; "Mineral resources of Brasil, por Euzebio Paulo de Oliveira; "Boletim do Ministério da Agricultura fevereiro de 1930; "Distamar Boleam" junho de 1930; "Liga Mariana Brasileira", abril de 1930, "Revista del consejo Oceanografico Ibero-americano, ano I, n.º 1; e "Revista do Instituto historico Brasileiro, vols. 158 e 159. Foi lida e unanimemente aprovada a seguinte indicação suscrita pela diretoria: "Tendo o Sr. conde Francisco Matarazzo feito ao "Instituto" um donativo pecuniario que se enquadra no artigo 9 dos nossos Estatutos, propomos, de acordo com o paragrafo 1.º do aludido artigo, seja ao mesmo conferido o titulo de socio benemer a que tem direito. Recife, 18 de junho de 1930 - Artur da Silva Rego, presidente Mario Melo, 1.º secretário Perpétuo; Naasson Figueredo, 2.º secretário." O Sr. Mario Melo apresentou a seguinte indicação: "Segundo foi publicado no "Diário de Pernambuco" de 12 do corrente, o sr. M. Ribeiro verificou na vila de Carnaíba de Flôres, deste Estado, a existência duma necrópole que julga milenar. Em qualquer pais do mundo, descobertas como esta são logo estudadas convenientemente. Basta citar a Argentina, cujas investigações de Ameghino assombram o mundo científico. Não será impossível, embora o desprezo a que se relega a arqueologia entre nós, projetar alguma luz sobre o achado. Assim, indico que o Instituto se dirija ao govêrno do Estado, no sentido de enviar ao local um geólogo para determinar a idade das camadas que cobriam as sepulturas, acompanhado dum socio deste "Instituto", para investigar a importancia que o fato possa ter, do que se dará conhecimento minucioso ao Museu Nacional, para estudos definitivos, si o caso for julgado merecedor. Recife, 18/7/1930. Mario Melo". Discutida e aprovada, o presidente disse que se o govêrno, como espera, aceitar a sugestão, está naturalmente indicado para acompanhar as investigações, por parte do "Instituto", o Sr. Mario Melo. Disse ainda o Sr. presidente que estando

ultimadas as obras da reforma do edificio, a inauguração deverá ser feita a 2 de julho proximo, data festiva para a historia de Pernambuco. Designou o Sr. L. C. Cardoso Aires para orador da festa. E a proposito lembrou que se cogita, no Congresso Federal, de feriar o dia 2 de julho em homenagem aos feitos da Baía. Seria oportuno que a comemoração do 2 de julho abrangesse também a proclamação da "Confederação do Equador." O Sr. Samuel Campelo propoz que o "Instituto" se dirija, nesse sentido, ao presidente da Camara e bem assim renove a idéa antiga de ser corrigido o feriado do descobrimento do Brasil, que se celebra a 3 de maio quando ocorreu a 22 de Abril - Aprovado. O Sr. Mário Melo disse que o "Instituto" aprovou fosse pedido ao governo colocar-se no edificio que está sendo remodelado para a Bibliotheca Pública, uma inscrição de ter ali existido a Cadeia Velha onde foram presos republicanos de 1817 e de 1824. Apresentou os seguintes dizeres para a citada inscrição: "Neste edificio, construido em 1731, para cadeia pública e para sessão do senado da Camara, estiveram presos republicanos de 1817 e de 1824. Daqui sahio Frei Caneca para o patibulo, a 13 de janeiro de 1825 - Memória do Instituto Arqueológico." - Discutida e aprovada. O Sr. presidente lembrou o falecimento, nesta capital, com 101 anos de idade, do alfaiate José do Espirito Santo Silva, republicano histórico, que fez parte do primeiro diretório republicano havido em Pernambuco nos últimos anos da monarquia - Propoz fosse lançada em ata um voto de pesar. O Sr. Rodolfo Lima que também pertenceu ao diretório, secundou a proposta, contando traços da vida do saudoso companheiro. Aprovado. E nada mais havendo foram os trabalhos encerrados.

Des. Artur da Silva Rego, Presidente; Mário Melo, 1.º Secretário; Naasson de Figueredo, 2.º Secretário.

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DE 2 DE JULHO DE 1930

Solenizando a data aniversária da Confederação do Equador, realizou este "Instituto", ás 20 horas de 2 de Julho a sua primeira sessão pública, dêste ano, com que inaugurou as grandes reformas do seu edificio, e expôs as suas preciosas coleções. Desde que o "Instituto" abriu suas portas ás primeiras horas da noite, grande foi o número de famílias que iniciaram as visitas ao museu. E não será exagêro dizer que o "Instituto" foi visitado por mais de mil pessoas. As 20 ho-

ras, estando cheio o novo salão de conferências, teve início a sessão solene. Assumiu a presidência o Sr. desembargador Silva Rêgo, ladeado dos Srs. general Alberto Lavanere, comandante da região, major Antônio Rodrigues, representante do governador do Estado, dr. Afonso Batista, secretário da Fazenda, dr. Dantas Seve, representante do Prefeito, dr. Lito de Azevedo, chefe de polícia, dr. Luiz Delgado, representante do secretário da Justiça, oficiais da Fôrça Pública, etc. Em breves palavras, disse o Sr. presidente folgaram seus olhos de ver o brilho extraordinário de que se revestia a sessão. Felizmente o esforço ingente, a decidida e perseverante dedicação dum grupo assíduo de sócios, empenhados em assegurar o prestígio do velho sodalício e atrair para êle as simpatias e os favores públicos vão produzindo ótimos frutos. As dádivas para o museu, os donativos particulares embora ainda raros e o interêsse que vão despertando as sessões cívicas com que o "Instituto" procura cultivar as datas grandiosas da nossa história, servem a todos de alento, deixando antever futuro mais próspero. Declarou, portanto, inaugurados os melhoramentos e concedeu a palavra ao orador oficial. Subindo á tribuna, o dr. L. C. Cardoso Aires fez um estudo minucioso sôbre o sentimento da liberdade em Pernambuco, desde a revolução francesa, as idéias nesta bebidas e aquí derramadas por Arruda Câmara, a revolução de 1817, a reação contra Luiz do Rêgo e finalmente a Confederação do Equador, os seus fins, o seu malôgro. Terminou com uma eloquente invocação a Frei Caneca, o sonhador dêsse movimento republicano. Ao descer da tribuna, foi o dr. L. C. Cardoso Aires muito aplaudido. O Sr. presidente agradeceu, em seguida, o comparecimento das autoridades e de quantos foram levar ao "Instituto" a sua solidariedade, e encerrou a sessão. Do "Instituto" estiveram presentes os Srs. Desembargador Silva Rêgo, Mário Melo, Fernando Barroca, Raimundo Pais Barreto, Felipe Monteiro, Samuel Campelo, Jerônimo Gueiros, José de Barros Lima, Cardoso Aires, Rodolfo Lima, Mário Coêlho Pinto, Bezerra Leite, Gervásio Fioravanti, Santana Araújo, Oscar Brandão e Olímpio Costa Junior — Artur da Silva Rego, Presidente. Mário Melo, 1.º Secretário. Naasson Figueiredo, 2.º Secretário.

SESSÃO ORDINÁRIA DE 23 DE JULHO DE 1930

Sob a presidência do desembargador Silva Rêgo, secretariado pelos Srs. Mário Melo e Naasson Figuerêdo, reuniu-se ês-

te "Instituto" em sessão ordinária, ás 17 horas de 23 de Julho, presentes mais os sócios Srs. Rodolfo Lima, Jerônimo Dássunção, Felipe Monteiro, Bezerra Leite, Cardoso Aires, Metódio Maranhão, Oscar Brandão, Jerônimo Gueiros, Gervásio Fioravanti, Zeferino Lima e J. A. Corrêia de Araújo. Aprovada a ata da sessão anterior, o Sr. 1.º secretário deu conta do seguinte: carta do consócio Dr. Pedro Celso sôbre a possibilidade e meios do "Instituto" aumentar a sua coleção mumismática; carta do conde Matarazzo, de agradecimento pelo título de sócio benfeitor; carta do Sr. Zenon Leite, de agradecimento pelo título de sócio correspondente; e ofertas: pelo Dr. Flodoaldo Caliope a espada com que seu pai, o general Feliciano Caliope fez toda a campanha do Paraguai, de alferes a capitão; pelo Sr. Francisco Leão uma "envelope" duma carta procedente de Fernando de Noronha, a qual viajava a bordo do "Jaú", dali até Natal quando ainda não havia correio aéreo, e outra do primeiro serviço postal aéreo, de Pernambuco ao Rio de Janeiro; pelo Sr. Melquiades Medeiros uma velha mantegueira —cerâmica antiga— que pertenceu ao conego Rôchael, conceituado educador na Província de Pernambuco; pelo Sr. Renato Medeiros algumas amostras de minerais, colhidos na fazenda "Sabá", do município da Custódia, dêste Estado; pelo Sr. Manuel Júlio da Trindade, funcionário do Telégrafo Nacional, uma moeda de cobre de XX réis, 1746 e outra de 40 réis —aquela carimbada com o escudête de Portugal e esta com o carimbo do Ceará; pelo consócio Dr. Bezerra Leite, um livro de orações, impresso em Lisboa em 1798 e as seguintes moedas brasileiras: 1 dobrão de XX réis, 1775; idem de 20 réis, 1826; 1 idem de 20 réis, 1827; 1 idem de 40 réis, 1828; 1 idem de 20 réis, 1828; 1 idem de 20 réis, 1829; 1 idem de 80 réis, 1829; 1 idem de 40 réis, 1829; 1 idem de 10 réis, de 1829; 1 idem de 40 réis, 1879; 1 idem de 40 réis, 1908; 1 idem de 20 réis, 1908; 1 idem de 20 réis, em data inelegível, e ainda as seguintes moedas estrangeiras, 1 Sol da Sardenha, cunhado em 1704; 5 centavos da Itália, 1861; 5 escudos de Portugal, 1867; 10 céntimos de França, 1872; 1 penny de Inglaterra, 1875; 5 escudos de Portugal, 1875; 10 céntimos de Espanha, 1878; 20 réis de Portugal, 1882; 5 bani da Rumânia, 1882; 2 céntimos da Argentina, 1884; pelo Dr. Júlio Mesquita, 1.º secretário da Caixa Econômica do Estado, onze moedas de várias épocas; e pelo consócio Dr. Samuel Campelo, diversos selos e uma antiga espártula, com curiosa gravura. Pelos respectivos editores: "Revista do Instituto do Ceará", 1929-1930; "Revista do Ins-

tituto Histórico de São Paulo”, 1929; “Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo”, “Poliantéia”, “Boletim do Ministério da Agricultura”, março de 1930; “Boletim da União Pan-Americana”, junho-julho, 1930; Mitteilungen der Geographischen Gellschaft in Hamburg”, 1930; “Arquivo Histórico” da Baía, 1930; “Vida Capichaba”, junho de 1930; “Boletim de la Sociedade Mexicana”, ns. 5, 6, 7 e 12; “Recenseamento do Brasil”, vols. IV, 5.ª parte; “Estudo de Portos no Brasil”, por Fernando Viriato de Miranda Carvalho: “Boletim” do Ministerio da Agricultura”, abril de 1930. O Sr. cônego Jerônimo Dássunção comunicou a próxima chegada do Sr. tesoureiro Sr. Óton Bezerra de Melo, pelo “ARLANZA”, de volta da Europa, pelo que o Sr. Presidente designou para recebê-lo os sócios Srs. Santana Araújo, Rodolfo Lima e Cônego Jerônimo Dássunção. O sr. Mário Melo apresentou a seguinte indicação: “De vezes passadas lamentei não tivessem alguns governadores evitado saísem de Pernambuco coisas preciosas, como a Biblioteca de Alfredo de Carvalho. Está noticiado que o governador Estácio Coimbra foi pessoalmente ao leilão do Sr. Van Shøstem e adquiriu, para o Museu do Estado a organizar-se, objéto que julgou preciosos e que não deveriam sair de Pernambuco. Demonstra isso que o atual governador se reafirma legionário do tradicionalismo, do que dá o bom exemplo. E como seu ato, que não ha de ficar insulado, está de perfeito acôrdo com o programa do “Instituto”, indico fique assinalado na ata dos nossos trabalhos de hoje com um voto de congratulação”. Foi a mesma indicação unanimemente aprovada. O Sr. Naasson Figuerêdo leu uma informação do Dr. Antônio de Paula, sôbre o retrato a óleo do general Francisco Glicério, o qual pertencia aos funcionários da antiga Estrada de Ferro Central de Pernambuco, em reconhecimento a serviços por este prestados aos ferroviários. — retrato que se encontra atualmente na Inspecção das Estradas de Ferro, e que, pelo seu desejo, devia estar no “Instituto”. O Sr. Mário Melo disse que o “Instituto” já tentou recolher êsse retrato á sua penacotheca mas não lho cederam. Ainda o Sr. Mário Melo comunicou que o “Instituto” foi visitado na semana finda, pelas professoras e alunas do grupo escolar “Silva Jardim”, ás quais ministrou informações sôbre tudo o que possui o “Instituto”, e bem assim pelo Dr. Alberto Rêgo Lins, professor da Faculdade de Direito de Pôrto Alegre, e pelo Dr. Lúcio José dos Santos, historiador, e professor da Escola de Engenharia de Belo Horisonte, com o último dos quais visitou

os nossos lugares históricos. O Sr. Samuel Campelo comunicou que o consócio D. José Pereira Alves, bispo de Niterói, estava comemorando o 4.^o centenário do catequese do Ararigboia. Haja divergência, embora, sôbre se nasceu no Espirito-Santo ou no Rio de Janeiro, Ararigboia teve papel importante na história do Brasil. Requereu, o que foi aprovado sem discussão, felicitasse o "Instituto" o bispo D. José pela iniciativa da comemoração. O Sr. Mário Melo leu a seguinte informação: "Repetidamente tem-se acusado o nosso "Instituto" de haver fundido canhões de bronze, da guerra holandesa, para placas memorativas de fatos históricos. Conquanto já tenha rebatido a acusação pela imprensa, tantas vezes quantas tem ela surgido, quero deixar na ata dos trabalhos de hoje uma explicação, para que os nossos sucessores tenham elemento de defesa, si de futuro repelirem a acusação. Demolidos os arcos da Conceição e de Santo Antônio e substituída a ponte do Recife, então conhecida como "7 de Setembro", o "Instituto" pediu ao governador do Estado desse a nova ponte o nome de Maurício de Nassau e pediu ao diretor das Obras Públicas colocasse nos cabeços da ponte inscrições de bronze com dizeres que enviou. Ambos os pedidos foram satisfeitos, mas o diretor das Obras Públicas comunicou ao "Instituto" que não havia bronze no mercado para fazer as inscrições. Estávamos, então, no período agudo da grande guerra européia e isso explica plenamente a escassez de bronze, entre nós. Nesse ínterim, o govêrno federal ordenou que o general Joaquim Inácio, nosso sócio e comandante da Região Militar, vendesse como "ferro velho", todo o bronze existente nas fortalezas. A ordem foi cumprida. Depois de satisfeitas todas as formalidades da entrega, o general Joaquim Inácio, um dos sócios a quem o "Instituto" deve maior soma de serviços, pediu ao comprador cedesse o bronze para a fundição das placas a serem apostas nos cabeços da ponte Maurício de Nassau. E o comprador atendeu, deixando-o na fortaleza do BRUM, de onde o retirou o dr. Odilon de Sousa Leão, para as oficinas do Saneamento, que então dirigia. O canhão que se transformou nas placas nunca esteve no "Instituto". Para o "Instituto" veio, nessa ocasião e aqui se encontra, procedente da fortaleza do BRUM, um obuzeiro de bronze, tipo que o "Instituto" não possuía, porque em matéria de canhão holandês, da guerra de 1630-1654, temos a mais rica peça que poderia ostentar um museu brasileiro. É preciso convir ainda que do bronze vendido pelo govêrno da União só teve aplicação útil no Brasil o que se transformou nas placas da ponte Maurício de Nassau, em memória dos

feitos históricos — Mário Melo”. O Sr. Naassou Figuerêdo comunicou se encontrar em terras do Jequiá um canhão que possivelmente teria pertencido ao forte dos Afogados. Propoz procurasse o “Instituto” meios de reconhecê-lo. O Sr. Presidente para tal fim, nomeou os sócios Mário Melo, Zefirino Lima e N. Figuerêdo. E nada mais havendo a tratar-se encerrou o trabalho. Rodolfo Lima, Servindo de Presidente. Mário Melo, 1.º Secretário. Naasson de Figuerêdo, 2.º Secretário.

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE 6 DE AGÓSTO DE 1930

Em sessão ordinária, às 17 horas de 6 de Agosto de 1930, reuniu-se êste “Instituto” sob a presidência do prof. Gervásio Fioravanti, secretariado pelos Srs. Mário Melo e Zefirino Lima, presentes os sócios Srs. Cônego Jerônimo Dás-sunção, Jerônimo Gueiros, Rodolfo Lima, Mário Coêlho Pinto, Santana Araújo, Samuel Campelo, L. C. Cardoso Aires, Ambrósio Leite, justificando falta o tesoureiro Óton Bezerra de Melo. O Sr. 1.º Secretário justificou não estar redigida a ata da sessão anterior, por haver falecido o pai do segundo secretário, que também por êsse motivo não pudera comparecer. E, ao expediente, acusou as ofertas seguintes: Um bala de pedra encontrada em terras da usina São João, no quilômetro 5 da linha da Great-Western, a 6 metros de profundidade e outra encontrada no lugar Veados ao pé da serra Dois Irmãos, Alagoas, ambas encontradas pelo Sr. Sérgio Figuerêdo e ofertadas por seu filho, o consócio Naasson Figuerêdo; a carta de nomeação de Barão de Vera Cruz, passada pelo Imperador em 1860, em favor do Dr. Manuel Joaquim Carneiro da Cunha, oferta do Sr. Eustáquio Carminondes; grande quantidade de selos do Brasil, oferta do Sr. Antônio Martins, côsul português em Natal e diversos selos do Brasil, oferta do Sr. Júlio de Mesquita: uma faca de ponta, de cabo de marfim com incrustações de ouro, oferta do Dr. Lito de Azevedo Filho; um peixe fóssil da serra do Araripe, oferta do Dr. Meira Lins; pelo Dr. Alfredo Costa uma antiga tela, pintura a óleo, do velho Carmo de Olinda, feita pela D. Delmira Cantanil da Costa, genitora do ofertante; pelo Sr. Malaquias da Rocha, quarenta fotografias de personagens históricas do Brasil e do estrangeiro; pelo pequeno Sófocles Brasil Barros, uma moeda espanhola e outra portuguesa de XX réis, esta cunhada em 1753; e pelo Sr. Melquiades Medeiros,

dez moedas nacionais de cobre inclusive uma de 40 réis, de 1822 e nove estrangeiras. O Sr. 1.º secretário perpétuo comunicou o falecimento da genitora do Sr. presidente efetivo desembargador Silva Rêgo, e ainda o da genitora do consócio Raimundo Pais Barreto e o pai do 2.º secretário Sr. N. Figuerêdo, e requereu um voto de solidariedade aos sócios golpeados o que todos aprovaram. O Sr. Presidente disse ser a presente reunião do "Instituto" a primeira depois da tragédia da "Confeitaria Glória", em que tombou o bravo Dr. João Pessoa, presidente da Paraíba, e entendia que o "Instituto" embora alheio ás lutas políticas, não podia deixar de manifestar a sua condenação ao crime e o seu pezar pelo desaparecimento do grande brasileiro. Sôbre o mesmo assunto falaram o Sr. cônego Jerônimo Dássunção, o prof. Jerônimo Gueiros e o dr. Cardoso Aires, todos enaltecendo a figura varonil do saudoso vilto. Foi aprovado, por unanimidade, o voto do Sr. presidente. O Sr. Samuel Campelo leu a seguinte indicação: O "Jornal Pequeno" publicou, ontem, a planta de remodelação da matriz da Soledade. A "PROVÍNCIA", de hoje, escrevendo sôbre o assunto, lamenta que se pretenda fazer naquela igreja um arremêdo de estilo gótico em completo desacôrdo, pois, com a época em que ela foi construída. O "Instituto" já se tem manifestado em casos semelhantes mas, apesar de seus pedidos e protestos, tais atentados são e continuam a ser feitos. Não é motivo para ensarilharmos as armas, porém. Vencidos e não convencidos, devemos voltar á arena. A matriz da Soledade está mesmo escrita em nossa história. Ali estiveram aquarteladas as forças legalistas de 1848, que combateram os rebeldes comandados por Nunes Machado e dali saiu a bala que vitimou, a 2 de Fevereiro de 1849, o grande tribuno pernambucano. O "Instituto" deve, mais uma vez, justificar a sua missão e promover, como possível, a conservação da fachada da matriz da Soledade, de acôrdo com a sua época". O Sr. Mário Melo traçou também o histórico da atual matriz da Soledade, que data do início do século XVIII, e disse que se o atual templo não tem mais proporções para os fiéis que se construa outro na freguesia, conservando, porém o antigo no seu estilo, mesmo porque a remodelação pouco adiantará quanto á área, visto que no local do que existe não tem para onde estender-se". O Sr. cônego Jerônimo Dássunção considerou judiciosas as ponderações do Sr. Secretário perpétuo, mas pediu licença para abster-se da votação. Submetida a votos, foi aprovada a indicação do consócio Samuel Campelo. O Sr. Mário Melo disse

ter verificado que estão descaracterizando por completo a capelinha da Boa-Viagem, também do início do Século XVIII. "Que não pedia mais a intervenção do "Instituto" porque já era tarde, apenas queria deixar consignado o seu protesto contra a onda destruidora dos nossos monumentos. Disse ainda ter encontrado, trazendo para o "Instituto", o "lavabo" da igreja da Boa Viagem, abandonado num montão de calça, na parte exterior". O Sr. presidente louvou, por isso, o ato do Sr. secretário perpétuo, e nada mais havendo foram encerrados os trabalhos. **Rodolfo Lima**, Servindo de Presidente. **Mário Melo**, 1.º Secretário. **Naasson Figuerêdo**, 2.º Secretário.

SESSÃO ORDINÁRIA DE 20 DE AGOSTO DE 1930

Sob a presidência do prof. Rodolfo Lima e continuada pelo prof. Gervásio Fioravanti reuniu-se este "Instituto" em sessão ordinária, às 17 horas de 20 de Agosto de 1930, presentes os sócios Srs. Mário Melo, Naasson Figuerêdo, cônego Jerônimo Dássunção, M. J. Santana Araújo, Ambrósio Leite, Bezerra Leite, Cardoso Aires, Oscar Brandão, Zefirino Lima, Jerônimo Gueiros, justificando faltas os consócios Olímpio Costa Junior, Metódio Maranhão e José Camarinha. Aprovadas as duas atas antecedentes o Sr. secretário perpétuo deu conta do expediente: O "Livro de tombo" do vínculo de N. S. do Paraíso e Hospital de São João de Deus, manuscrito e ilustrado com iluminuras, iniciado em 1689 — oferta do coronel Alfredo da Rosa Borges; "Boletim da Agricultura", Baía, janeiro e março, 1929; "Saturnino de Brito", dados para um estudo; "Vers la paix"; "As fontes da vida no Brasil"; "A organização nacional"; "O Problema nacional brasileiro", obras de Alberto Torres, oferta Heloisa Alberto Torres; "Boletim do Ministério da Agricultura", maio de 1930; "Exposição ibero-americana de Sevilha", relatório do Sr. Apolônio Peres; "Vida capichaba", junho de 1930; "Ibero-ameriknische archv"; "L'Universo", junho de 1930; Geographical review, junho de 1930; "Abhandlugen Lerausgegeben vom Naturwissenschaftlichen Verein zu Bremem". O Sr. Bezerra Leite declarou que si estivesse presente á última reunião teria votado, sem qualquer intuito político, todas as manifestações á memória do presidente João Pessoa, por-

que o considerava o mais puro dos nossos homens políticos. O Sr. Oscar Brandão disse fazer suas as palavras do consócio Bezerra Leite. O Sr. cônego Jerônimo Dássonção ofereceu uma nova pasta para os trabalhos da mesa, oferta que o Sr. presidente agradeceu, sobretudo por muito oportuna. O Sr. Samuel Campelo apresentou a seguinte indicação que foi unanimemente aprovada: "A 29 do corrente passa o bi-centenário do nascimento de Antônio Francisco Lisboa, conhecido como o ALEJADINHO, que foi o maior escultor brasileiro de seu tempo e deixou verdadeiras obras d'arte, principalmente nas igrejas de Minas Gerais, seu Estado natal, onde a data vai ser solenizada. O nosso "Instituto" deve congratular-se pelo acontecimento com o Instituto Histórico Mineiro e o presidente do Estado de Minas". O Sr. Mário Melo disse ter sido publicado, na REVISTA DA SEMANA, um estudo de Escragnolle Doria sobre a nossa torre Malakoff e a sua ligação á guerra da Criméa. Conquanto o autor não se tenha referido ao "Instituto Arqueológico", e atribua a outros todo o movimento em prol da continuação da nossa Torre Malakoff, vê com prazer, que a campanha de conservação dos nossos monumentos está sendo aplaudida por escritores de renome como Escragnolle e sente-se ufano por ver, que este, com o aludido estudo, reforça o trabalho que apresentou ha tempos ao "Instituto", mostrando que o nome de Malakoff não provinha de relojoeiro nem de relógios mas da guerra da Criméa." O Sr. Gervásio Fioravanti lembrou ser conveniente esclarecer o citado escritor sobre a atitude do "Instituto" em relação á Torre, desde que êle a desconhece porque a não cita. O Sr. Samuel Campelo disse que Escragnolle certamente se firmou em informações precárias, como anteriormente o JORNAL DO BRASIL, que chegou a acusar o "Instituto" de haver aconselhado a demolição da Torre, quando o movimento de defesa começou no "Instituto". Como Escragnolle não repetira a acusação não havia necessidade do "Instituto" dirigir-se oficialmente, podendo, entretanto fazê-lo qualquer sócio". O Sr. Mário Melo disse que seu intuito era simplesmente mostrar a repercussão que a nossa iniciativa está tendo fora de Pernambuco, aliás com o apóio da Inspeção de Monumento que, no caso não lhe tem faltado. E nada mais havendo a tratar-se foi encerrada a sessão. Artur da Silva Rêgo, Presidente. Mário Melo, 1.º Secretário. Naasson Figuerêdo, 2.º Secretário.

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE 3 DE SETEMBRO
DE 1930

As 17 horas de 3 de Setembro de 1930, reuniu-se este "Instituto" em sessão ordinária, sob a presidência do desembargador Silva Rêgo, secretariado pelos srs. Mário Melo e Nasson de Figuerêdo, presentes os sócios srs. Samuel Campelo, L. C. Cardoso Aires, Conego Jerônimo de Assunção, Mário Coelho Pinto, Antônio Vicente, Gervásio Fioravanti e Ambrosio de Barros Leite. Aprovada a ata da sessão anterior, o Sr. 1.º secretário deu conta do expediente: cartão do consócio Rodolfo Lima, apresentando excusas por ser forçado a faltar à sessão. Ofício do Ministério da Guerra n.º 1179 de 19-8-30 informando que atendêra ao pedido deste "Instituto", constante de of. de 17 de Julho sôbre medalhas; ofício do secretário da Agricultura, n.º 359 de 20 de Agosto, comunicando que o Governador do Estado atendeu ao pedido deste "Instituto" sôbre placas comemorativas nos edifícios do Palácio da Justiça e do antigo Forum; carta do sr. Miguel Brescia Consul de Uruguai acompanhada de uma medalha de Bronze, nos seguintes termos: "O consul da Republica do Uruguai, M. Brescia — saúda com a mais distinta consideração ao Sr. secretário perpétuo do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano dr. Mário Melo, e, em nome da comissão nacional do centenário de Uruguai que preside o dr. Baltazar Brum, tem o agrado de obsequiar a esse Instituto com uma medalha comemorativa do centenário da constituição uruguaia, das especialmente destinadas aos embaixadores que assistiram às festas realizadas com aquêle motivo, em Mantevideu". Ofertas: pelo sr. Alfredo da Rocha Borges, a mesinha de ferro que existia no alpendre da Casa Grande do Engenho Massangana e em a qual costumava servir-se de café Joaquim Nabuco ao tempo de sua infancia; pelo consócio Mário Melo, a patente de tenente-coronel da Guarda Nacional, passada pelo Imperador em 1859, em favor do avô paterno do ofertante, o sr. Urbano José de Melo; por um anônimo, curisso calendário móvel em alumínio; pelos editores, os seguintes trabalhos: "Documentos Históricos", volumes XVI, XVII, XVIII e XIV; "Relatórios" do Diretor da Bibliotéca Nacional, dr. Mário Bering, de 1929-1930; "Legislação sôbre o uso da energia hidrulica" pelo dr. Eusebio Paulo de Oliveira; "L' Universo", Agosto de 1930; "Estudos geológicos na chapada diamantina" por Horacio Williams; "A geología do petroleo no Estado de São Paulo", por Luís Flores de Mo-

rais Rego e "Provincia magnética de Roroimã", por Djalma Guimarães. Findo o expediente, o sr. Mário Melo comunicou estar anunciada para o proximo dia 7 do corrente, a inauguração official do Museu de Pernambuco, e a este respeito disse: "A criação do Museu do Estado foi uma "delenga carthago" do Instituto, durante anos a fio, bastante para comprová-lo a leitura dos relatórios anuais. Felizmente o Sr. Estácio Coimbra trouxe para o seu programa de govêrno dotar Pernambuco de um museu. Que tem divergido de público de alguns pontos da orientação dada á Inspeçtoria de Monumentos, á qual será o Museu anexado, mas isso não afeta o beneficio que vai representar o Museu para a nossa cultura. Requer seja consignado na ata a alegria com que o "Instituto" vê concretizada a antiga aspiração por que tanto se bateu". O sr. Gervásio Fioravanti disse que a proposta não ficaria completa sem que se desse conhecimento do voto ao govêrno. E não havendo impugnação foi aprovada. O sr. Samuel Campelo lembrou a presença, no Recife, da Sra. D. Flóra de Oliveira Lima, viúva do saudoso consócio Oliveira Lima, de quem foi colaboradora e cuja memória continua a zelar na propaganda intelectual do Brasil na America do Norte. Que o "Instituto" mandasse cumprimentá-la e que fizesse em sua honra, uma sessão especial. Sôbre o assunto falaram ainda os consócios Gervásio Fioravanti, Conego Jerónimo de Assunção, Naasson Figuerêdo e L. C. Cardoso Aires, todos favoráveis á lembrança, mas divergentes quanto á recepção ser exclusiva do "Instituto". O sr. presidente disse que o "Instituto" ainda não havia designado uma comissão, por ser a presente a primeira reunião do "Instituto" depois da chegada da illustre patricia. Nomeava, portanto, para cumprimentá-la os consócios Samuel Campelo, Mário Melo, Naasson Figuerêdo e Conego Jerónimo de Assunção. Ainda o sr. Mário Melo apresentou o nome de D. Flóra de Oliveira Lima para sócia correspondente do "Instituto". O sr. Antônio Vicente disse que o valôr intelectual e moral de D. Flóra exigia que fosse convertida em aclamação a proposta. Acolhida com palmas, o Sr. presidente considerou eleita D. Flóra de Oliveira Lima. O sr. Ambrosio Leite comunicou o falecimento do sócio correspondente padre Carlos Teschauer, autor de muitas dezenas de obras sôbre o Brasil, verdadeiro sábio, e requereu fosse encerrada a sessão com um voto de profundo pesar. — Artur da Silva Rego — Presidente. — Mário Melo — 1.º Secretário Perpétuo. — Naasson de Figuerêdo — 2.º Secretário.

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DE 17 DE
SETEMBRO DE 1930

Às 20 horas de 17 de Setembro de 1930, reuniu-se — digo — realizou este "Instituto" uma sessão extraordinária, em homenagem á D. Flóra Lima, excelsa companheira do grande brasileiro Oliveira Lima. Ocupou a cadeira da presidência, o desembargador Silva Rego, tendo á sua direita D. Flóra de Oliveira Lima e Dr. Julio Pires, e á esquerda o Sr. Gilberto Freire, pelo Governador do Estado, o Dr. Carneiro Leão, Secretário da Justiça, o Sr. Mário Pessoa, pelo Prefeito e o Sr. Alfredo Ramos, pelo Chefe de Polícia. O Sr. Presidente tendo pronunciado um ligeiro discurso alusivo á homenagem do "Instituto" á ilustre brasileira, concedeu a palavra ao orador oficial dr. L. C. Cardoso Alres. Este pronunciou extenso e formoso discurso, repassado de conceitos filosóficos, em o qual estudou a passagem de Oliveira Lima pela vida, o seu acendrado amor ao torrão natal, a finalidade da instituição da Bibliotéca ibero-americana em Washington e o papel que D. Flóra representou junto ao grande brasileiro. Falou depois o dr. Mário Melo, pela Academia Pernambucana de Letras. Foi sóbrio o seu discuso, no correr do qual tratou da alegria com que Oliveira Lima — renunciante, na ocasião de sua cadeira da Academia Brasileira de Letras devido á má applicação da herança do livreiro Alves — aceitára sua eleição para a de Pernambuco e da colaboração que D. Flóra prestára no discurso com que o mesmo se impossou; transcreveu períodos de Estanilau Zeballos sobre o carater de D. Flóra e dsecreveu o modo de trabalhar de Oliveira Lima auxiliado pela sua distinta companheira. Em seguida pediu a palavra D. Flóra Lima que, comovida, leu um expressivo discurso de agradecimento. Falou com carinho da homenagem do "Instituto", a que se julgou pequena de mais para merecê-la. Evocou, com repassada saudade, a memória de Oliveira Lima e terminou dizendo: Se tivesse ouvido dêle, como eu ouvi, no momento de desalento nos ultimos dias a exclamação — "Ah! não tornarei a ver minha terra..." — vos convencerieis do grande afeto que êle nutria por Pernambuco. Em Pernambuco este "Instituto" representava o seu HOME intelectual. Nenhum título de sócio de instituição estrangeira — e o número não foi pequeno — lhe era mais caro do que o de membro deste "Instituto". Falou ainda o Sr. A. Carneiro da Silva, em nome da mocidade pernambucana. Por fim, o Sr. Presidente encerrou a sessão agradecendo á familia pernambu-

cana o seu apoio ao "Instituto" na homenagem prestada á D. Flóra Lima. Do "Instituto" estiveram presentes: Desembargador Silva Rego, Dr. Correia da Silva, prof. Gervásio Fioravanti, Jerónimo Gueiros, Mário Melo, Oscar Brandão, Samuel Campelo, N. Figuerêdo, Santana Araujo, Cardoso Aires, A. Carneiro Leão, J. Barros Lima, Antônio Vicente e J. A. Correia de Araujo. — Artur da Silva Rego — Presidente — Mário Melo — 1.º Secretário Perpétuo. — Naassou Figuerêdo — 2.º Secretário.

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE 27 DE SETEMBRO
DE 1930

Em sessão ordinária, ás 17 horas de 27 de Setembro de 1930, reuniu-se este "Instituto" sob a presidência do desembargador Silva Rego, secretariado pelos consócios Mário Melo e Naasson Figuerêdo, presentes os sócios Srs. Gervásio Fioravanti, Oscar Brandão, Samuel Campelo e Cardoso Aires. Abrindo os trabalhos, o Sr. presidente declarou ser a primeira vez que o "Instituto" se reunia depois da morte do consócio senador Correia de Brito, a quem tantos serviços deve a companhia. Traçou os fatos principais da vida pública do associado desaparecido, disse que o "Instituto" se fizera representar nas cerimônias fúnebres e hastear a bandeira em funeral. Propoz, portanto, fosse a sessão suspensa, com um voto de pezar, em homenagem á memoria do saudoso companheiro, o que foi unanimemente aprovado, levantando-se, em seguida, os trabalhos. — Artur da Silva Rego — Presidente. — Mário Melo — 1.º Secretário Perpétuo. — Naasson Figuerêdo — 2.º Secretário.

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE 15 DE OUTUBRO
DE 1930

Em sessão ordinária, ás 17 horas de 15 de Outubro de 1930, reuniu-se este "Instituto" sob a presidência do prof. Gervásio Fioravanti, secretariado pelos srs. Mário Melo e L. C. Cardoso Aires, presentes os sócios cônego Jerónimo de Assumpção, Samuel Campelo, Bezerra Leite, Carlos Pereira da Costa, J. Santana Araujo, e Zeferino Lima. Foi justificada a falta do

consócio Naasson Figuerêdo, motivo por que não foi lida a ata da sessão anterior. Na hora do experiênte o sr. 1.º Secretário relacionou as seguintes ofertas: "Revista del Museu de La Plata", tomo XXXII: "Boletins 47, 49 e 50 do serviço geológico e mineralógico do Brasil", e mais as publicações da mesma repartição: "Geologia Histórica do Brasil", "Estudos sobre as descargas dos rios brasileiros", "Minerios de ferro e Instituto Siderurgica", "Estradas de ferro eletrificadas do Brasil". Pelo sr. Anibal Falcão Lima, Tabelião público em Maceió, um exemplar do decreto de 5 de Agôsto de 1814, em que o principe regênte dá o perdão geral a todos os desertores militares do Brasil, e mais quatro alvarás: a) alvará de 24 de Setembro de 1814, em que concede ao filho recém-nascido da princeza D. Maria Teresa e infante de Espanha d. Pedro Carlos (aquele, filho, e este, sobrinho e genro do principe d. João) as regalias de principe do Reino Unido de Portugal e Brasil; b) alvará de 5 de Maio de 1814 sobre o pagamento de cinzas; c) alvará de 12 de Janeiro de 1811, pelo qual o principe faz mercê do tratamento de senhoria aos ocupantes de lugares de chanceleres da Casa de Suplicação, da Casa do Pôrto e da Relação; d) alvará de 9 de Dezembro de 1811, em que concede ao individuo privilegio de cobrar executivamente as suas devidas, como se fossem dividas fiscaes. Carta patente do capitão da Companhia de Porte-Terço de Infanteria auxiliar de Olinda-passada a Manuel José Martins, em 1796 pela rainha d. Maria, oferta do desembargador Luis Salazar da Veiga Pessoa, neto do agraciado. Um fragmento de marmore da Acropele de Atenas, oferta do Sr. Araujo Filho. E as seguintes medalhas militares, obtidas no Ministério da Guerra por intermédio do consócio benemerito Dr. Pedro Celso: Medalha Militar do Uruguai, da campanha contra o Paraguai, prêsa a fita encarnada, com o sol de oiro; idem, idem com o sol de prata; idem idem com o sol de cobre; medalha militar da Argentina, da campanha contra o Paraguai, exemplar de cobre; idem exemplar de prata; Medalha militar brasileira, da campanha do Uruguai (1852), exemplar de zinco e antimônio; Medalha Argentina do combate de Corrientes (1865) exemplar de bronze; Medalha brasileira da campanha do Uruguai (1865), exemplar de bronze; Medalha da Argentina do Combate de Yatay, (1865), exemplar de bronze; Medalha bra-

sileira da rendição Uruguaiana (1865); exemplar de zinco e antimônio, com o respectivo diploma; Medalha brasileira de recompensa e bravura "Ao merito" 1868, exemplar de bronze; medalha brasileira da terminação da guerra do Paraguai (1870), exemplar de bronze com o respectivo diploma. (Estas medalhas, em forma de cruz, foram feitas de bronze dos canhões paraguaios tomados na guerra). Um passador de ouro maciço, com estrelas ao centro, para medalha geral da guerra contra o Paraguai, de uso dos oficiais generais; idem, de prata, para oficiais até capitão; idem, de cobre, para praças; cinco passadores de prata e zinco e cobre, números 1, 2, 3, 4, e 5, aquêles para oficiais estes para praças. (Cada número desses passadores correspondia ao tempo que o agraciado tivera na campanha). Ainda, pelo Sr. C. Pereira da Costa, uma moeda de prata de 640 réis, de 1824; e por um amigo do "Instituto" várias moedas da França, da Argentina, da Espanha, da Inglaterra, de Portugal, da Italia, do Paraguai, da Alemanha, dos Estados Unidos da America, de Cuba e do Brasil. Findo o expediente, o prof. Gervásio Fioravanti justificou a seguinte proposta: "O Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico pernambucano continúa guardando as tradições gloriosas de sua terra. No agitado momento por que passa a Patria brasileira, êle deposita sua confiança nos destinos de Pernambuco e de todos os seus irmãos dos Estados do norte. Confiante, por completo, no espirito construtor do govêrno revolucionário, cujas consoladoras promessas e reinvidicações fazem o apanagio do heroe cidadão-soldado, resolve, com os sócios presentes, por-se de pé, num minuto de silêncio, em homenagem aos mortos da Revolução e assegura com sua solidariedade ao govêrno provisório a continuidade histórica combativa das tradições pernambucanas." Essa proposta foi acolhida com palmas, levantando-se todos os sócios. E por indicação do Sr. Bezerra Leite, subscreveram-na todos os presentes. O Sr. Mário Melo disse que o "Instituto" de ha muitos anos vem se batendo contra a idéa de dar-se o nome de pessoas vivas a ruas, localidades, etc. Leu com satisfação que o govêrno revolucionário apoia os princípios defendidos pelo "Instituto", conforme a nota official publicada em todos os jornais: "O govêrno faz constar que proibe terminantemente se dêem a ruas, praças, logradouros públicos, grupos escolares, etc. do Estado, nomes de pessoas vivas, quaisquer que sejam os serviços pelas mesmas prestados á causa revolucionária. E' preciso aguardar a atuação dos que se puzeram á frente dos novos horizontes abertos pelo movimento de 4 de Outubro,

afim de julgar de seu atos". Propoz fosse a referida nota transcrita na ata com aplausos pela bôa doutrina que encerra, o que foi unanimemente aprovado. O Sr. Samuel Campelo propoz que o "Instituto", desde logo, nomeiasse uma comissão para colher dados sôbre o movimento revolucionário, afim de que se possa amanhã escrever a história escoimada de inverdades. Aprovada a proposta, o Sr. presidente designou os Srs. Samuel Campelo, Carlos Pereira da Costa e Mário Melo. O Sr. prof. Gervásio Fioravanti propoz um voto de louvor ao govêrno pelo acerto da designação do Sr. Mário Melo para inspetor de monumentos e Diretor do Museu do Estado, o que foi unanimemente aprovado. Sôbre esse assunto o Sr. Mário Melo disse que quando foi designado para essas funções, accitou com alegria porque seria um traço de união entre o "Instituto" e a Inspetoria de monumentos. Como várias vezes publicou, o Museu não podia estar divorciado do "Instituto". Estava autorizado no momento pelo secretário do Interior do govêrno provisório a dizer ao "Instituto" ser pensamento do govêrno entregar o Museu do Estado á guarda do "Instituto" extinguindo-se a verba orçamentária destinada a essa repartição com o que faria grande economia, e aumentando-se a subvenção do "Instituto" para que possa gratificar ao pessoal incumbido dos serviços acrescidos. Disse mais que fizera sentir a necessidade de um edificio maior ou da construção de um pavilhão no pateo do "Instituto". O que precisava no momento era saber se "Instituto" acolhia com agrado o pensamento do govêrno. Consultada a casa, essa se manifestou pela afirmativa, por unanimidade de votos. O Sr. presidente autorizou, portanto, o Sr. Secretário perpétuo e inspetor de Monumentos a abrir negociações com o govêrno sôbre o assunto, como representante do "Instituto". O Sr. Santana Araujo propoz um voto de pesar pela morte do general Lavenère Vanderlei. O Sr. presidente disse que, embora em sua proposta anterior tivessem sido prestadas homenagens a todos os mortos da revolução, votaria por esta, por se tratar de sócio do "Instituto", com o que todos concordaram. E nada mais havendo a tratar se foi encerrada a sessão. — Artur da Silva Rego — Presidente. — Mário Melo — 1.º Secretário. — Samuel Campelo — Servindo de 2.º Secretário.

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE 29 DE OUTUBRO
DE 1930

Em sessão ordinária, às 17 horas de 29 de Outubro de 1930, reuniu-se este "Instituto" sob a presidência do desembargador Silva Rego, presentes os sócios Srs. Mário Melo, Samuel Campelo, cônego Jerônimo de Assunção, Oscar Brandão, Jerônimo Gueiros, Santana Araujo, Ambrosio Leite, Gervásio Fioravanti, Cardoso Aires e Bezerra Leite. Justificaram faltas os consócios Rodolfo Lima e N. Figuerêdo. Aprovadas atas das sessões anteriores, o Sr. 1.º secretário deu conta do expediente: carta do presidente Antônio Carlos, de Minas Gerais, agradecendo a solidariedade deste "Instituto" às festas centenárias do Aleijadinho; officio do capitão Humberto Moura, datada de 20 de Outubro, nos seguintes termos: "Sr. Presidente do Instituto. Com o maior desvanecimento venho, em nome do general Juarez Tavora, agradecer a comunicação de haver esse "Instituto" votado uma honrosa moção de solidariedade e aplausos á sua ação revolucionária nos Estados do Norte. Esta apenas polarisa os impulsos da consciência civica de todos os brasileiros que aspiram por um regime que reintegre a nação nos verdadeiros moldes de uma republica constitucional. Ainda em nome do general Juarez Tavora, aproveito a oportunidade para felicitar essa illustre corporação pelo ensejo que se lhe depara, neste momento, de enriquecer o já opulento arquivo das heroicas tradições desta grande terra, com novos feitos que ainda mais vieram por em relevo a bravura congênita e a altivez nunca desmentida do povo pernambucano. — Humberto Moura, capitão, ajudante do general Tavora." Ofertas: pelo dr. Edmundo Jordão, uma "gargalheira" tomada pelos revolucionários á policia de Igarassú no dia 4 de Outubro — instrumento de suplicio ainda ali em uso; pelo dr. Samuel Campelo, uma medalha de prata que recebeu como 2.º tenente que foi do 13.º de atiradores por serviço prestado á revolução de 1911, um cartucho da revolução de 1911; jornais da época e revistas e um retrato em esmalte do general Dantas Barreto, usado pelos então revolucionários. O Sr. presidente declarou que, por motivo de molestia, faltára á última reunião, mas estava solidário com o que o "Instituto" aprovara. Iguais declarações fizeram os consócios Oscar Brandão e Ambrosio Leite. O consócio cônego Jerônimo de Assunção propoz, no que foi secundado pelo Sr. Santana Araujo, que o "Instituto" empregasse seus bons officios juntos ao Prefeito da capital para ser restaurada a rua "Oton Mendes", por tratar-se de um sócio distinto. O Sr. pre-

sidente disse que o "Instituto" tem como principio assentado não ser dado nome de pessoas vivas a ruas; que na ultima reunião, a que aliás não estivera presente, foi aprovado, por unanimidade, um voto de louvor ao govêrno por haver esposado esse principio. Estivesse embora em causa o nome de um dos sócios a quem o "Instituto" mais preza, o assunto não podia ser tomado em deliberação, com o que foi concorde a maioria. O Sr. Samuel Campelo tratou das ultimas alterações dos nomes de ruas. Disse reconhecer justa a homenagem a João Pessoa, mas se faz necessária outra homenagem ao Barão da Vitória. Não via razões para a mudança do nome bi-secular de João de Barros. Confia em que o atual Prefeito e o Conselho a constituir-se como de praxe, consultem o "Instituto" sempre que tiverem alterações a fazer; espera seja dado o nome do Barão da Vitória a outra rua e exprimiu o desejo de que não sejam mudados os nomes da praça Maciel Pinheiro e da praça Pinto Dámaso". O Sr. Mário Melo disse logo que o Prefeito tirou os nomes do Barão da Vitória e de João de Barros, o procurou pessoalmente, sendo acolhidas suas ponderações, em nome do "Instituto". Que estava autorizado, em nome do Prefeito, a declarar ao "Instituto" que ficará mantido o nome de João de Barros na Avenida que o possuia e será dado o nome do Barão da Vitória a outra rua da cidade. Adiantou mais que o Prefeito não prescindirá da colaboração do "Instituto" nas alterações que ainda tem a fazer — obediente ao principio de apagar das ruas os nomes de pessoas vivas e extinguir as duplicatas de nomes. Também o Sr. Zeferino Lima discorreu sôbre a impropriedade dos nomes de avenidas em certas ruas e estradas do Recife e apresentou a propósito uma indicação. O Sr. Mário Melo, porém, disse tratar-se de assunto técnico que escapa á competência do "Instituto", sendo preferivel uma consulta ao Clube de Engenharia, com o que concordou a maioria. O Sr. Oscar Brandão disse que a Revolução estava vitoriosa em todo o país. Propôs um voto de congratulações com o govêrno do Estado, com os generais que evitaram no Rio de Janeiro o deramamento de sangue, com o generalissimo do norte Juarez Tavora e com o grande pernambucano João Alberto, o que foi aprovado unanimemente. O Sr. Samuel Campelo disse que o "Instituto", na última reunião, aprovou fosse procurada a colheita de material para a história da revolução de 1930. Propunha ainda se elastecesse essa colheita quanto ao movimento de 1911, que foi o despertar do nosso civismo, quanto ao movimento de 1919, que nos deu as vitimas da Encruzilhada, quanto á reação republicana de 1921, quanto ao movimento autonomista de 1922 com Manuel Borba á frente e quanto ao levante de

Cleto Campelo em 1926. Que se solicitasse do Dr. Raul Azêdo cópia do seu trabalho "A queda do rosismo" de que publicou vários trechos no "Diário do Povo". E dando o bom exemplo, entregou o Sr. Samuel Campelo ao "Instituto" a documentação que guardava sobre 1911. Aprovado. O Sr. Cardoso Aires tratou da ação do revolucionário Djalma Dutra, tombado na luta, para cujo nome requereu uma homenagem. O Sr. Bezerra Leite disse, em aditamento, ser preciso ficar registado também o valor do glorioso Tiro 333, a quem se deve o início da revolução em Pernambuco. O Sr. Samuel Campelo lembrou o "Instituto" pedir para o seu museu o carro blindado da polícia que atacou os revolucionários na Soledade e por estes foi tomado, morrendo toda a guarnição. O Sr. Santana Araujo propôs votos de pesar pela morte do jurisconsulto José Xavier de Carvalho de Mendonça e do sócio honorário do "Instituto" Dr. Celso Florentino de Sousa, bem como o "Instituto" se associasse às exéquias das vítimas da revolução, a 4 de Novembro, o que foi unanimemente aprovado. O Sr. presidente lembrou a comemoração da Republica de Olinda a 10 de Novembro, e designou o consócio Ambrosio Leite para entender-se com o prefeito ali, sobre o programa, e o Sr. Oscar Brandão para orador oficial. E nada mais havendo foram encerrados os trabalhos. — **Gervásio Fioravanti** — 2.º Vice Presidente. — **Mário Melo** — 1.º Secretário Perpétuo. — **Zeferino Lima** — Servindo de 2.º Secretário.

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE 12 DE NOVEMBRO
DE 1930.

Em sessão ordinária, ás 17 horas de 12 de Novembro de 1930, reuniu-se este "Instituto" sob a presidência do prof. Gervásio Fioravanti, presentes os sócios Srs. Rodolfo Lima, Mário Melo, Samuel Campelo, Conego Jerónimo de Assunção, Oscar Brandão, Zeferino Lima, Santana Araujo, Ambrosio Leite e Jerónimo Gueiros. Foram justificadas as faltas dos consócios Desembargador Silva Rego, Naasson Figuerêdo e Oton Bezerra de Melo. Lida a ata da sessão anterior, sobre ela falaram o conejo Jerónimo de Assunção e os consócios Zeferino Lima e Oscar Brandão. O primeiro para retificar o fundamento de sua proposta quanto á manutenção da rua Oton Bezerra de Melo, por ter sido o terreno da mesma rua doado por este capitalista, que conta, além disso, com outro acervo de benemerencias á cidade. O segundo, por não ter sido consignada na ata a sua pro-



posta, sugerindo comemorasse o "Instituto", todos os anos, o 4 de Outubro. O terceiro, por ter sido omitida a transcrição do telegrama que o general Juarez Tavora transmitiu ao general Santa Cruz, sobre a entrega da Baía. O telegrama é do teor seguinte: "Aracajú, 24 — General Santa Cruz, bordo do "Comandante Capela", Baía. Urgente. — Fico ciente dos termos do seu despacho. Colocação, desde ha oito anos, em campo oposto áquele em que o Sr. General tem militado, não so unem quero ser, nesta hora decisiva dos destinos pátrios, juiz de sua passada ou presente conduta. Obedecendo aos impulsos de minha consciência e cumprindo o pacto de honra que jurei perante os meus irmãos do sul do Brasil, prosseguirei minha marcha para o sul até que dêles receba a quitação do juramento feito. O meu coração de patriota e de cristão folgará que nesta derradeira etapa do cumprimento do dever, a sua ponderação saiba evitar inutil deramamento de sangue irmão. A mim, pouco me importa que o Sr. general aceite ou regeite a intimação que hoje lhe fiz, aguardando ordens da junta de generais que acaba de assumir o govêrno da Republica. Dessa junta não receberei ordens enquanto ela não jurar obediência aos princípios básicos de democratização e moralização do regíme, pelos quais me venho batendo de comum acôrdo com os revoluconários civis e militares de todo o Brasil, apoiados pelos govêrnos do Rio Grande, de Minas Gerais e da Paraíba. Chegando a Salvador, pretendo organizar, em nome do povo, um govêrno provisório exercido por um civil idóneo, pois os militares que se revoltaram não o fizeram para ganhar posições e os militares que aderiram á ultima hora não são dignos de exercê-las — Saudações: General Juarez Tavora". Ao expediente, o Sr. 1.º secretario acusou duas ofertas: uma medalha de metal branco com a effigia de Saldanha Marinho e uma moeda de cobre de X réis, datada de 1774, ambas remetidas pelo Sr. Manuel Ferreira Bartholo. O Sr. Cardoso Aires comunicou que o "Instituto" esteve presente por muitos de seus sócios, á romaria civica de 10 de Novembro, ás ruínas do Senado da Camara de Olinda, onde falaram ao povo os sócios Oscar Brandão, Mário Melo e Cardoso Aires: — o primeiro designado oficialmente e os dos últimos aclamados pela assistência. O Sr. Mário Melo apresentou a seguinte proposta: "O Instituto Arqueológico vem desde o início da Republica pleiteando a reincorporação do territorio da antiga comarca do Rio São Francisco, entregue á Baía por Pedro 1.º, como castigo ao movimento republicano de 1824, a titulo provisório — castigo que não mais se justifica no atual regíme. O direito de Pernambuco tem sido largamente demonstrado em

estudos de Pereira da Costa, de Gonçalves Maia, de Ulisses Brandão e de Barbosa Lima Sobrinho. Esse direito já nos foi assegurado por um protesto judicial, perante o Supremo Tribunal de Justiça. O "Parecer" de Gondim Filho, em face da legislação brasileira e estrangeira sobre o caso, ainda desafia contestação, porque, por irrespondível, ninguém o discutiu. Agora que uma nova fase se inicia, com a Revolução, na vida do Brasil, é chegado o momento de o "Instituto" pleitear a volta desse território ao patrimônio de Pernambuco, território de superfície tão grande que ultrapassa a atual área do Estado. Assim, propomos que o "Instituto" se dirija ao Presidente Estado, pedindo-lhe seja ponto definido do seu programa, integrar Pernambuco no território que lhe pertencia em 1824 e de que se viu privado pela tentativa de implantar no Brasil a forma republicana federaliva. Recife, 12 de Novembro de 1930. — Mário Melo, Samuel Campelo, Jerônimo Geiros, Ambrosio Leite, Rodolfo Lima, Olimpio Costa Filho, Santana Araujo, cônego Jerônimo de Assunção, L. G. Cardoso Aires, Zeferino Lima, Gervásio Fioravanti". Posta em discussão a referida proposta, o Sr. presidente manifestou o seu ponto de vista favorável á oportunidade da reivindicação, uma vez que o governo revolucionário central ia cuidar da reforma da constituição federal. O cônego Jerônimo de Assunção lembrou fosse a mesma subscrita por todos sócios presentes, o que foi accito. Depois de sobre o assunto, falarem vários associados, foi a proposta aprovada por unanimidade. O Sr. Samuel Campelo tratou da torre Malakoff, que ainda continua sob ameaça de demolição, alvitando que o "Instituto" se dirija ao novo Ministro da Viação — aliás um nordestino — afim de que seja conservada a torre. O Sr. Jerônimo Geiros lembrou ser conveniente esperar a marcha dos acontecimentos porque talvez houvesse modificação de planos, sobre o que assentára o governo passado. Ficou deliberado que o "Instituto" continuaria a interessar-se pela manutenção da citada torre, aguardando o momento de intervir novamente. O Sr. Cardoso Aires lembrou aproveitar-se a boa vontade do Prefeito de Olinda, para renovar o pedido de cercar e ajardinar o ponto em que está a parede do velho senado de Olinda, o que foi unanimemente aprovado. O Sr. Samuel Campelo disse ter lido com pesar, que a Empresa de Viação do São Francisco, com séde em Joazeiro, apagara o nome de Saldanha Marinho, republicano de 1870, de um dos seus vapores. Propunha interferisse o "Instituto" junto á Empresa, para a restauração do nome desse grande pernambucano, o que foi aprovado. E nada mais

havendo a tratar, foi encerrada a sessão. — Rodolfo Lima — Servindo de Presidente. — Mário Melo — 1.º Secretário. — Naasson Figuerêdo — 2.º Secretário.

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE 26 DE NOVEMBRO
DE 1930.

Em sessão ordinária, às 17 horas de 26 de Novembro de 1930, reuniu-se este "Instituto" sob a presidência do professor Ger-vásio Fioravanti, secretariado pelos Srs. Mário Melo e Naasson Figuerêdo, presentes os sócios Srs. Samuel Campelo, M. J. Santana Araujo, Olímpio Costa Junior, L. C. Cardoso Aires, Jerónimo Gueiros, conégo Jerónimo de Assunção, Mário Coelho Pinto, Rodolfo Lima e Zeferino Lima. Aprovada a ata da sessão última, o Sr. Mário Coelho Pinto disse que se presente estivesse à sessão anterior, teria votado pela oportunidade da reincorporação da comarca do rio São Francisco, bem como pelas manifestações de apoio à Revolução. Ao expediente o Sr. 1.º secretário acusou as seguintes ofertas: pelo Sr. Pedro Luis Correia de Araujo, um retrato a óleo emoldurado de D. Gasparina Correia de Araujo — trabalho do pintor Franco de Sá; retrato emoldurado do diplomata Pedro Francisco Correia de Araujo; retrato emoldurado do cardeal Arcoverde, com dedicatória autógrafa ao conde Correia de Araujo; litografia do almirante Custódio José de Melo; curiosa grinalda feita de vegetais; album fotográfico do Rio de Janeiro em 1893; uma cuia de barro cosido — cerâmica indígena. Pelo Sr. Aimbire Leal, uma moeda de prata, suíça e outra portuguesa de níquel. Pelo Sr. Cel. Antônio Luis Cavalcanti de Albuquerque: a carta régia (cópia autenticada da época) em que el-rei D. José fez mercê a José Vaz Salgado Junior da propriedade do ofício de selador e feitor da Alfandega de Pernambuco (1766); o diploma de autenticidade de um fragmento do Santo Lenho, passado em Roma por D. Francisco Xavier, arcebispo de Larissenis, em 1790 (muito estragado); o documento de autenticidade de uma reliquia da "Virgem Maria", passado em 1712 por D. Lucas Antônio, bispo de Montes Altos. (Este diploma está bem conservado e é muito curioso por ter nas margens interessantes iluminuras); uma moeda portuguesa de cobre de V réis, datada de 1773, e outra de XX réis, de data ilegível. Pelo Sr. Edmar Lopes um fragmento da bandeira do Forte de Copacabana (Rio de Janeiro), cortada por Siqueira Campos em 29 pedaços — acompanhada a oferta de uma carta de autenticidade

do então sargento do 21.º Batalhão de Caçadores Julio Brune do Couto. Ainda acusou o Sr. 1.º secretário: "Frensh manuscripts relating to navigation naval combats privateers slave trad America, India, Australia"; "Boletim do Ministério da Agricultura, Agosto de 1930"; "Abhandlungen um Vostrage"; "Niederdeustche Zeitschrift fur Volkskunde"; "Geographical Review", outubro de 1930; "Revista do Instituto Histórico de Sergipe, 1929"; "Revista do Instituto Geográfico da Baía, 1930; "Arquivo Nacional", vol. XXVI; "Pelotas no centenário", 1922; "L' Universo", n.º 1.º, Outubro de 1930; "Ibero Amerikanisches archiv"; "A Revolução e os símbolos nacionais", de Clovis Ribeiro; e "Altos coqueiros". O professor Rodolfo Lima ofereceu uma velha candeia de cobre que pertencera ao arcebispo D. Luis de Brito — a candeia que alumiu esse ex-presidente do "Instituto", ao nascer, em São Bento de Pericles, no Maranhão. Antes, em torno da individualidade do saudoso morto e do objeto oferecido, falou o prof. Rodolfo Lma, enaltecendo o valor daquêle e estimando a este. O sr. Samuel Campelo disse estar informado por um amigo, que a classificação dos raios da Penitenciaria — conhecida por "Detenção" — não obedece á orientação geográfica, e lembrou intervir o "Instituto" para que cada raio corresponda aos pontos cardiais. O Sr. presidente pediu que o consócio procurasse se informar com segurança sobre a verdade, para que, orientado, possa agir o "Instituto". O Sr. Mário Melo disse que o Interventor Federal, em um dos seus últimos atos, vindo ao encontro aos princípios do "Instituto Arqueológico", deu ao mesmo uma situação de prestigio. Pediu fosse esse ato transcrito na integra, com os agradecimentos ao chefe do governo. E' do teor seguinte: "O Interventor Federal no Estado, tendo em vista o integral cumprimento de suas determinações no sentido de não consentir em homenagens a pessoas vivas, por parte dos poderes públicos ou do funcionalismo público, etc. e atendendo ainda a que deve presidir, na escolha de nomes para lugares, ruas, grupos escolares, logradouros públicos, etc. o critério de não ofender á tradição e de homenagear somente aquêles que, pelos seus meritos pessoais e serviços prestados ao país, realmente mereçam consagração; resolve determinar: a) que sejam retirados de todos departamentos da administração pública, quer do Estado, quer dos Municípios, os retratos porventura apostos, de pessoas vivas, sendo os mesmos entregues ao homenageado e aos que prestaram; b) que, toda vez que se tratar de pôr nomes em lugares, ruas, logradouros públicos, etc., seja ouvido sobre o assunto o "Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco", instituição digna de to-

do o acatamento e que ha longos anos vem dedicando os seus esforços em prol da conservação do nosso patrimônio histórico". Em discussão a proposta do consócio Mário Melo, foi unanimemente aprovada. Sobre o assunto — retratos de pessoas vivas — falou o Sr. Naasson Figuerêdo. Disse que o "Instituto" possui grande galeria histórica, mas nesta ha falta de alguns vultos das revoluções de 1710, 1817, 1821, 1824 e 1848; que o movimento de Outubro deste ano marcou, como aquêles, páginas de ouro na história do Brasil, e sobretudo na de Pernambuco, imprimindo também as suas figuras de relevo, para as quais tem o "Instituto", a par do seu programa o dever de acatá-las e desde logo identificá-las. Pensa que o "Instituto" não pode cumprir na integra esse decreto e deveria por em sua galeria retratos dos principais vultos do movimento, inclusive do atual Interventor — 4.º, pela orlem, dos governos revolucionários de Pernambuco. Falou o prof. Rodolfo Lima explicando que o decreto do Sr. Interventor se refere ás repartições públicas e, como tal, não o pode ser considerado o "Instituto". Que estava de acôrdo com o consócio Naasson Figuerêdo. O Sr. Cardoso Aires disse ser favoravel a qualquer movimento de simpatia ao atual Interventor, que foi o propulsor da Revolução em Pernambuco. Achava cêdo, porém, para a homenagem, que poderia ser mal interpretada. O Sr. Samuel Campelo disse não tratar-se de uma homenagem — coisa que o consócio Naasson de Figuerêdo havia alheiado — mas duma documentação histórica, e que seria até oportunidade do "Instituto" recolher agora retratos de alguns vultos que serão afastados das Repartições públicas. O Sr. Gervásio Fioravanti expressou-se votar contra a aposição, isoladamente, do retrato do Interventor de Pernambuco, como homenagem, diante do decreto recebido por todos com louvores; votava, porém, para que o "Instituto" complete sua galeria, quanto possivel, com os retratos de todos os vultos revolucionários de Pernambuco, inclusive do movimento de Outubro findo, porque, como foi lembrado na discussão, trata-se de documentação histórica. E de acôrdo com este parecer votaram todos, encerrando-se, a seguir, a sessão. — Dr. Gervásio Fioravanti — 2.º Vice Presidente. — Mário Melo — Secretário Perpétuo. — Naasson Figuerêdo — 2.º Secretário.

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DE 3 DE
DEZEMBRO DE 1930

Em sessão extraordinária, ás 17 horas de 3 de Dezembro de 1930, reuniu-se este "Instituto" presentes os sócios Srs.

desembargador Silva Rego, Mário Melo, Naasson Figuerêdo, Rodolfo Lima, Samuel Campelo, L. C. Cardoso Aires, Oscar Brandão, cônego Jerônimo de Assunção, M. J. Santana Araujo e Gervásio Fioravanti. Ao assumir a presidência, o desembargador Silva Rego disse que motivos ponderosos o obrigavam a apresentar sua renúncia do cargo de presidente. Pensou em fazê-lo por officio, mas por deferência aos seus compaheiros, o fazia pessoalmente. Para esses motivos ponderosos nenhum sócio concorreu, pois todos sabem que êles se prendem ao seu involuntário afastamento do Superior Tribunal de Justiça. Prêsa muito o "Instituto" e só deseja a sua prosperidade; e dos seus pares somente tem recebido considerações. Não pode no momento estar á frente do "Instituto". Convida por isto o Sr. vice presidente, prof. Gervásio Fioravanti, a assumir a presidência. Todos os sócios presentes se levantam e acompanham o presidente Silva Rego até a porta da rua onde ele os abraça, agradecendo a deferência. Assumindo a presidência, o Dr. Gervásio Fioravanti diz que o "Instituto" está de luto — pois a tanto corresponde a renúncia do Dr. Silva Rego, que, por dilatados anos a todos guiou com extrema assiduidade e verdadeiro zelo das tradições de Pernambuco, dentro de sua honrada modéstia. Que o "Instituto" não deve aceitar a renúncia. O Sr. Oscar Brandão diz que como sócios do "Instituto" devem todos lamentar o afastamento do desembargador Silva Rego que de todos muito merece. Vem á mesa e é lida a seguinte moção, por todos assinada: "O Instituto Arqueológico, tomando conhecimento da renúncia do seu preclaro presidente desembargador Artur da Silva Rego, resolve não a aceitar, renovar-lhes o seu afeto e reafirmar-lhe que continúa a merecer de todos os sócios a mesma confiança que lhe foi depositada — Recife 3 de Dezembro de 1930 — Mário Melo, Samuel Campelo, Oscar Brandão, Rodolfo Lima, Gervásio Fioravanti, Cardoso Aires, Naasson Figuerêdo, cônego Jerônimo de Assunção, M. J. Santana de Araujo". Passando-se ao expediente, o Sr. 1.º secretário lê o officio do Sr. Intervetor de Pernambuco, datado de 26 de Novembro findo, no qual pede ao "Instituto" que, como técnico no assunto, aprecie o ato de 22 de Novembro, assim como o artigo do Dr. Osvaldo Machado relativo ao mesmo ato. O Sr. presidente diz que a reunião foi convocada especialmente para tratar do caso, tendo antes sido nomeadâ uma comissão para lavrar parecer. Manda que o relator proceda a leitura do mesmo, que foi redigido nestes termos: "Designada pelo Sr. Presidente, para emitir parecer sôbre a interpretação a ser dadâ ao ato do exmo. Sr. Intervetor Federal, relativo a retratos de pessoas

vivas em Repartições públicas, a comissão abaixo assinada assim se manifestou: O ato em estudo teve em vista, conforme o esclareceu posteriormente o exmo. Sr. Secretário da Justiça, a) evitar manifestações incabíveis de uns e outros elementos de partidos políticos sem significação cívica educacional ou ética; b) poupar o funcionalismo público ás repetidas e vexatórias contribuições para o custeio de homenagens imerecidas; c) evitar espetáculos deponentes á cultura de nossa gente, obrigada, justa ou injustamente, a presenciar vinditas contra antigos homenageados decaídos do conceito público. Claro que não pode ter applicação igual em todos os casos. Verificado que houve opposição de um retrato de pessoa viva em Repartição pública contra as alíneas a) e b) da interpretação do secretário da Justiça e que esse retrato não representa documentação histórica, impõe-se a applicação rigorosa do ato n.º 261. Onde, porém, uma galeria de Presidentes, de Governadores, de Prefeitos, de Chefes de Repartições, enfim, sem claros propositados, não ha motivos para retirar os retratos dos vivos. Demais, ha nomes que são gloria de uma nacionalidade. Não seria plausível que se retirasse de um Departamento público, sómente porque ainda não morreu, o retrato do nosso grande inventor Santos Dumont, quando, em sua honra, a França já lhe levantou um monumento. No caso concreto a que se refere o exmo. Sr. Interventor, procede a reclamação do Sr. Osvaldo Machado. O Ginásio Pernambuco possui uma galeria dos seus ex-diretores, organizada por mais de uma geração. É uma documentação histórica, sem mesmo o intuito de preito de amizade. Embora não citado pelo reclamante, dela faz parte, também, o retrato do quasi octogenário cônego Arcoverde, que foi diretor do estabelecimento no passado regime, e que ainda vive. Essa galeria deve de não só continuar como ser continuada. Com isto, pensamos, não haverá infração ao espirito do ato n.º 261 de 22 de Novembro, que deve de ser mantido para outro caso, como correctivo dos erros do passado e para evitar novos erros no presente e no futuro. Recife, 3 de Dezembro de 1930 — Mário Melo (relator), Samuel Campelo, Gervásio Fioravanti". Posto em discussão o mesmo parecer, o sr. Gervásio Fioravanti diz que o assinou mas teria a acrescentar, aproveitando o momento o seguinte: a) que o "Instituto" conserve e adquira ás suas custas os retratos que faltam dos chefes dos movimentos revolucionários que marquem transição politica nos destinos de Pernambuco e b) que o "Instituto" solicite do govêrno que se acabem as acumulações de nomes em ruas e praças da ci-

dade, retirando destas os nomes de pessoas vivas". O Sr. Cardoso Aires diz que é em geral contra retratos de pessoas vivas como de nomes de pessoas vivas em ruase praças. Salvo se se tratar de um pró-homem. Tem receio de que a propósito de documentação histórica haja abuso. E' radical. Devem ser retirados os retratos de pessoas vivas e os nomes de pessoas vivas das ruas e praças". O Sr. Naasson Figuerêdo diz manter a mesma opinião expendida já num artigo que publicou no "Diário de Pernambuco", de 3 de Novembro do ano passado. Pensa que os governadores não se devem retratar a granel, nem devem consentir figurem os seus retratos em todos departamentos públicos. Um unico retrato seu, apenas, deve figurar na galeria do Palácio. E' um documento para a história. E' contra, portanto, — digo — é, portanto, contra a derrama dos retratos chamados officiais. Que quando lembrou, na ultima sessão, a opposição, neste sodalicio, do retrato do actual governador — 4.º, pela ordem, dos governos revolucionários pernambucanos, alheiou a intenção duma homenagem e apresentou as razões dessa lembrança. O seu retrato no "Instituto" vale por uma documentação. Outrotanto, valerá na galeria de Palácio. Não se nega, pensa, o valôr do individuo por êle estar vivo. Já agora, diz, o ministro Assis Brasil mandou repor o retrato do presidente deposto; e, na Paraíba, com apresença do governador, foi aposto no 22 B. C. o retrato do general Juarez Tavora, e, antes, foi o seu nome dado a uma avenida. E', portanto, contra as opposições de retratos nas repartições públicas, menos onde houver uma galeria".

O Sr. Rodolfo Lima é de opinião que sejam retirados os retratos de pessoas vivas das Repartições públicas, menos onde haja galerias. Só concorda haja desses retratos em estabelecimentos de ensino, nas bibliotécas e no Palácio do Govêrno". Posto a voto o parecer com os acrescimos do Sr. Gervásio Fioravanti, foi o mesmo aprovado. E nada mais havendo, encerrada a sessão. — Dr. Gervásio Fioravanti — 2.º Vice-Presidente. — Mário Melo — Presidente digo Secretário Perpétuo. — Naasson Figuerêdo — 2.º Secretário.

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE 17 DE DEZEMBRO DE 1930.

Às 17 horas de 17 de Dezembro de 1930, reuniu-se este "Instituto" em sessão ordinária, sob a presidência do prof. Gervásio Fioravanti, secretariado pelos srs. Mário Melo e Naasson Figuerêdo, presentes os sócios Srs. Samuel Campelo, J. Feli-

pe Monteiro, Oscar Brandão, Santana Araujo, Metódio Maranhão, cónego Jerónimo de Assunção, João Aureliano C. de Araujo, Bezerra Leite, Carlos Pereira da Costa, Rodolfo Lima, e Zeferino Lima. Aprovada a ata da sessão anterior, o Sr. Bezerra Leite disse que se estivesse presente á sessão a que a mesina se refere, teria assinado a moção de confiança ao Desembargador Silva Rego, porque como juiz é integro como quem mais for, como cidadão é pessoa digna de toda a estima e como presidente do "Instituto" merece tudo de seus confrades pelo seu amor á instituição. Também o prof. Metódio Maranhão disse subscrever integralmente as palavras do consócio Bezerra Leite. Ao expediente, ácusou o Sr. 1.º secretário as seguintes ofertas: "Boletim de Agricultura", Baía, Abril a Junho de 1929; "Boletim da União Pan Americana", Novembro de 1929; "Arquivo Histórico da Baía", 2.º volume; "L' Universo", Novembro de 1929; e "Revista do Ensino", Maio a Agosto de 1920, Maceió. Em seguida leu o Sr. 1.º secretário um officio do secretário do Interventor, em que esse pedia ao "Instituto" se manifestasse sobre o officio do Prefeito de Petrolina, e um memorial dos habitantes de Alagôa de Baixo. — O Prefeito de Petrolina transmite ao Sr. Interventor o desejo dos habitantes dali no sentido de ser conservado o nome do bispo Dom Malan, na praça que o ostenta e sugere o nome de José Bezerra ao "Grupo Escolar Anibal Fernandes". O memorial de Alagôa de Baixo pede seja esta cidade denominada "Manuel Borba". O Sr. presidente diz que para melhor ordem na discussão, divide os assuntos. Põe em discussão o caso da Praça Dom Malan, adiantando que se poderia mudá-la para Praça do Bispo ou da Catedral. Fala em primeiro lugar o Sr. cónego Jerónimo de Assunção. Diz ser amigo e admirador das virtudes de Dom Malan. E também amigo dos Salesianos. Mas o "Instituto" não deve afastar-se de seus princípios. Si o "Instituto" pleiteou a inexistência de nomes de pessoas vivas em ruas, praças, logradouros, etc. não deve abrir exceções. Sente-se, aliás, bem por assim manifestar-se, pois pleiteara a conservação da rua Oton Mendes de Melo e fôra vencido, em nome dos princípios, que agora defende. O Sr. Bezerra Leite é de opinião que em se tratando do nome de Dom Malan, deve ser aberta uma exceção. Diz que Dom Malan é uma figura excepcional. Vindo para o Brasil em 1883 como simples imigrante, foi para Mato Grosso, de onde o mandaram para a Europa, a fim de receber ordens sacerdotais. E como sacerdote foi nomeado chefe da catequese dos Índios, lugar em que prestou serviços extraordi-

nários. É uma figura de inconfundível relêvo. Vota pela conservação do nome — Praça Dom Malan”. O professor Metódio Maranhão diz pensar que nem o “Instituto” nem o governo deve imiscuir-se nesses assuntos, que só ao povo de Petrolina compete resolver”. O Sr. Mário Melo pensa como o Sr. Bezerra Leite. Trata da figura de Dom Malan como apóstolo da evangelização dos Índios. A seu ver, Rondon e Malan são nomes que se confundem nesse apostolado, — aquêlê para integrar brasileiros á civilização; este para encaminhar almas ao Salvador. Diversos os caminhos, diferentes os meios, mas ambos visando ao mesmo fim. Criada a diocese de Petrolina, foi para ella designado Dom Malan como seu primeiro bispo. E logo se tornou — a expressão, diz, não é perfeita em se tratando dum bispo católico mas é adequada — idolo da população. Pelo seu ingente esforço construiu a Cathedral de Petrolina, considerada o mais suntuoso templo do interior do Norte do Brasil. Em reconhecimento, deram-lhe o nome á Praça principal da diocese. Em principio não se deve apôr nome de pessoa viva a ruas, praças e localidades. Mas ha casos justificaveis. O “Instituto” aplaudiu o nome de Oliveira Lima, quando, em vida deste, dado a uma rua do Recife. Vota por que, excepcionalmente, seja conservado o nome de Dom Malan em Petrolina”. O Sr. João Aureliano diz que não está em julgamente a pessoa do bispo Dom Malan. Entende que se não deve abrir exceção á lei, por maior que seja essa figura”. “O Sr. Carlos Pereira da Costa discorda deste. Os casos devem ser examinados de per si. Cita o exemplo da consulta da directora do grupo João Barbalho sôbre o retrato ali existente de uma educadora viva e a resposta do secretario do governo mandando conservar o retrato. Vota pela conservação do nome de Dom Malan”. “O prof. Rodolfo Lima é contrário a excepções. O “Instituto”, diz, aplaudiu a propaganda que de anos a fio vem fazendo o Sr. Secretario Perpétuo contra nomes de pessoas vivas, dados a ruas, praças, etc. O governo revolucionário de Pernambuco adotou esse principio, prestigiando, assim, a ação do “Instituto”. Demais, pensa, não é um nome em rua a única formula de homenagem”. Encerrada a discussão, o Sr. Oscar Brandão requer, e é concedida, votação nominal. E pela retirada do nome de Dom Malan votam os Srs. Rodolfo Lima, João Aureliano, Metódio Maranhão, Oscar Brandão, cônego Jerônimo de Assunção, Felipe Monteiro, Santana Araujo, Samuel Campelo, Zeferino Lima. (9). e pela conservação do nome votam os Srs. Mário Melo, Bezerra Leite, Carlos Pereira da Costa, Naasson Figuerêdo (4).

Passando-se ao caso do grupo escolar Anibal Fernandes, fala o Sr. Oscar Brandão, dizendo ser digno o nome do ex-governador José Bezerra, mas já existe um grupo com esse nome em Palmares. O Sr. Mário Melo lembra o nome do padre Manuel Joaquim da Silva que foi quem erigiu a capela de que resultou a freguesia de Petrolina, mais tarde vila, termo, comarca e município e foi o seu primeiro vigário — sendo, assim, nome digno de memória. “O Sr. Metódio Maranhão vota contra esta indicação porque não vê ligação do padre com a escola”. Posta a votos a indicação do Sr. Mário Melo é aprovada contra o voto do professor Metódio Maranhão. Entrando em discussão o memorial de Alagôa de Baixo, fala o Sr. Felipe Monteiro. Diz ter pela memória do Dr. Manuel Borba — nome indicado para substituir Alagôa de Baixo — a máxima admiração e respeito, mas é por princípio contra toda a mudança de nomes antigos em ruas, cidades, etc.” O Sr. Mário Melo justifica seu voto por escrito: “Não vejo vantagem alguma na substituição de nomes populares, de localidades, por nomes de pessoas, mesmo de pessoas mortas e com direito à veneração da posteridade como Manuel Borba. O nome de Alagôa de Baixo já existe desde o século XVIII e tem a sua explicação na lagôa que ali houve. As razões do memorial são frageis para justificar a mudança. Pelo caminho em que se vai, a toponímia brasileira acabará por perder esse encanto tradicional que em toda a parte existe, para transformar-se em índice de sarcófagos. Fui amigo, diz, dos mais sinceros, de Manuel Borba. Quando os inimigos de Pernambuco me feriram brutalmente por essa amizade demitindo-me do cargo em que servia sem mácula ha 18 anos, Manuel Borba colocou-se espontaneamente ao meu lado e obteve a minha reintegração com todas as vantagens. Deve-lhe também o “Instituto” a maior soma de serviços, motivo por que lhes demos o título de grande bemfeitor, ainda não alcançado por outros. Sou, portanto, insuspeito para, sustentando meu ponto de vista, expôsto de público em caso identico com a capital da Paraíba, votar contra”. O Sr. Bezerra Leite é contra também a mudança do nome de Alagôa de Baixo, que desde 1872 figura na fazenda de que se originou a cidade. Refere que o geólogo Luciano de Moraes em estudos nas serras da “Velha Chica” e de “Jabitacá” encontrou hieroglifos que os moradores traduziam com “terra de Alagôa de Baixo”. Prova mais que suficiente para tornar o nome tradicional. Posto a votos o assunto do memorial, resolve o “Instituto” contra o voto do Sr. Santana Araujo, conservar o nome de Alagôa de Baixo.

O professor Metódio Maranhão absteve-se da votação. O Sr. Samuel Campelo propõe que o "Instituto" se dirija ao Prefeito de Petrolina, pedindo-lhe coloque uma placa de bronze na casa em que primeiro residiu Dom Malan, que valerá como uma homenagem ao bispo — idéa unanimemente aprovada. O Sr. Bezerra Leite, faz o necrológio dos Srs. Solidonio Leite, sócio correspondente do "Instituto" e Silva Ramos, da Academia de Letras — dois grandes pernambucanos — e requer um voto de pesar, que é aprovado por unanimidade. E nada mais havendo, o Sr. presidente encerrou a sessão, a última do ano, de acôrdo com os estatutos. — Gervásio Fioravante — 2.^o Vice-Presidente. — Mário Melo — 1.^o Secretário Perpétuo. — Samuel Campelo — Servindo de 2.^o Secretário.

Relatórios do Secretário Perpétuo

1935

Cabe-me, pelos Estatutos, na sessão de hoje, dar uma súmula dos nossos trabalhos no ano findo. E é o que vou fazer, em poucas linhas.

Realizámos duas sessões solenes — uma a 27 de Janeiro, data aniversária da fundação do Instituto, e outra a 12 de Março, memorativa do quarto centenário da colonização de Pernambuco pelos portugueses; duas de assembléia geral e dez ordinárias.

De há muitos anos, o Instituto vem pleiteando a publicação pelo Governo, dos ANAIS PERNAMBUCANOS, do nosso saudoso consócio Pereira da Costa.

Os originais desse trabalho, porém, se encontravam em poder da família, que publicara uma pequena parte em fascículos.

O Instituto deu dois passos adiante para o desideratum: transcreveu na sua Revista a parte publicada em fascículos e obteve do Governo a aquisição dos originais, com a promessa de publicação. Esses originais se acham depositados na Biblioteca Pública.

Se o Governo não puder cumprir a promessa integral de publicação, o Instituto procurará publicá-los lentamente em sua Revista, afim de que não se perca tão louvável esforço de um companheiro de trabalho que, pode dizer-se, dedicou a maior parte da vida ao estudo da História de Pernambuco.

Outro problema para que lançamos nossas vistas foi a coleta das sesmarias de Pernambuco.

Existiam, em livros incompletos, na Secretaria da Justiça, donde foram remetidos para a Biblioteca Pública.

Por entendimento com o diretor do Arquivo Público Nacional do Rio de Janeiro, obtivemos uma relação das que ali existiam.

tem. Fizemos um apêlo ao Governo do Estado e fomos atendidos. O Governo tomou providências no sentido de mandar copiá-las e o serviço está prosseguindo.

Há, também, a promessa de publicação e mais cedo ou mais tarde será realizada, porque não é possível que continuem ocultas as bases do nosso direito territorial.

Festejámos, em Março, o quarto centenário da colonização portuguesa em Pernambuco. Para a grandeza do feito, a solemnidade foi modestíssima. Em todo o caso, teve relativa repercussão. Está descrita, minuciosamente, em nossa Revista.

Ficam, para atestar o que a geração de hoje deve aos nossos colonizadores, um marco de granito fincado onde outrora Cristóvão Jaques levantara a primeira Feitoria, outro onde Duarte Coelho construiu seu castelo em Olinda, a publicação do livro *A CAPITANIA DE DUARTE COELHO*, de Alves Barbosa, e uma excelente monografia histórica do nosso confrade Metódio Maranhão.

Durante alguns meses o Instituto foi agitado pelo caso da Tómbola.

Alguns cavalheiros, aproveitando o transcurso do quarto centenário da colonização de Pernambuco, propuseram ao Instituto a organização de uma lotaria, correndo as despesas por conta dos organizadores que dariam uma percentagem sobre o lucro líquido, cabendo-nos, entretanto, o apóio a êsse jôgo.

Durante algumas sessões foi o caso discutido com apaixonamento, porque havia sócios que eram radicalmente contrários ao envolvimento do nome do Instituto num jôgo lotário, outros que apoiavam a tómbola com fervor e outros que a admitiam mediante seguras garantias que nunca foram oferecidas.

Por fim, avolumando-se a corrente dos opositores e na certeza de que o Instituto não apoiaria negócio de tal natureza, os organizadores retiraram a proposta que, entretanto, serviu para acirrar uma cisão que se esboçava por outro motivo.

Tendo transcorrido em Setembro o quarto centenário da fundação da vila de Igarassú, cuja Igreja matriz é a mais antiga do Brasil, a assembléia estadual aprovou uma indicação do Instituto, no sentido de ser Igarassú considerada monumento histórico.

Tudo que ocorreu consta de nossa Revista.

Pôr em relêvo — fato único — que a Assembléia aprovou a indicação no mesmo dia em todas as discussões e no mesmo dia foi sancionada pelo Governo.

Tratando das obras do Instituto, manifestei, no relatório anterior, todas as esperanças de que chegaríamos a bom termo, não obstante o trabalho de inimigos para fomentar desaven-

ças entre o encarregado do serviço e alguns membros da diretoria. O tempo mostrou que minhas previsões eram falsas.

As peripecias são conhecidas. O encarregado das obras abandonou-as, sem deixá-las concluídas, legando ao Instituto algumas contas a pagar, além do débito de dezasseis contos de réis do empréstimo feito ao Banco Auxiliar.

Nesse interim, falecia o Presidente. O Vice-Presidente estava de passagem tomada para o Rio de Janeiro. A assembléa geral investiu o Secretário perpétuo na presidência, até a época normal das eleições.

E o Secretário perpétuo retomou os trabalhos deixados em meio, com os recursos normais do Instituto. E, sem estardalhaços, a passo lento porém firme, vem pondo ordem no que encontrara fora dos eixos e vem concluindo o que encontrara em adiantamento.

Para ser justo, como é de seu temperamento, confessa que o sr. Augusto Rodrigues melhorou muito a parte relativa ao museu histórico com os donativos que angariou, sendo lamentável que não completasse o que iniciara.

Conforme balancete do Tesoureiro, a subvenção do Governo Federal em 1935 foi de 5:000\$000. A nossa dívida no Banco Auxiliar do Comércio é ainda de 12:076\$600. Temos ainda muito que fazer na Biblioteca e estamos sem recurso para enfrentar o problema.

No ano vindouro passará o terceiro centenário da chegada de Mauricio de Nassau a Pernambuco, do que resultou a fundação da cidade Maurícia, hoje Recife, que o Recife está para os holandeses como Igarassú e Olinda para os portugueses.

Conforme foi a tempo publicado, o Governo estadual projeta festas para memorar o feito. Cabe ao Instituto não só louvá-lo por isso, como dar-lhe todo o apoio, venerada como é, na História, a figura gigantesca desse inolvidável administrador.

1936

O Instituto realizou, durante o ano, treze sessões ordinárias, uma de assembléia, duas solenes, em comemoração a datas históricas.

No quadro social, houve o seguinte movimento: empossaram-se como efetivos os srs. Camucé Granja e Fernando Pio, foram eleitos correspondentes os srs. Mário Sete, Eduardo Duarte, do Rio Grande do Sul e João José Maria Francisco Rodrigues de Oliveira, de Funchal; foi eleito sócio efetivo o sr. Teodoro Kadletz. Tivemos a infelicidade de perder o querido companheiro Gervásio Fioravanti que mais de uma vez dirigiu interinamente os trabalhos do Instituto e ultimamente o confrade Apolônio Peres. Passaram para o quadro especial os sócios efetivos Eduardo de Moraes Gomes Ferreira, Arnóbio Marques e Felipe Monteiro.

*

* *

Tendo-se reunido no Rio de Janeiro o Congresso das Academias de Letras, e Sociedades Científicas, o Instituto, convidado, fez-se representar pelo nosso confrade ali residente dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti, que mais uma vez honrou o mandato, como sempre tem acontecido.

*

* *

Sabem todos que quando aqui faleceu o general Abreu e Lima, companheiro de Bolívar na guerra pela independência sul-americana e filho do patriota Padre Roma, foi sepultado no cemitério dos ingleses, porque o bispo de Olinda, com jurisdição do cemitério público, lhe negara sepultura católica. O túmulo do patriota vivia quasi abandonado. O Instituto promoveu-lhe a limpeza e, no dia 8 de Março, aniversário da morte do bravo, fomos em romaria visitá-lo, falando, na ocasião, nosso presidente.

*

* *

Mais uma vez tentou o Instituto resolver a célebre questão de limites que secularmente mantém com a Baía, devido á

incorporação da comarca do São Francisco. Aproveitando a cordialidade reinante entre os Governadores da Baía e de Pernambuco e as manifestações por aquêlê feitas a êste, oficiou a um e a outro pedindo que entabolassem negociações para um acôrdo direto, nos têrmos da Constituição Federal. O governador de Pernambuco respondeu, por deferência, que ia estudar o assunto, parecendo que ainda não são suficientes os trabalhos já publicados, entre outros, por Pereira da Costa, Gonçalves Maia, Ulisses Brandão, Gondim Filho, Barbosa Lima Sobrinho; o governador da Baía nem por deferência respondeu.

*
* * *

Há anos, movimentava-se o Instituto para solenizar o tricentenário da fundação da cidade do Recife, criada por Mauricio de Nassau, com a sua Mauriciópolis. Enquanto, estudávamos lentamente o assunto, coordenando idéias, colhendo opiniões, o govêrno tomou a dianteira e projetou festas suntuosas para o dia do tricentenário da chegada daquêlê administrador holandês.

Houve um choque de opiniões em todo o Brasil, formando-se dois grandes partidos. A-pesar-de não ter havido declaração alguma oficial de abandono da comemoração, transcorreu no sábadô último, 23 do andante, o tricentenário da chegada de Nassau a quem o Recife tanto deve e nada, absolutamente nada, se fez, em homenagem á sua memória.

Como, neste ano, completa Olinda o quarto centenário de sua fundação por Duarte Coêlho, o Instituto procurou o prefeito da antiga capital, pedindo-lhe que festejasse a data.

O prefeito accedeu, reuniu as pessoas de importância da cidade, membros de relêvo da colônia portuguesa, solicitou apóio do govêrno federal, apóio que já está expresso num projeto de lei aprovado pela comissão de finanças.

Tudo indica que com Olinda, e seu fundador não acontecerá o que aconteceu ao Recife e seu fundador.

E ainda a propósito de Olinda merece registro que foi restaurada a tradicional romaria cívica ás ruínas do Senado da Câmara, onde Bernardo Vieira pregou a república em 1710. No dia 10 de Novembro lá esteve o Instituto fraternizando com os olindenses e a êstes falou nosso presidente, reacendendo-lhes a chama do patriotismo.

Dentre os donativos recebidos durante o ano, cumpre pôr em relêvo o busto do Imperador Pedro II, sôbre coluna de madeira, oferta da viúva do sr. Joaquim Loureiro, e o retrato a óleo do caudilho José Pedro Veloso da Silveira, o célebre coronel José Pedro das Lages, braço forte da legalidade na rebelião praieira, oferta de seu neto dr. Fábio da Silveira Barros.

*
* * *

Um pouco dos serviços internos.

Depois da espécie de terremoto por que passou o Instituto podemos dizer que está tudo em ordem, cada objéto em seu lugar, com a respectiva indicação.

O que mais nos preocupa é a biblioteca. Com a mudança, ficou em completa desordem, de nada servindo o catálogo anterior. Está, porém, mais ou menos arrumada, para entrar em catalogação, e vai prosseguindo o serviço de encadernação.

Felizmente, voltaram já ás suas estantes os livros que, contra declaração expressa dos Estatutos, havia retirado o ex-bibliotecário que renunciara o cargo mas procrastinava em conservar em seu poder o que abusivamente retirara.

Com a subvenção federal que nos tem sido concedida, esperamos concluir as encadernações e refazer a catalogação.

Temos já a angústia de espaço mas contamos com a promessa do Prefeito de constuir mais um pavilhão.

1937

Realizamos, no ano findo, doze sessões ordinárias, uma de assembléia geral, uma solene e duas para conferências científicas — uma sôbre etnografia a cargo do dr. Carlos Estêvão de Oliveira e outra sôbre geografia humana, a cargo do dr. Ovidio Cunha.

Em nosso quadro social houve as seguintes modificações: foi eleito como efetivo o cônego Xavier Pedrosa e como correspondente o professor Angione Costa; faleceram, o efetivo Domicio Rangel, companheiro de tão saudosas recordações em nosso convívio desde 1910; o correspondente dr. Teodoro Sampaio, e os benfeitores Conde Matarazzo, dr. Sérgio Loreto, John Tattsall e dr. Estácio Coimbra.

Dentre as ofertas feitas ao Instituto, merece referência especial tão sómente um grande espelho antigo, da velha fidalguia pernambucana, adquirido pelo industrial sr. João da Costa Azevedo e por êle entregue ao nosso Museu.

De acôrdo com o Instituto e por solicitação dêste ao respectivo Prefeito, foi festejado condignamente o quarto centenário da fundação da vila de Olinda. Do programa das festas constou o lançamento da pedra fundamental do monumento que a gratidão pernambucana vai erigir ao primeiro donatário Duarte Coêlho, para o qual foi decretado pelo Govêrno da União o auxílio de 100:000\$000. A ressaltar a cooperação da colônia portuguesa a essas festas. Delas resultou também a emissão duma medalha comemorativa, das mais perfeitas que tem saído de cunho nacional.

De há muito vinha o Instituto batendo-se pela restauração de nomes antigos das ruas da capital. Parcialmente, no período ditatorial, obteve alguma coisa. Depois a Câmara Municipal estudou o assunto e pôde resturar grande número de nomes de rua. Houve falhas no projeto e mesmo depois da sanção esquivou-se o executivo municipal de repor alguns nomes antigos, mas a verdade é que muita coisa se obteve nesse particular.


Aproveitando a viagem do Secretário perpétuo á Europa, incumbiu-o o Instituto de estudar a possibilidade de repatriamento dos restos mortais de Bernardo Vieira de Melo, bem como a naturalidade de Manuel de Arruda Câmara. Em seu regresso foi dada conta dos trabalhos e do resultado infrutífero dos mesmos: Passei uma semana em a Universidade de Coimbra a rever todas as matriculas do tempo provável em que se dizia ter Arruda Câmara ali estudado e não encontrei o

menor traço de sua passagem, podendo, assim, afirmar que não fôra aluno da famosa Universidade. Encontrei na Real Academia de Ciências, como sócio, um Manuel de Arruda da Câmara, que talvez tenha sido o nosso naturalista Manuel de Arruda Câmara, porém sem qualquer indicação de naturalidade. Quanto a Bernardo Vieira de Melo, estive na cadeia do Limoeiro e fiz diligências para rever o arquivo do primeiro quartel do século XVIII, mas infelizmente não estava em condições de consulta. Deixei, entretanto, incurabido das pesquisas o escritor dr. Artur Mota Alves, em cuja ação muito confio, pela sua paciência como investigador e pelo seu farejamento em arquivos. Em compensação, trouxe o Secretário perpétuo alguns documentos de importância histórica para o Instituto, e descreveu o que vira nos museus e nos arquivos, em um dos quais se encontram 53.000 documentos sobre Pernambuco colonial á espera de quem os estude e os copie. Deixar claro que o Instituto não dispendeu um real com a viagem de seu Secretário perpétuo, nem mesmo com a documentação que de lá trouxe.

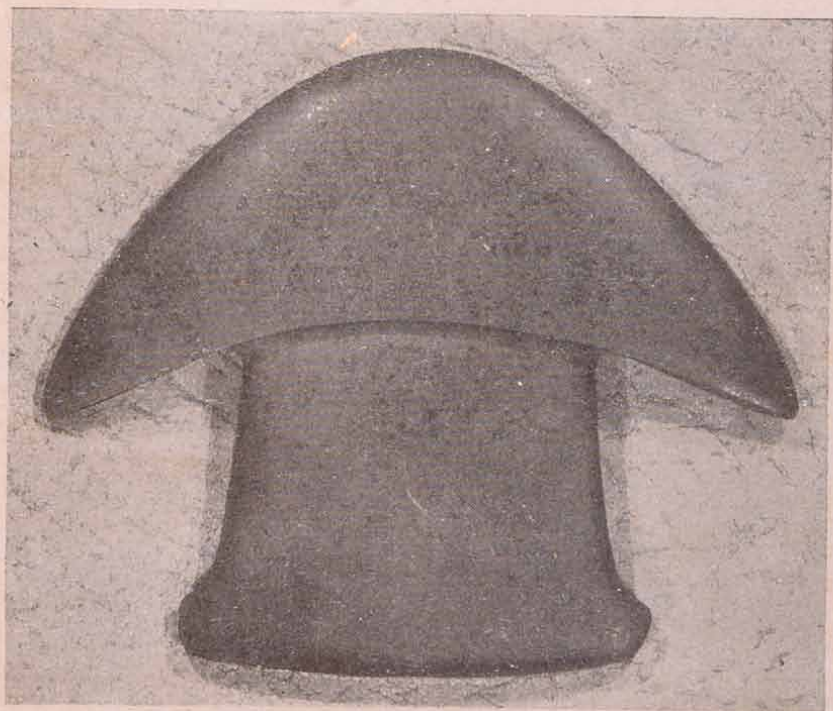
Mercê da embora pequena subvenção estadual e federal que o Instituto recebe, foi possível manter em dia seus serviços e trazer aberto ao público permanentemente seu museu, bem como reformar o salão de conferências e prosseguir no trabalho de reorganização da biblioteca que em sua especialidade, é das mais importantes do Estado.

E posso fazer ponto felicitar os associados pela harmonia, pela unidade de vistas, pelo empenho que demonstraram na gestão que hoje termina.

Mário Melo.



Composto e impresso
nas oficinas gráficas
da Imprensa Oficial
Recife, 1941



Machado em forma de âncora, de tapuia pernambucano.
Encontrado no Município da Vitoria

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)